

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ALINE DA ROCHA BARBOSA

BLOGS JORNALÍSTICOS – IDENTIDADES EM INTERSEÇÃO, MEMÓRIAS  
FLUIDAS E INFLUÊNCIAS POLÍTICAS PARA A SOCIEDADE

NITERÓI

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALINE DA ROCHA BARBOSA

BLOGS JORNALÍSTICOS – IDENTIDADES EM INTERSEÇÃO, MEMÓRIAS  
FLUIDAS E INFLUÊNCIAS POLÍTICAS PARA A SOCIEDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Comunicação e Mediação.

Orientador: Prof. Dr. FELIPE PENA DE OLIVEIRA

NITERÓI  
2010

ALINE DA ROCHA BARBOSA

BLOGS JORNALÍSTICOS – IDENTIDADES EM INTERSEÇÃO, MEMÓRIAS  
FLUIDAS E INFLUÊNCIAS POLÍTICAS PARA A SOCIEDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Comunicação e Mediação.

Aprovada em maio de 2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. FELIPE PENA DE OLIVEIRA – Orientador

UFF

---

Prof. Dr. DÊNIS ROBERTO VILLAS BOAS DE MORAES

UFF

---

Prof. Dr. LEONEL AZEVEDO DE AGUIAR

PUC (RIO)

NITERÓI  
2010

Para meus pais, Messias e Carmem. E para  
Glória, Isabel e Imaculada (tias queridas que  
desempenham os papéis de “mães”).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Messias. Por me provocar uma imensa vontade de lutar cada vez mais por meus objetivos. Pelo estímulo com suas palavras que sempre me ocasionaram a vontade de fazer o melhor em meus estudos.

A minha mãe, Carmem. Por ter me acompanhado em cada etapa do Mestrado, desde a tentativa de fazê-lo na UFF, até os momentos finais de conclusão deste trabalho. Por ouvir meus desabafos, nas horas cansativas, e aflições. E pela leal torcida.

Agradeço as minhas tias, Glória, Imaculada e Isabel que, na verdade, sempre foram três mães que eu tenho. Por elas sempre me fornecerem a chance de continuar realizando meus objetivos e sonhos. E pelo apoio moral.

Ao Fernando, por permanecer comigo, mesmo diante de minhas ausências, em razão dos meus estudos. Ausências até quando eu estava perto, mas com o “pensamento” em minha dissertação. E pelos auxílios nas horas finais deste trabalho.

A minha amiga Letícia, fundamental para que eu seguisse em frente realizando o meu projeto de Mestrado. Por ter me ajudado também quando eu já estava no Mestrado. Pelas palavras de encorajamento e constante torcida.

Ao meu orientador, Felipe Pena. Por ter contribuído, do início ao fim, neste trabalho. Por confiar em minha capacidade e por ter acalmado minhas “inquietações”. Fica o exemplo de um competente profissional e de uma excelente pessoa.

Aos professores Dênis de Moraes e Leonel Azevedo, pelas sugestões para este trabalho, no exame de qualificação. Pelas prontidões para comporem a banca examinadora. Ao primeiro agradeço também pelas frutíferas ideias que tive chance de entrar em contato quando fui sua aluna.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, com quem tive a oportunidade de ser aluna, pela contribuição para o meu crescimento teórico e desenvolvimento como pesquisadora.

Aos professores da Universidade Federal de Viçosa, em especial a minha orientadora da monografia de fim de curso, Soraya Maria Ferreira.

Aos colegas de Mestrado, em especial à Ivonete Lopes, Jefferson Chagas, Melissa Ribeiro, Olívia Bandeira e Pâmela Pinto. Pelas discussões teóricas, preocupações e alegrias que compartilhamos.

Ao CNPq, pelo fundamental apoio financeiro.

A todos os familiares, amigos e professores que contribuíram diretamente ou indiretamente para a efetivação deste trabalho.

Agradeço a Deus, porque somente ele permaneceu e permanece incondicionalmente ao meu lado em todos os momentos.

“A sociedade é maior do que o mercado. O leitor  
não é consumidor, mas cidadão. Jornalismo é  
serviço público, não espetáculo.”  
*Alberto Dines.*

## RESUMO

A dissertação analisa o jornalismo e suas transformações a partir da utilização dos blogs como ferramentas de trabalho, além da influência dessas transformações na identidade do jornalista atuante nesses meios. A fim de entender tal identidade, verificamos um contexto de ritmo veloz e o conceito de memória vinculado aos discursos tecnológicos. Blogs jornalísticos integram um movimento qualificado pelos “depósitos de memórias” e tais blogs representam a interseção entre a tradição jornalística e a conjuntura das imagens e celebridades. Nesta pesquisa, observamos os blogs dos jornalistas Reinaldo Azevedo e Josias de Souza, além dos blogs dos políticos José Dirceu e Anthony Garotinho. Examinamos quais as influências políticas desses quatro blogs para a sociedade e as relações que estabelecem com a opinião pública.

Palavras – chave: jornalismo; blogs; memória; identidade; política.

## ABSTRACT

The dissertation analyses the journalism and its changes, starting from the use of blogs as working tools and the identity of the active journalist in these ways. For this, we explored journalism and blogs in general. In order to understand this identity, we noticed the speedy context and the concept of memory related to technologic speeches. Journalistic blogs combine a qualified movement for “memory deposits” and represent the intercession between the journalistic tradition and the juncture of images and celebrities. In this research, we analysed the blogs of the journalists Reinaldo Azevedo and Josias de Souza, besides the blogs of the politicians José Dirceu and Antony Garotinho. We examined the politic influence of these blogs to the society and the relation that they establish with the public.

Keywords: journalism; blogs; memory; identity; politics;

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, p. 01

CAPÍTULO 1 – O JORNALISMO E OS BLOGS p, 10

1.1. O JORNALISMO - NATUREZA E DIFERENCIAL, p.10

1.2. CARACTERÍSTICAS E CONTEÚDOS DO JORNALISMO, p.14

1.3. PRINCÍPIOS DO JORNALISMO, p.20

1.4. GÊNEROS DO JORNALISMO, p.27.

1.5. JORNALISMO OPINATIVO: AS COLUNAS, p. 33

1.6. TEORIAS DO JORNALISMO, p. 37

1.7. OS BLOGS, p. 45

CAPÍTULO 2 – TECNOLOGIAS, MEMÓRIA, IDENTIDADE E BLOGS, p.54

2.1. MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE, p. 56

2.2. AS IDENTIDADES E A SOCIEDADE ATUAL, p.60

2.3. MEMÓRIA E IDENTIDADE NOS BLOGS, p. 68

CAPÍTULO 3 – A POLÍTICA, OS BLOGS E A OPINIÃO PÚBLICA, p.88

3.1. BLOGS JORNALÍSTICOS, p. 95

3.1.2. CONTEÚDO E FORMA DOS BLOGS JORNALÍSTICOS, p. 101

3.1.3. JORNALISTAS – “NOVAS” AUTORIDADES DO COTIDIANO, p. 119

3.2. BLOGS DE POLÍTICOS, p.123.

4 – CONCLUSÃO, p. 136.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 142.

ANEXOS

## **Introdução**

A esfera pública caracterizada por leis de mercado gera um contexto de desencanto. Nela, a imprensa se torna mais um produto, há o afastamento do “sujeito comum” frente às decisões políticas e aos canais de comunicação, a fim de fazer valer sua voz, e uma imprensa livre que deveria ter compromisso com a verdade constitui um mito. Dessa forma, as novas tecnologias, a difusão da Internet e da comunicação mediada por computador aparecem para alguns teóricos e entusiastas como uma nova oportunidade (na medida em que as anteriores, ligadas aos meios de comunicação de massa, por exemplo, teriam se perdido) de integrar a participação cívica dos cidadãos. Como diz SILVEIRINHA (2007), perante o fracasso dos “velhos” media concretizarem um ideal democrático, a discussão agora reaviva “através da possibilidade de os “novos” media (re) constituírem, em estreita aliança com a democracia, um fórum público para comunicação e debate racional” (p.16).

Além dessa esperança, enxerga-se a possibilidade de substituição, em um futuro próximo (com variadas apostas de datas), de meios tradicionais, como os jornais impressos, por novas ferramentas de comunicação ou a simples transformação dos primeiros a fim de sobreviverem perante a chegada dos segundos. Tal discussão, não restrita aos meios, é levada para o campo profissional, quando se questiona a necessidade de permanência de profissões, como a de jornalismo, já que nesse contexto das novas tecnologias, qualquer um que tenha contato com canais, como os blogs<sup>1</sup>, mais especificamente, objetos de nosso estudo, pode distribuir informações.

Visualiza-se, assim, uma discussão que atinge interessados de vários segmentos da sociedade, divisões entre os teóricos e estudos que apresentam ângulos diferentes da questão “novas tecnologias e suas transformações”. Antes de delimitarmos nosso limite de pesquisa ligado a esta questão, vale a pena um pequeno histórico sobre as “novas tecnologias” e os conceitos ligados a estas. Sendo assim, de acordo com LEMOS

---

<sup>1</sup>Segundo o site (<http://blogger.globo.com/br/about.jsp>) o blog é uma página da web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo, com um fato após o outro. Vários blogs são pessoais, exprimem idéias ou sentimentos do autor. Outros são resultados da colaboração de um grupo de pessoas que se reúnem para atualizar um mesmo blog. Os blogs também são uma forma de comunicação entre uma família, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas. Ele permite que grupos se comuniquem de forma mais simples e organizada do que através do e-mail, por exemplo. Mais para frente, o primeiro capítulo desta dissertação se ocupará de apresentar um conceito, histórico e categorizações sobre os blogs.

(2002), o que chamamos de novas tecnologias<sup>2</sup> de comunicação e informação surge a partir de 1975, “com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte - o computador -, de diversas formatações de mensagens” (p. 68). O autor explica que tal revolução digital<sup>3</sup>, implica a passagem<sup>4</sup> dos meios de comunicação de massa, como TV, rádio, imprensa, cinema, para formas individualizadas de “produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um - todos, e sim à multiplicidade do rizoma (todos - todos)”. (p. 68).

Atualmente, quando ouvimos falar no termo “novas tecnologias”, referências aparecem acopladas a este. Entre tais, “ciberespaço” e “cibercultura”. Por isso, nos parece adequado defini-los aqui. De acordo com LÉVY (1999), um dos entusiastas dessa área, o ciberespaço, também chamado de rede, é o novo meio de comunicação que surge a partir da interconexão mundial de computadores. O termo quer dizer não somente a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também todo o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e “alimentam” esse universo. Quanto ao termo “cibercultura”, especifica o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p. 17).

Para efeito de comparação, pode-se dizer, conforme LEMOS (2002), que na modernidade, caracterizada pela concretização dos mass media, “o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a encarnação do tempo linear, implica a encarnação do espaço físico” (p. 68). Na pós-modernidade, o sentimento é de compressão do espaço e do tempo: “o tempo real (imediatos) e as redes telemáticas desterritorializam (desespecializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais” (p. 68). O tempo é entendido como um modo de aniquilar o espaço. Tal é o ambiente comunicacional da cibercultura, explica o autor.

---

<sup>2</sup>Conforme Lemos (2002: 93), é bom notar que o adjetivo “novo” é de certa forma abusivo. Toda inovação tecnológica cria “novas tecnologias”. Parece-nos que este adjetivo vem carregado de promessas de uma nova era tecnológica substancialmente diferente das “antigas”. Assim, devemos estar atentos a esta conotação ideológica do adjetivo.

<sup>3</sup>Victor Scardigli propõe a idéia de sociedade digital para dar conta desta relação. Estaríamos então em meio a uma sociedade digital porque as diversas inserções da tecnologia na vida quotidiana não obedecem mais as leis da mecânica. Com o digital, todos os suportes são reconvertidos em dados binários. O termo sociedade digital é utilizado por Scardigli tentando escapar a uma visão linear do impacto tecnológico e à sua negação. Ver Scardigli, V. Les Sens de la Technique. Paris, PUF. 1992.

<sup>4</sup>No nosso caso, ao invés de passagem que pode subentender desaparecimento dos MCM, usaríamos a palavra convivência, por exemplo.

O ciberespaço e os “novos media” costumam vir vinculados a proliferação de discursos ligados aos termos como “interação”, “cooperação” e “participação”, além de outros que propõem especificamente modelos diferentes dos que se relacionam ao par emissão/recepção visto nos veículos de massa. Como LÉVY (1994) lembra: a importância “é pensar qual o significado cultural disso. Com o espaço cibernético temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas” (p. 03). Tais mensagens “ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata” (p. 03). Dessa forma, para o autor, a partir do momento em que se tem acesso a isso, cada pessoa pode se tornar emissora, o que não é o caso de mídias como a imprensa ou a televisão.

Tendo em vista tal pensamento, vale questionarmos se, com o espaço cibernético, de fato temos em mãos “uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica” e qual é o poder real de transformação dessa ferramenta, já que esta sofre apropriações diversas, ou seja, pode ser usada para diversos fins e os recursos dela nem sempre são utilizados em totalidade. Mas, de acordo com SILVEIRINHA (2007), o surgimento de “novos media”, dá origem a teses sobre um acesso potencialmente mais democrático e diferente. O autor diz que são as próprias características da Internet (onde é possível encontrar fóruns e comunidades virtuais, que podem ser representadas por blogs) que reavivam os ideais democráticos de uma sociedade baseada na interação face-a-face. Essas características parecem reaproximar o debate político dos lugares tradicionais de discussão pública, por uma comunicação aparentemente mais personalizada, mais próxima, menos mass-mediada (no sentido que os media eletrônicos suscitavam) e, sobretudo, com um maior potencial de interatividade.

Segundo o autor, teóricos sugerem que “os novos media surgem como a superação das suas formas anteriores, numa modalidade superior e mais eficaz, permitindo uma nova relação entre indivíduos e comunidades, e entre estas e a política”. (p. 17). ALDÉ, CHAGAS E ESCOBAR (2007, p. 29) lembram de que são muitas as divergências em torno do discurso ligado as novas tecnologias e espaços democráticos na rede. Conforme eles dizem, para alguns autores, a tecnologia de comunicação em rede tem como propriedade inseparável a pluralização das emissões, com conseqüências benéficas para a democracia. Para outros, porém, “o foco é sobre as possibilidades de uso: não necessariamente o potencial de uma tecnologia será apropriado pelos usuários da maneira prevista pelos seus criadores e divulgadores” (p. 17).

Em relação ao ciberespaço, novas tecnologias e suas ferramentas, autores parecem se dividir, então, entre “teses otimistas e pessimistas”. LÉVY (1999), com consciência desta “divisão”, apresenta, no livro “Cibercultura”, as frases: “pensar a cibercultura: esta é a proposta do meu livro. Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta”.(p. 11). Apesar de tecer algumas ponderações quanto ao ciberespaço, o autor explora as potencialidades mais positivas da área. Explica que é mais difícil executar “manipulações em um espaço onde todos podem emitir mensagens e onde informações contraditórias podem confrontar-se do que em um sistema onde os centros emissores são controlados por uma minoria”. (p. 225). O teórico fala que a cibercultura pode ser considerada “herdeira legítima (ainda que longínqua) do projeto progressista dos filósofos do século XVIII” (modernidade), já que ela valoriza a participação em comunidades de debate e argumentação. A cibercultura não seria, então, pós-moderna e sim estaria dando continuidade aos ideais revolucionários de “liberdade, igualdade e fraternidade”.

No mesmo livro, LÉVY (1999), apresenta teóricos que divergem de suas idéias, como Kroker e Weinstein. Estes dizem que a promessa da democracia eletrônica, do saber compartilhado e da inteligência coletiva, é somente o domínio de uma nova classe virtual, composta por magnatas das indústrias dos sonhos (cinema, videogames, televisão), dos programas, das telecomunicações e da eletrônica. Por outro lado, PENA (2006) reconhece que a internet modifica várias atividades, inclusive a jornalística, mas mostra-se preocupado com “um certo exagero nas potencialidades da área” (p. 178).

Com essas discussões percorrendo nosso trabalho, podemos agora apurar melhor as questões desta dissertação. Sendo assim, dentre a variedade de ambientes do gigantesco universo sem totalidade<sup>5</sup> que é o ciberespaço, como acredita LÉVY (1999), encontram-se os blogs. “A busca de uma comunicação democrática”, a partir da investigação do fenômeno blogs, foi o tema que moveu minha monografia da graduação em jornalismo. Continuo nessa busca, a partir da internet ou não, e prevalece a vontade de seguir explorando tal fenômeno. Esta dissertação analisa, entre outros fatores que serão citados, o campo profissional jornalístico, suas possíveis transformações e a

---

<sup>5</sup>Lévy (1999:116) diz que quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna ‘universal’ e menos o mundo informacional se torna totalizável. Em vez de se construir com base na identidade do sentido, o novo universal se realiza por *imersão*. Estamos todos no mesmo banho, no mesmo dilúvio de comunicação. Não pode mais haver, portanto, um fechamento semântico ou uma totalização.

identidade do profissional atuante em meios como os blogs. Mas, tal estudo se faz com menos ingenuidade do que o trabalho de finalização de curso.

O fato é que a entrada em discussões envolvidas em categorização de um meio de comunicação como “melhor ou pior que outro”, subentende-se uma abordagem de fundo pejorativo, não é válida nesta pesquisa, quando se compreende que tal qualificação é relativa, depende de contexto ou dos usos diversos que se quer fazer de um meio. Esse pensamento pode ser expandido para o lado profissional: quando se acha que “blogueiro é melhor que jornalista ou vice-versa”, por exemplo, ou ainda o blogueiro chegou pra substituir a profissão de jornalismo, assim como escutamos que blogs podem liquidar os jornais. O papel dessa pesquisa não é fazer apostas ou apresentar respostas enfáticas acerca das “novas tecnologias e suas transformações”, de onde podemos retirar outra questão vinculada a dois mundos: “blogs e jornalismo”.

A intenção aqui é, entre outras, investigar aproximações e afastamentos entre esses dois mundos que podem, por vezes, representar um só, no sentido de que partimos do pressuposto que blogs são apenas ferramentas que, apesar de terem nascido com o objetivo de serem “os novos diários íntimos” ou representarem uma comunicação democrática, hoje são usados para diferentes fins, como fazer jornalismo. Por isso, nosso objeto de estudo principal são os blogs jornalísticos sobre política, especialmente. O jornalismo possui uma tradição histórica, uma série de princípios, gêneros diversos e uma formação atrelada aos meios de comunicação de massa (há pouco tempo apenas experimenta a plataforma digital). Já a internet, o ciberespaço e meios como os blogs nascem como a chance da “total inovação e da comunicação democrática”. O caso é que o jornalismo migrou para essa plataforma e para os blogs. Grandes grupos de comunicação, com suas tradições por detrás, possuem blogs feitos por jornalistas e esses endereços figuram entre os mais visitados, seja por credibilidade ou qualquer outro motivo que vale a pena ser investigado. Blogs jornalísticos aparentam ser, portanto, a interseção de dois mundos inicialmente distintos.

Dessa forma, esses objetos em específico representam algo realmente novo, não tendo muito peso, portanto, a tradição jornalística e seus preceitos? Blogs jornalísticos constituem apenas a reprodução de antigas formas de comunicação, sendo que é inexistente ou fraco o peso da ferramenta, com seus recursos, e do ambiente cibernético sobre as mensagens? Esses são os questionamentos principais que percorrem nosso trabalho e podem ser resumidos em uma proposta ou objetivo: investigar as possíveis transformações do jornalismo atuante nesse “novo mundo”, representado pelos blogs, e

as influências de tal atividade sobre a sociedade. Nossa hipótese, portanto, é que esses blogs podem demonstrar absorver propriedades desses “dois mundos”. Dessa forma, seriam praticadas pelos blogueiros jornalistas as possibilidades das ferramentas e do ambiente onde trabalham associados à manutenção de tradições ou elementos que compõem a imprensa, no geral. Assim, teríamos uma comunicação não radicalmente nova, mas diferente, em alguns pontos, da tradicional. Ao postarem seus conteúdos, ainda suspeitamos que nesses blogs jornalísticos destacam-se as opiniões políticas dos profissionais, reconhecidos, de certo modo, como “autoridades”, e não a informação em si, sua verificação e abundância de dados. Isso nos faz pensar que esses jornalistas fazem um jornalismo bem próximo do “pessoal”.

Para essa investigação, procuramos avaliar se há uma mudança na identidade profissional do jornalista que atua através dessa nova ferramenta. Analisar tal identidade (detectando suas características) em meios de comunicação, como os blogs, e fazer uma comparação desta com a dos profissionais que trabalham em meios tradicionais, se torna importante para a pesquisa. Hoje, teóricos apontam que as identidades como um todo são fragmentadas, instáveis, já que obedecem ao ritmo de uma época em constante transformação. Como pontos constitutivos desse momento, autores observam as regras de mercado prevalecendo em vários níveis, o consumismo, em parceria com a globalização, a mídia com incessantes modelos de comportamento, a importância das imagens sobre nossas vidas, a exaltação das celebridades, da vida íntima e a visibilidade desta através de vários meios. Assim, nosso papel é analisar se tal identidade profissional do jornalista obedeceria ou escaparia de tais comandos e quais seriam as características dela, já que fazem parte não só do ambiente dos blogs, mas de um contexto maior que a influencia.

Além destas questões é importante ressaltar que o jornalismo exerce um papel de influência sobre a sociedade e dividindo o espaço com outras formas de produção de informação, tal profissão sempre ajudou na construção de uma memória pública. Na verdade, autores acreditam que esta atividade atualmente exerce um papel central na produção desta memória que hoje é construída a partir de vários meios, entre estes, os blogs. A compreensão da formação da memória pública de uma sociedade, o modo em que esta é formada, ajuda-nos a entender sobre a totalidade desta própria sociedade. Assim como a investigação de memórias individuais é útil para a compreensão das identidades dos indivíduos, mesmo que restritas ao campo profissional.

Dessa forma, para entender tais identidades, no contexto das novas tecnologias, também analisamos o modo como o conceito de memória (índice constituinte de uma identidade) nos aparece atualmente, descobrindo que é usual compararmos a memória a um arquivo de computador, por exemplo. Avaliamos, então, as características de tal memória e, conseqüentemente, suas possíveis associações com o fenômeno blogs. Além de estes serem lugares que “depositam” memórias e identidades individuais (as dos próprios jornalistas, no caso), os blogs constituem lugares que contribuem para a formação de uma memória “pública”. Os documentos, em forma de posts, apontam para uma cristalização da identidade do jornalista (tentativa de definição “fixa” de identidade) e para a cristalização de uma memória “pública”. Os discursos dos jornalistas, caracterizados por “autoridades”, transparecem como formadores de uma memória social que revela “opiniões públicas”.

Também observamos que tipo de conteúdo político e opinião pública são formados nos blogs. Diante da midiatização que exalta gostos e preferências de um cidadão, em vez de dar espaço para ouvir sua voz política, do poder da imagem, do espetáculo, que vive de celebridades, teóricos apontam que a opinião pública está transformada. Esta se abastece de códigos de um espaço público que perde terreno para o espaço privado ou, como ressalta CHAUI (2006), não há mais diferença entre um espaço e outro e os códigos da vida pública são definidos pelos da vida privada, havendo uma ocultação das relações políticas e sociais. Além da formação de uma opinião pública que, na verdade, pouco tem de pública. Nesse sentido, analisamos qual é a influência dos blogueiros (líderes de opinião) sobre os participantes.

No campo da informação e opinião política “on line”, os jornalistas dividem o espaço com diversas fontes, como os recentes políticos blogueiros. Assim, acrescentamos em nosso estudo os blogs de políticos, a fim de identificar as possíveis relações destes com os blogs jornalísticos, com a imprensa no geral e com a formação da opinião pública. A temática é a mesma (a política), mas vale verificar de que modo as informações aparecem nos blogs de políticos (quais seriam os tratamentos dados as “notícias”, se podem ser comparáveis às práticas jornalísticas) ou de que modo estes políticos podem influenciar, além dos visitantes, meios como os próprios blogs dos jornalistas. Essa análise e a verificação do que representam politicamente todos os blogs ressaltam que nosso estudo não está limitado à questão das transformações do jornalismo perante o uso de novas tecnologias, a principal indagação desta dissertação.

Tendo em vista os objetivos lançados, nosso estudo é dividido dessa forma:

**No primeiro capítulo**, apresentamos um pequeno histórico do jornalismo, sua natureza, seus conteúdos difundidos, características e princípios que, ao longo do tempo, sofreram uma transformação e se mostram atrelados à lógica do capital. Também identificamos teorias do jornalismo, que foram aproveitadas para o estudo dos blogs, e gêneros do jornalismo, entre estes, o colunismo, com mensagens parecidas com as que encontramos nos blogs. As conexões do jornalismo com o ambiente dos blogs se tornam mais aparentes quando neste mesmo primeiro capítulo analisamos diretamente o ambiente dos blogs apresentando também um histórico desses meios, seus recursos e gêneros, pelos quais aproveitamos a investigação do que acontece em “blogs profissionais reflexivos”, tendo em vista uma classificação de PRIMO (2008). Entre estes, encontram-se os blogs de jornalistas acerca de política e os blogs de políticos, quando estes últimos não são feitos por equipes. Nesta altura, vale ressaltar que esta dissertação toma como base principalmente dois blogs de jornalismo: o blog de Reinaldo Azevedo e o do jornalista Josias de Souza. Além de dois blogs de políticos: o do ex-chefe da Casa Civil da Presidência, José Dirceu e o do ex-governador do Rio, Anthony Garotinho. Esses quatro blogs figuram entre os mais visitados dentro da temática política e principalmente por discursarem sobre política nos interessam.

**No segundo capítulo**, exploramos alguns conceitos sobre a memória na contemporaneidade digital, descobrindo que esta é comparável a um arquivo digital, e tentamos desconstruir a crença na possibilidade de manipular tal memória. No caso do jornalismo, essa crença figura como parte de um processo de aperfeiçoamento da atividade jornalística e da própria sociabilidade. Dessa forma, listamos algumas características da memória, analisamos as ligações desta com os blogs, que possibilitam formas tecnológicas de acessar a memória e a expansão desse acesso ou “consumo” para outros atores além do “dono” da “memória blogada”. Assim, nos perguntamos: considerando a impregnação dos discursos da área informática, que concebem a memória como arquivo, seria possível refletir sobre o conceito dela sem adotar essa concepção? O filósofo BERGSON (2006) nos ajuda a dar tal resposta. Avaliamos também as ligações das memórias com a forma como pensamos as identidades. Estas, para serem compreendidas, dependem, além do entendimento da memória, da compreensão de outros fenômenos na sociedade: globalização, consumo, ritmo veloz dos acontecimentos. Assim, neste capítulo, investigamos a identidade profissional dos indivíduos, especificamente a jornalística, dentro do ambiente dos blogs.

Por fim, **no terceiro e último capítulo**, apresentamos nosso “trabalho de campo”, a partir da análise dos blogs jornalísticos de Reinaldo Azevedo e Josias de Souza e dos blogs dos políticos José Dirceu e Anthony Garotinho. Neste último capítulo mergulhamos nesses “novos ambientes”, a fim de entendermos melhor seus funcionamentos. Listamos os aspectos estruturais desses blogs, suas regras e conteúdos. Procuramos compreender de que forma acontece a mediação, as influências dos donos dos domínios sobre os participantes, para isso, utilizamos teorias do jornalismo, no caso dos blogs jornalísticos, e as relações dos comentadores sobre os blogueiros. A intenção é compreender os papéis que esses blogs desenvolvem entre eles e perante o público, um desses papéis é que jornalistas e políticos constituem “autoridades” na formação da “opinião pública”. Tentaremos dimensionar as influências dos blogs jornalísticos e dos blogs de política sobre a sociedade, além dos potenciais democráticos desses meios.

Quanto à metodologia, usamos como base os modelos expostos pela crítica genética e discursiva e pela hermenêutica dialética. Na primeira, buscamos a compreensão do produto cultural socialmente construído, o jornalismo, a partir dos percursos percorridos desde a sua produção (gênese) até a produção no discurso, com o devido acompanhamento teórico e crítico, o que fazemos no interior da sistematização proposta pela Teoria do Jornalismo. Já na segunda, nosso objetivo, é fazer uma análise dos dados colhidos a partir do contexto em que as falas dos atores sociais envolvidos estão inscritas, ou seja, levando em conta suas especificidades históricas, sociais e culturais. Para isso, escolhemos o método de estudo de caso, em que abordamos os quatro blogs citados, que serão analisados para o último capítulo durante um período de dezembro (14/12/2009 a 20/12/2009), apesar de nosso contato com esses blogs ser mais antigo. Assim, nesse período, os quatro blogs juntos geraram 233 postagens e 9174 comentários. No terceiro capítulo consta uma maior descrição dessa metodologia, com tabelas que evidenciam as postagens de cada blog. Além disso, o blog de Reinaldo Azevedo foi analisado durante 20 a 26 de julho de 2008 (nos fornecendo 21 postagens)<sup>6</sup> para o segundo capítulo. Cabe acrescentar que fazemos referências a outros blogs também na dissertação, a fim de realizarmos comparações.

---

<sup>6</sup> Existe uma tabela no segundo capítulo que faz referência a essas postagens.

## **Cap. 1 - O Jornalismo e os Blogs**

### **1.1. O Jornalismo - Natureza e Diferencial**

A expansão das tecnologias e a possibilidade de se fazer “comunicação” com meios diversos suscitam uma série de novas reflexões ligadas à atividade jornalística. Esta, assim como acontece em outras profissões, possui funcionalidades e princípios que, diante desse novo contexto tecnológico, esbarram em alguns questionamentos. Ao refletir sobre os elementos desta profissão KOVACH e ROSENSTIEL (2004) nos dizem que a resposta para pergunta “para que serve o jornalismo?” já não pode ser simplista como: “os jornalistas trabalham para o interesse público”. Segundo os autores, este tipo de resposta já não é suficiente – “se é que algum dia o foi diante de um público cada vez mais cético”. (p. 30).

Pelo menos não agora, quando as novas tecnologias de comunicações, com base num modem ou em um computador, permitem a qualquer pessoa proclamar que está fazendo jornalismo. Não agora que a tecnologia criou uma nova organização econômica no jornalismo, na qual as regras do ofício são espanadas e redefinidas, e às vezes abandonadas. Talvez, sugerem alguns analistas, a definição de jornalismo tenha sido superpopularizada pela tecnologia, de forma que qualquer coisa hoje é tida como jornalismo. (p. 30).

No entanto, como pensam os autores, uma análise mais aprofundada do problema revela que “a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia-a-dia” (p.30). Nesse sentido, apesar dos questionamentos ligados à tecnologia, é preciso enxergar características essenciais da atividade, aquelas que são bem vindas a permanecer, independentemente das mudanças tecnológicas. Segundo acreditam, “os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma coisa mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas” (p.30). Dessa forma, a finalidade tem permanecido constante, embora nem sempre seja bem servida, desde o surgimento do conceito de “imprensa” há mais de

trezentos anos. Além disso, apesar de todas as mudanças nas técnicas e na velocidade, uma teoria e uma filosofia do jornalismo, que fluem da função das notícias, sempre existiram (Cf. KOVACH e ROSENSTIEL, 2004. p 30). Conforme esses autores, isso se relaciona a um fator que estudiosos chamam de “Instinto de Percepção”, algo básico que explica porque as pessoas precisam de informação. Elas necessitam conhecer o que acontece em partes mais distantes e saber de fatos que vão além de suas experiências, pois a noção do desconhecido lhes fornece segurança.

Segundo PENA (2006), a natureza do jornalismo está no medo:

O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. (...). Mas, para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes. Também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do ‘conhecimento’ (p.23).

Sendo assim, na época da cultura oral já existia a importância dos relatos sobre as pessoas. Estes aliviam os medos, as curiosidades e aflições. Dessa perspectiva visualizamos um tipo de necessidade humana. MEDINA (1988) complementa que relatar acontecimentos, é “uma vivência universal, inerente a todos os tempos históricos em que o homem manteve relações de aproximação com outros homens”. (p.99). Para explicar o advento do jornalismo moderno, PENA (2006) une essa antiga necessidade à passagem da cultura oral para a escrita, somada à invenção dos tipos impressos.

Os autores KOVACH e ROSENSTIEL (2004) complementam tal visão e explicam que quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de notícias e informações. Sendo assim, à medida que as sociedades se faziam mais democráticas, inclinavam-se na direção de um tipo de pré-jornalismo. “A democracia mais antiga, a grega, se apoiava em um jornalismo oral, no mercado de Atenas” (p. 36). Segundo esses teóricos, “os romanos desenvolveram um relato diário do que acontecia no Senado e na vida social e política do império chamado *acta diurna*, transcrito em papiro e colocado em locais públicos” (p. 36). PENA (2006) diz que as conclusões desses dois autores, no livro *Os elementos do jornalismo*, relacionam-se aos princípios da democracia grega, como isagoria, isonomia e isotimia<sup>7</sup>, mas “os próprios gregos

---

<sup>7</sup>Pena (2006) explica esses três pressupostos usados pelo homem da praça ateniense para exercer a democracia direta: “isonomia, a igualdade de todos na política; a isotimia, o livre acesso de todos às funções públicas; e a isagoria, o direito à palavra nas assembleias populares que debatiam publicamente os negócios do Estado” (p. 167).

perceberam as possibilidades de manipulação do conteúdo oral através da habilidade do orador” (p. 24). O autor observa que os relatos orais podem ser considerados a primeira grande mídia<sup>8</sup> da humanidade e que mesmo muito tempo depois da invenção da escrita a comunicação oral continuou e ainda é importante.

KOVACH e ROSENSTIEL (2004) relatam que aquilo que consideramos como o “moderno jornalismo” apareceu no começo do século 17, na base de conversas, principalmente em lugares públicos como os cafés de Londres. Segundo eles, “na Inglaterra havia cafés especializados em informações específicas” (p. 37) e os primeiros jornais tiveram origem desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos começaram a recolher todos os tipos de informações (como fofocas) e passaram a imprimir tudo. Vale acrescentar que na raiz dos jornais é possível encontrar as gazetas, que vêm do italiano *gazette*, moeda utilizada em Veneza no século XVI. Elas eram manuscritas, periódicas e apresentavam notícias vinculadas ao interesse mercantil. Também vinham de vários países e tinham um público leitor dentro e fora de Veneza, o núcleo comercial e informativo mais importante naquela época. (Cf. PENA, 2006. p. 34).

Mas, a consciência de que “a comunicação tem inclusive o poder de construir ou destruir a imagem das pessoas. Basta que ela propague sistematicamente as suas qualidades, reais ou não, ou então que faça uma campanha contra” (MARSHALL, 2003. p.51) pode ser encontrada até antes das gazetas. Segundo PENA (2006), as informações mercantis já circulavam antes das gazetas em cartas manuscritas (*lettere d'avvisi*) não periódicas para um público restrito com interesses específicos. O autor ressalta que esse tipo de ‘jornalismo primitivo’ provocava reações irritadas de nobres e religiosos que se sentiam prejudicados pela exposição pública. Portanto, desde aquela época existia represália às informações que eram veiculadas nesses impressos. Isso porque eram reconhecidas as influências dos mesmos sobre as pessoas.

PENA (2006) alerta que

os governos serão os primeiros a tentar controlar a nova atividade que surge. A repressão aos *avvisi* é estendida às gazetas, consideradas ainda mais perigosas para o status quo, por serem periódicas. Com o advento das notícias impressas, então, esse perigo é muito potencializado. Mas, os governantes terão atitudes diferenciadas, de acordo com o país. (p. 35).

---

<sup>8</sup> Segundo o mesmo autor, é preciso lembrar-se da separação dos conceitos de mídia e imprensa. “No primeiro estão incluídos todo o tipo de manifestação cultural presente no espaço público, como novelas e filmes, por exemplo, enquanto o segundo refere-se à produção de notícias (...). Mas, como a imprensa está no interior da mídia, sendo também uma de suas manifestações, as influências são mútuas.” (p. 31).

Essa antiga relação das classes dominantes e os meios de comunicação, além da preocupação das primeiras com o conteúdo que é veiculado, podem ser entendidos através do pensamento de MARX (1983):

Os indivíduos que constituem a classe dominante têm, entre outras coisas, também consciência e por conseguinte pensam; logo, na medida em que dominam como classe e determinam o âmbito inteiro de uma época histórica, compreende-se por si mesmo que fazem isso em toda a sua extensão, portanto que entre outras coisas também dominam como seres pensantes, como produtores de pensamento, regulam a produção e distribuição dos pensamentos do seu tempo. (p.207).

Como nos lembra PENA (2006), o desenvolvimento da informação pública, a partir da Europa do século XVI, “deve-se não somente ao crescimento do comércio, mas à consolidação de um modelo de vida urbana e à constituição de um público leitor” (p. 36). O autor considera que os acontecimentos históricos são “o pano de fundo que condicionam o aparecimento da imprensa” (p. 36). Dentre esses, se encontram a ascensão da burguesia e os princípios capitalistas de acumulação de bens e competição. Como MELO (1994) salienta: o real “jornalismo – processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura - só emerge com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura prévia.” (p. 20).

A constituição dos primeiros jornais, de acordo com PENA (2006), é efetivada pela noção de tempo, pois estes possuirão as características de trazerem notícias de diversos gêneros, além de atualidade e periodicidade. Daí o termo jornal, procedente do francês *journal*, ou seja, diário, diz o autor. Este, diante da argumentação de alguns teóricos que dizem que é a atualidade e não a periodicidade que caracteriza uma publicação jornalística opta por considerar os dois fatores juntos para tal caracterização. Assim, “as primeiras publicações jornalísticas surgem no começo do século XVII, na Alemanha, nos Países Baixos e na Inglaterra, e são herdeiras das gazetas venezianas” (p. 37). Já a imprensa diária demorou um pouco mais.

Muitas mudanças ocorreram até chegarmos ao atual jornalismo e às diversas possibilidades de obter informações e interagir. Diante da transposição de barreiras geográficas, através da internet, sabemos o que acontece em várias partes do mundo. Sem dúvida, jornalistas ou não, através de blogs, objetos de nosso estudo que serão explorados depois, nos relatam algo e ganham o potencial de retirar-nos aquela sensação de medo do desconhecido. São possibilidades assim que estimulam autores, como LÉVY (1999), a questionarem a necessidade do jornalismo.

Conforme PENA (2006) “há a crença de qualquer um pode intervir em enredos preestabelecidos e transformá-los conforme sua própria conveniência, construindo-os e reconstruindo-os, em uma interação inesgotável” (p.180). O anonimato funcionaria para diminuir o potencial segregador e viabilizaria a libertação dos padrões morais e políticos. “Uma das conseqüências dessas fantasias de produção da identidade é a crença de que qualquer um pode ser mediador com a mesma eficiência e preparo.” (p.181). Portanto, o diferencial de um jornalista e de sua mensagem, perante o avanço de novas formas de informação e interação, como os blogs feitos por pessoas diversas, é encontrado na capacitação profissional. O jornalista é um indivíduo profissionalmente apto para “realizar relatos”. Esta é a sua função e importância nos dias atuais. Lembramos que há intrínseco nesta idéia sobre a funcionalidade e o diferencial jornalístico, características da imprensa que atravessam o tempo, não de modo intacto, mas se adaptando a novos contextos e se transformando. São esses contextos, principalmente, que fornecem base para questionamentos ligados a tal profissão.

## **1.2. Características e Conteúdos do Jornalismo**

Para compreender o desenvolvimento da imprensa, assim como as suas características, é preciso saber qual espaço vão ocupar. As peculiaridades burguesas permitem entender a lógica de produção da atual imprensa e os conteúdos<sup>9</sup> encontrados nela. Segundo PENA (2006), quando os princípios inerentes à burguesia entram em ascensão e ocupam o espaço público, são eles que viabilizam a consolidação da imprensa moderna. Nesse sentido, “estratégias de mercado aos poucos substituem o espaço das causas públicas e dos valores éticos. E consolidam suas representações da realidade conforme a imprensa vai se constituindo em um produto industrial” (p. 29). Como MARSHALL (2003) ressalta, a imprensa pós-moderna acaba se tornando um produto do marketing pós-moderno. O autor fala que os jornais contemporâneos viram mercadorias, submetidas à lógica do mercado, da audiência e do lucro. Assim, é possível visualizar todos os tipos de notícias enquadradas no jogo do mercado.

Nessa corrida pelo lucro, além de adotar o marketing como estratégia, outro fator decisivo para a imprensa hoje é a imagem, importante para atrair leitores. De acordo com MARCONDES (1993),

---

<sup>9</sup> Entre estes, aquele que lida com as questões políticas.

o jornalismo abre mão daquilo que se chamava de sua identidade, que era exatamente o fato de escrever as notícias, desenvolvê-las dando um tratamento específico e mais amplo aos temas, (...), para ser cada vez mais reprodução de outro meio de comunicação que é a televisão, meio visual por excelência, que trabalha com imagens em movimento (p.101).

Complementando essa idéia, MEDINA (1988) diz que “a mensagem jornalística como um produto de consumo da indústria cultural desenvolveu uma componente verbal específica”, que serve para conquistar o leitor para o produto/matéria. O apelo verbal, unido ao apelo visual, exige um estudo particular na formação da lingüística. Hoje, se torna mais importante a utilização do apelo visual já que há outras formas de obter informação: no jornalismo digital, por exemplo.<sup>10</sup> Pensando numa proposta para esse jornalismo, FERRARI (2008) ressalta que os jornalistas *on-line* devem “sempre pensar em elementos diferentes e em como eles podem ser complementados. Isto é, procurar palavras para certas imagens, recursos interativos e assim por diante”. (p. 48).

Cabe lembrar que a imprensa tradicional (atuante em meios como impressos e televisão) se insere no processo de comunicação de massa. Feito a partir de um pequeno grupo de emissores que dirigem mensagens para uma audiência grande, heterogênea e anônima. Outros ingredientes são: a não possibilidade de interação imediata; as mensagens são transmitidas publicamente e em grande parte são programadas para atingir simultaneamente a maioria da audiência; tem caráter transitório; o comunicador tende a operar dentro de uma organização complexa que pode envolver volumosos custos. (Cf. EMERY, E; AULT, P, H; AGEE, W, K.1973. p. 20).

Algumas características dos impressos são expressas através de comparações com outros veículos. Na televisão, por exemplo, impera o imediatismo, a instantaneidade, por isso, não há como “voltar atrás e ver de novo”, ao contrário do que acontece em jornais, revistas ou em matérias disponíveis na internet. Outra coisa é que o ritmo da TV proporciona uma natureza superficial às suas mensagens. Os custos das transmissões e os compromissos comerciais impedem, no geral, o aprofundamento e a análise da notícia no telejornal diário. (Cf. PATERNOSTRO, 1953, p.64). CHAUI (2006) salienta que com os meios eletrônicos, digitais e a televisão, os fatos tendem a ser noticiados enquanto estão ocorrendo, de modo que a função noticiosa do jornal é prejudicada, pois a notícia impressa é posterior à sua transmissão por esses outros

---

<sup>10</sup> Nos próximos capítulos, aprofundaremos a análise deste tipo de jornalismo, principalmente aquele que é feito através da ferramenta *blog*.

meios. Como diz a autora “na linguagem mais costumeira dos meios de comunicação: no mercado de notícias, o jornalismo impresso vem perdendo competitividade (alguns chamam isso de progresso; outros, de racionalidade inexorável do mercado!)” (p. 12). A idéia que discute o fim dos impressos tem relação com esse fato.

Mas, alguns autores acreditam que pessoas entram em contato com diversas notícias, através desses meios instantâneos, mas buscam informações mais detalhadas nos impressos. Tendo em vista a chegada de novas formas de comunicação, com as mudanças no estilo de vida, DIZARD (2000) afirma que isso afeta a forma, o conteúdo e a distribuição dos produtos impressos de mídia. Já que “o furo” ganha mais chance de ser veiculado inicialmente em outros meios, como rádio, televisão, internet, por suas maiores facilidades de processo, os impressos podem apresentar produções mais investigativas e aprofundadas que simulam um “jornalismo de revista”. Isso acrescentando, junto ao texto, recursos visuais, explicativos, que “chamam” o leitor. Porém, isso é uma possibilidade ou uma opção que pode ser executada por alguns veículos. Arriscamos que seja a minoria. Ou seja, não nos parece que o autor afirma que isto acontece como regra, mas como uma maneira para continuar na competitividade.

Quando CHAUI (2006) diz que a função noticiosa do jornal fica prejudicada, ela acredita que o resultado é duplo: de um lado, a notícia é apresentada de maneira mínima, rápida e, quase sempre, inexata – o modelo é o jornal *US Today* e o padrão conhecido como *News Letter* – de outro, deu-se a passagem gradual do jornal como órgão de notícias a órgão de opinião. Dessa forma, os jornalistas comentam e interpretam as notícias, opinando sobre tais.

Gradualmente desaparece uma figura essencial do jornalismo: o jornalismo investigativo, que cede lugar ao jornalismo assertivo ou opinativo. Os jornalistas passam, assim, a ocupar o lugar que, tradicionalmente, cabia a grupos e classes sociais e a partidos políticos. Todavia, sua opinião não fica restrita ao meio impresso: passa a servir como material para os noticiários de rádio e televisão, ou seja, nesses noticiários, a notícia é interpretada e avaliada graças à referência às colunas dos jornais. (p.13).

Especificamente quanto aos temas tratados nos vários jornais, PENA (2006) diz poder acertar quais serão as pautas: “crise na economia, corrupção na política, violência nas ruas, agenda do presidente da República e do governador, domingo de sol na praia e notícias sobre os times de futebol” (p.38). “Um museu de grandes novidades” (p. 38), complementa o autor fazendo uma alusão ao cantor Cazuza. Assim como MARSHALL

(2003) que alerta que hoje o conteúdo e o visual dos jornais são todos iguais. “Não só entre si, mas também iguais aos radiojornais, telejornais e netjornais. (...) O mimetismo parece ser a regra geral”. (p. 50). BOURDIEU (1997) faz uma proposta semelhante: “comparem as capas dos semanários franceses com quinze dias de intervalo: são mais ou menos as mesmas manchetes (...)”. (p.31). O comentário desses autores lembra-nos o modo repetitivo com que jornais expressam e acompanham os escândalos políticos, as questões de ética e imagem pública.

Podemos dizer que essa semelhança de conteúdo entre os veículos de comunicação liga-se também ao fato de que uma minoria controla a formação de notícias. MARSHALL (2003) diz:

Além de ser propriedade de grupos de poder, o jornalismo interpreta e sintetiza o mundo para os seus detentores. A leitura sobre os fatos econômicos, sobre os acontecimentos diários, sobre os conflitos armados etc. É uma leitura da cultura do poder. As notícias da realidade são as interpretações que a classe hegemônica faz para codificar os acontecimentos dentro da sua lógica. (p. 52).

Sendo assim, entende-se que a classe que apresenta o poder material dominante de uma sociedade possui também o poder espiritual dominante: “as idéias dominantes não são nada mais do que a expressão espiritual (ideológica, imaterial) das relações materiais dominantes” (Cf. GUARESCHI, 1985. p. 19-20). Além disso, segundo GUARESCHI (1985), sem a ajuda dos meios de comunicação tal jogo não poderia ser feito. Em uma sociedade capitalista, os meios de comunicação de massa – e pode-se ampliar essa idéia para outros meios - “tornam-se os instrumentos de mistificação e de legitimação da dominação capitalista” (p. 20). Algumas teorias do jornalismo, que serão vistas mais pra frente, vão ao encontro desse pensamento.

Mas, quais são os traços atuais que sobressaem cotidianamente nessas notícias repetidas efetuadas por esses meios? Ou seja, o conteúdo repetitivo se alimenta de quais ingredientes para conquistar o público? Para responder, é preciso pensar novamente em que espaço esse conteúdo encontra-se. Lembra-nos PENA (2006) que de Gutenberg à internet há uma grande mudança na esfera pública e que, como já dito, são as características da burguesia que vão ocupar o espaço público fazendo com que as leis do mercado predominem. Segundo esse autor, a burguesia passa a valorizar o isolamento, a intimidade e os valores ligados à família e são exatamente esses pressupostos que ganham grande exposição na mídia. A vida privada de um indivíduo de classe alta, por

exemplo, interessa a todos e passa a ser exposta. O público, ao visualizar uma “suposta” quebra de barreira de classe pode se sentir íntimo de tal indivíduo.

Na contemporaneidade, as representações substituem a própria realidade. Um assunto exposto na esfera pública não é necessariamente de interesse público. Ele pode ser forjado nos esquemas de *marketing* que visam moldar o gosto do público e agendar seus debates. É o caso, por exemplo, das celebridades instantâneas. (p. 29).

As celebridades recorrem à exposição da intimidade como uma de suas estratégias de sobrevivência na mídia, pois sabem que isso é valorizado e encontra público. Visualizamos atualmente em meios diversos a exaltação de sentimentos, gostos e preferências. Como salienta CHAUI (2006), não se perguntam às pessoas, como entrevistados, “o que pensam ou o que julgam dos acontecimentos, mas o que sentem, o que acham, se lhes agrada ou desagrada” (p. 6). A autora diz que se trata agora do apelo à intimidade, à personalidade, à vida privada como base e garantia da ordem pública. “Em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada, abolindo-se a diferença entre espaço público e espaço privado” (p. 9). A autora preocupa-se com a ocultação das relações sociais e políticas.

As relações sociais e políticas, que são mediações referentes a interesses e a direitos regulados pelas instituições, pela divisão social das classes e pela separação entre o social e o poder político, perdem sua especificidade e passam a operar sob a aparência da vida privada, portanto referidas a preferências, sentimentos, emoções, gostos, agrado e aversão (p. 09).

O foco da teórica ao utilizar essa argumentação da privatização do social e do político é a visualização de uma consequência: a destruição de uma categoria essencial das democracias, conceituada como opinião pública. Algo que, de acordo com KOVACH e ROSENSTIEL (2004), começou a ser falado por políticos ingleses desde a evolução dos primeiros jornais. Assim, segundo esses autores, no início do século 18, os jornalistas/tipógrafos passaram a desenvolver a teoria da livre expressão pública e da imprensa livre. “Em 1720, dois jornalistas londrinos, escrevendo sob o pseudônimo ‘Cato’, introduziram a idéia de que a verdade devia ser uma defesa contra a difamação” (p.37). Isso, com a existência paralela do incômodo do governo quanto às críticas e ao que era veiculado. Em seus inícios liberais, a opinião pública era definida como a expressão, no espaço público, de uma reflexão individual ou coletiva acerca de uma questão controvertida e relativa ao interesse ou ao direito de uma classe social, de um

grupo ou até da maioria. (Cf. CHAUI, 2006, p. 10). Esta autora diz que a opinião pública era “um juízo emitido em público sobre uma questão relativa à vida política, era uma reflexão feita em público e por isso definia-se como uso público da razão e como direito à liberdade de pensamento e de expressão” (p. 10). Atualmente ela percebe três deslocamentos na idéia e na prática desse conceito:

O primeiro, como salientamos, é a substituição da idéia de uso público da razão para exprimir interesses e direitos de um indivíduo, um grupo ou uma classe social pela idéia de expressão em público de sentimentos, emoções, gostos e preferências individuais; o segundo, como também observamos, é a substituição do direito de cada um e de todos de opinar em público pelo poder de alguns para exercer esse direito, surgindo, assim, a curiosa expressão ‘formador de opinião’, aplicada a intelectuais, artistas e jornalistas; o terceiro, que ainda não havíamos mencionado, decorre de uma mudança na relação entre os vários meios de comunicação sob os efeitos das tecnologias eletrônica e digital e da formação de oligopólios midiáticos globalizados (...). (p.12).

De acordo com o seu pensamento, esse último deslocamento tem a ver com a forma de ocupação do espaço de opinião pública pelos profissionais dos meios de comunicação, em que o caso mais interessante é o dos jornais impressos que vem perdendo competitividade, como já dito, e assim parecem ser cada vez mais opinativos e partidários. Ainda conforme a autora, os deslocamentos mencionados não teriam conseqüências graves se não tivessem ocorrido paralelamente à concentração do poder econômico midiático. Por mais que os meios de comunicação tradicionais sempre foram propriedades privadas de indivíduos ou grupos, exprimindo seus interesses particulares e impondo problemas e limitações à liberdade de expressão, hoje, contudo, os dez ou doze conglomerados de alcance global controlam não apenas os meios tradicionais, mas “também os novos meios eletrônicos e digitais, e avaliam em termos de custo-benefício as vantagens e desvantagens do jornalismo escrito e da imprensa, podendo liquidá-la, se não acompanhar os ares do tempo”(p. 13).

Assim, seguindo tal pensamento, para tentar salvar-se ou simplesmente se encarmos isso como características do seu tempo, o jornalismo apresenta-se como rápido, barato, partidário, com misturas de informações aleatoriamente obtidas e pouco confiáveis e investigativas, opinativo, detentor da credibilidade<sup>11</sup>, ingredientes que o fazem protagonista da destruição da opinião pública.

---

<sup>11</sup>Como explica a autora: “para que algo seja aceito como real basta que apareça como crível ou plausível, ou oferecido por alguém confiável” (p. 08).

PENA (2006) complementa que a grande questão, desde, por exemplo, o livro *Public opinion*, lançado por Walter Lippmann na década de 1920, que fez com que as discussões teóricas enveredassem pelo caminho crítico, passou a ser a seguinte: “como essa opinião pública é formada?” Segundo o autor, as várias teorias do jornalismo possuem interpretações diferentes sobre a influência da imprensa nesse processo. Mas,

as transformações da esfera pública deixam claro que houve a substituição de um espaço destinado para a discussão de causas públicas e valores éticos por outro, muito mais prosaico, em que as representações da realidade interagem com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual. (p. 32).

Essas características e conteúdos do jornalismo, além das transformações vinculadas à formação de oligopólios midiáticos geram preocupações entre os teóricos, ligados diretamente ou não ao campo da comunicação, quanto aos preceitos da profissão ou especificamente com a manutenção destes. Como PENA (2007) salienta “o homem comum não se informa mais pelos relatos da praça, mas sim pelo que os mediadores do novo espaço público trazem até ele. Daí a nossa responsabilidade.” (p.31).

### **1.3. Princípios do Jornalismo**

No livro *Os elementos do jornalismo*, Bill Kovach e Tom Rosenstiel fazem uma análise do jornalismo e de seus princípios frente à idéia de que a atividade está cada vez mais baseada no mercado, separada da noção de uma responsabilidade cívica e operando, por exemplo, em oligopólios midiáticos, como uma das divisões de uma gigantesca corporação de comunicação, tecnologia ou entretenimento<sup>12</sup>. Além de executarem uma verificação deste campo, identificando problemas e possíveis soluções, diante do novo contexto que lida com formas diversas de comunicação e interação. Esses teóricos tecem críticas, mostram-se preocupados com os caminhos tomados pelo jornalismo, falam de exemplos que devem ou não ser seguidos, norteiam princípios essenciais que precisam sobreviver justamente para sobreviver a própria profissão e apresentam idéias importantes para os cidadãos, pois seria ideal que esses exigissem um jornalismo independente ligado aos preceitos de uma imprensa livre.

Os autores dizem: “o livro é uma descrição da teoria e cultura do jornalismo que emergiu de três anos ouvindo jornalistas e cidadãos, dos nossos estudos empíricos e das

---

<sup>12</sup> Jornalismo subordinado aos interesses comerciais.

nossas leituras da história da profissão nos Estados Unidos” (p, 22). Apesar de concentrarem alguns temas no jornalismo americano, suas análises podem ser expandidas para regiões como o Brasil. Aqui também há oligarquias da imprensa. FERRARI (2008), analisando especificamente a questão do jornalismo digital, diz:

“Para entender o surgimento dos portais brasileiros, na segunda metade da década de 90, é necessário olhar um pouco a história da imprensa brasileira, composta por grandes conglomerados de mídia, na maioria oriundos de empresas familiares. Esses mesmos grupos detêm, também, a liderança entre os portais – e por isso são informalmente chamados de barões da Internet brasileira”. (p. 25).

O teórico MORAES (1998) é útil para complementar tal visão:

Nem a Internet – por concepção, refratária a comandos e hierarquias – escapa dos tentáculos lançados pelas superempresas, ávidas por comércio eletrônico e serviços *on line*, engenhosas soluções propiciadas pelo caráter descentralizado e multipontual da rede. (p. 11).

Sendo assim, os autores americanos afirmam que a sociedade espera que os jornalistas apliquem essa descrição da teoria e cultura do jornalismo, encontrada no livro, e os cidadãos entendam do que se trata, ainda que tal teoria seja raramente estudada ou articulada de modo claro. Esta falta de clareza dos cidadãos e dos profissionais do ramo enfraqueceu o jornalismo e agora enfraquece a sociedade democrática (Cf. KOVACH e ROSENSTIEL, 2004. p. 22). Eles firmam o seguinte: a não ser que possamos compreender e “reivindicar a teoria de uma imprensa livre, os jornalistas correm o risco de ver sua profissão desaparecer. Nesse sentido, a crise da nossa cultura, e de nosso jornalismo, é uma crise de convicção” (p. 22). Então, para os autores, existem alguns princípios com os quais os jornalistas concordam e os cidadãos têm o direito de esperar. Princípios que passam por períodos de fluxo e refluxo ao longo do tempo, mas de algum modo estão evidentes, formando, assim, os elementos do jornalismo. Vale a pena citarmos o trecho onde os teóricos numeram tais preceitos, mas tendo em mente que eles são refinados ao longo do livro. O primeiro entre eles é que “a finalidade do jornalismo é fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar”. (p. 22). A fim de realizar esta tarefa:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.

7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com a sua consciência. (p. 23).

Os autores se defendem dizendo que podemos achar que faltam alguns pontos, considerados até úteis por eles, tanto que são explorados depois, dentro dos preceitos citados, mas que são pontos vagos, por isso, não formam os elementos essenciais. Também se protegem ressaltando que algumas pessoas podem apontar que tal lista não é nenhuma novidade, porém os teóricos consideram os itens relevantes para serem analisados (assim como consideramos) já que muitas idéias do jornalismo estão cheias de mitos e distorções<sup>13</sup>. Dessa forma, é preciso clarificar tais conceitos, refiná-los e os fornecer de sentidos e conexões que consideramos pelo menos mais reais ou possíveis de aplicar tendo em vista o mundo atual em que vivemos. De modo algum, não há ingenuidade aqui, e nos parece que nem no livro, em achar que esses preceitos são seguidos religiosamente pela profissão e o jornalismo é algo que atualmente se faz “puro” e se mostra correto e ético. A idéia é analisar criticamente de que forma eles são operados atualmente, já que estamos num mundo complexo no que tange à comunicação e a tecnologia, além de adotá-los como base para posteriores discussões.

Portanto, quanto ao conceito de verdade, o que se espera não é que os jornalistas trabalhem a fim de conseguir o relato de uma verdade “pronta”, o puro reflexo de um fato ou uma única verdade absoluta acerca deste. Como se a verdade estivesse “lá” e o papel do profissional fosse apenas relatá-la fielmente. É assim que surgem frases como “a imprensa é um espelho da sociedade”<sup>14</sup>, compatível com uma famosa teoria do jornalismo: a teoria do espelho que será explicada adiante. Que verdade seria essa, então? Os jornalistas acreditam estar envolvidos na busca da verdade, mas, longe de discussões filosóficas que recorram ao campo semântico, a “verdade jornalística”, conforme os dois autores, “é muito mais do que simples precisão. É um processo seletivo que se desenvolve entre a matéria inicial e a interação com o público leitor e os jornalistas ao longo do tempo” (p. 68). Nesse sentido, em tal processo os autores dizem

---

<sup>13</sup>Segundo os autores, “a noção de que os jornalistas devem ficar atrás de uma parede que as proteja da área comercial é um desses mitos. Outro o de que a independência exige uma postura neutra do profissional. O conceito de objetividade tem sido tão desfigurado que hoje é usado para descrever o próprio problema que deveria corrigir” (p. 23).

<sup>14</sup>David Barlett, ex – presidente da Associação dos Direitos de Jornalismo de Rádio e Televisão (Cf. KOVACH e ROSENSTIEL, 2004).

que é importante lembrar que o jornalismo existe dentro de um contexto social e que cidadãos e sociedades dependem e necessitam de um relato preciso e confiável dos fatos. “Desenvolvem procedimentos e processos para chegar a esse ponto, o que poderíamos chamar de verdade funcional” (p. 68).

É isso que o jornalismo procura – uma forma prática e funcional da verdade. Não a verdade no sentido absoluto ou filosófico. Não a verdade de uma equação química. Mas o jornalismo pode – e deve- perseguir a verdade num sentido por meio do qual possamos funcionar no dia- a- dia. (p. 68).

Dessa forma, acredita-se que o jornalista deve ir além de anotar corretamente nomes e datas mostrando precisão, até porque não é apenas isto que o leitor procura. Os fatos também precisam de coerência e sentido. Acredita-se numa base (a exatidão), daí sua importância, “sobre a qual tudo o mais se sustenta: contexto, interpretação, debate e toda a comunicação pública”. (p. 70). Aparece a necessidade de se manter um jornalismo de verificação que está sendo esmagado por um de simples afirmação. A verdade, então, é algo mais complicado, mas deve ser vista como um processo ao longo do tempo que tenta chegar a ela, inicialmente retirando da informação qualquer dado errado ou autopromocional, “deixando que a comunidade reaja e assim surja o processo seletivo das notícias. A busca da verdade se torna uma conversa”. (p. 73).

Conceitos que aparecem junto a essa busca da veracidade jornalística, fornecendo alicerces para ela, são imparcialidade e equilíbrio. Alguns jornalistas acreditam que a utilização de tais já os coloca num patamar próximo da verdade e compatível com a ética da profissão. Mas, são conceitos muito subjetivos e nem sempre o uso deles converge para um lado justo e adequado. KOVACH e ROSENSTIEL (2004) questionam: “imparcial com quem? Como se testa imparcialidade? A veracidade, pelo menos pode ser testada” (p. 74). Conforme COUTINHO (2004),

O estabelecimento da imparcialidade como princípio ético, garantidor do relato verdadeiro foi assumido na década de 50 no Brasil. Mas há muito Nelson Werneck Sodré já alertava: "o jornal é menos livre quanto maior for a empresa". Segundo avaliação de Elcias Lustosa "por sua origem e pelos seus defensores a imparcialidade não passava, e não passa, ainda hoje, de mera retórica, sendo usada para preservar o discurso e os interesses do próprio veículo".

Para os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel, quanto ao equilíbrio, escrever uma matéria tentando ser justo com os dois lados da história pode não ser o ideal da

verdade, sobretudo se esses dois lados não possuírem o mesmo peso. Eles exemplificam isso da seguinte forma:

O aquecimento do globo terrestre é um fato? A maioria dos cientistas sempre argumentou que sim, é um fato, mas a cobertura da imprensa continuou, muito depois do debate científico, a dar um peso igual aos dois lados. E naqueles casos onde existem mais de dois lados, como determinar o lado que deve ser abordado? (p. 75).

Usar esses conceitos se torna bem complicado. Em muitos casos o que se pede é bom senso, algo que também é subjetivo. A crítica aqui quer apontar que alguns ingredientes, defendidos por pessoas do meio, para se chegar a essa procura de veracidade, podem em algumas situações fazer exatamente o contrário: ajudar no desaparecimento dela. Assim, revelam-se tendências: as notícias se “tornaram mais fragmentadas; as fontes exercem maior poder sobre os jornalistas que as cobrem<sup>15</sup>; diferentes padrões jornalísticos desmantelam a função de guardião da imprensa; argumentos baratos, polarizadores, se transformam em reportagens devastadoras.” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 75). Mas, mesmo assim, ainda é possível acreditar na importância da procura da “verdade”, usando caminhos como o da verificação e da síntese que deixam de lado o insignificante e a insinuação.

Ainda de acordo com esses autores, no livro eles afirmam que o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte é a disciplina da verificação que se concentra em registrar direito o que aconteceu. Para ser exercida, esta se liga a outro conceito muito difundido no meio: a objetividade, algo que, como salientam os autores, possui um significado mal compreendido e gera algumas confusões. Isso, porque se pressupõe ou espera-se que os jornalistas sejam pessoas objetivas, o que referencia a certa ingenuidade. Os autores salientam que quando o conceito surgiu “não significava que os jornalistas estavam livres de preconceitos” (p. 114). Pelo contrário, pois o termo apareceu como parte do jornalismo, por volta de 1920, com base na afirmação de que esses profissionais trabalhavam com vários preconceitos, às vezes em nível inconsciente. Como PENA (2006) diz “a objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade”. (p. 50). A objetividade resignava que os jornalistas desenvolvessem um método consistente de examinar a informação – “um enfoque transparente com as provas disponíveis – precisamente para

---

<sup>15</sup>Sobre as fontes, nos lembra PENA (2006): “o resultado de uma conversa com a fonte depende essencialmente do que ela imagina sobre você e sobre suas intenções”.

que os preconceitos pessoais ou culturais não prejudicassem a exatidão de seu trabalho”. (p.115). Assim, seguindo o conceito original, o método deve ser objetivo, não os jornalistas. Podemos avistar parte desse “método de trabalho”, a partir de TUCHMAN (1999) que nos esclarece que para se chegar a tal objetividade,

Eles podem afirmar que 1) apresentaram versões diferentes de uma mesma realidade, 2) apresentaram provas suplementares para fundamentar um <<facto>>, 3) utilizaram aspas para indicar que o repórter não está a dar uma versão dos acontecimentos, 4) apresentaram os <<factos>> das opiniões através da utilização do rótulo <<notícia de análise>> (p. 88-89).

Assim, a objetividade, por meio de “procedimentos de rotina que podem ser exemplificados como atributos formais” (p. 90), é usada como um ritual “estratégico” que serve de apoio na defesa dos jornalistas contra potenciais críticas, acusações diversas ou conflitos com as suas organizações ou com o público, no geral.

A formação de oligopólios midiáticos, onde a atividade jornalística passa a funcionar como um setor dentro os vários outros pertencentes à determinada empresa, traz a preocupação de tal atividade estar cada vez mais baseada no mercado e na busca de lucros e reaviva a importância de outro princípio: a independência jornalística. Esta consolida que a primeira lealdade do jornalismo deve ser com os cidadãos. Dessa forma, é primordial que os jornalistas não encontrem obstáculos no momento de obter uma informação, além de esta ter que ser relatada com veracidade, mesmo à custa de outros interesses financeiros do dono do jornal, por exemplo. Conforme KOVACH e ROSENSTIEL (2004) propõem, o profissional de imprensa não é equivalente aos empregados de outras empresas<sup>16</sup>. “Ele tem uma obrigação social que na verdade pode ir além dos interesses imediatos de seus patrões, e ainda assim essa obrigação é a razão do sucesso financeiro desses mesmos patrões” (p. 83).

Esse princípio deve ser enxergado de modo amplo (o que falamos não é apenas independência relativa aos patrões ou donos dos jornais), sendo assim, ressalta-se que os jornalistas devem manter independência de todos aqueles a quem cobrem. Independência de facções, classes ou categorias econômicas, raça, religião, sexo e grupos diversos<sup>17</sup>. “É dessa independência de espírito e mente, em vez da neutralidade, que os jornalistas devem cuidar” (p. 149). Nesse sentido, deixam claro que a neutralidade ou a imparcialidade não devem ser vistos como princípios do jornalismo.

---

<sup>16</sup> Nesse sentido, cidadãos não podem ser vistos como clientes.

<sup>17</sup> Os autores ressaltam que isso se aplica até àqueles profissionais do jornalismo que trabalham no campo da opinião, crítica e comentário.

Se fossem, ficaria difícil, por exemplo, encaixar colunistas ou editorialistas (jornalistas que lidam com a opinião) na profissão. A credibilidade desses deve se ancorar também na precisão, na verificação, num interesse público maior e num desejo de informar compartilhado por todos os outros jornalistas (Cf. KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 149). Os teóricos complementam que podemos nos converter num conselheiro daqueles sobre quem escrevemos ou num redator de discursos de algum político, mas é “um ato de arrogância, e até mesmo ingenuidade ou ilusão, pensar que tudo isso não vai atrapalhar nosso trabalho como jornalistas”. (p. 150).

A distinção que esses autores fazem entre jornalismo de opinião e o trabalho de partidários difundindo as notícias, é que no primeiro caso deve-se ter claro um objetivo e permanecer comprometido com todos os princípios dos outros jornalistas, já o outro “faz de conta que é neutro”, usando linguagem e forma equilibradas para criar algo: propaganda ideológica. Tal distinção pode passar despercebida, de modo que marqueteiros políticos, por exemplo, são confundidos com jornalistas, o que se transforma numa forma de “borrar as identidades jornalísticas”, conforme Bill Kovach e Tom Rosenstiel explicam no livro *Os elementos do jornalismo*. Tendo em vista isso, eles lançam o questionamento “como reconciliar a inegável influência da perspectiva pessoal com o objetivo de manter uma coisa chamada independência jornalística?” (p. 163) e nos respondem da seguinte forma:

Independência de grupos ou facções indica a existência de uma maneira de ser jornalista sem negar essa experiência pessoal, mas sem também se tornar refém dela. (...). Como acontece com a ideologia política, a questão aqui não é neutralidade, mas objetivo. (...). Seja qual for o adjetivo que se lhes atribui - budista, afro-americano, deficiente físico, gay, hispânico, judeu, protestante-anglo-saxão-branco ou até mesmo liberal ou conservador - tudo isso se torna descritivo, mas não restritivo. Eles são jornalistas que são budistas, afro-americanos, conservadores - não budistas primeiro, jornalistas depois. Quando isso acontece, as origens raciais, étnicas, religiosas, de classe e ideológicas permeiam seu trabalho, mas não ditam as normas do que escrevem. (p. 164).

Parece-nos sutil a separação do jornalismo de opinião com outras formas de exercer a opinião, mas os autores demonstram que se mostra possível fazer um jornalismo opinativo, comprometido com a verificação e alguns princípios já citados. Isso porque hoje alguns preceitos estão mais consolidados do que antes e são tidos como ideais. O campo jornalístico mostra-se complexo. Talvez, entrando numa questão de ética ou do que pode ou não ser considerado jornalismo, o que um jornalista demonstra agora através de uma matéria também era feito antes, mas atualmente alguns

estudos já identificam classificações, nomeações ou diferentes gêneros jornalísticos, por exemplo, que podem seguir algumas normas. A fim de uma visualização desse campo complexo, vamos voltar os olhos agora para a primeira fase do jornalismo e analisar as suas divisões com a identificação dos gêneros jornalísticos.

#### 1.4 Gêneros do Jornalismo

Em seus primeiros momentos de afirmação o jornalismo é caracterizado pela expressão de opiniões. De acordo com o pesquisador José Marques de Melo, no livro *A opinião no Jornalismo Brasileiro*, “na medida em que a liberdade de imprensa beneficiava a todos, as diferentes correntes de pensamento ou os distintos grupos sociais se confrontavam através das páginas dos jornais que editavam” (MELO, 1994, p. 22). O exercício da atividade jornalística se intensificava, pois a publicação de jornais não requeria grandes capitais. O autor explica que dessa forma, “nada mais natural do que os donos do poder, incomodados pela virulência com que se praticava o jornalismo, atacando, denunciando (...), procurassem reduzir o ímpeto da expressão opinativa”. (p. 22). Para isso, aconteceu a instituição de taxas, impostos e controles fiscais que atacavam a sobrevivência econômica dos jornais. Além da utilização de censuras, dentro de uma legislação vigente, com a punição dos excessos cometidos. Essas restrições fazem medrar o jornalismo de opinião e estimulam o jornalismo de informação (Cf. MELO, 1994. p 22).

Este autor relata ainda o caso de Samuel Buckley<sup>18</sup> que fareja a alternativa da informação como recurso para garantir a sobrevivência do *Daily Courant*, veículo que atravessou dificuldades financeiras no início. Buckley recebe o jornal da sua fundadora Elizabeth Mallet e introduz um “novo padrão na cobertura das notícias estrangeiras”. De acordo com MELO (1994), no julgamento de Kennet Olson, Buckley é o primeiro jornalista inglês a apresentar uma preocupação real com os acontecimentos, escolhendo por “imprimir notícias como notícias, sem comentários, para se manter longe da

---

<sup>18</sup> PENA (2006) diz que a “definição de gêneros vem desde a Grécia Antiga, há quase três mil anos, com a classificação proposta por Platão, baseada nas relações entre literatura e realidade, dividindo o discurso em mimético, expositivo ou misto. E foi nessa área que a teoria dos gêneros adquiriu coerência, seja como agrupamento de obras por convenções estéticas ou como normatizadora das relações entre autor, obra e leitor. Apesar das diversas mutações ao longo do tempo, há uma certa unanimidade para diferenciar alguns gêneros da literatura, como, por exemplo, poesia e prosa. No jornalismo, a primeira tentativa de classificação foi feita pelo editor inglês Samuel Buckley no começo do século XVIII”. (p.66).

polêmica”<sup>19</sup> (p. 22). MELO (1994) ressalta que o jornalismo francês e o inglês suscitam diferentes padrões de expressão simbólica.

Enquanto o jornalismo francês apresenta-se com todo o vigor *opinativo*, promovendo debates, levantando problemas, participando ativamente do cenário político, o jornalismo inglês assume uma tendência *informativa*, retraindo-se do combate, preferindo distanciar-se do confronto direto com o centro do poder. A distinção entre *news* e *comments*<sup>20</sup> que se esboça no jornalismo britânico acabaria por se impor como uma bipolarização do espaço ocupado pela informação de atualidade nos veículos de difusão coletiva. O equilíbrio entre ambas as categorias ou a predominância de uma sobre a outra permanece como uma peculiaridade de cada processo jornalístico. Mas, sem dúvida o jornalismo informativo afigura-se como categoria hegemônica, no século XIX, quando a imprensa norte-americana acelera seu ritmo produtivo, assumindo feição industrial e convertendo a informação de atualidade em *mercadoria* (p. 23).

Sobre essas duas categorias jornalísticas, o autor deixa a seguinte questão: “até que ponto o jornalismo informativo efetivamente limita-se a informar e até que ponto o jornalismo opinativo circunscreve-se ao âmbito da opinião?” (p. 23). Para não cair numa discussão inútil, ele deixa claro que “essa distinção entre a categoria informativa e a opinativa corresponde a um artifício profissional e também político” (p. 24). Profissional significando o limite em que o *jornalista* se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente aquilo observa) e o poder de opinar, que constitui uma abertura que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua. Político no sentido histórico: ontem, o editor burlando a vigilância do Estado, assumindo riscos nas matérias cuja autoria era revelada (*comments*); atualmente desviando a vigilância do público leitor em relação às matérias que aparecem como informativas (*news*), porém na prática possuem vieses ou conotações (Cf. MELO. p. 24).

Nesse sentido, o autor explica que admitir a convivência de categorias que denotam a modalidade de relato dos fatos e das idéias no âmbito jornalístico não significa desconhecer que o jornalismo permanece sendo um processo social com “profundas implicações políticas, onde a expressão ideológica assume caráter determinante. Cada processo jornalístico tem sua dimensão ideológica própria, independentemente do artifício narrativo utilizado” (p. 24). Entende-se que a narração dos fatos segundo os padrões de jornalismo opinativo ou informativo não muda o “resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade” (p. 24). Indo além dessa ressalva, frisa-se aqui que há um consenso entre

---

<sup>19</sup> GODECHOT, Jacques. Contribución a la historia del periodismo, p. 2.

<sup>20</sup> Notícias e comentários respectivamente, seguindo a tradução.

os estudiosos da área acerca da existência dessas duas categorias fundamentais do jornalismo. Historicamente elas predominam e contemporaneamente elas convivem com categorias novas que correspondem às mudanças ocorridas nos processos jornalísticos. Quanto a essas categorias não existe uma concordância entre os teóricos da área. Como MELO (1994) diz, “há estudiosos que aceitam a existência de todas as categorias, mas há alguns que recusam algumas delas. Uma revisão na literatura específica sobre jornalismo indica divergências e discrepâncias”. (p. 29).

A concepção norte-americana, por exemplo, contempla a segmentação da atividade a partir da teoria funcional. O entendimento “das esferas de atuação jornalística vincula-se diretamente à identificação das funções que a informação de atualidades cumpre em relação à coletividade a que serve ou que influencia”. (MELO, 1994, p. 26). Dessa forma, ao lado do jornalismo informativo e do opinativo, apresenta-se, na descrição de Fraser Bond, segundo MELO (1994), duas categorias: “o jornalismo interpretativo (que faz a explanação das notícias) e um jornalismo de entretenimento (que comenta os aspectos pitorescos da vida cotidiana)”. (p. 28). O autor diz que esta distinção torna-se melhor fundamentada quando Raymond Nixon recorre ao esquema de Lasswell/ Wright e o usa ao processo jornalístico, apresentando que o jornalismo preenche as funções típicas de observação, aconselhamento, educação e diversão. Dessas duas últimas funções retira-se o jornalismo interpretativo e o diversional (Cf. MELO 1994, p. 28). No entanto, o autor lança um questionamento, ao refletir até que ponto essas duas novas categorias adquirem universalidades suficientes para figurar como categorias autônomas, já que as duas funções que exercem podem corresponder a expressões já existentes no jornalismo informativo ou opinativo. Um exemplo: ao orientar ou conduzir julgamentos, o jornalismo opinativo está também educando.

Já Dovifat registra além do informativo e do opinativo, o estilo “ameno”. Terceira categoria que se aproxima da chamada diversional e que Dovifat diz estar no meio do caminho entre a literatura e o jornalismo. Costale, a esses três fins (informar, orientar e distrair), acrescenta um quarto: *incitar*, indicando “animar, excitando a curiosidade do público sobre problemas variados”<sup>21</sup>. Sendo que, neste caso, animar não pode ser confundido com “agitar”, uma das funções que o marxismo-leninismo confere ao jornalismo. O pesquisador espanhol dá a entender que tal incitação jornalística equipara-se à natureza da produção noticiosa que os norte-americanos nomeiam de

---

<sup>21</sup> COSTALES, José Ortego. *Noticia, actualidad, información*. Pamplona, Universidade de Navarra, 1966, p. 138-141.

*interpretativa*. Trata-se de uma categoria carente de estrutura, oscilante entre o estilo informativo e o opinativo e que ainda não possui fisionomia própria no lugar onde surgiu (Cf. MELO, 1994, p. 30). Esse autor diz que Curtis MacDougall, teórico do *jornalismo interpretativo*, preocupa-se em determinar que tal categoria não se confunde com o jornalismo opinativo: “a chave da interpretação está na apreensão da substância dos fatos” ( p. 30). Interpretar quer dizer identificar causas, motivos, efetuar análises. Seguindo o pensamento de MacDougall, enquanto a opinião deve ser confinada na página editorial, por exemplo, a interpretação é uma parte essencial do noticiário.

Dentro de perspectivas brasileiras, Melo explica no livro que, no caminho de MacDougall, mas mostrando novidade através dos conceitos de Marx e Freud, os jornalistas brasileiros Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, na tentativa de resgatar a identidade do jornalismo interpretativo, o definem como o esforço de “determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele – e não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo”<sup>22</sup> (p. 31). Já Luiz Beltrão vê na interpretação uma característica intrínseca da atividade jornalística e apresenta que a “nova modalidade de jornalismo não encontra muita receptividade do país, limitando-se a uns poucos jornais do Rio ou de São Paulo” (MELO, 1994, p. 31), e ainda com obstáculos institucionais. Isso porque os jornais não mostram interesse em se equipar para fazer a pesquisa documental de uma informação.

No entanto, essa situação parece ter se transformado nos últimos anos, pois “Clóvis Rossi assegura que os arquivos dos jornais contêm uma dosagem de informação acima do razoável e permitem a um repórter interessado situar-se com certa rapidez num assunto que lhe é estranho” (MELO, 1994, p. 32). Este ainda relata, de acordo com Clóvis Rossi, que o que não mudou foram as condições de trabalho dos jornalistas que impedem a dedicação ao cultivo das fontes e a prática continuada da interpretação. Vale lembrar que isso está dentro do sistema de verificação, preocupação essencial para o cumprimento de alguns princípios do jornalismo demonstrados aqui com os teóricos Bill Kovach e Tom Rosenstiel.

Como tínhamos dito, não há um consenso entre todas essas categorias e nos parecem mais “fixas” a informativa e a opinativa. José Marques de Melo deixa claro no livro que o *jornalismo diversional*, por exemplo, não é uma categoria legitimada nos círculos acadêmicos brasileiros e o conceito causa bastante confusão entre os

---

<sup>22</sup> MEDINA, Cremilda e LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente (Jornalismo interpretativo)*. São Paulo, Media, 1973, p.16.

pesquisadores. Em sua opinião, um dado revelador é a posição equivocada que alguns assumem, dando a entender que o jornalismo diversional é o conjunto dos divertimentos encontrados nas páginas dos jornais ou nos meios de radiodifusão.<sup>23</sup> O autor usa o relato de José Ortego Costales que adverte que “distrair é, no autêntico sentido da palavra trazer o leitor a outros campos, tirar o homem de sua preocupação cotidiana, profissional ou familiar”. (p. 34). Ele reproduz uma definição feita em trabalho anterior, com a qual concordamos, pois para ser chamado de jornalismo entendemos que tem haver uma vinculação com o real:

O jornalismo diversional (...) engloba aqueles textos que, fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens captados pelo repórter. Entre os gêneros que integram o jornalismo diversional estão as histórias de interesse humano, as histórias coloridas, os depoimentos, etc.<sup>24</sup>. (p. 34).

Essa concepção, de acordo com o autor, aproxima-se com o chamado “Novo Jornalismo” norte- americano, onde a natureza diversional desse tipo de jornalismo está no resgate das formas literárias de expressão que em nome da padronização da informação da indústria cultura foram relegadas a segundo plano. O leitor interessa-se menos na informação em si, na essência do fato narrado e mais nos ingredientes de estilo a que recorrem seus redatores.

Assim como acontece com as categorias do jornalismo, os gêneros jornalísticos também atravessam dificuldade de concordância entre os autores, como era de se esperar, já que um se liga ao outro. PENA (2006) explica que ao longo do tempo, a maioria dos autores seguiu a dicotomia básica (notícia X comentário) para enveredar pelo estudo dos gêneros. Dessa forma, há uma classificação a partir da intenção do autor. “Por essa classificação, ele (o autor) realiza uma função, que pode ser opinar, informar, interpretar ou entreter”. (p. 67). O autor questiona se a intenção é o ponto de partida mais adequado e cita Mainguenu que diz que ela é somente um dos caminhos. “As funções também podem ser analisadas a partir da relação com os leitores ou com as instituições, só para citar dois exemplos” (p. 67).

---

<sup>23</sup>Como o pesquisador explica “as charadas, palavras cruzadas, histórias em quadrinhos, que aparecem nos jornais e revistas, como os programas humorísticos do rádio e da televisão, por mais que se articulem com a atualidade, não constituem matérias jornalísticas. São mensagens desvinculadas do real, mais próximas do universo imaginário e portanto classificadas dentro do campo do lazer”. (p. 33).

<sup>24</sup> MARQUES DE MELO, José, *Imprensa feminina no Brasil, Comunicação & Sociedade*. N. 8, São Paulo, Cortez/IMS, 1982, p. 147.

Tendo essa ressalva das diferentes sistematizações, ficamos com a de Marques de Melo que, de acordo com PENA (2006), “levam em conta a geografia, o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento. Além disso, ele inventariou as principais classificações feitas ao redor do mundo”. (p. 67). No livro *A opinião no Jornalismo Brasileiro*, o próprio Marques de Melo explica isso dizendo que mesmo que as empresas jornalísticas “assumam hoje uma dimensão transnacional em sua estrutura operativa, permanecem, contudo especificidades nacionais ou regionais que ordenam o processo de recodificação das mensagens importadas” (p. 40). Só que ele deixa claro que essas especificidades não excluem as articulações interculturais que podem subsistir através das línguas e são prolongamentos do colonialismo. Sendo assim, listamos as classificações desse autor da mesma forma como faz PENA (2006, p. 67-68):

*Classificação francesa* (autor: Joseph Foliet)

Editorial  
Artigos de fundo  
Crônica geral (resenha dos acontecimentos)  
Despachos (reportagens e entrevistas)  
Cobertura setorial  
*Fait divers*  
Crônica especializada (crítica)  
Folhetim  
Fotos e legendas  
Caricaturas  
*Comics* (quadrinhos)

*Classificação norte-americana* (autor: Fraser Bond)

Noticiário  
notícia  
reportagem  
entrevista  
história de interesse humano  
Página editorial  
editorial  
caricatura  
coluna  
crítica

*Classificação alemã* (autor Emil Dovifat)

Informativos  
notícia (fact-story)  
report (act- story)  
entrevista (quote-story)  
De opinião  
editorial  
artigos curtos  
glosa (crônica)

Amenos  
folhetim(resenha cultural)  
crítica  
recreio e espelho cultural (contos, versos, etc.)

Diante dessa variedade de sistematizações, ficamos com a proposta de José Marques de Melo que se apóia inicialmente na de Luiz Beltrão<sup>25</sup>, mas a transforma e, conforme PENA (2006, p. 69), a apresenta da seguinte maneira:

- A) Jornalismo informativo
  - 1. Nota
  - 2. Notícia
  - 3. Reportagem
  - 4. Entrevista
- B) Jornalismo opinativo
  - 5. Editorial
  - 6. Comentário
  - 7. Artigo
  - 8. Resenha
  - 9. Coluna
  - 10. Crônica
  - 11. Caricatura
  - 12. Carta

### **1.5. Jornalismo Opinativo: As Colunas**

Para âmbito de pesquisa, nos interessa o jornalismo opinativo e vamos nos concentrar no momento em um dos gêneros: a coluna<sup>26</sup>. De acordo com MELO (1994), “a coluna procura trazer fatos, idéias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação” (p. 136). Ela tem como “espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública” (p. 137). Ele ainda diz que, segundo Fraser Bond, a coluna surgiu na imprensa norte-americana, no século passado, quando os jornais de doutrinários adquiriam feição informativa.

(...). O público começou a desejar matérias que escapassem do anonimato redatorial e tivessem personalidade. Isso deu lugar ao aparecimento de

---

<sup>25</sup>A classificação de Luiz Beltrão (Cf. MELO 1994, p 59): A) Jornalismo informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem); B) Jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade); C) Jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

<sup>26</sup> Entenderemos melhor depois o porquê de nos concentrarmos agora na coluna. Adiantando, podemos dizer que a conceituação deste gênero denota semelhança com o que acontece em alguns blogs, objetos de nosso estudo.

seções sob a responsabilidade de jornalistas conhecidos, superando a frieza e a impessoalidade do corpo do jornal, e originando espaços dotados de valor informativo e de vigor pessoal. A coluna corresponde à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator. Talvez possa ser identificado como uma sobrevivência, no jornalismo industrial, daquele padrão de jornalismo amador e eclético que caracterizou as primeiras publicações periódicas. (p. 137).

Essa conceituação da coluna nos mostra que o modo em que ela se apresenta pode ser equiparado com a maneira que alguns blogs (objetos principais de nossa pesquisa) se manifestam. Nestes ambientes, podem sobressair as personalidades dos redatores, em muitos casos o anonimato não existe e, no caso de blogs jornalísticos, é feito um jornalismo pessoal, ainda que caibam ressalvas<sup>27</sup>. As colunas apresentam diferentes tipos, de acordo com MELO (1994): coluna padrão, coluna miscelânea, coluna de mexericos, coluna sobre os bastidores da política, etc. O autor ainda explica que estruturalmente a coluna é um complexo de mini-informações, fornece fatos contados com brevidade. “Trata-se de uma colcha de retalhos, com unidades informativas e opinativas que se articulam. São pílulas, flashes, dicas” (p. 138). Além de um caráter informativo que registra o que ocorre na sociedade, deve-se enxergar um lugar que emite juízos de valor com sutileza ou de modo ostensivo. É persuasiva, ou seja, não se limita a emitir uma simples opinião. “Conduz os que formam a opinião pública, veiculando versões dos fatos que lhes darão contorno definitivo” (p. 138).

Nesse sentido, enxerga-se a importância da coluna para a projeção ou destruição de imagens. Dessa forma, o autor esclarece a ligação que existe entre a coluna e os serviços de relações públicas. Quanto mais vezes um nome é registrado nas colunas, de modo positivo, mais legitimação social ele pode adquirir (é a imprensa conferindo *status*). O teórico demonstra a sobrevivência do colunismo na imprensa brasileira da seguinte maneira:

1) O colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do reduzido círculo dos colunáveis (poder/estrelato), dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo, através dos colunistas (...). 2) O colunismo tem a função de “balão de ensaio”. Insinua fatos, lança idéias, sugere situações, com a finalidade de avaliar as repercussões. Isso se chama em linguagem jornalística, “plantar notícia”. (...). 3) Alimentando a vaidade das pessoas importantes (do mundo da arte, do espetáculo e da política) o colunismo oferece ao mesmo tempo “modelos” de comportamento. (...) (p. 140).

---

<sup>27</sup> Nos próximos capítulos, quando exploramos os blogs, podemos ter uma visão maior dessa equivalência entre esses e as colunas.

O autor relata que Edgar Morim acredita que o colunismo nutre-se de um fenômeno social nomeado “olimpismo moderno”<sup>28</sup>. Este significa o universo de novos deuses originado pela indústria cultural. Cabem aqui cantores, escritores, governantes, todos convertidos em *estrelas*. “Seus modos de agir são sugeridos à imitação de toda a sociedade” (p. 141). Ou seja, vale aqui a contínua narrativa da vida dessas pessoas. Para complementação dessa idéia, HERSCHMANN e PEREIRA (2000) dizem que a cultura contemporânea está profundamente marcada pela produção biográfica. Os autores ressaltam que este tipo de narrativa nos noticiários, na mídia e no material ficcional está tão disseminado que teóricos, como Neal Glaber, sugerem que a vida, de certo modo, transformou-se num filme. “Com a sua difusão cada vez maior nos meios de comunicação, nas novas tecnologias, a vida estaria se tornando um entretenimento, um espetáculo grandioso e ininterrupto” (p. 46). Segundo explicam, o ponto é que essas “narrativas biográficas não presenciais e midiáticas nos abastecem de sentidos e significados, orientam em grande medida as nossas vidas” (p. 46).

Mas, os autores procuram problematizar o papel sociocultural dessas narrativas nas sociedades contemporâneas. Partem do pressuposto que mesmo tendo se tornado entretenimento, a vida não produz apenas recreação ou distração. Acreditam que essas narrativas prestam um serviço psicológico, “atendendo a demandas por referências por parte dos indivíduos” (p. 46). Assim, além de voyeurismo, bisbilhotice da vida alheia, a demanda social pelo biográfico demonstra representar, na visão dos autores, “uma intensa preocupação em se produzirem referências – ou reterritorializações- num mundo cada vez mais desterritorializado”. (p. 46).

Essas questões, que valem ser exploradas em nossa pesquisa, evidenciam um fundo cultural amplo, pelo qual o colunismo e a sua sobrevivência seria só uma parte<sup>29</sup>. Além do que já foi dito a respeito das colunas, deve-se ressaltar o poder que um colunista pode ganhar numa sociedade. Como MELO (1994) diz justamente por essa “polarização de poder que adquire, o colunista extrapola a sua atuação profissional como jornalista. Deixa de ser um mero observador da realidade para registrá-la e valorá-la, assumindo o papel de *promotor social*” (p. 143). Por fim, se antes o colunismo estava restrito ao ambiente da alta sociedade<sup>30</sup>, hoje ele se alastra para áreas diversas

---

<sup>28</sup> MORIN, Edgar. *Espírito do tempo*, vol. I – Cultura de massa no século XX. Rio de Janeiro. Forense, 1977, 4ª ed.

<sup>29</sup> Os blogs também são objetos que denunciam a cultura contemporânea do consumo da vida alheia.

<sup>30</sup> A notícia em pequenas notas caracterizou por muito tempo as colunas chamadas de sociais. Seu auge foi durante a década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek. O período de euforia

cobertas pelos jornais diários. No Brasil, os tipos de colunas mais comuns são: coluna social, coluna política, econômica, policial, de cinema, etc. SOUZA (2005) ressalta que

Com a ampliação de assuntos, a parte social das colunas fica hoje restrita a um box de pequenos registros(...). Hoje seus leitores constituem um público bem diversificado. Muitos daqueles que não se interessavam pelas antigas colunas sociais – consideradas por grande parte da opinião pública como “fúteis” – passaram a ler com mais atenção seus enunciados. Alguns assuntos que depois se tornaram de repercussão nacional foram primeiramente noticiados em colunas de notas curtas, que trabalham basicamente com o ineditismo de suas pautas. Políticos influentes divulgam com exclusividade aos colunistas informações sobre os bastidores do poder. Informações estas que podem ser relevantes ao interesse público ou apenas servir ao jogo de interesses de *lobbies* estabelecidos nos principais postos do governo. O jornalista Murilo César Ramos chega a definir como um novo gênero o que ele chama de jornalismo político das colunas sociais. Os colunistas hoje, segundo ele, estariam dedicando o espaço mais nobre das suas colunas à política. (...). Iluska Coutinho vai mais longe e chega a afirmar que os colunistas hoje ocupam o lugar dos modernos *gatekeepers*, no sentido de que as colunas estariam ocupando um papel de filtro, ao selecionarem os assuntos que mereçam destaque no corpo do jornal. (p. 4).

No entanto, este autor acredita que mesmo as colunas de notas mais “sérias” não abdicam do entretenimento. Ele explica que a exposição da vida privada de famosos, ao lado de assuntos públicos, atrai os leitores. Além da linguagem informal, com narrativa conversacional, que é uma constante. “A julgar pela quantidade de colunas em todos os jornais da grande imprensa, este fascínio está longe de se acabar”. (p. 5). O teórico cita Norman Fairclough que indica como características da mídia impressa atual uma tensão entre informação e entretenimento. Além da que acontece entre o público e o privado.

Aproveitando a idéia de que as colunas estariam ocupando um papel de filtro, ao fazerem a seleção dos assuntos que vão merecer destaque no corpo do jornal, podemos nos levar a pensar também no papel que outros meios atuais de difusão de informação, como os blogs, podem exercer junto aos veículos tradicionais. Os primeiros poderiam

---

desenvolvimentista, estimulado por slogans como 50 anos em 5!, o estímulo às importações e a chegada das multinacionais fizeram muita gente acreditar que o Brasil se tornaria um país desenvolvido como as grandes potências da época. Durante este período, surgem as primeiras tentativas relevantes de modernização no jornalismo brasileiro. Dos Estados Unidos, os jornais adaptam as técnicas do lide e da pirâmide invertida. Segundo Ana Paula Goulart, o colunismo durante estes anos representou um verdadeiro movimento contrário frente às novas técnicas de padronização e impessoalização do texto noticioso, calcadas na objetividade, que buscava a construção do anonimato do redator. Nas colunas, o espaço enunciativo produzia efeito inverso, favorecendo a subjetividade e fortalecendo o nome de seus titulares. Enquanto velhos homens de imprensa eram substituídos por jovens acostumados à nova ordem do lide e sublide, os colunistas consolidavam seu prestígio. Havia agora todo um mundo festivo, de recepções, coquetéis, bailes e afins para noticiar. Foi o apogeu das colunas sociais, representado por nomes como Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes, ditando as tendências no comportamento e na linguagem. Pessoas ricas e da chamada high-society eram elevados à categoria de estrelas. (SOUZA, 2005, p. 2).

estar, de certo modo, contribuindo para a seleção do conteúdo dos segundos? Alguns jornalistas acreditam que sim, blogs, por exemplo, podem pautar a imprensa. Notícias exclusivas e assuntos diferenciados postados em blogs podem contribuir para isso<sup>31</sup>.

Assim, mais que pensar numa questão de concorrência, onde a ampla utilização dos blogs tem o poder de estagnar ou fazer desaparecer o jornalismo, nos propomos a refletir de modo menos simplista, pois o que visualizamos atualmente é mais complexo, cheio de combinações. Assistimos, por enquanto, a uma convivência de meios tecnológicos distintos, a difusão de notícias a partir de pessoas que são jornalistas ou não e ao aproveitamento de meios, como os blogs, por empresas jornalísticas, sendo que esses não nasceram com tal objetivo. Dessa forma, nossa preocupação é pensar numa perspectiva que tenta apreender manutenções e mudanças dentro desse campo da tecnologia, da informação e do jornalismo. Blogs, contribuindo para a descentralização da informação, podem de certo modo “minar” a atividade jornalística. Mas, podem estar contribuindo para a operação desta, mesmo que de maneira transformada, seja fornecendo material para a seleção de notícias de um jornal qualquer ou pelo fato de que em um blog também é feito jornalismo<sup>32</sup>.

## **1.6. Teorias do Jornalismo**

Apresentamos algumas características do jornalismo, o seu diferencial, determinados princípios, categorias jornalísticas e gêneros. Falta-nos demonstrar teorias do jornalismo. O intuito é “olhar pra frente”, enxergar todas essas conceituações em torno do jornalismo junto ao contexto atual de novas tecnologias e maneiras de se obter “notícia”. Dessa forma, julgamos que algumas teorias podem ser aplicadas, por exemplo, em um estudo como o nosso que lida com os blogs. Não devem ser descartadas apenas porque foram feitas em contexto distinto. Podem ser por outras causas, unidas ou não a esse motivo do contexto diverso. Claro que também devem ser transformadas, sutilmente modificadas e é bem vindo utilizar outras novas, mais atuais. Vamos explicar algumas e nos ater nas que julgamos necessárias para o nosso estudo.

A Teoria do Espelho é bem conhecida e talvez a mais difundida entre os jornalistas que pretendem passar a imagem de que as notícias são relatadas de modo

---

<sup>31</sup> A matéria “Jornalistas acreditam que blogs podem pautar a imprensa”, de Izabela Vasconcelos, de São Paulo, exibida em 28/1/2010, no portal ([www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br)), mostra essa relação.

<sup>32</sup> Aprofundaremos nessa questão em próximo capítulo.

“ingênuo”, sem qualquer interferência. De acordo com PENA (2006), a base dessa teoria é a “idéia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano”. (p. 125). Conforme o autor explica, o jornalista tem a missão de observar a realidade e emitir um relato. Isso significa buscar uma verdade que, de certo modo, está “pronta” e relatar depois com honestidade e equilíbrio, sem apresentar opiniões.

Essa teoria está atrelada às transformações na imprensa americana na segunda metade do século XIX. “Os fatos substituem os comentários e assim acredita-se que a palavra pode refletir a realidade”. (p.126). Pena ainda relata que até hoje o meio jornalístico defende a teoria do espelho, isso porque o seu conceito contribui para conferir “legitimidade e credibilidade aos jornalistas, tratando-os como imparciais, limitados por procedimentos profissionais e dotados de um saber de narração baseado em método científico (...)”. (p. 126). No entanto, já demonstramos, quando relatamos alguns princípios do jornalismo, que isso pode ser um artifício profissional que procura não refletir sobre o fato de que a verdade jornalística é um processo mais complexo. Como KOVACH e ROSENSTIEL (2004) dizem “essas explicações tornam os jornalistas passivos, meros reprodutores dos fatos em lugar de selecioná-los ou editá-los<sup>33</sup>. É como se eles pensassem que a verdade é alguma coisa que surge sozinha como o pão que cresce no forno” (p. 67). PENA (2006) também expõe os limites da metáfora do espelho, mas diz que a sua intenção não é questionar a integridade dos jornalistas e sim apresentar as diversas teorias do jornalismo.

O teórico, além disso, explica a Teoria do Newsmaking, onde o “jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade” (p. 128). Assim, os jornalistas constroem os discursos que, através de uma série de operações e pressões sociais, formam o que chamamos de “notícia”. O autor apresenta:

Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la. Esses pressupostos estão incluídos no modelo teórico do newsmaking, cuja sistematização feita por autores como Mauro Wolf e Nelson Traquina, por exemplo, leva em consideração critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas da produção. Ou seja, embora a notícia não se esgote na sua produção, é com ela que esse modelo está preocupado. A perspectiva da teoria do newsmaking é construtivista e rejeita claramente a teoria do espelho. Mas isso não significa considerar as notícias ficcionais, sem correspondência com a realidade exterior.

---

<sup>33</sup> Mindich destaca esse fato também em *Just the Facts*, 141.

O mesmo ainda relata que a socióloga Gaye Tuchman é uma das mais respeitadas pesquisadoras desta teoria. Para ela, o processo de produção das notícias é feito como uma rotina industrial, com métodos próprios e fronteiras organizacionais. O jornalista é um participante ativo na construção da realidade, mas não há autonomia irrestrita durante a prática de sua atividade e sim a submissão a um planejamento produtivo. (Cf. PENA, 2006, p. 129). Esse autor diz que isso diminui a pertinência de alguns enfoques conspiratórios na teoria do jornalismo, como o paradigma da “manipulação da notícia”, feita por um jornalista, já que isso seria superado pelas imposições da produção jornalística. “Normas ocupacionais teriam maior importância do que as preferências pessoais na seleção e filtragem das notícias” (p.130). Dessa forma, podemos pensar em possíveis manipulações sob o paradigma produtivo e não sob o intencional. Mas, a teoria não ignora a existência de fatores extras jornalísticos e pressões externas. Pena salienta que tendo em vista a imprevisibilidade dos fatos, as empresas jornalísticas necessitam pôr ordem no tempo e no espaço. Assim, estabelecem práticas unificadas na produção de notícias e é de tais práticas que se ocupa a teoria.

O autor exemplifica uma das práticas com a noticiabilidade. “Como conceito, posso dizer que ela é um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias” (p. 130). Esta prática é então negociada entre os vários membros de uma empresa jornalística que decidem os valores-notícia, critérios que definem quais acontecimentos são interessantes para virarem notícias. O autor finaliza a explicação dessa teoria ao dizer que esses pressupostos de “rotinização” do trabalho que ajuda os profissionais a enfrentarem as suas tarefas cotidianas, não devem ser encarados como deterministas. “Eles não são módulos uniformes e imutáveis. Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação com os agentes sociais” (p. 132).

Outra teoria é a do *gatekeeper* que, segundo o teórico, “é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal (...). O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (p. 133). Sendo grande o número de acontecimentos, só se tornam notícias os que passam por uma cancela ou portão, *gate*, em inglês, coordenada por uma espécie de porteiro selecionador, o *gatekeeper*, que é o jornalista. Este pode optar pela progressão ou não da notícia. A teoria foi perdendo prestígio, substituída por idéias da construção social da realidade,

por exemplo. Os estudos posteriores concluíam que as decisões do *gatekeeper* estavam “mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade do que por uma avaliação individual de noticiabilidade” (p 135). No entanto, como aborda Pena, nas palavras de Mauro Wolf, “o mérito destes primeiros estudos foi o de individualizar onde, em que ponto do aparelho, a ação do filtro é exercida explícita e institucionalmente” (p. 135). Pena diz que a problemática dessa teoria se amplia e os estudos passaram a se concentrar nos contextos relativos à escolha do selecionador, sendo que um desses é o da organização da redação.

Através da Teoria Organizacional vislumbramos um exemplo de estudo que privilegia a importância da organização profissional da redação para se chegar ao produto final: a notícia. Por essa teoria, a atividade jornalística é dependente dos meios usados pela organização. Nesse sentido, o fator econômico é o mais influente condicionante. “O jornalismo é um negócio. E, como tal, busca o lucro. Por isso, a organização está fundamentalmente voltada para o balanço contábil. As receitas devem superar as despesas” (PENA, 2006, p. 135). Caso isso não aconteça haverá a falência da organização e seus funcionários ficarão desempregados. Nesse sentido, Pena, ao explicar essa teoria, ressalta que o setor mais importante de uma empresa jornalística é o comercial, responsável pela obtenção de anúncios que contribuem para sustentar o jornal. Assim, conforme os estudos de Warren Breed, mostrados por PENA (2006), o contexto “profissional-organizativo-burocrático exerce influência decisiva nas escolhas do jornalista. (...). O jornalista, então, acaba socializado na política editorial da organização através de uma lógica de recompensas e punições” (p.136).

Dessa forma, o profissional se conforma com as normas editoriais que se tornam mais relevantes do que suas crenças individuais. Breed apresenta diferentes fatores que causam esse conformismo (a autoridade institucional e a sanção, os sentimentos de dever para com os chefes, as aspirações de mobilidade profissional, entre outros), demonstrando certo determinismo na teoria, mas reconhece que esses podem ser amenizados “pelo sentimento de autonomia profissional da maioria dos jornalistas” (p 137). Assim, apresenta outros fatores que contribuem para fugir do controle social da empresa. Por fim, a conclusão de Breed é que a linha editorial das empresas é na maior parte das vezes seguida, apesar das possibilidades de transgressões.

Mais uma teoria é a do agendamento que “defende a idéia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas

conversas”. (PENA, 2006, p.142). O autor relata que em 1972 quando a teoria do agendamento toma corpo a partir das análises de McCombs e Shaw, o estudo dos efeitos assume outra direção<sup>34</sup>. A finalidade não é mais analisar o papel da mídia na mudança “de opiniões, mas sim sua influência na formação e mudança de cognições, ou seja, na forma como as pessoas apreendem (e aprendem) as informações e formam seu conhecimento sobre o mundo” (p. 144). Nesse sentido, não se preocupa somente sobre o que as pessoas conversam, mas em como essas conversam. O autor exemplifica através da televisão que muda nossos modos de aprendizado, pois “passamos a nos acostumar com a velocidade das edições e a telegrafia da linguagem (...). O tempo da cognição é outro” (p. 144). A teoria da agenda *setting* não crê que a imprensa aspire persuadir.

A influência da mídia nas conversas dos cidadãos advém da dinâmica organizacional das empresas de comunicação, com sua cultura própria e critérios de noticiabilidade (...). Nas palavras de ShaW, citado por Wolf, “as pessoas tem tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo”. É disso que trata o agendamento. (p.144).

O autor explica que tal teoria representa a evolução de uma abordagem quantitativa para uma outra representativa dos efeitos. “O que vale é o significado daquilo a que as pessoas estão expostas e, também, o impacto acumulativo dessa exposição, cuja frequência continuada e cotidiana influencia na cognição” (p. 145). Estudos mais recentes demonstram uma relativização dos pressupostos originais desta teoria. Tais continuam confirmando o efeito da agenda, mas não de modo tão determinista, como frisa Pena.

Quanto à teoria dos definidores primários (também chamada de teoria estruturalista), esta se aproxima da “concepção instrumentalista sobre a atividade jornalística, mas reconhece que ela também está sob a decisiva influência das rotinas produtivas” (PENA, 2006, p. 153). Cabe explicar que pela teoria instrumentalista (ou da ação política) as notícias servem a determinados interesses políticos<sup>35</sup>. O

---

<sup>34</sup> Diversa por exemplo da teoria hipodérmica e da dos efeitos limitados.

<sup>35</sup> A partir dos anos 1960, ganharam corpo e relevância estudos que ressaltavam as implicações políticas, econômicas e sociais no campo jornalístico. (...). Seja tomando posicionamentos de esquerda ou de direita, as teorias instrumentalistas defendem a premissa de que as notícias podem agir como distorções sistemáticas que servem aos interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos, que utilizam as notícias na projeção de sua visão particular de mundo, de sociedade (...). A teoria instrumentalista reforça também a ação pessoal do jornalista, a quem só restam duas opções: contra ou a favor. Sua conduta deve ser guiada rumo à apenas um caminho, de dois lados bastante distintos. O primeiro é o cão de guarda da verdade, o protetor dos mais fracos “doa a quem doer”, o herói do sistema democrático. O segundo seria o capacho das instituições capitalistas, o servo dos neo-senhores do castelo. Essa abordagem foi relativizada

instrumentalismo parte da ideia de pesquisa com base nos estudos de parcialidade que verificam a existência ou não de distorções nos textos noticiosos.

Como QUINDERÉ (2007) explica: assim como a teoria da ação política na versão de esquerda, a teoria dos definidores primários também parte do pressuposto de que os meios de comunicação de massa e o jornalismo acabam por reproduzir a ideologia dominante. Mas, isso acontece “através da relação estrutural e dependente entre as diversas mídias e os definidores de sentido para os acontecimentos, ajudando a construir uma sociedade consensual” (p.06). O autor diz que tal ideia se “afasta do poder de manipulação das notícias pelos jornalistas para chegar ao poder das fontes privilegiadas e institucionais (definidores primários) na construção destas mesmas notícias”. (p. 06). Segundo PENA (2006), a Teoria dos definidores primários mostra que

Sua perspectiva de análise não está centrada na possibilidade de manipulação das notícias por parte dos jornalistas, mas sim no poder que fontes privilegiadas têm na construção dessas mesmas notícias. As possíveis distorções do noticiário não seriam fruto de uma simples conspiração dos profissionais da imprensa com os dirigentes da classe hegemônica, mas, na verdade, uma subordinação às opiniões das fontes que têm posições institucionalizadas, também chamadas de definidores primários. (p. 154).

Apesar da semelhança com a versão de esquerda da Teoria da Ação Política, o controle do jornalismo na preservação de estruturas de poder na Teoria dos definidores não se faz “num processo fechado, pois os veículos de comunicação de massa não fazem parte do aparelho de Estado, possuem lógicas e interesses próprios que podem levá-los a entrar em conflito com os poderosos definidores primários da notícia” (ROCHA, 2008, p.09). Além disso, tais meios podem colher vantagens com as disputas entre as diversas instituições que estruturam a sociedade . Tendo em vista tais ressalvas, ROCHA (2008) conclui:

A tremenda desigualdade no poder de definir a agenda midiática, existente na relação entre os jornalistas e os poderosos do Estado e do mercado, fica patente na distinção que os estruturalistas fazem desses agentes sociais como definidores primários da notícia, enquanto os profissionais da imprensa figuram apenas como definidores secundários. (p. 09)

---

com o passar dos anos por seu aspecto extremamente determinista. Ela deixa de fora aspectos importantes que ajudam a moldar a atividade jornalística, como a ação do contexto histórico ou ações macro-sociológicas mais amplas, a exemplo da noção estreita dos gatekeepers. Entretanto, ela não deve ser descartada como uma mera teoria conspiratória démodé que teve alguma relevância nos anos 1960 e 1970. (QUINDERÉ, 2007, p. 03 -04).

Nesse sentido, pessoas com cargos institucionais, políticos, donos de empresas, delegados, entre outros, funcionam como definidores primários e norteiam o trabalho da imprensa, definindo o rumo das notícias. PENA (2006) salienta que é bom lembrar de que modo as rotinas de produção e o anseio pela objetividade influenciam esse processo. A “preferência pela opinião dos poderosos funciona, na verdade, como uma defesa para o jornalista. Ao colher um depoimento que legitima a informação, ele se esconde atrás da palavra do outro” (p.154). O autor exemplifica: se o ministro disser que a violência diminuiu, o jornalista sente-se protegido ou acomodado e não precisa procurar a confirmação. Entrevista, no máximo, alguém da oposição que defenda algo contrário. Dessa forma, ele “demonstra objetividade, mas quem perde é o leitor que não sabe qual é a informação exata. Além disso, as pressões do *deadline* também privilegiam os definidores primários” (p.154). Isso porque, na hora do fechamento, o jornalista acaba dando preferência a uma fonte conhecida, “respeitada”.

Ao falarem sobre a questão da transparência jornalística, KOVACH e ROSENSTIEL (2004) ressaltam que a única maneira de dizer ao público o quanto sabe um jornalista é revelar ao máximo sobre suas fontes e métodos. “Quais são nossas fontes? Que tanto sabem elas? Que preconceitos mostram? Existem relatos conflitantes?” (p. 126). Os autores dizem que uma boa parte das “limitações enfrentadas pelos jornalistas ao tentar passar da exatidão à verdade são corrigidas, se não superadas, se formos honestos sobre a natureza do que sabemos, por que confiamos nisso e que esforços fazemos para saber mais” (p. 127). Nesse sentido, a transparência se torna uma proteção contra erros e enganos advindos das fontes. Se a melhor informação existente “advém de uma fonte altamente preconceituosa, nomear essa fonte revelará ao público algum possível preconceito embutido na informação – e talvez também iniba a fonte de desviar-se da verdade.”. Os autores dizem isso, porque observam, além da pouca busca pela investigação da “personalidade” de uma fonte, um apagamento do simples nome desta, por exemplo, daí o termo “fontes disseram”, um modo de economizar tempo.

Voltando especificamente à teoria dos definidores primários, PENA (2006) explica que os próprios defensores dela tratam de relativizá-la. O autor apresenta Stuart Hall que acredita que “os jornalistas têm uma lógica específica (cultura profissional) e podem entrar em conflito com os definidores primários. Além disso, há sempre uma disputa pelo poder entre as instituições, o que pode levar as versões contraditórias sobre o mesmo assunto” (p. 155). Pena cita as reportagens investigativas que podem desafiar fontes poderosas e acrescenta que não há como ser tão determinista, enxergando tal

teoria de forma estruturalista, com idéias imutáveis e atemporais. Além de não poder limitá-la ao padrão instrumentalista de servir aos propósitos de uma classe.

Mas, o autor relata que mesmo assim “Hall insiste em classificar esses fatores como secundários, pois o ponto chave da teoria é que a mídia reproduz a ideologia dominante e perpetua o *status quo*” (p. 155). Porém, este fato pode ser explicado pela relação entre a mídia e a opinião pública, da forma ressaltada na teoria da espiral do silêncio. O autor explica que “essa teoria defende que os indivíduos buscam a integração social através da observação da opinião os outros e procuram se expressar dentro dos parâmetros da maioria para evitar o isolamento” (p. 155). Para Noelle-Neuman<sup>36</sup>, conforme PENA (2006)

As pessoas tendem a esconder opiniões contrárias à ideologia majoritária, o que dificulta a mudança de hábitos e ajuda a manter o *status quo*. A opção pelo silêncio é causada pelo medo da solidão social, que se propaga em espiral e, algumas vezes, pode até esconder desejos de mudança presentes na maioria silenciosa. Só que esses desejos acabam sufocados pela espiral do silêncio. Ou seja, as pessoas não só são influenciadas pelos que os outros dizem como também pelo que imaginam que eles poderiam dizer. (p. 155).

Os meios de comunicação tendem a priorizar as opiniões que parecem dominantes<sup>37</sup>, “consolidando-as e ajudando a calar as minorias (na verdade majorias) isoladas. Nesse ponto, a espiral do silêncio aproxima-se da teoria dos definidores primários” (p. 156), já que as duas defendem que a prioridade é causada pelo fácil “acesso de uma minoria privilegiada (as fontes institucionais) aos veículos de informação” (p. 156). Assim, finaliza Pena, opiniões que aparentam consensuais se perpetuam, já que a maioria silenciosa não se expressa, não é ouvida pela mídia, fato que demonstra que o conceito de opinião pública está distorcido. Sobre as mudanças deste conceito há as considerações de CHAUI (2006) já relatadas neste trabalho.

Para âmbito de nossa pesquisa, que lida com os blogs jornalísticos sobre política, mais especificamente, a teoria do newsmaking, do *gatekeeper*, do agendamento, dos definidores primários e a espiral do silêncio são úteis. A primeira por compartilharmos da questão da construção social da realidade e não da idéia de que o jornalismo expressa

---

<sup>36</sup> A primeira vez que se ouviu esse conceito foi em 1972, durante o 20º Congresso Internacional de Psicologia, em Tóquio, no *paper* intitulado *Return to the Concept of powerful mass media. Studies of broadcasting 9*, da alemã Elisabeth Noelle-Neuman. Mas somente em 1984 a pesquisadora relacionou suas idéias em um único livro, publicado nos Estados Unidos com o nome de *A espiral do silêncio*. (PENA, 2006, p. 155).

<sup>37</sup> Vale lembrar a citação de Marx que fizemos no item 1.1.1.

o espelho desta, relatada na teoria do Espelho. Além da importância que a rotina de produção adquire sobre a notícia. A segunda teoria, apesar de se afastar da teoria do newsmaking, cabe na questão dos blogs, pois o blogueiro é encarado como o dono do domínio, aquele que tem o poder de seleção dos fatos noticiáveis. Essas duas teorias acabam se “casando” em nosso trabalho, porque enxergamos tanto o poder de uma rotina de produção típica de blogs que de certo modo pertencem a empresas jornalísticas, e eles seguem os preceitos destas, como a individualidade do blogueiro e as porções que ele trabalha sem interrupção. Quanto à teoria do agendamento, é válido que os meios de comunicação agendam nossas conversas que no caso dos blogs podem ser logo notadas a partir dos comentários feitos nesses meios e das interações que alguns participantes exercem entre si acerca dos assuntos relatados nesses meios.

Consideramos útil a teoria dos definidores primários e a espiral do silêncio já que fontes privilegiadas, perto e dentro do círculo de poder, são utilizadas por jornalistas que lidam com blogs políticos, mas não ignoramos o fato de que elas costumam não ser citadas. Também compartilhamos da idéia de que há a manutenção de um *status quo*, justamente pelo poder que essas fontes possuem junto aos meios e pelo fato de uma maioria não se manifestar ou simplesmente se calar ou ser constantemente influenciada diante de uma idéia dominante. Outros fatores ligados a tais teorias serão abordados em próximos capítulos que aprofundarão o estudo sobre os blogs.

## **1.7. Os Blogs**

Assim como o jornalismo, os blogs possuem histórico, características, conteúdos e gêneros diversos. Tentaremos, então, compreender esse universo dos blogs, já apontado neste trabalho, mas ainda não explorado. Também vamos compará-lo com o campo jornalístico. Portanto, o blog ou Weblog, segundo a definição clássica, é um diário mantido por um usuário na internet. O termo weblog, conforme BORGES (2007), “é resultante da junção da palavra inglesa *web*, derivada do protocolo de navegação na Internet *World Wide Web*, e da palavra *log*, que indica registro” (p. 03). FERRARI (2008) afirma que a designação apareceu “pela primeira vez em 1997, quando John Barger chamou seu diário pessoal na rede de ‘weblog’, algo como registro na web” (p.

08) <sup>38</sup>. Dessa forma, é comum encontrar definições que associam os blogs à idéia de escrever e divulgar coisas de interesse íntimo e opiniões. No entanto, escapando de generalizações, essa ferramenta, apesar de ainda ser usada para esse fim, apresenta atualmente outros tipos de narrativas e objetivos<sup>39</sup>. Entre estes, o mercadológico.

Antes de entrar numa questão de classificação, cabe a descrição de que os blogs apresentam textos, cujo conteúdo é um conjunto de mensagens (posts) frequentemente curtas, publicadas de modo instantâneo na web e organizadas cronologicamente (o último post fica acima dos demais). Os Weblogs têm ainda a possibilidade de mostrar as mensagens (sejam elas textos, imagens, vídeos ou a mistura de tais) com data de publicação, o que permite ao visitante verificar de modo quase imediato se os blogs foram atualizados ou não. Acrescenta-se, de acordo com RECUERO (2003), que esses “diários on line” “geralmente possuem layouts prontos e dispensam a necessidade de que o blogueiro saiba a linguagem HTML<sup>40</sup>, principal barreira para a colocação de conteúdo na Web” (p. 01). A autora ainda cita que “os weblogs possuem uma estrutura-padrão (talvez, exatamente por conta da estrutura das ferramentas<sup>41</sup> em que se baseiam) e por isso, são facilmente distinguíveis na Internet”. (p. 02). Outro recurso apresentado é uma área destinada aos comentários dos visitantes acerca do conteúdo que é postado pelo blogueiro. Com base nessa área que possibilita uma “interação”, autores acreditam que os blogs instauram um novo tipo de comunicação, mais democrática.

São por essas facilidades de uso também que a blogosfera não pára de crescer. Esta, segundo FERRARI (2008), está dobrando de tamanho a cada seis meses e meio. Apresenta-se “60 vezes maior do que em 2003, de acordo com relatório “O Estado da

---

<sup>38</sup> No Brasil, de acordo com Inagaki, em “25 Momentos da Blogosfera”, a gaúcha Viviane Menezes foi a primeira brasileira a criar um blog, em fevereiro de 1998: o “Delights to Cheer”, escrito em inglês. Já em 31 de março de 1998, surgiu o primeiro blog brasileiro em português: o “Diário da Megalópole” de Renato Pedrosa. Tal informação foi retirada do site da revista Época: (<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74942-5856,00.html>).

<sup>39</sup> Como PRIMO (2008, p. 07) salienta é preciso firmar que blogs são meios de comunicação. A criação de um blog/espaco não determina necessariamente se ele será mantido de forma individual ou coletiva, tampouco se servirá a interesses lúdicos ou comerciais. Ao se instalar um blog/programa em um servidor ou passar a se utilizar um serviço gratuito (como Wordpress.com ou Blogger.com) não se está subscrevendo um compromisso com este ou aquele estilo literário. Logo, definições que caracterizem blogs, por exemplo, por produção individual, de tom confessional, por uma determinada faixa etária, não passam de postulados generalistas. São, portanto, visões essencialistas que, no fundo, servem apenas a intenções normativas (que visam impor como blogs “deveriam” ser) ou a críticas fáceis (como “blogs nunca têm credibilidade”).

<sup>40</sup>HTML - Hypertext Markup Language – Linguagem em que se baseia a maioria dos websites disponíveis na Internet.

<sup>41</sup>Essas ferramentas são disponibilizadas na Internet, muitas de modo gratuito. Entre as principais, podemos citar o Blogger (Pyra), o Blogger.com. br (Globo) o Weblogger (Terra), o Blig (IG) e o Movable Type.

Blogosfera”, realizado por David Sifry e publicado pelo site Technorati (<http://www.technorati.com>), em agosto de 2006”. (p. 07). A autora acrescenta ainda que “em média, um blog novo é criado a cada segundo na rede, o que somam 75 mil novos blogs por dia, perfazendo uma cifra gigantesca de 50 milhões de blogs monitorados” (p. 07). Porém, é preciso lembrar que dificilmente sabe-se o número de blogs que são abandonados ou não atualizados. Ou seja, criar um blog é fácil atualmente, mas nem sempre eles são mantidos por seus donos. No artigo, “Ex-blogueiros contam por que deixaram suas páginas”<sup>42</sup>, VASCONCELOS (2010) expõe que são vários os motivos que fazem os blogueiros pararem de escrever: falta de motivação, ou seja, chega uma hora que acaba o prazer de escrever; pressão dos leitores que cobram por atualizações e novidades e os blogueiros não gostam de postar sob pressão; casos de plágios que irritam os blogueiros que são copiados.

FERRARI (2008) cita as principais áreas cobertas pelos blogs: “política e governo com 37%; entretenimento com 11%; esportes com 7%; notícias 6%; negócios 5%; tecnologia 5%; religião, espiritualidade ou fé 4%; passatempos 2%; saúde 1%.” (p. 08). Observamos, então, uma divisão por temáticas. Nesse sentido, vamos entrar agora na questão de classificação que passa do limite daquela definição clássica onde blogs são associados aos diários íntimos. RECUERO (2003) explica que várias vezes, os weblogs “atuam como “diários virtuais”, limitando-se a relatar as experiências pessoais do dia-a-dia de alguém. Em outras vezes, são um apanhado de informações coletadas do ciberespaço” (p. 02), apenas “linkadas” e comentadas. Podem constituir também tentativas de ficções ou ainda um tipo de revista eletrônica, “mesclando informações variadas discutidas do ponto de vista crítico do autor. Os weblogs ainda podem ser uma mescla de todos esses estilos”. (p. 02). Ela ainda relata que alguns são escritos por meio de “várias mãos (embora todas devidamente identificadas). Outros são escritos apenas por um autor. Como se vê, trata-se de um fenômeno extremamente complexo” (p. 02). Não são definidos, assim, apenas com base em uma categoria de publicação.

Essa última autora faz uma categorização, mas deixando claro que não são divisões estanques e que podem passar por revisões:

- a) Weblogs Diários – São os weblogs que se referenciam principalmente à vida pessoal do autor. O seu objetivo não é trazer informações ou discuti-las, mas, simplesmente, relatar fatos cotidianos, como um diário pessoal.

---

<sup>42</sup> Artigo de 28 de janeiro de 2010, exposto no site ([www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br)).

- b) Weblogs Publicações – São weblogs que se destinam principalmente a trazer informação de modo opinativo. Buscam principalmente o debate e o comentário. Alguns possuem um tema central, outros tratam de generalidades.
- c) Weblogs Literários – São os weblogs destinados ou a contar uma história ficcional ou, simplesmente, ser um conjunto de crônicas ou poesias com ambições literárias.
- d) Weblogs Clippings – São os weblogs que simplesmente se destinam a ser um apanhado de links ou recortes de outras publicações, com o objetivo de filtrar a informação publicada em outros lugares.
- e) Weblogs Mistos – São aqueles que efetivamente misturam posts pessoais e posts informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto e opinião pessoal do autor. (p. 03).

Já HERRING et al (2004), segundo PRIMO (2008), apresentam uma “tipificação de blogs em 5 categorias: diário pessoal, filtro (comentários sobre atualidades), K-log (registro e observações sobre um domínio do conhecimento), misto (mixed) e outros” (p. 02). No entanto, este último autor ressalta que as categorias “misto” e “outros”, propostas pelos teóricos citados, “abarcariam uma grande quantidade de blogs com diferenças significativas entre si”. (p. 02). Alerta PRIMO (2008) que a divisão por temáticas também (blogs educacionais, políticos, etc.), ainda que seja importante observar a tematização, não é suficiente para analisar com profundidade o ato do blogar em sua complexidade. Dessa forma, concordando com a idéia de que as definições de blogs como diários pessoais revelam suas limitações e fazendo algumas ressalvas relativas a essas categorizações propostas pelos autores citados aqui, PRIMO (2008) sugere um novo método para a tipificação de blogs que abarca 16 gêneros. “Tendo como base que gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2005, p. 279), que eles têm um impacto sobre a organização da fala<sup>43</sup> e que textos são situados social e historicamente” (p. 02), o teórico utiliza uma matriz para tipificação de blogs (p. 03), mostrada na figura abaixo:

### **Figura 1**

---

<sup>43</sup> Bakhtin (2005, p. 312) refere-se à “força normativa do gênero”.

		INDIVIDUAL		COLETIVO	
		Profissional	Pessoal	Grupal	Organizacional
DENTRO	Auto Reflexivo	1	5	9	13
	Informativo Interno	2	6	10	14
	Informativo	3	7	11	15
	Reflexivo	4	8	12	16
FORA		INTERAÇÕES FORMALIZADAS		INTERAÇÕES FORMALIZADAS	
			INTERAÇÕES COTIDIANAS		

REFLEXÃO  
RELATO  
REFLEXÃO

**Matriz para tipificação de blogs**

Interessa-nos aqui os blogs profissionais reflexivos. Em primeiro lugar, cabe a definição do autor quanto aos blogs profissionais. Feitos cada um por uma só pessoa com especialização em determinada área, “na qual atua profissionalmente, cujo impacto pode ser identificado nos posts. Não importa aqui se este profissional possui educação formal em sua área de atuação”. (p. 03). PRIMO (2008) explica que tal atividade, acarreta, porém, algumas restrições ao texto. O autor, ao assinar as postagens, como um especialista sabe que a credibilidade do que posta reflete a reputação construída com o tempo, em razão de suas ações como profissional.

(...). A enunciação deste sujeito é objetivada em virtude de sua inserção no mercado (no comércio, na educação formal, na pesquisa, em consultorias, etc.). Mesmo que o tom dos posts possa ser informal, o que é dito é determinado em virtude de estratégias que visam criar ou manter frentes de atuação profissional. Como se vê, o blog é tematizado pelo trabalho e/ou especialidade do autor. Isto não quer dizer que os posts tenham sempre precisão inquestionável, nem que o blogueiro não possa expressar suas opiniões pessoais sobre os assuntos que segmentam o blog. Entretanto, todos esses pareceres são avalizados por alguém que possui aprofundamento em determinada área, que ultrapassa o que um leigo conhece, mesmo que tenha feito diversas leituras sobre o mesmo tema, movido por uma curiosidade fortuita. (p. 03).

Vale acrescentar, segundo PRIMO (2008), que “um blog que seja mantido com o fim primeiro de buscar rendimentos através da veiculação de propaganda será também classificado como blog profissional” (p. 04). Nesse sentido, a publicação no blog constitui-se ela própria uma atividade profissional. O autor desse tipo de weblog é

“chamado, no jargão da blogosfera, de *problogger*. Esse novo profissional da Web pode tanto atuar basicamente na atualização do blog, quanto mantê-lo em paralelo com outras atividades” (p. 04) <sup>44</sup>. No entanto, o autor alega que o lucro não é padrão para a classificação de um blog como profissional. Há blogs profissionais em que o lucro com propaganda também é eventual, além de outros que não mostram qualquer tipo de propaganda externa. Alguns funcionam como auto-promoção do profissional (uma forma de publicidade). “De toda forma, o blog de um arquiteto ou de um professor, por exemplo, mesmo que sem propaganda, será considerado como blog profissional por tratar apenas de temas relativos a sua área de atuação”. (p. 05). Desta forma, o autor lista quatro gêneros de blogs profissionais, possíveis de serem encontrados na matriz<sup>45</sup>, de onde nos interessa a definição do blog profissional reflexivo:

Este blog individual é marcado pelas opiniões e críticas que publica sobre temas relativos à área de atuação do profissional. Blogs de jornalistas que focam determinado tema (que discutem futebol ou política, por exemplo), o que se aproxima da prática de colunismo/articulismo de jornais e revistas, são também exemplares deste gênero. Vale lembrar que análises críticas de especialistas em determinado segmento, mesmo que sem certificação universitária, e/ou de probloggers fazem parte deste tipo de blogs. Incluem-se neste gênero, também, os blogs com textos e imagens humorísticas de autoria de probloggers.

Tal definição deste gênero de blog se ajusta aos blogs de jornalistas que escrevem acerca da política. Alguns blogs *de* políticos conhecidos nacionalmente, por exemplo, também parecem corresponder, inicialmente, a essa categoria, porque, embora causem a dúvida de constituírem blogs pessoais reflexivos<sup>46</sup> e possam até se auto-intitular pessoais, não são feitos por sujeitos comuns e sim por pessoas experientes no

---

<sup>44</sup> Muitos probloggers escrevem periodicamente sobre algum tema específico, no intuito de atender uma audiência bastante segmentada. Outros preferem publicar posts (originais ou copiados de outros blogs/lugar) sobre temas em voga, assuntos polêmicos, fórmulas de lucratividade fácil e sobre modelos e celebridades (normalmente em fotos provocativas ou envolvidas em escândalos). Os blogueiros profissionais que mantêm este tipo de blog buscam principalmente o chamado “para-quedaista”, aquele leitor eventual que visita o blog em virtude de uma busca no Google.

<sup>45</sup> Blog profissional auto-reflexivo; profissional informativo interno; profissional informativo; profissional reflexivo.

<sup>46</sup> Seguindo a definição de PRIMO (2008, p. 08), um blog pessoal reflexivo é individual no qual o blogueiro comenta as informações que recebe, analisa criticamente as notícias da mídia e demonstra suas opiniões sobre produtos culturais (livros, filmes, músicas, exposições, etc.). Pode tratar-se de blog temático (voltado para resenhas críticas de filmes, por exemplo) ou de comentários generalistas. (...) O gênero pessoal reflexivo caracteriza-se pela ênfase nos comentários sobre as ações e produtos de outras pessoas e organizações ou sobre a atuação de governos, políticos, esportistas, etc. E, diferentemente dos blogs profissionais, quem fala aqui é o sujeito comum, não um especialista em determinada área. Ou seja, os posts não se baseiam em argumento de autoridade. Como a voz no blog não se apresenta como aquela de um expert (mesmo que o blogueiro o seja em determinado segmento), as opiniões não são formatadas estrategicamente, tendo em vista objetivos profissionais.

campo da política e que podem formatar opiniões de modo estratégico. Mais longe ainda da categoria de “pessoal”, vale acrescentar que os blogs de alguns políticos também podem estar dentro da categoria de “blog organizacional reflexivo”, pois com as “direções e intenções” de alguns políticos esses veículos podem chegar a constituir “equipes”, com divisões de tarefas, para que sejam postadas as informações.

Dessa forma, entende-se neste trabalho a diferenciação dos blogs de política em dois grupos: o primeiro, de perfil claramente jornalístico, e o segundo composto por blogs escritos por políticos. BORGES (2007), em artigo intitulado “Blogs de política, blogs de políticos e a influência na cobertura jornalística”, faz essa mesma divisão, no entanto, nos parece que ao mesmo tempo em que o autor nomeia blogs de políticos como pessoais, ele reconhece os objetivos estratégicos dos mesmos e sabe que a autoria não é de uma pessoa comum, o que os colocaria dentro da categoria de profissionais. Talvez, porque não é um objetivo do teórico entrar numa questão de classificação ou ele se direciona aos mesmos como “blogs pessoais”, apenas no sentido de pertencimento e não a tudo que tais palavras se referem, tendo em vista a definições de PRIMO (2008).

Vale acrescentar que ao relatar o que acontece nos blogs de políticos, como na passagem “dotados de perfil fortemente personalista, muitos deles com espaços noticiosos semelhantes aos blogs jornalísticos (opinativos e/ou intencionados), eles pretendem oferecer o outro lado da notícia” (p.13), BORGES (2007) não deixa de enxergar semelhanças com blogs jornalísticos. Eis a continuação da passagem anterior: “ora, essa proposta coincide, em certa medida, com os blogs jornalísticos, mesmo aqueles abrigados em webjornais de grandes empresas” (p. 13).

Portanto, dentro da assertiva de PRIMO (2008), entendemos que tanto os blogs de política dos jornalistas, como os que pertencem aos políticos, se “alimentam” profissionalmente de fatos políticos. Embora um político blogueiro apresente uma “real” vontade de blogar por prazer e pelo querer compartilhar informações, este blog não é feito por uma pessoa comum e apresenta objetivos profissionais. Este blogueiro, verificados o seu histórico e experiência no âmbito político, pode ser caracterizado como um “especialista”, ainda que suas informações possam ser questionáveis, por serem posicionadas politicamente. Aliás, as de jornalistas, opinativos ou não, também podem ser questionadas. No entanto, cabe ao usuário atribuir credibilidade ou não aos blogs que pertencem a esse gênero. Alguns princípios, como precisão e verificação ao postar uma informação, por exemplo, deveriam ser executados nesses blogs de jornalistas e políticos. Não se deve cobrar apenas dos jornalistas elementos como

veracidade e investigação ao produzir uma informação, mesmo que historicamente e idealmente tais elementos estejam ligados ao campo da imprensa.

Acreditamos que, se é informação, que seja dada de modo responsável, comprometido com os cidadãos, independentemente de quem as fornece. Interessante frisar isso, porque atualmente escutamos que “todos podem fazer jornalismo”, daí os questionamentos ligados à necessidade de manutenção da profissão, sobretudo no contexto de ampliação das tecnologias, com suas novas ferramentas. Mas, quando a “pobreza do ato de debruçar-se” sobre uma informação aparece, frases como “não sou jornalista” e “não tenho obrigação com a veracidade” aparecem como justificativa. Nessa conjuntura, de modo mais geral, alguns acreditam que qualquer blogueiro pode substituir um jornalista que colhe e distribui informação. Como Igor Ribeiro, com colaboração de Fabrício Teixeira, escreve em artigo “Igual, mas diferente”, em setembro de 2008, na Revista Imprensa:

Há quem defenda que novas mídias (...) exercerão cada vez mais o papel de informação e entretenimento antes restritos aos veículos de massa, detentores de grandes audiências e equipe profissionalizada, e tradição histórica, como os jornais impressos e a televisão. Desse complexo panorama de transformações surge uma analogia entre as mídias tradicionais e digitais e, conseqüentemente, uma irrefreável indagação: o blogueiro é o novo jornalista?

Nesse mesmo artigo é mostrada a posição de alguns blogueiros que buscam se afastar de tal comparação, apesar de apresentarem formação ou conhecimento sobre o que escrevem em seus blogs, além de fazerem uso de uma abordagem informativa, sempre atualizada e estarem fechando aos poucos seus limites éticos. A ética e a responsabilidade talvez sejam as chaves para não entrarmos nesta discussão, pois, como já dito, se a matéria prima é informação que esta seja trabalhada de modo responsável, comprometido com os cidadãos, independentemente de quem as fornece. Reafirma-se aqui, porém, que o jornalista não é dispensável, pois possui um diferencial (a capacitação profissional) em relação a um blogueiro que não tem tal capacitação. Mas, além desse diferencial, é preciso pensar na ética e na responsabilidade ao divulgar uma informação. Esse cuidado deve permear os dois universos (jornalistas e blogueiros) que não são totalmente distintos. Nossa pesquisa foge dessa distinção, pois avaliamos, além de outras questões, justamente blogs feitos por jornalistas. Nesses ambientes, possivelmente aproveita-se um pouco das características desses dois mundos e é isso

também que queremos detectar, sobretudo porque nessa junção acreditamos que alguns princípios jornalísticos devem ser mantidos.

A intenção ao apresentar um histórico do jornalismo, seus princípios, gêneros, teorias e analisá-los nessa dissertação em conjunto com um novo campo de estudo (os blogs), é perceber possíveis manutenções e mudanças na forma de encarar o jornalismo e a própria identidade do profissional. A importância disto não é restrita apenas ao âmbito das comunicações, das tecnologias ou da área jornalística. O jornalismo e esses fatores comunicativos exercem um papel fundamental sobre toda a sociedade e estão continuamente, conjugados com ordens diversas, construindo uma cultura e uma memória. RIBEIRO (2000) salienta que “a História foi perdendo o papel central na construção da memória oficial com a inserção das novas tecnologias de comunicação no tecido das sociedades industriais” (p. 33). Sendo que atualmente, cada vez mais, são os “meios de comunicação o *locus* principal em que se realiza o trabalho sobre as representações sociais. A mídia é o principal *lugar de memória* e/ou de *história* das sociedades contemporâneas” (p. 33). Os jornais passam a representar os diários da humanidade, segundo tal visão. Além disso, hoje a imprensa está em toda parte ampliando a formação desses acervos, em conjunto com memórias individuais que se tornam públicas, através de meios como os blogs. Por isso, no próximo capítulo, antes de refletir sobre a identidade do profissional de imprensa, através dos blogs, por exemplo, vamos analisar de que forma o conceito de memória está sendo especulado atualmente nesse contexto de ampliação das tecnologias e suas ferramentas, que tipo de memória está sendo criado e quais são as suas características.

## **Cap 2 – Tecnologia, Memória, Identidade e Blogs**

A análise das identidades dos sujeitos contemporâneos, mesmo quando demarcada ao campo profissional dos indivíduos, no caso o âmbito jornalístico, é perpassada pelo entendimento de uma questão, entre várias outras: a formação da memória. Ou seja, para a compreensão do “eu” e seus variados projetos de vida (aquí entra a idéia de futuro), é importante não perder de vista o fato de que todos nós possuímos históricos, contatos anteriores, lembranças, repertórios sócio-culturais. Fatores que, quando ligados ao âmbito das relações sociais e ao contexto atual, podem nos fornecer pistas para as noções de identidades.

VELHO (1994) ressalta que “o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (p.101). O autor lembra que em sociedades onde predominam ideologias individualistas, a noção de biografia ganha importância e a trajetória do sujeito passa a ter um grande significado como elemento constituidor da sociedade. Diferentemente do que ocorre em uma sociedade tradicional e holista, onde o indivíduo é “englobado pelo clã, linguagem, tribo, etc” (p. 99), ou seja, a biografia do sujeito biológico não é enfatizada, mas há o destaque na continuidade de uma categoria social abrangente. “Assim, a memória socialmente significativa é a da unidade englobante” (p. 99).

Mas, quando a memória do indivíduo (com suas experiências pessoais, desejos, frustrações e triunfos) tem maior importância numa sociedade, ela é tida como o marco que indica a noção de sua singularidade enquanto indivíduo. Dessa forma,

Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna. A psicologização da sociedade é etapa decisiva nesse processo. O psiquismo individual é, nesta vertente, o foco privilegiado de significados. (...). A memória tem um significado fundamental nesse processo. O inconsciente freudiano, a repressão, as associações, assim como as escolhas e opções a nível individual constituem a matéria-prima de toda uma vertente mais do que expressiva da produção e do consumo intelectuais contemporâneos. (VELHO, p. 99).

O autor ainda ressalta que algumas sociedades e culturas privilegiam outros tipos de unidades, tornando-as fundamentais e significativas, e que mesmo dentro da sociedade ocidental moderna há descontinuidades, diferenças quanto à maior ou menor valorização do indivíduo, em termos socioculturais. Podemos lembrar alguns segmentos e situações sociais em que fica nítida a subordinação do indivíduo a unidades generalizantes e hierarquizantes, como as instituições e grupos religiosos, o mundo militar e até organizações empresariais. Tendo em vista tais ponderações relativas ao modo de encarar a posição do “eu” na sociedade e a relevância do papel da memória na construção da identidade, a proposta aqui é nos aprofundarmos na análise de alguns questionamentos, como: será que, diante da enorme variedade e quantidade de teorias e notícias sobre memória, como as que falam sobre “processos de armazenamento e melhoramento” desta, vinculadas ao respeitado meio científico, nós já paramos para pensar no que é memória? Ou simplesmente saímos por aí acreditando nas “verdades” que nos contam sobre tal assunto? A memória, índice primordial para a construção de um “eu”, é algo que pode ser depositado em um lugar? Caso sim, há na contemporaneidade espaços confiáveis para ‘arquivarmos’ esse bem tão precioso? Interessa-nos agora refletir sobre tais perguntas, que antes de enfatizarem uma relação da memória com a construção da identidade, tentam é compreender as formas que determinados conceitos sobre memória nos aparecem no dia a dia.

Além de tais questões, a intenção é analisar qual seria a relação dos blogs, autobiográficos ou não - nesse sentido ainda não entramos numa questão de gêneros dos blogs - com os aspectos ligados as memórias e identidades. Os blogs representariam tipos de suportes ou ancoragens das memórias - e dos próprios sujeitos do ocidente

historicamente ligados a uma crença de essência estável<sup>47</sup> - pelo qual seria possível diminuir as sensações de memórias “perdidas”, “esquecidas” ou inadequadas, frente ao ritmo acelerado atual e propostas tecnológicas de transformações da sociedade<sup>48</sup>? Nesse sentido, tendo em vista essas sensações, um blog, ao depositar arquivos, com conteúdos de alguma forma ligados ao sujeito/blogueiro, estaria representando mais uma forma tecnológica de acessar a memória. Tais suspeitas serão exploradas adiante.

Perante um agitado contexto contemporâneo, que apresenta informações vindas de diversos meios, como livros, jornais, televisão, revistas e internet, pode-se dizer que estamos em um mundo em que prevalecem expressões populares como “tempo é dinheiro”, “nunca deixe pra amanhã o que você pode fazer hoje” e ainda, para alguns casos, é bem - vinda a expressão “memória de elefante”<sup>49</sup>. Mas, como queremos ir além de uma simples descrição desse acelerado ritmo, o que nos interessa é destacar que tal elucidação liga-se a vários desdobramentos e aprofundamentos entre os discursos que falam de “memória” e “identidade”, alguns objetos de nossa análise. Torna-se estimulador abrir espaços para as diferentes maneiras de se conceber a identidade nos dias atuais (o que garante a explanação de teorias distintas), além de ser instigante tentar contemplar tais teorias dentro do objetivo de apreciação de novos objetos da informação e interação, que crescem a cada dia, representados neste trabalho pelos blogs. Também chamados de novos “diários íntimos” dos sujeitos.

## **2.1. Memória e Contemporaneidade**

Ao nos concentrarmos inicialmente no aspecto da memória compreendemos que podemos obter “pistas” para o entendimento da noção de identidade. Sendo assim, um dos discursos mais disseminados hoje em dia é o que lamenta a “memória pouco produtiva ou adequada” frente ao tempo turbinado atual. Por essa via acredita-se ser viável manipular a memória para que ela passe por processos de melhoramento e

---

<sup>47</sup> Neste momento, as memórias analisadas são as pessoais e não as institucionais ou memórias públicas. Sendo assim, as memórias serão tratadas aqui como requisitos essenciais para a constituição das identidades dos sujeitos.

<sup>48</sup> Como PENA (2004) complementa: manifesta-se o próprio medo da perda da memória, outra razão para a sua supervalorização na atualidade, embora não se possa dizer que este é um medo novo. A cada nova técnica de armazenamento descoberta há resistências. Foi assim com o alfabeto grego, com a imprensa de Gutenberg, o satélite e o computador, etc.

<sup>49</sup> Exemplos de outras expressões populares condizentes com os dias atuais: “cabeça vazia é oficina do diabo”; “cresça e apareça”; “dança-se conforme a música”; “dinheiro é a alma do negócio”; “enquanto você vem com o fubá, o meu bolo já está pronto”.

aperfeiçoamento, compatíveis com o desejo de cada um (como apagar algumas recordações ou implantar chips cerebrais específicos), e em consonância com a dinâmica contemporânea do veloz e eficaz. Antes de discutirmos se qualquer processo de melhoramento é viável ou não, o importante é perceber que essa via de pensamento compara a memória a um objeto manipulável localizado em um lugar do corpo, muito privilegiado: o cérebro. Além disso, a memória poderia ser dividida em partes.

O professor e pesquisador de neurociência Ivan Izquierdo (argentino residente no Brasil), mostra-se em harmonia com essa visão. Um dos seus livros é a obra “Memória”<sup>50</sup>. Concentrado em responder perguntas habituais feitas pelo público em geral, especializado ou não no tema, o autor esclarece no livro, como em várias entrevistas possíveis de serem encontradas na internet<sup>51</sup>, o que é memória e fala dos tipos e das formas (como a memória de trabalho, a de curta duração, e a de longa duração). De modo breve podemos dizer que Izquierdo define memória como sendo a aquisição, formação e conservação de informações. Dessa forma, a memória é algo que é apreendido na forma de diversos dados. O conjunto ou o acervo das memórias serve para formar um indivíduo que, com “dados” únicos, é distinguível dos demais. De acordo com essa visão, cada pessoa possui experiências que culminam em vários tipos de memórias. Por isso, por vezes, é mais conveniente falar em “memórias” e não em “memória”, já que esta designa, nesta visão, a capacidade geral do cérebro e dos sistemas associados a ele para adquirir as informações.

Ivan Izquierdo divide e classifica os tipos de memória de acordo com função, tempo de duração e conteúdo. É assim que ele conceitua, e também valida no senso comum, termos como: “memória de trabalho” (como aquela que mantém no máximo por poucos minutos uma informação; é uma memória imediata, diz-se que é “on-line”, variando a cada instante e servindo para gerenciar nosso contato com a realidade), a “memória de curta duração” e a de “longa duração”, ambas propriamente memórias, formadoras de arquivos e que requerem as mesmas estruturas nervosas. Porém, essas possuem mecanismos distintos, diferenças moleculares e no tempo de duração.

Convém ressaltar que esse tipo de visão, com explicações cheias de metáforas cibernéticas e que reduz a memória à simples aquisição de informação, compara a

---

<sup>50</sup> IZQUIERDO, Ivan. Memória. Porto Alegre: Artmed, 2006.

<sup>51</sup> Uma das entrevistas com Izquierdo sobre tal tema, encontrada na rede, foi feita por Ignácio Brusco, MD; Diego Golombek, PhD e Sergio Strejilevich, MD. Tal entrevista foi concedida à RAN-Revista Argentina de Neurociências. Está no end: (<http://www.cerebromente.org.br/n04/opiniaio/izquierdo.htm>).

memória a um arquivo, cheio de dados, gravado dentro de um computador “especial”: o cérebro. Tais argumentações se tornam aceitáveis atualmente, já que nos são colocadas de formas aparentemente irrefutáveis e tão próximas dos fatos que nos acontecem no dia a dia, tanto que é comum, ao mesmo tempo em que colocamos a mão na cabeça, expressarmos-nos com dizeres como: “nossa me esqueci” ou “que memória ruim”. Isso se não batemos na nossa cabeça, numa atitude bem parecida quando “batemos” nos computadores que apresentam problemas indesejáveis, como perdas de arquivos importantes, construídos laboriosamente com o tempo. “Se esses computadores podem ser arrumados ou até substituídos, por que os nossos computadores - os cérebros - também não poderiam”? É assim que pensam alguns estudos ligados à neurociência e é dessa forma que vão aparecer propostas de “aperfeiçoamento humano”, mais especificamente do privilegiado cérebro, a partir do uso da técnica.

Esse impulso tecnológico do ser humano de querer dominar ou “melhorar” a natureza, no geral, é antigo. Muitas vezes, isso é questão de necessidade e se temos a “inteligência” e a técnica pra isso, por que não? Mesmo que tal necessidade possa também ser questionada, por ela ser algo relativo, o fator principal que queremos apontar é o crescimento num ritmo acelerado de uma questão, da qual também participamos, mesmo sem querer: destaca-se atualmente, com a ajuda da mídia, um impulso que questiona a própria natureza humana. Este acredita que, através das biotecnologias contemporâneas, tal natureza pode ser outra, mais especificamente uma ligada ao digital e à lógica da informação. Além de suportes tecnológicos, os discursos mais radicais falam em substituir a natureza humana por completo, transcendê-la. Temos assim um objeto novo (o “corpo digitalizado”, um depósito de dados) ou um movimento que não ressalta uma simples melhora desse “corpo defeituoso” e, portanto, entrando no caso específico deste trabalho, limitado para operar a memória<sup>52</sup>.

Nesse sentido, a análise de Hermínio Martins, em “Hegel, Texas – e outros Ensaio de Teoria Social”, torna-se útil, pois nos faz enxergar uma diferenciação relativa à questão do “domínio da natureza” no Ocidente: de um lado, a tradição Prometeica e, de outra, a Fáustica, esta ganhando grande notoriedade hoje em dia. De

---

<sup>52</sup> Cabe lembrar que esse impulso de transcender a natureza humana ganha cada vez mais voz, sobretudo porque faz parte de uma sociedade de “culto obsessivo ao corpo”. Para uma complementação e análise mais específica dessa sociedade, sugere-se a leitura de SIBILIA (2006): “Cirurgias plásticas: da beleza como dom divino aos imperativos fáusticos”. Além de SIBILIA (2008): “Imagens do corpo perfeito: o sacrifício da carne pela pureza digital”. Vale a pena citar também o livro: SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.

acordo com o autor, a tradição Prometeica pensa a capacidade técnica como extensão do corpo ou como uma via de melhorar as condições humanas. Nesse sentido, acredita-se que a natureza deve ser respeitada e que as transformações devem conhecer limites. Há intrínseco, então, o princípio de “suficiência”. Já os fáusticos desafiam essa natureza e o limite, pois possuem um impulso “infinitista” da técnica ou uma vontade nunca satisfeita com um estado de coisas definitivas. Sendo assim,

De uma maneira ou de outra, os teóricos fáusticos da técnica consideram a técnica como o destino. Em lugar da visão prometeica da racionalidade da ciência, a técnica e o progresso material herdados pelo marxismo clássico, com a sua fé na racionalidade da história, os fáusticos afirmam não tanto uma visão necessitarista, como, por assim dizer, destinarista, da técnica e da história. Com a sua retórica da “sorte” e do “destino”, colocam-se em forte oposição, não apenas relativamente a qualquer crença na inteligibilidade da história como um processo regido por leis, ou como um veículo de lógica dialética, mas também a qualquer visão libertária da neutralidade ou do caráter puramente instrumental da técnica. (MARTINS, 1996, p. 237).

Torna-se comum ver atualmente estampados nos jornais, revistas ou páginas de internet, “verdades” vinculadas aos estudos da genética e da neurociência, compatíveis com a visão fáustica que visa a transcender a natureza. Em uma relação mais direta com nosso trabalho, podemos citar outra chamada de jornal: “Cérebro/Memória: é preciso esquecer para lembrar, diz Ivan Izquierdo”<sup>53</sup> (O Globo Online, 07/06/2008). Tal matéria supõe um modelo computacional da mente, além de ser um dos exemplos da crescente preocupação com o que pode ser vinculado à memória: cérebro, esquecimento, lembranças, etc. A fixação com o misterioso cérebro liga-se à histórica ânsia científica de tudo querer explicar e provar por meios palpáveis, que podem ser explorados ao máximo. O cérebro não poderia ficar de fora. Décadas atrás, explorações a essa parte do corpo eram impossíveis ou, no mínimo, complicadas, mas hoje, com os mais novos aparelhos tecnológicos que iluminam o cérebro e “mapeiam” as suas atividades<sup>54</sup>, tal exploração pode ser feita sem problemas e dela tiram-se as mais variadas conclusões, como aquelas vinculadas à memória, pois ela estaria depositada nesse “ambiente”.

---

<sup>53</sup>Além do título da matéria, vale mostrar parte dela, pois exemplifica como os meios de comunicação fazem um diálogo com o discurso científico, validando-o: “Rio - A memória funciona como um computador: para armazenarmos novas informações é preciso apagar arquivos antigos. A constatação é do pesquisador Iván Izquierdo, do Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da PUC-RS, um dos maiores especialistas em cérebro”.

<sup>54</sup>Supostas “fotos” dos cérebros costumam aparecer nas páginas dos jornais com diversas cores. Nessas ilustrações, setas diversas apontam para suas partes que, na maioria das vezes, dizem respeito à divisão de suas funcionalidades (um exemplo: memória de curta duração, de longa duração, afetiva, etc).

A sofisticação dos aparelhos tecnológicos unida com a ânsia científica de explorar fenômenos e com o citado discurso fáustico de transformações, motiva propostas como a de KURZWEIL (2003). Ele diz que a “versão 1.0” do nosso corpo é suscetível a “panes”, por isso ele propagandeia a “versão 2.0”, em que todo o corpo humano é transformado, através de minúsculos robôs (nanorrobôs) que tornarão inúteis grande parte das estruturas físicas e mentais. Ele anuncia questões de “trocas de personalidade”, acredita que a aplicação mais importante dos nanorrobôs de 2030 será literalmente expandir nossas mentes e que a inteligência artificial, implantada com segurança nos cérebros, será muito mais poderosa do que a biológica.

Ressaltamos que essas propostas de transformações dos “seres humanos” não são isoladas ou feitas por “cientistas malucos” espalhados em seus “castelos” pelo mundo. Estudiosos, sustentados por gigantescas empresas, estão em seus laboratórios trabalhando com tais propostas e com produtos que buscam um “melhor” resultado físico e mental. As conclusões das suas pesquisas não cansam de aparecer na mídia provocando discussões (éticas e religiosas). Nós participamos, mesmo sem querer, dessa engrenagem que visa tal mudança, mas, não simplesmente como expectadores.

O teórico Foucault é útil para nos ajudar a entender que não somos apenas um público que recebe o impacto dessas poderosas propostas, mas somos também aqueles que dão os meios para que elas sejam feitas. Não existe, portanto, um poder (de grupos que lidam com essas pesquisas) se aplicando sobre nós, sujeitos passivos. Para Foucault, não existe de um lado os que detêm o poder e, de outro, aqueles que se encontram sem. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, efetua e funciona. Não é um objeto, mas uma relação. Sendo assim, não há um sujeito por trás operando esse poder para que outros grupos operem uma resistência, pois tal resistência faz parte do poder e não é o contrário dele. Quando falamos isso, não queremos dizer que inexistente a intencionalidade. Esta existe, mas de forma não subjetiva, já que todos os sujeitos são históricos. É no funcionamento dessa rede de poder que há intenção, e não no sujeito, no sentido de um projeto a cumprir. Em resumo, os fenômenos expostos são efeitos de uma sociedade, mas ao mesmo tempo são instrumentos dessa.

## **2.2. As Identidades e a Sociedade Atual**

O ritmo veloz da sociedade contemporânea, o discurso tecnológico que conduz pesquisas com possibilidades de transformações radicais das capacidades humanas,

como as que foram relacionadas acima, e as novidades do mundo informacional, algumas já são efetivadas cotidianamente por nós, fazem-nos refletir na forma como construímos e “sentimos” nossas memórias e identidades. Se não é veiculada constantemente outra maneira de pensar a memória ou se nos acostumamos com uma única forma (a do contexto informático) de refletir sobre isso, uma das suspeitas é a de que nosso modo de pensar sobre os aspectos da identidade contemporânea também fica limitado a tal contexto, caracterizado pela fluidez e velocidade.

Considerando a sociedade atual, quais seriam as nossas preocupações, vinculadas ao tema “memória” (e conseqüentemente “identidade”, se considerarmos uma relação), e de que forma reagimos ou tentamos amenizar elas? Segundo Ferraz, no artigo “Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete”,

Enquanto somos instados a fazer constantes upgrades nas memórias de nossos computadores, somos cada vez mais assombrados pelo temor do esquecimento. O medo de envelhecer, tão presente em nossa cultura, está ligado à sensação inquietante de perda progressiva da memória, associada ao funcionamento das redes neuronais do cérebro. (FERRAZ, 2008, p.1).

Desse modo, diante de todas as possibilidades de “melhoramento” humano que nos são colocadas e da sensação de que nossa vida transcorre em total velocidade, vários medos e preocupações ocorrem: o medo de “não dar conta” das diversas atividades, o medo de ficar pra trás, de esquecer<sup>55</sup>, de ficar defasado, obsoleto - da mesma forma que nossos computadores e objetos tecnológicos ficam – e a preocupação de que nossa memória se “perca” nessa massa informacional e não funcione direito. De modo geral, são preocupações sobre a memória, índice constituinte da identidade, imersa em uma sociedade de rápidos contatos, onde o tempo tem alto valor.

ENNE E TAVARES (2000) dizem que muitos pensadores têm sinalizado para “esta valorização da memória e da tentativa de pensar as diversas categorias temporais como uma via de extrema riqueza nas análises das ciências sociais e no mapeamento da construção das identidades sociais” (p.01). Para a compreensão da formação dessas últimas, além das preocupações apontadas, podemos recorrer às questões mais “amplas” da sociedade atual - algumas já exploradas, como a impregnação de vocabulários informáticos e informações vindas de diversos meios - a fim de ampliar nosso campo de visão. Assim, vamos pontuar outras características que fazem parte do nosso contexto, pois estas são essenciais para o entendimento das diferentes teorias usadas para pensar o

---

<sup>55</sup> A dificuldade de o homem esquecer e o próprio medo disso podem ser analisados através de Friedrich Nietzsche. Ver citação em bibliografia.

sujeito, comportamentos, posturas e sua própria identidade. Lembramos que a análise desta se deterá depois ao campo profissional do indivíduo, o jornalístico no nosso caso.

Sendo assim, quando se trata de conhecer ou querer “decifrar” as identidades dos sujeitos, alguns autores nos dão a pista de optar pelo interessante aspecto do consumo. Como MORAES (1998) diz:

A dinâmica do consumo assume a hegemonia na gestão dos espaços sociais, por sobre limites geográficos, vontades e tradições. As sociedades passam a ser guiadas pela astúcia do marketing e dos planejamentos estratégicos – ambos possuídos pela fixação de manter o capital em rotação e rentabilizá-lo ao máximo. A exacerbação consumista interfere na cotidianidade e nas relações humanas, formulando marcas distintivas entre pessoas e grupos, na mesma proporção em que conclama ao individualismo e ao descompromisso ideológico. (p. 10).

Segundo LIPOVETSKY (2007), vivemos hoje a fase do *turboconsumidor*, esta conceituada como a “passagem da era da escolha à era da *hiperescolha*, do monoequipamento ao multiequipamento, do consumismo descontínuo ao consumismo contínuo, do consumo individualista ao consumo *hiperindivudialista*” (idem, p. 104). Ou seja, uma época que apresenta de forma exacerbada e “mais entrelaçada” as características de uma sociedade de produção e consumo de massa. Algumas (listadas pelo autor no que ele chama de fase II dessa sociedade) são: um ambiente de estimulação dos desejos, a implosão publicitária, a sexualização dos signos e dos corpos, a paixão pelo novo e as mídias exaltando os prazeres instantâneos e esses tipos de referências. Conforme o autor, uma sociedade que nessa fase II “substitui a coerção pela sedução, o dever pelo hedonismo, a poupança pelo dispêndio, a solenidade pelo humor, o recalque pela liberação, as promessas do futuro pelo presente” (idem, p. 35), apresentando tais fatos de modo mais articulados agora “na fase III” de *turboconsumo*.

O teórico ressalta que tal momento pode ser definido pelo menor poder diretivo dos modelos de classe, a individualização das escolhas consumidoras, onde os atores têm uma maior liberdade de ação quanto às suas compras e usos do tempo. Nesse âmbito, LIPOVETSKY (2007) cita as possibilidades de compra contínua, ampliadas por mercados que funcionam em diversos lugares (como aqueles com grande fluxo de pessoas: aeroportos, estações ou estradas com minimercados de abastecimentos), e com serviços disponibilizados vinte e quatro horas por dia, o que caracteriza um “universo hiperconsumista em fluxo estendido”. A lógica hiperconsumista encontra sua perfeita realização hoje nas redes eletrônicas, através de compras pela internet, onde o cliente, além de liberta-se da figura do vendedor, está livre dos entraves espaço-temporais.

A eliminação de tais entraves lembra-nos outro aspecto interessante para analisarmos o momento atual: a globalização, afinada com a exacerbação da prática consumista. Quando falamos em globalização, parece que nos referimos a algo novo, mas, como sugere HALL (1997), ela não é um fenômeno recente e sempre esteve enraizada na modernidade. Porém, é correto encará-la como um processo global que apresenta traços complexos atualmente, pois como sugere o autor: “geralmente se concorda que, desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações” (p.69).

Mesmo que a globalização, como palavra muito citada, ecoe como algo comum, vale citarmos o conceito de BUARQUE DE HOLLANDA (1999) que diz que, num sentido geral, tal termo refere-se “a fenômenos transnacionais de grande escala como fluxos de capital, migrações massivas, regimes flexíveis de trabalho, telecomunicações, turismo e transferências culturais” (idem, p. 345) ou ainda, falar disso é:

falar também sobre formas altamente específicas e culturalmente determinadas através das quais as populações locais interagem, freqüentemente reagem e continuamente transformam processos transnacionais. O que é muito atraente nesse caso é a percepção de que pensar a globalização é pensar tanto a integração quanto à fragmentação, é pensar tanto a homogeneização quanto a diferenciação. (idem, p.345).

Portanto, entende-se que através da globalização o mercado consumista e as trocas econômicas e culturais entre as mais diversas pessoas se realizam hoje de modo ampliado e intenso (a internet, por exemplo, ajuda a expandir esses processos de trocas atualmente). Nem sempre a globalização determina o domínio de um “pólo forte” sobre um “pólo fraco”, com as representações deste último desaparecidas ou sufocadas. Ou seja, tendo em vista o interesse específico de nosso trabalho, é válido avaliar também que podem existir hibridizações que produzem formas culturais novas que apresentam, por exemplo, atores com diferentes identidades, modos de ser, pensar e agir, se comparados às representações das identidades dos dois pólos iniciais.

A globalização pode propiciar recuos também, no sentido das representações locais e nacionais tentarem se fortalecer. Concentrado na análise de identidades coletivas, CASTELLS (1999) é um autor que nos possibilita entender tal processo de fortalecimento, pois ele rompe com uma abordagem etnocêntrica, “logo no momento em que nossas sociedades se interconectaram globalmente e tornaram-se culturalmente

inter-relacionadas” (idem, p.19). O teórico afirma que é visível o aumento de conjuntos de expressões de identidades coletivas na sociedade em rede.

Esse autor se concentra em expressões coletivas, operadas por “resistências comunitárias”, e apresenta isso através de novas formas de fundamentalismo, nacionalismos e comunitarismos. No seu pensamento, observa-se a prevalência de outra maneira de concebermos os aspectos ligados à globalização: diferente de uma visão global de fundo “homogeneizado”. NERCOLINI (2007) nos lembra que “o local é penetrado por um imaginário desterritorializado, mas ao mesmo tempo, esse local pode transformar os elementos do global que chegam a ele, numa interação de dupla via” (idem, p.96). A globalização não aparenta estar causando nem o sucesso do ‘global’ nem a persistência, em sua velha “forma nacionalista, do ‘local’”. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas e seus oponentes”, lembra-nos HALL (1997, p. 97).

Sem perder de vista esse movimento incessante e contraditório, lembremos que a globalização oferece também a consolidação do domínio de mega-empresas (entre elas as midiáticas) no mercado mundial. MORAES (1998) nos explica isso a partir do conceito de “globalização segmentada”, em que megagrupos fazem uma “adaptação de produção” para um contexto cultural específico, com o intuito de obter lucro. Essa “adaptação” é representada de várias formas<sup>56</sup>. Por exemplo, quando acontece a troca do idioma original de um produto pelo idioma de outra região para captar parcela do público desta ou quando uma empresa segue as “linhas-mestras” traçadas pela matriz, mas combina peculiaridades mercadológicas do lugar em que está inserida. Como diz o autor, “a competência para internacionalizar a produção depende da articulação dos projetos das companhias com o conhecimento de componentes nacionais e regionais” (p. 213). Assim, essas empresas apresentam “estratégias globalizantes”, marcadas pela competição econômica, e atuantes através das apropriações dos componentes culturais de diversas regiões, até mesmo de áreas como a América Latina, “parte do mundo onde há maior desigualdade social” (p.222). Mas, como o autor lembra, o que importa para os “gigantes da mídia e entretenimento não são os indicadores de miséria e iniquidade social, e sim as demandas dos 486 milhões de consumidores latino-americanos e o campo aberto ao domínio tecnológico em infotelecomunicações” (p.222).

---

<sup>56</sup>Para um aprofundamento nesse tema vale à pena ler todos os dados e exemplos apresentados pelo autor em “A globalização segmentada”, capítulo 3 do seu livro “Planeta Mídia – Tendências da Comunicação na Era Global”. Ver citação na bibliografia.

Pontuadas as condições em que acreditamos que devam ser pensados os relevantes aspectos da sociedade atual, consumismo e globalização, vale nos aprofundar na ligação desses com as identidades dos sujeitos para depois nos concentrarmos na identidade jornalística. Diante das configurações apontadas, não é difícil pensar que teríamos indivíduos preocupados com a ideia de ganhar tempo e de operar com rapidez as mais diversas atividades, contando com a ajuda dos novos suportes tecnológicos que possibilitam compras, pesquisas, interações e ações rápidas. Sujeitos propícios a serem “prisioneiros do tempo real”, atuando em uma sociedade *turboconsumidora*, onde o presente é o tempo sagrado, conforme apontado por LIPOVETSKY (2007). Mas, seria interessante enxergar alguns limites nesse tipo de proposição. Esse último autor até os cita, quando ele mostra que o tempo comprimido não conseguiu absorver a totalidade das nossas energias. Como ele observa:

Mas, ao mesmo tempo, assiste-se à proliferação de desejos e de comportamentos cuja orientação para os prazeres sensoriais e estéticos, para o maior bem-estar, para as sensações corporais exprimem a valorização de uma temporalidade lenta, qualitativa e sensualista. (...). Assim, somos testemunhas do gosto pelo flunar, pelas idas ao restaurante à noite, pela ociosidade na praia ou nos terraços dos cafés. Nada de temporalidade uniformemente urgencial, mas um sistema composto de temporalidades profundamente heterogêneas. (...). O regime do tempo na sociedade de hiperconsumo não tem nada de unidimensional; é, ao contrário, paradoxal (...). Se as imposições de velocidade intensificam-se, não percamos de vista, no entanto, o papel primordial desempenhado pelo ator individual, o ‘consumator’ que, sem cessar, adota estratégias individuais, faz escolhas e arbitragens pessoais, acelerando aqui para deixar tempo livre ali. (idem, p.113).

Alguns autores baseiam-se nessa “ordem avassaladora e veloz” do tempo presente (ordem que faz o passado e futuro perder peso), em contínua transformação, para apontarem a ocorrência dos “descentramentos dos sujeitos contemporâneos”. Mais especificamente, quando sublinham as formações das identidades de tipos descartáveis, formadas por imagens superficiais. Vale acrescentar que tais imagens são veiculadas na mídia, principal mediadora de idéias, opiniões e modelos. Concentramo-nos, então, na perspectiva de um “eu” pós-moderno que, de forma radical, é um sujeito que troca de identidade da mesma forma que troca seus gostos por roupas ou por outros tipos de consumos, inseridos na lógica do ritmo veloz e mutável. “As ênfases nos laços sociais frágeis podem dar a impressão de que, simplesmente, escolhemos nossas identidades como se fôssemos apenas consumidores em um shopping center da cultura”, lembra-nos

MAIA (2000, p. 50). Como argumenta KELLNER (2001), “dizem que tanto os textos quanto os eus pós-modernos carecem de profundidade, são planos, superficiais e estão perdidos na intensidade e na vacuidade do momento, sem substância e significado, sem nexos com o passado” (idem, p 302).

Para efeito de comparação desse tipo de identidade com outras, podemos citar a diferenciação que HALL (1997) faz entre três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Segundo o autor, o do Iluminismo está ligado a uma concepção de indivíduo

centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (idem, p. 11).

Teríamos assim o conceito de um sujeito único e coerente. Já na idéia de indivíduo sociológico, a identidade é formada através da interação do eu com a sociedade. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem (idem, p.11). Tal visão reflete as transformações de uma sociedade moderna que se torna aos poucos mais complexa, no que tange às suas várias estruturas, como a econômica. Sendo assim, há a concepção de que o núcleo do sujeito não é auto-suficiente e autônomo, se afastando da proposta que põe “o homem individualista e senhor da razão” no centro do universo. A diferença é que a estrutura passa a ganhar peso, porém ainda podemos ver sujeitos, de certo modo, estabilizados. Como o autor afirma a identidade costura o sujeito à estrutura. “Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis” (idem, p.12).

Já apontamos algumas características da concepção de identidade pós-moderna com um indivíduo que está se tornando fragmentado, com várias identidades e não apenas uma. Mas, salientamos que tal visão, como diz HALL (1997), tem a ver com o fato de que as “paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (idem, p.12). Adotando esta idéia de sujeito, paralelamente devemos enxergar um processo amplo acontecendo no ambiente,

algo que se relaciona com formas de analisar a conjugação de itens como os apontados aqui: globalização, consumo, a mediação de modelos pela mídia, entre outros.

Dessa forma, estaríamos atravessando uma fase em que a velocidade turbinada dos acontecimentos, em conjunto com um sistema de ordem global avassaladora, amparada no consumo, e criadora de imagens modelos, atravessaria os corpos dos sujeitos de tal forma que suas identidades estariam mudando de acordo com esse mesmo ritmo veloz? Reconhecendo um ritmo “fragmentador de cada partícula da sociedade”, com suas unidades sendo jogadas ao infinito de um hiperespaço, fazendo com que a história e o “real” percam lugar, BAUDRILLARD (1992), acredita que

Cada conjunto, cultural, factual, tem de ser fragmentado, desarticulado, para entrar nos circuitos, cada linguagem tem de ser convertida em dispositivo binário para circular, não nas nossas memórias, mas na memória eletrônica e luminosa dos computadores. Nenhuma linguagem humana resiste à velocidade da luz. Nenhum acontecimento resiste à difusão planetária. Nenhum sentido resiste à sua aceleração. (p. 9).

Nesse sentido, o teórico nos instiga a pensar que comportamentos contemporâneos (que parecem demonstrar o inverso da lógica do instantâneo), como o fato de “historializar, arquivar tudo, memorizar dados, sobre o nosso passado e o de todas as culturas” (idem, p. 19), não representam mais do que os sintomas dos pressentimentos do “fim”, onde terminou o acontecimento e o tempo vivo da história. Dessa forma, temos de nos abastecer de memórias artificiais, de vários signos do passado para encararmos uma ausência de futuro, já que tudo agora parece perdido, solto nesse espaço infinito. Há fatos válidos nessa argumentação, como o reconhecimento de que a sociedade apresenta um ritmo veloz e, em âmbitos diversos, instauram-se preocupações vinculadas à memória e ao arquivamento.

Mas, será que de fato somos “seduzidos pela memória”<sup>57</sup>, *unicamente* porque em nós estão intrínsecos pontos de luz “avassaladores” do tempo presente? Seria interessante, para nos ajudar a responder tal questionamento, pensar no próprio limite desses “pontos de luz” do presente. Sem querer desmerecer esta última teoria apontada, até porque nos parece que nem todos os argumentos dela são negáveis, e no que tange ao indivíduo pós-moderno, soa-nos estranho adequarmos *totalmente* os indivíduos atuais dentro de um conceito de identidade moderna do Iluminismo, quais seriam os limites dessas descrições sobre um “tempo perdido”? Algumas pistas, encontradas no nosso cotidiano (uma delas ressalta que sujeitos atuais vivem uma “temporalidade

---

<sup>57</sup>“Seduzidos pela memória” é o nome do livro de Andreas Huyssen (2000), que vale a pena ser lido, tendo em vista o assunto tratado aqui.

lenta”, ressaltada por LIPOVETSKY (2007), em conjunto com o tempo veloz) não nos apontam de modo tão seguro para uma “nova era avassaladora”. Um período em que o sujeito estivesse tão fragmentado, com várias identidades contraditórias, compradas nesse mercado global atual. Aliás, as identidades poderiam ser de fato compradas? É necessário analisar outro tipo de relação do consumo com a identidade.

CAMPBELL (2006) acredita que “o verdadeiro local onde reside a nossa identidade deve ser encontrado em nossas reações aos produtos e não nos produtos em si” (p. 53). Isso sugere que não compramos identidades simplesmente mediante nosso consumo de bens e serviços, mas é através do monitoramento das reações a esses que “começaremos a descobrir quem realmente somos” (p. 53). Seria aconselhável, portanto, sair por aí e “experimentar” tudo? O autor deixa claro que naturalmente, “ninguém precisa fazer compras, ou mesmo se engajar em qualquer outra atividade de consumo, para empreender sua busca por identidade e significado. E muito menos para se assegurar da realidade da própria existência” (p.57). Assim, qualquer experiência que origine uma oportunidade de uma reação emocional pode servir a tal propósito. Quanto às mudanças de gostos e preferências, o teórico não sugere que isso deva ser encarado como mudanças bruscas em nossas identidades, de modo que as primeiras tentativas de estabelecer a “real” natureza do *self* tivessem falhado em um primeiro momento. Neste, os desejos e preferências que ajudaram a definir aquela identidade foram fortemente experimentados, provando que ela era “real”, isso da mesma forma como a intensidade de novos desejos demonstra a autenticidade do *self* novo “substituto”.

Os *selves* diferentes vistos como igualmente “reais” nos mostram, segundo o autor, que temos de conceber que a identidade do indivíduo é algo “em desenvolvimento” por natureza. Sendo assim, embora o teórico sublinhe que qualquer experiência possa nos ajudar nessa atividade de “auto-expressão” do *self*, ele se debruça na explicação da relação do consumo com a identidade (traçando assim uma ontologia do consumo). O autor trata de uma possibilidade de “pureza” na relação consumo/identidade, porque no consumo dos produtos que desejamos, e não que necessitamos, há uma atividade de “auto-expressão”.

O discurso de CAMPBELL (2006), de certo modo, afasta-se das idéias que tratam as identidades como se fossem facilmente descartáveis, porque são “compradas” em um mercado que possibilita os consumos de objetos e também de modelos de comportamentos variados, ditos “aceitáveis”, com exposições através de seus principais aliados (os veículos de comunicação). A base para enxergar a linha do seu discurso, é

encarar a identidade como um processo (experiências vão se unindo para construir uma identidade, esta sempre em desenvolvimento e não em etapas progressivas de descartabilidade). Além de ver através das práticas de consumo, escolhidas por nós, e não nos objetos de consumo em si, sentidos “verdadeiros” ligados às nossas identidades. Sentidos demonstrados através das reações e estímulos para com os objetos que nos “relacionamos”. Nesse pensamento, o consumo ainda tem importância na sua relação com a construção da identidade, já que esse representa uma das atividades de “auto-expressão” do sujeito, mas, torna-se instigante pensar numa forma de associação do consumo com a identidade dentro desses parâmetros colocados por tal autor.

### **2.3. Memória e Identidade nos Blogs**

Para verificar de forma mais “tangível” a relação consumo e identidade, aplicar conceitos diversos das teorias sobre a identidade e compreender formas de reações às inquietações contemporâneas, é preciso concentrar nossa atenção em práticas atuais dos sujeitos. Distanciando-nos assim dos discursos “futuristas” (empolgantes demais para alguns) que anunciam promessas de “novas eras” ou de “novos seres humanos”, mesmo quando se baseiam em estudos científicos atuais, como os relatados no caso da memória. Para âmbito desta pesquisa, é conveniente nos concentrarmos em práticas dos sujeitos que já acontecem com frequência no cotidiano. Essas merecem ser investigadas, sobretudo porque nos fornecem um rico - e mais que presente - material de análise.

Onde analisar tais práticas? Neste trabalho, elas são verificadas nos blogs, meios da internet que crescem em um ritmo exponencial e representam diversos objetivos atualmente, ultrapassando a visão tradicional de “diário pessoal”, um lugar para escrever e divulgar fatos de interesse íntimo e opiniões. Considerando alguns fatores já apontados, em um blog acontece uma doação de tempo dos participantes (todos eles: o dono do domínio e os “comentaristas”) para com este blog. Há, assim, “relações” das pessoas com um blog específico, e, por conseguinte, é possível observar “reações”. Ou seja, resumidamente, blogs também são tratados aqui como objetos de consumo.

Como nos lembra CAMPBEEL (2006), tais objetos podem nos propiciar “reações” que, como já explicadas, se ligam à concepção de identidade. Em um blog é através da escrita e do seu arquivamento (este forma um tipo de memória) que se torna possível observar “reações” que exprimem pistas da identidade do blogueiro, se nos concentrarmos nesta apenas. Essas reações são influenciadas pelo fato do blog ser um

ambiente público, ou seja, a relação do blogueiro com o blog (seu objeto de “consumo”) depende de uma característica do próprio blog (o fato deste ser público). Tal aspecto e outras influências, como experiências de vida no geral do blogueiro, contribuem para definir a forma da escrita e o conteúdo do blog.

Em síntese, nos blogs, as pessoas, inclusive aquelas que usam esses como meios profissionais, como a jornalística expressam componentes de suas identidades e constroem tipos de memórias. A autora Marialva Barbosa, segundo ENNE E TAVARES (2009), complementa: “eternizar um dado momento através da escrita é, sob certo aspecto, ‘domesticar e selecionar a memória’” (p. 05). Isso também é um motivo que diz o porquê de analisar tais práticas nesses ambientes, já que servem para guardar, “concretizar” momentos e demonstram seleções de conteúdos feitas por seus donos.

Ponderadas tais questões, será que as atividades nos blogs constituem sintomas de sujeitos que, em vez de experimentarem as trocas de identidades, sugeridas por teorias pós-modernas, visam é construir um tipo de “porto seguro” para “depositarem” suas memórias e “fixarem” suas identidades, mesmo que tais lugares “seguros” sejam visitados por vários sujeitos? Em primeiro lugar, precisamos considerar que blogs são objetos novos e não os “diários íntimos ressuscitados” da época moderna, em que as pessoas escreviam minúcias de suas vidas, registravam dados e de certa forma se definiam. Assim, esta pergunta não recai na ingenuidade de pressentir que blogs apresentam “recolhimentos”.

Ativar um blog não é sentar em uma cadeira e escrever detalhadamente fatos que podem ser associados à sua vida, pessoal ou profissional, se compararmos como era feito na modernidade pelas pessoas que trancavam seus diários com cadeados. Como diz SIBILIA (2003),

Nada mais privado, porém, vale lembrar, que um diário íntimo à moda antiga. Estes eram furtados à curiosidade alheia, guardados em gavetas e esconderijos secretos, muitas vezes protegidos por meio de chaves e senhas ocultas – chegando a se converter, inclusive, em práticas seriamente proibidas e perseguidas por maridos e pais, por exemplo. (SIBILIA, 2003, p. 7)<sup>58</sup>.

Sendo assim, a internet, lugar dos blogs, e todas as condições da sociedade contemporânea, não podem ser tratados apenas como detalhes. Já sabemos, então, que tratamos de “novos objetos”. Com isso em vista, para responder o questionamento feito acima, vamos nos basear no fato de que vários blogs (autobiográficos ou não, como o

---

<sup>58</sup> Trecho retirado do artigo: “Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica”.

caso de blogs jornalísticos) constroem um tipo de memória que é do interesse do autor ou autores. Assim, não vamos entrar agora na observação dos conteúdos das memórias e identidades formadas nesses ambientes e vamos nos deter apenas no ato de produção<sup>59</sup>, pois queremos analisar as atitudes dos blogueiros (donos dos domínios). Portanto, inicialmente verificamos a questão sem entrar nos detalhes da função de cada blog ou do que cada um diz e sim tentando avaliar o que todos os blogs juntos podem representar em relação às condições atuais da sociedade (ritmo veloz e a prevalência do discurso informático, por exemplo).

Com essas ponderações e avaliando a pergunta mencionada, parece-nos que as pessoas que escrevem blogs denunciam o seguinte movimento: mesmo considerando que esses ambientes são criados com objetivos diversos e, dessa forma, há a formação de diferentes memórias, as pessoas lidam com os blogs como se eles fossem “pen drives” de seus cérebros. Ou seja, além de acreditarem que as suas memórias, de vínculo pessoal, profissional, entre outras, estão “arquivadas” nos seus computadores especiais (os cérebros), os indivíduos também as depositam sempre que possível nesses ambientes exteriores aos cérebros. Assim, acredita-se não haver a perda dessa valiosa memória<sup>60</sup> que fica visível e acessível (não só para o produtor dela<sup>61</sup>).

Isso não parece novidade, se considerarmos que esses “depósitos de memórias” sempre ocorreram de alguma forma, através de outros meios. Em “A vida dos homens infames”, FOUCAULT (1992) cita o mecanismo de confissão do cristianismo com a “obrigação de fazer passar pelo fio da linguagem o minúsculo mundo de todos os dias” (110) e diz que a partir de um momento (situado em finais do século XVII) “este mecanismo passou a ser enquadrado e excedido por um outro cujo funcionamento era muito diferente” (p.111). Sobre esse outro, o autor explica que há o “agenciamento administrativo e não já religioso; mecanismo de registro e não já de perdão” (p.111), mas o objetivo visado era o mesmo, pelo menos, em parte: “discursificação do quotidiano, revista do universo ínfimo das irregularidades e das desordens sem importância” (p.111). Assim,

---

<sup>59</sup> Para esta análise de ligação com o sujeito produtor de um tipo de memória nos concentramos no aspecto da produção, feita pelo (s) dono(s) do domínio, mas, para uma análise que visaria a explorar profundamente o ambiente dos blogs, é preciso se deter no fato de que blogs constituem produção e recepção – área de comentários. Assim, também seria abordado o aspecto da interação.

<sup>60</sup> Mesmo que, considerando essa lógica de pensamento que vê a memória como um arquivo, ainda caiba pensar se os blogs são “depósitos confiáveis”.

<sup>61</sup> Esse talvez seja o ponto chave para discutirmos quais tipos de memórias estão sendo produzidas, quais são as suas características, os conteúdos, já que nesta produção de memória está implícito o “tornar público”.

Tudo o que assim se diz é registrado por escrito, acumulado, constitui dossiers e arquivos. A voz única, instantânea e sem rasto da confissão penitencial, que suprimia o mal suprimindo-se a ela própria, é doravante retransmitida por múltiplas vozes que se depositam numa enorme massa documental e que constituem assim, pelo tempo fora, como que memória sempre crescente de todos os males do mundo. O mal minúsculo da miséria e da falta venial já não é remetido ao céu pelo segredar quase inaudível da confissão; acumula-se na terra sob a forma de traços escritos. (p.112).

Sabemos que o exercício da escrita e do registro é antigo. Feito sob condições políticas diversas foi e é usado para diferentes fins: denunciar desvios de conduta, fazer pedidos de internamento (como no caso das *lettres de cachet*<sup>62</sup>), realizar a escrita do cotidiano, a partir da constituição de diários íntimos, ou como forma de constituição de si (os *hypomnemata*<sup>63</sup> são exemplos). Mas o que queremos apontar é uma crescente produção de memórias que agora é acompanhada de um contexto de ritmo veloz, impregnado de metáforas cibernéticas. Dessa forma, a nossa intenção não é afirmar que atualmente produzimos mais memórias do que no passado, mas queremos simplesmente avaliar quais são as crenças atuais que prevalecem sobre o tema memória e de que modo correspondemos a elas, através de algumas práticas, como as demonstradas nos blogs.

A utilização dos blogs como “pen drives” de memórias, até mesmo se eles forem mais próximos da idéia de “armazenamento de agoras”<sup>64</sup>, liga-se aos relatos contemporâneos de uma memória humana obsoleta, sempre comparada às possibilidades de melhoramento do meio científico, como foram relatadas no item “2.1

---

<sup>62</sup>Sobre *lettres de cachet*, eram basicamente documentos dirigidos ao rei, escritos por pessoas de baixa renda, na maioria, e que continham pedidos de prisão ou internamento para todos os indivíduos que tinham condutas indesejáveis, na visão dos que escreviam. De acordo com Foucault (1992), “o sistema *lettre de cachet* – enclausuramento não passou de um breve episódio: não mais de um século e localizado em França somente. Nem por isso é menos importante na história dos mecanismos de poder. O que ele assegura não é a irrupção espontânea do arbítrio real no elemento mais cotidiano da vida, mas antes a sua distribuição segundo circuitos complexos”. (p. 114). Falaremos sobre isso em outro capítulo também.

<sup>63</sup> Em “A escrita de si”, no livro “O que é um autor?”, Foucault (1992) explica que nos *hypomnemata* eram “consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior” (p.135). Mas, o autor ressalta que não deveriam ser encarados como um simples auxiliar de memória, consultados de vez em quando, se a ocasião pedisse, pois constituem “um material e um enquadramento para exercícios a efectuar frequentemente: ler, reler, meditar, entretar-se a sós ou com outros” (p.136). Por mais pessoais que sejam, não devem ser confundidos com diários íntimos, onde encontramos “a narrativa de si mesmo”, pois os *hypomnemata* não revelam o que está oculto, mas captam o já dito com “uma finalidade que não é nada menos do que a constituição de si” (p. 137).

<sup>64</sup> Para compreender esse “armazenamento de agoras”, Sibilia (2005), em “A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs”, cita a obra de FISCHER, Gustavo. Relações sujeito-tempo nos diários online: o “armazenamento de agoras”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. Mídia, ética e sociedade. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. 1 CD-ROM

- “Memória e Contemporaneidade”. É como se correspondêssemos à frase: “enquanto meu cérebro não funciona como um computador de última geração, guardo, fixo ou gravo alguns dados aqui no blog”<sup>65</sup>. É claro que a ideia de “depositar” essa memória vem ligada à ideia do sujeito tornar-se visível que será explorada adiante. Estamos assim hipnotizados, seduzidos pela memória<sup>66</sup> e por todos os vocabulários informáticos ligados a ela. Isso, sem ao menos refletir em uma outra forma de memória ou em um outro conceito vinculado a ela, que não seja o das verdades científicas relacionadas à área informática. Seria possível enxergar uma outra forma? Respondemos que sim.

O filósofo Henri Bergson, através do livro *Matéria e Memória*, afastando-se de duas tendências (o idealismo subjetivista e o realismo materialista), ajuda-nos a enxergar esta questão, como nos permite ver o mundo de outra forma. De modo breve, podemos dizer que, para Bergson, esse mundo é feito de imagens interligadas e interdependentes (o nosso corpo também seria uma imagem e que age, só que é uma imagem que prevalece sobre as demais, pois a conheço de fora, mas também de dentro) em que apreendemos, desse conjunto de imagens, “matéria”, apenas uma parte necessária para executarmos nossas ações no espaço. Dessa forma, o que eu percebo (parte da matéria) está nas coisas e não em mim. Perceber é uma seleção e uma imobilização, já que vale lembrar que tudo está em movimento. Bergson ressalta, então, que entre percepção e matéria não existe uma diferença de natureza, e sim de grau. Um ponto interessante desta questão é que o nosso corpo é “um instrumento de ação, e somente de ação”. Bergson não acredita que esse corpo, através do cérebro, por exemplo, sirva para explicar uma representação ou depositar memória. O cérebro é apenas uma “espécie de central telefônica: seu papel é efetuar a comunicação, ou fazê-la aguardar”. Mas, *onde está* a memória? Para que serviria? Como diz Bergson, “não podemos nos impedir de perguntar onde se conserva a lembrança”.

Em primeiro lugar, ela não estaria depositada no cérebro. “Bergson não cessa de afastar-se de uma visão espacializada da memória, que faria do cérebro e de suas células um lugar de armazenamento, de mera arquivagem do passado” (FERRAZ, 2004, p. 72). Na verdade, ela não seria algo que poderia ser “depositado” em lugar algum, por mais estranho que isso possa parecer, já que somos acostumados com outro tipo de visão. Para ele, a memória, caracterizada por lembranças passadas, sempre existe e de forma

---

<sup>65</sup> Frisamos aqui o verbo “corresponder” e não pensar, por exemplo, pois não queremos entrar no mérito de que em todos os casos isso é feito de modo consciente ou inconsciente por nós. A intenção é apenas demonstrar que correspondemos ao discurso da lógica informacional, querendo ou não.

<sup>66</sup> “Seduzidos pela memória” é o nome do livro de Andreas Huyssen (2000), que vale a pena ser lido.

integral, porém não faz parte da matéria. Nesse sentido, o autor afirma que a memória tem uma diferença de natureza em relação à matéria. Subtende-se daí a mesma pergunta que Bergson fez para depois respondê-la:

Mas, como o passado, que, por hipótese, cessou de ser, poderia por si mesmo conservar-se? Não existe aí uma contradição verdadeira? – Respondemos que a questão é precisamente saber se o passado deixou de existir, ou se ele simplesmente deixou de ser útil. Você define arbitrariamente o presente como *o que é*, quando o presente é simplesmente *o que se faz*. (BERGSON, 2006, p. 175).

Dessa forma, esse passado que sempre existe e não pode ser dividido em partes, como um objeto, aparece-nos como útil quando é voltado para uma ação presente. Por isso, Bergson ressalta que “matéria” e “memória”, apesar de naturezas diversas, mantêm uma relação de solidariedade. Citamos aqui de modo breve algumas idéias desse filósofo para efeito de reflexão acerca do ponto citado: o de que “depositamos” nossas memórias nos blogs como se esses fossem “pen drives” de nossos cérebros. Portanto, assim como são vistos os cérebros, estamos criando outros reservatórios. A leitura das idéias de Bergson nos faz enxergar, portanto, o contrário: nossa memória sempre atua por completo em determinada situação presente, por mais que não pareça; portanto, ela não pode ser dividida em partes.

A ideia de que o passado sempre existe e aparece-nos como útil quando é voltado para uma ação presente, lembra-nos outra idéia, apesar de ainda ser necessário analisar até que ponto as duas se assemelham: para Derrida<sup>67</sup>, de acordo com PENA (2004), essa reconceitualização<sup>68</sup>

significa abdicar da noção de linearidade temporal, e substituí-la por simultaneidade. No momento em que lembramos de algo, o que era passado torna-se narrativa e articula-se no presente, sendo, portanto, simultâneo a este presente. E o que seria futuro é apenas uma especulação, podendo ser articulado apenas no discurso, o que também o tornará presente.

As reflexões de Bergson, associadas ao trecho acima, talvez nos distanciem de comportamentos ligados ao acúmulo de mais e mais “depósitos de memórias” espalhados em diferentes meios pela sociedade. No caso dos blogs jornalísticos, representantes do campo midiático, eles constituem memórias que influenciam e ditam comportamentos e modos de pensar da sociedade<sup>69</sup>. Tais reflexões também podem nos

---

<sup>67</sup> Derrida (1988), p. 72.

<sup>68</sup> Referente à noção de passado.

<sup>69</sup> Essas influências serão exploradas em capítulo seguinte.

chamar a atenção para o modo com que nos referimos à memória no cotidiano, sempre comparada a algo que se pode guardar em um arquivo qualquer, diante da grande preocupação com ela ou da ideia de que ela é excessivamente importante.

Com a nossa pergunta de antes questionamos se as atividades nos blogs constituem sintomas de sujeitos que, em vez de experimentarem as “trocas de identidades”, constroem um tipo de “porto seguro” para “depositarem” suas memórias e “fixarem” suas identidades. A partir daí, verificamos o que os blogs juntos podem representar: uma crescente produção de depósitos de memórias, mesmo que cada blog tenha sua finalidade. Mas, cabe analisar agora sobre qual “porto seguro” falamos, sobre que tipo de identidade forma-se nesses ambientes, se é possível haver uma “fixação” desta. De certo modo, aquilo que “se é” ou que aparenta ser e aquilo que “se faz” na vida pessoal ou profissional é registrado nesses ambientes, mas cabe refletir sob quais circunstâncias se dá tal registro e sobre qual construção de identidade nos referimos.

Dessa forma, enveredemos por esse viés de análise da identidade agora (que não deixa de identificar também quais os tipos de depósitos de memórias estão se formando). Para isso, usamos a metodologia: detemo-nos apenas na produção, ou seja, não analisamos as recepções, assim como foi feito no caso da memória. Tendo em vista a grande quantidade de blogs atualmente e a nossa proposta de analisar apenas uma “relação” do blogueiro com seu “objeto de consumo cotidiano” (o blog, que também é “objeto de consumo” dos participantes deste ambiente)<sup>70</sup>, escolhemos um blog: o do jornalista Reinaldo Azevedo<sup>71</sup>, verificado durante as postagens que vão do dia 20 a 26 de julho de 2008, mas observado há mais tempo. Foram escolhidas três postagens em cada dia, o que nos forneceu o total de 21 postagens (ver quadro abaixo). A análise não explorou, por enquanto, o conteúdo político das postagens, em comparação às outras opiniões políticas existentes. As postagens serviram agora só como referência para as afirmações sobre o comportamento e perfil jornalístico do blogueiro.

---

<sup>70</sup> Aqui, um blog, além de ser “objeto de consumo” dos participantes deste ambiente, pode ser visto como “objeto de consumo cotidiano” do blogueiro.

<sup>71</sup> Tal blog encontra-se entre os cinco blogs de política mais visitados do Brasil, apresenta um abrangente campo de comentários dos participantes (muitas vezes, visualiza-se mais de 100 comentários e podem chegar a 200 ou mais em cada post). De acordo com SPAYLER (2008), o jornalista (em “Reinado Azevedo conta como fazer um blog de sucesso” - <http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>) diz que o blog recebe por dia cerca de 2.800 comentários, apesar de não publicar todos. O blog tem repercussão e traz conteúdo político, tema de importância para todos. Através dele fazemos uma verificação da identidade jornalística atuante através de uma nova ferramenta.

Quanto às diferenças entre os vários tipos de blogs, é certo que não podem ser menosprezadas<sup>72</sup>, mas tendo em vista a intenção atual deste trabalho, adotamos a postura de fazer uma representação dos blogs jornalísticos a partir deste único escolhido<sup>73</sup>, independente do fato de que um blog jornalístico traz uma opinião política determinada, por exemplo, e um diferente traz outra. Isso somente para apreciarmos o comportamento diário, pois partimos do pressuposto, no momento, de que os blogueiros demonstram, de certo modo, suas “identidades” ou elementos delas, aqueles que querem tornar público, neste ambiente. Buscar as características dessas identidades é que é um dos propósitos deste trabalho. Convém ainda ressaltar que no caso do blog em questão falamos de uma identidade ligada ao campo profissional jornalístico. Entendidas essas questões, em seguida, a análise estendeu-se para a relação que os participantes (os comentaristas) do blog apontado mantêm com o mesmo. A verificação sobre esta relação dos participantes não poderia deixar de ser ao menos comentada porque não devemos perder de vista que blogs constituem produção e recepção.

**Tabela 1**

<b>Blog Reinaldo Azevedo</b>
<b>20/07/08</b> - “Os boçais. E o Simão Bacamarte da PF”; “De volta: de bons, trouxas e larápios”; “De tontos e obscurantistas”.
<b>21/07/08</b> - “PAULO HENRIQUE AMORIM: UM MONUMENTO DE UM METRO E MEIO DE PURA MORALIDADE”; “Analfabetismo e nariz vermelho”; “Aécio e Pimentel inventaram a democracia biônica”.
<b>22/07/08</b> - “Marta, acreditem, já fala como prefeita...”; “Marta não esquece nada e não aprende nada”; “Marta faz campanha em reduto tucano; eleitores gritam ‘relaxa e goza’”.
<b>23/07/08</b> - “CNA: nova proposta americana mostra avanço na OMC”; “Podcast do Diogo: a verdade e os patifes”; “Jungmann apresenta projeto que endurece penas para crimes de abuso de autoridade”.
<b>24/07/08</b> - “Fala o ministro da Agricultura: “Rodada Doha não serve pra nada”; “Justiça condena MST a pagar R\$ 5,2 milhões por fechar ferrovia”; “Greenhalgh pede ao STF acesso ao inquérito da Operação Satiagraha”.
<b>25/07/08</b> - “Krugman defende ação do BC e diz que o Brasil, e não a China vai liderar emergentes”; “Mais Datafolha SP- Taxa de rejeição a Marta sobe”; “Obama em Berlim: o mito e a esperança”.
<b>26/07/08</b> - “Hospitais poupam R\$ 4,5 milhões depois de lei seca”; “VEJA 4 - A bomba populacional brasileira foi desativada”; “VEJA 2 – O que liga a bolacha à liberdade de expressão?”.

<sup>72</sup>Diferenças que até renderiam outro trabalho, mas que já foram introduzidas aqui através do primeiro capítulo na parte que fala sobre os gêneros dos blogs.

<sup>73</sup> Neste capítulo nos concentramos neste blog, mas adiante outros blogs serão analisados o que nos dará o efeito de uma comparação.

Tendo em vista tal metodologia, vale falar alguns aspectos do blog em questão<sup>74</sup>. Tanto os estruturais do ambiente, como layout, divisões, cores (é preciso lembrar que estes podem mudar sempre) como aqueles que denunciam de modo mais direto “o perfil” do blogueiro. Sendo assim, o blog (com começo em 24 de junho de 2006) é dividido em três colunas: duas mais finas, posicionadas à esquerda, e uma maior, centralizada, onde são feitas as postagens diárias políticas do jornalista, focos de análise da nossa pesquisa. Também encontramos publicidades distribuídas pela página do blog. O jornalista tem uma foto que o identifica, mas, diferente de vários blogs, este não possui, perto desta foto, um espaço que literalmente escreve o perfil do jornalista. A coluna menor, que fica à esquerda, apresenta conteúdo diverso, como direcionamentos para a revista “Veja” (o blog está dentro do domínio da “Veja.com”); “Buscas”; “Notícias”; “Colunistas”; “Vídeos e Fotos”; “Saber +”; “Serviços”; “Celular”. Na coluna logo ao lado há a seção “Buscar”, o “Averso do Averso” (publicações não periódicas ligadas à arte, entre outros, onde encontramos um “outro lado” do jornalista que não é diretamente associado à política), “Enquete”, a parte “Mais Recentes”, “Artigos em Veja”, “Arquivo” (com todos os posts do blog).

As postagens diárias do jornalista, que possibilitam uma análise mais profunda do perfil de Reinaldo Azevedo, como jornalista, se iniciam com frases que costumam ser irônicas e chamativas. As postagens que norteiam os comentários dos visitantes são feitas por Reinaldo Azevedo, apesar deste, algumas vezes, retirar o conteúdo dessas de outros veículos ou de outras pessoas e não deixar de citar os créditos. O jornalista usa cores diferentes para grifar algumas linhas dos textos dando, dessa forma, um destaque para alguns trechos. Uma observação interessante é que durante a leitura das postagens pode-se encontrar quase sempre a palavra “Voltei” ou outras parecidas. Isso significa que o jornalista começa a escrever um post, interrompe e volta em outro momento para terminar o texto da postagem. Enquanto isso, os visitantes depositam seus comentários. Reinaldo Azevedo quando demora a postar algo ou interrompe uma postagem, nos demonstra preocupação com isso.

Como diz Roberto Gerosa, editor executivo da Veja.com<sup>75</sup>,

---

<sup>74</sup> Aspectos que serão explorados no próximo capítulo em conjunto com outros blogs. Indica-se visualizar a página na internet também: (<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/>).

<sup>75</sup> Em “Reinaldo Azevedo conta como fazer um blog de sucesso” - Palestra proferida como parte das atividades da 2ª Semana Web Abril em 24/11/2008. Na página: (<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>).

(...) ele avisa “agora eu vou jantar”, “agora eu preciso parar”, “vou tratar de negócios”, “vou numa noite de autógrafos”, então todo mundo sabe o que está acontecendo com o Reinaldo e porque ele não está ali na hora, pra quem está acostumado a ver as notas dele. Então, tem uma cumplicidade muito grande (...).

Concordemos ou não com os conteúdos e opiniões publicadas, Azevedo “leva a sério” o fato de ser blogueiro (é um trabalho que exige responsabilidades) e consegue nos passar a ideia de que gosta e orgulha-se da sua atividade. O jornalista confirma: “é uma vida de operário do blog. Também não vou tirar onda de sofrido, porque é mentira, eu não sou. Eu faço as coisas com muito prazer”<sup>76</sup>.

Durante a leitura, também encontramos a frase “Assinante lê mais aqui”, no final de alguns posts do jornalista. Fato que condiciona o aprofundamento da leitura à possibilidade de ser ou não assinante da revista *Veja* ou de outros veículos. Antes das postagens, o jornalista também usa a frase “Leia abaixo” para enumerar, a partir de títulos, as matérias que vamos ler nas postagens do dia. Estas possuem variados títulos, sendo que alguns possuem antes o vínculo “Veja 1”; “Veja 2”; “Veja 3”; “Veja 4”; etc. Esses vínculos denunciam postagens com conteúdos que fazem referência às reportagens escritas na revista *Veja*. O jornalista usa nestas postagens algumas frases no imperativo também, como “Não deixem de ler a reportagem”. Tanto a partir das alusões a tal revista, como por meio da análise minuciosa das variadas postagens diárias, a postura do jornalista, seus ataques e defesas às figuras políticas do cenário atual, relacionam-se de forma harmônica com o pensamento dessa revista<sup>77</sup>.

Através do trabalho que demonstra no blog, Reinaldo Azevedo nos passa a ideia de uma pessoa “crítica” que, para alguns, chega a “passar dos limites” e o jornalista tem consciência dessa imagem que transmite, desde antes do blog. Um exemplo é um discurso dele sobre a fase que ficou desempregado e decidiu fazer o blog:

Eu fechei a revista e estava desempregado. (...). Eu tinha ido bastante fundo no chamado “jornalismo de opinião” que era o que eu fazia na Revista Primeira Leitura e no site Primeira Leitura e eu sabia que eu era um profissional mais ou menos, provavelmente, “carne de pescoço”. “Quem vai querer um cara que ficou com fama de duro nas críticas” (...). Aí eu não tinha muito que fazer, a não ser, como diz o Gonzaguinha, naquele que provavelmente é o verso mais infame da MPB, “botar a bunda na janela”. (...). Criei meu blog e botei o blog no ar<sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> Idem 75.

<sup>77</sup> A ligação dos blogs e das próprias identidades profissionais dos blogueiros com organizações de comunicação será explorada mais adiante no capítulo três.

<sup>78</sup> Idem 75.

Ao atuar na linha do “jornalismo de opinião”, Azevedo aparenta ser uma pessoa “cult” (sendo que a bagagem cultural de cada pessoa é seletiva e vamos explorar o conteúdo de suas postagens depois) e atenta aos variados fatos que ocorrem. Assim, ele corresponde, de certo modo, ao “perfil profissional jornalístico aceitável do mercado”, ou seja, cumpre alguns requisitos da profissão. Ele afirma: “eu faço escolhas que são muito claras (...). Agora, as escolhas, ela tem que ser uma escolha informada, tem que ser uma escolha baseada em dados, baseada em pesquisas, na história, na sua experiência cultural”<sup>79</sup>. Mas, aspectos que lhe parecem inerentes, independente de ser ou não jornalista, se ligam aos seus textos também. Ele usa um tom irônico, na maior parte das vezes: seja para “responder” algum comentário que não condiz muito com suas ideias (pouco abertas a pontos de vista diferentes) ou aquele que diretamente o acusa de algo; seja no decorrer da maioria das suas postagens. Essa é uma de suas características que mais se destaca nos seus textos.

Não é nossa intenção fazer uma análise “psicológica” do jornalista, mas queremos apresentar o fato de que, em síntese, Reinaldo Azevedo, e conseqüentemente o seu blog, mostra uma identidade profissional que é bem definida e demarcada. A questão que queremos descrever é uma coerência. Reconhecida neste blog, para efeito de um exemplo mais específico, mas que pode ser uma característica existente em outros blogs (daqueles que são feitos cada um por uma só pessoa e não se enquadram na categoria “diários íntimos”). Já que alguns visitados no dia a dia, de certo modo, nos parecem mostrar tal característica<sup>80</sup>. Os textos do blog analisado apontam para um todo coerente que é ou que aparenta ser o “autor” Reinaldo Azevedo. É importante ressaltar que tal coerência é influenciada pelo modo em que a nossa cultura aprendeu ou foi “disciplinada” a definir o que representa um nome de autor. No livro, “O que é um autor?”, compreendemos a crítica de Foucault sobre a questão da nomeação, complementada com citações desse livro que aparentam certa indiferença de Foucault à necessidade de se atribuir um nome de autor a um texto, livro ou obra. Por exemplo:

O autor – ou o que tentei descrever como a função autor- é com certeza apenas uma das especificações possíveis da função sujeito. Especificação possível, ou necessária? (...) não parece indispensável, longe disso, que a função autor permaneça constante na sua forma, na sua complexidade e mesmo na sua existência. Podemos imaginar uma cultura em que os

---

<sup>79</sup> Idem 75.

<sup>80</sup> Queremos frisar que não estamos generalizando ou aplicando uma regra para todos os tipos de blogs. É uma suspeita referente ao que pode acontecer em outros blogs.

discursos circulassem e fossem recebidos sem que a função autor jamais aparecesse (...). Deixaríamos de ouvir as questões por tanto tempo repetidas: “Quem é que falou realmente? Foi mesmo ele e não outro? (...)”. (FOUCAULT, 1992, p. 70).

Mas, independente desta “indiferença” de Foucault e de sua postura crítica, no livro ele explica o que é um nome de autor e como funciona na sociedade (isso que nos interessa principalmente). Foucault fala do desaparecimento ou da “morte do autor”, mas ele não nega a existência do autor. Parece-nos que ele ressalta esse desaparecimento justamente para chegar ao ponto principal: verificar de que forma se estabelece na sociedade a função autor<sup>81</sup>. Assim, ele explica que o nome de autor é um nome próprio, mas “a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome do autor com o que nomeia, não são isomórficas e não funcionam da mesma maneira” (p. 43). Ele ressalta que “os problemas postos pelo nome de autor são muito mais complexos” (p. 43)<sup>82</sup>. Um nome de autor não é só um elemento de um discurso (um sujeito ou complemento, por exemplo), ele “exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, seleccioná-los, opô-los a outros textos” (p. 45).

O fato de vários textos terem sido agrupados sob o mesmo nome indica que se estabeleceu entre eles uma relação seja de homogeneidade, de filiação, de mútua autenticação, de explicação recíproca ou de utilização concomitante. Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto (p. 45).

---

<sup>81</sup> Como Foucault esclarece, em “O que é um autor?”: “Falei de uma certa temática que se pode delimitar, nas obras como na crítica, e que é, se quiserem, a seguinte: o autor deve apagar-se ou ser apagado em proveito das formas próprias ao discurso. Entendido isto, a questão que me coloquei foi esta: o que é que esta regra do desaparecimento do escritor ou do autor permite descobrir? Permite descobrir o jogo da função autor. E o que procurei analisar foi precisamente a maneira como se exercia a função autor, no contexto da cultura européia depois do século XVII. (...) Definir a maneira como se exerce essa função, em que condições, em que domínio, etc., não quer dizer, convenhamos, que o autor não existe”. (p. 81)

<sup>82</sup> Explicando essa passagem de Foucault: se “Pierre Dupont não tem os olhos azuis, ou não nasceu em Paris, ou não é médico, etc., mesmo assim Pierre Dupont continuará sempre a referir-se à mesma pessoa; a ligação de designação não será por isso afetada”. (p. 43). No entanto, “se descobro que Shakespeare não nasceu na casa em que se visita hoje como tal, a modificação não vai alterar o funcionamento do nome do autor; mas se se demonstrasse que Shakespeare não escreveu os Sonetos que passam por seus, a mudança seria de outro tipo: já não deixaria indiferente o funcionamento do nome de autor” (p. 43).

O teórico ainda limita quatro traços característicos da função autor, julgados por ele como os mais visíveis e mais importantes. Desses quatro<sup>83</sup>, sublinhamos um, pois este se relaciona de forma mais direta com aquilo que identificamos no blog analisado (uma identidade profissional que é bem definida e demarcada e a questão da coerência do blogueiro e também “autor”). Sendo assim, a característica que sublinhamos é que a função autor não se forma de modo espontâneo “como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É antes o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos o autor” (p.50). Tenta-se oferecer a este ser racional um estatuto realista: “seria no indivíduo uma instância “profunda”, um poder “criador”, um “projecto”, o lugar originário da escrita” (p. 51)<sup>84</sup>. Mas, o teórico explica que o que de fato faz de um indivíduo um autor é somente a projeção, de modo mais ou menos “psicologizantes, do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos ou as exclusões que efectuamos” (p. 51). Estas operações variam de acordo com as épocas e os tipos de discurso. Mas, ele delineia que “podemos encontrar através dos tempos uma certa invariável nas regras de construção do autor” (p. 51).

Foucault dá um exemplo: o modo como a crítica literária durante anos construiu a forma autor, por meio de textos e discursos existentes, deriva da maneira como a tradição cristã autenticou os textos postos à sua disposição. O teórico cita São Jerônimo<sup>85</sup> que apresenta quatro critérios para atribuir vários discursos a um só e mesmo autor (de que forma colocamos em ação a função autor): o autor é definido como um nível constante de valor (se entre vários livros atribuídos a um autor, houver

---

<sup>83</sup> Esses são resumidos: “a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus”, em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (p. 57).

<sup>84</sup> Esse pensamento de Foucault pode ser complementado com o de Sibilia (2006), em “O show da vida íntima na internet – Blogs, fotologs, orkuts e webcams”. Neste, ela diz que na Idade Média não existia a idéia de “personalidade artística”, pois a função do artista era copiar. Ele tinha a missão de imitar o mundo que já existia e não criar algo novo. Por isso, muitas obras medievais são anônimas. A autora explica que a “concepção do artista movido pela força espontaneamente criadora de sua personalidade só iria surgir na primeira metade do século XIX” (p.04). Precisamente, quando se delineia o artista romântico com uma personalidade singular e uma individualidade marcante. Dessa forma, foi se “instaurando uma relação direta e necessária entre a personalidade do artista e sua obra. Pois a personalidade daquele capaz de criar passou a se tornar um valor em si, muitas vezes em detrimento da obra de fato criada” (p.04). Emerge a figura do autor, o sujeito que se denomina como o criador de um universo: a sua obra. “Essa categoria jurídica também implica uma idéia de propriedade legal sobre o objeto criado: toda obra é um produto, uma mercadoria” (p. 04).

<sup>85</sup> Da obra *De Vírus Illustribus*, citada por Foucault.

um inferior, deve-se retirá-lo da listagem de suas obras); o autor apresenta um campo de coerência conceitual e teórica (textos em contradição de doutrina com as outras obras de um autor também devem ser retirados); o autor tem uma unidade estilística (assim, obras escritas num estilo diferente devem ser excluídas); para finalizar, o autor é visto como “momento histórico definido e ponto de encontro de um certo número de acontecimentos”<sup>86</sup> (p. 52). A crítica moderna define o autor dessa mesma forma.

O teórico observa que o autor corresponde ao princípio de uma unidade de escrita. “Em suma, o autor é uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc” (p. 54). Hoje também costumamos ver um autor como uma unidade coerente que apresenta um estilo e um modo “próprio” de discurso<sup>87</sup>. Isso justamente por essa invariável nas regras de construção de autor, citada por Foucault, ou pela forma que nos disciplinamos a identificar o que seja um autor.

Há, então, a prevalência de ver um autor como um sujeito de traços determinados (refletidos em sua “obra”) e ligado a campos específicos de pensamentos, porém tal prevalência se exerce em outro contexto, diferente, por exemplo, daquele que Foucault escreveu. Atualmente existe a proliferação de autores, influenciada pela maior facilidade em que os sujeitos podem difundir suas “obras” (há produções que não são necessariamente obras), através da internet e dos blogs<sup>88</sup>. No caso dos gêneros confessionais encontrados na internet, SIBILIA (2006) acredita que tais “obras” não têm

---

<sup>86</sup> Para explicar esse último ponto: “devem ser considerados como interpolados os textos que se referem a acontecimentos ou que citam personagens posteriores à morte do autor” (p. 52).

<sup>87</sup> Além de esse estilo aparecer nos textos, o autor o leva para o seu meio social, principalmente aquele que se relaciona com o seu trabalho. No caso de Reinaldo Azevedo (blogueiro, jornalista e autor) o seu estilo é visto no blog, a partir de seus posts, nos livros que escreveu (“O país dos petralhas” e “Máximas de um país Mínimo”), nas entrevistas e palestras que participa.

<sup>88</sup> Para ilustrar essa afirmação podemos citar Sibilialia (2006). No mesmo artigo da nossa nota 84, a autora nos faz visualizar a seguinte linha: na Idade Média, não havia a concepção de personalidade artística; na primeira metade do século XIX nasce essa ideia; depois desse nascimento, discute-se a “morte do autor” em que Roland Barthes representa um dos entusiastas; hoje tal problemática parece anacrônica para a autora, pois quem agoniza agora é o próprio leitor e o “mito do Autor ressuscita com todos os ímpetos” (p. 05). A autora utiliza um argumento estatístico: “nos Estados Unidos (um dos países com maiores índices de leitura do mundo, junto com a França), nos últimos dez anos perderam-se 20 milhões de “leitores em potência”, mas a quantidade de escritores aumentou quase 30%, passando de 11 para 14 milhões. Algo semelhante parece estar ocorrendo num país com um perfil tão diferente como o Brasil” (p. 05). Além do dado estatístico a autora afirma que boa parte da mídia está voltada para “a estatização da personalidade artística” que faz a figura do autor parecer mais viva do que nunca. Portanto, autores estão em toda parte, não necessariamente criando “obras”, pois, para Sibilialia (2006), paradoxalmente a “ameaça de morte não paira apenas sobre o leitor, mas também sobre uma velha companheira de ambos: a obra” (p. 05). Os blogs do tipo “diário íntimo” e outros gêneros confessionais, por exemplo, representam para a autora uma nova classe em expansão: os “artistas sem obras”. Esses apresentam textos intimistas que permitem que seus *autores* se tornem *artistas* ou celebridades. Teríamos, assim, a personalidade exaltada em detrimento da obra. Ou, como a autora diz, as obras desses autores são as suas personalidades.

valor artístico no sentido moderno, pois o que há é “uma escrita com fortes marcas de oralidade, que não remete a outros textos nem se apóia em parâmetros tipicamente literários ou letrados, mas abunda em referências à cultura de massas e ao mercado de consumo” (p. 05). Convivemos também com a “imitação” ou com estilos similares que influenciam na dificuldade de atribuir um “estilo próprio” para determinado autor.

Essas ressalvas resumidamente fazem-nos não perder de vista que atualmente há diversos tipos de autores e de “obras”. Guardadas essas advertências, devemos visualizar que determinados autores relacionam seus pontos de vista ou nós relacionamos tais pontos de vista com outros que não sejam “incompatíveis”. Esses autores são classificados em linhas de pensamentos pré-concebidas, fazem afiliações (assim como afastamentos) políticos e ideológicos relativos às variadas questões, correspondem, mesmo sem querer, às regras dos seus ambientes de atuação, seguem “escolas de pensamento” e possuem estilos diversos de escrever ou discursar. Autores que debatem política, por exemplo, geralmente são enquadrados por nós em posições já estabelecidas (são “de esquerda”, “de direita” ou outras denominações<sup>89</sup>, assim como nós visualizamos os políticos) que devem ser mantidas distantes (ou, por vezes, se aproximam porque é possível uma ligação) para manter suas coerências. Autores se enquadram, intencionalmente ou não, em lógicas desenhadas pela sociedade e em campos de coerência, o que nos aproxima das ideias de Foucault. Essas nos ajudam a pensar sobre os autores como um todo, inclusive os autores blogueiros, como Reinaldo Azevedo. No caso deste, será que essa tentativa de “coerência” ligada à identidade existe somente porque falamos de um ambiente que é público? No sentido de que tudo que está ali é imagem, encenação, espetáculo, uma ideia que serve para ser vendida? Mais uma forma de “encenação do eu”, como acreditam algumas lógicas pós-modernas.

---

<sup>89</sup> “Para alguns teóricos, direita e esquerda são agora conceitos sem significado, numa sociedade cada vez mais complexa onde as inúmeras razões de oposição política já não são passíveis de colocação à direita ou à esquerda. Surgiram novos problemas que estão na origem de movimentos cuja inserção no esquema tradicional da oposição entre esquerda e direita se torna difícil (...). Apesar do reconhecimento da conturbação político-ideológica, muitos autores defendem, por oposição, que a díade sobrevive. De facto, direita e esquerda continuam a ser usados no debate político, nos programas políticos, pelos partidos, movimentos e meios de comunicação social, o que demonstra que continuam a ter validade conotativa. (...) Ronald Inglehart & Hans Klingemann (1976), Lipset (1992) ou Anthony Giddens (1999), suportam igualmente que a dimensão esquerda / direita persiste, consistindo a esquerda na apologia da mudança social em direcção à igualdade política, económica e social, enquanto a direita se suporta numa sociedade tradicional de natureza hierárquica, oposta à mudança para a igualdade. (...)” Trecho retirado do artigo “Direita e Esquerda – o fim da dicotomia ou uma visão pós-moderna sobre o ideário político-ideológico? A(s) terceira(s) via(s) de Tony Blair e Anthony Giddens”, de Belchior (2003).

Vamos refletir sobre essa questão. Já que o blog utilizado para análise representa outros blogs, como explicado em metodologia, nos referiremos aos blogueiros<sup>90</sup>. Sendo assim, nos parece que os blogueiros, apresentando um aspecto no mínimo pouco correspondente à fragmentação exacerbada do sujeito, que vislumbra o cenário dos usos de identidades ilimitadas, tentam é demarcar as fronteiras de suas identidades. Essa busca de limites do “eu” caracteriza um impulso contrário ao discurso que fala sobre a ampliação de identidades ilimitadas, sejam elas na internet ou não. Não estamos negando que já existam ou que possam acontecer as atuações de sujeitos que apresentam identidades “descartáveis”, mais fáceis de serem aplicadas em rede, por exemplo, pois o anonimato facilita isso.

Mas, esse impulso da busca da estabilidade, bem sucedido ou não (importante destacar porque ficamos no plano de uma busca apenas<sup>91</sup>), acontece e merece atenção para que haja uma relativização no modo de pensar os descentramentos dos sujeitos. Nesse sentido, tal tentativa de definição fixa de identidade demonstra certa proximidade com a sonhada essência estável da modernidade e fica mais distante das supostas identidades descentradas contemporâneas. Não comparamos isso a uma atitude de “recolhimento” da identidade e sim de tentativa de “fixação” apenas, porque o sujeito pode sentir necessidade disso ou visa atingir algum fim específico com isso: o de querer vender, por exemplo. Assim, o blog além de ser algo “consumido” pelos participantes, é pelo dono do domínio, ao mesmo tempo em que é o produto fabricado por este último. O sentido de recolhimento é impossível, isto porque os blogs estão em um ambiente em que algumas intenções são compartilhar interesses, idéias e querer “ser visto”.

Se a intenção não é desejar ser visto (poderíamos dizer: “sinto muito, mas você está no lugar errado”) ela acontece do mesmo jeito, mesmo que para alguns produtores de blogs demore mais. Sendo assim, a procura por uma identidade bem demarcada (e, portanto, com a intenção de um histórico definido ou uma memória específica por trás disso) está ligada, além de outros fatos, com a tentativa de “ser alguém” e não apenas “mais um”, esquecido no turbilhão de informações que faz parte da internet e de outros ambientes da sociedade. A idéia de uma “sociedade do espetáculo”, parecida em alguns

---

<sup>90</sup> Estamos falando de uma parcela de blogs que atende esse perfil do blog analisado: são feitos, cada um, por uma só pessoa, estão ligados ao campo profissional e são temáticos (“blogs profissionais reflexivos”).

<sup>91</sup> Não podemos perder de vista a adoção de que “a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo”. (SILVA, 2000, p. 96). Sendo assim, adotamos o termo “busca” neste trabalho.

aspectos com as teorias de DEBORD (1997) aparece. No caso do blog que foi analisado é inevitável não apontarmos que a “imagem” do autor do blog (um jornalista) e sua identidade, entrelaçada com a identidade que este lugar do ciberespaço construiu e procura manter (uma identidade parecida com a de tipo “institucional”), é vista também como uma espécie de “produto” exposto para venda.

Assim, concordamos com a autora SIBILIA (2003) quando ela fala na crise da interioridade psicológica vinculada à modernidade. Sabemos que blogs não podem ser comparados a simples adaptações dos diários íntimos. Essa identidade não pode ser vista da mesma forma que era na cultura do psicológico e da intimidade, com auge nos séculos XVIII e XIX. Sendo assim, as construções de subjetividades dos produtores de blogs, não são “puras” (essas práticas não se fazem em uma “órbita diferente” qualquer). Nos blogs (como um todo), temos modos de ser diversos daqueles que impregnaram a modernidade, porque há um inegável diálogo com a “exposição pública” e, portanto, com as reservas e exhibições necessárias para que se faça uma “boa imagem” que vem vinculada à construção de uma identidade específica.

Para Lúcia Santaella, o aparecimento de cada novo meio de produção e contenção de linguagem e de memória representa o deslocamento de alguma habilidade humana do nível individual para o coletivo e “nesse deslocamento, o homem transitoriamente perde uma parte de si, a imagem que tem de si e do mundo. Nessa imagem estão consubstanciados os valores humanos, que são tão relativos quanto a própria imagem. Se a imagem se fragmenta, os valores escorregam entre as fendas. (Cf.. PENA 2004).

Há, então, uma procura pela fixação de um “eu” (o blogueiro precisa disso considerando *também* a lógica de construção de um blog). Como diz PENA (2003), teríamos “um sujeito que busca a estabilidade em uma identidade coerente e unificada, como resposta à polissemia do descentramento identitário e da própria teia de conexões da contemporaneidade” (PENA, 2003, p. 150). Sendo assim, podemos dizer que os blogs se afastam da vertente contemporânea que fala, por exemplo, de múltiplas “personalidades” de um sujeito. Mas, temos também a questão da visibilidade, ligada a aspectos contemporâneos do “espetáculo”, relacionado à mídia e a adoção de modelos comportamentais. No sentido de que “aquilo que está na moda ou possui credibilidade”, vende, consegue ser consumido. O blog analisado representa isso. Sua credibilidade ancora-se em outra credibilidade<sup>92</sup>: a revista *Veja*.

---

<sup>92</sup> É preciso lembrar que essas credibilidades podem ser questionáveis.

Porém, parece-nos simplista afirmar que essa procura de um “eu” é totalmente consumida nesse jogo do espetáculo, no sentido de que o sujeito - o blogueiro no nosso caso - constrói um “eu”, uma imagem, ou um “personagem” apenas para ser visto e ganhar “audiência”. Estaríamos menosprezando, com isso, aspectos importantes, como a interação, neste ambiente e fora deste, e exacerbando profundamente um “processo de vigília” constante do produtor em relação à sua “identidade”. Esta é construída em processos diversos, através da diferença com o outro e no contato com o mundo em geral. Mas, também nos blogs as pessoas não escrevem de forma ingênua todas as minúcias das suas vidas, pessoais ou profissionais, sem se preocuparem com o “detalhe” da internet que, na sua “vitrine”, oferece para nós diversas opções de “cliques”. Há, portanto, todo um processo de construção identitária, seleção de imagens, fatos e memórias. Isso se confirma em blogs de profissionais, pessoas que demonstram nesses meios os seus trabalhos. Desse modo, temos em mãos um objeto complexo.

O estudo desse objeto demonstra que o espetáculo e o “jogo do consumo veloz” acontecem, mas não impregnam por completo as produções de subjetividades e a construção de uma identidade que aparenta ser coerente. Por isso, o blogueiro representa aquele que, em uma tentativa de estabilidade, não quer se afogar nos “mares polissêmicos” contemporâneos. “Há um medo do afogamento gerado pelas mudanças aceleradas e a dissolução de certezas e referenciais” (PENA, 2003, p. 150). Aspectos como consumo, imagem e espetáculo não eliminam tal busca do sujeito. Nesse sentido, citamos MAIA (2000):

Não estou aqui defendendo uma abordagem essencialista, como se as diferenças conferidas por gênero, raça, etnia, possuísem algum conteúdo ‘inerente’, permanente ou objetivo. Os sentidos das diferenças são construídos social e historicamente, e estão ligados ao modo pelo qual os membros de uma certa comunidade os entendem, os especificam e os experimentam nos contextos práticos de suas vidas. A identidade de pessoas ou grupos nunca pode ser tratada de forma monolítica. (p. 51).

Outro fato é que não é nossa intenção discutir se a existência de uma busca de fixação de identidade constitui apenas um passo do blogueiro para que ele, com uma identidade estabelecida, permaneça inserido na lógica do “espetáculo”. Soa-nos bem claro que ele sabe do valor de sua “imagem”, mas isso não invalida o que tentamos apontar: uma busca de identidade fixa, coerente. Esta não deve ser reduzida a esse fator de valor propagandístico. Concentramos-nos somente na existência desse movimento de “tentativa ou busca de fixação de identidade”, mesmo que ele possa ser tomado apenas

como um passo do blogueiro para os diversos fins. Portanto, podemos falar de distanciamento do sujeito moderno, porque hoje há uma sociedade bem diversa da modernidade, com as características de um ritmo veloz e de modelos consumistas. Essas certamente dialogam com os blogueiros. Mas, também podemos verificar uma aproximação, quando há uma tentativa de definição de identidade, mais próxima da *sonhada* essência estável da modernidade.

A análise dos visitantes do blog de Reinaldo Azevedo merece um espaço agora, mesmo que menor, se comparado à análise do blogueiro, a fim de fazermos uma comparação deste com aqueles e porque, de acordo com algumas teorias, blogs pressupõem o ambiente de uma comunidade virtual. Segundo NUSSBAUMER (2001), as comunidades virtuais, de acordo com Howard Rheingold (1996), são grupos socioculturais que surgem na Internet quando um suficiente número de indivíduos participa de discussões públicas, durante certo tempo, colocando seus sentimentos para que redes de relações humanas se estabeleçam no ciberespaço. LÉVY (1999) complementa essa idéia ao dizer que “três princípios orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (p. 127). O autor diz que as comunidades virtuais são construídas sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, em um processo de cooperação ou de troca.

Durante esse processo entram em contato diversas opiniões, que provavelmente não ganhariam tanto potencial para se chocarem e complementarem, caso não existisse a “união geográfica” provocada pela internet, por exemplo. Os *participantes* do blog em questão aparentemente amparam-se sobre esse conceito de comunidades virtuais, já que eles se unem a partir da afinidade de interesse, no caso o de fundo político. Mas, isto é diferente de afirmar que o blog, como um todo, a sua “razão de ser”, vincula-se a esse conceito. Há outras questões em jogo e isto será discutido adiante. Sendo assim, da mesma forma que fizemos com Reinaldo Azevedo, façamos com os participantes de seu blog: ou seja, as afirmações aplicadas sobre eles, nos tangenciam para uma suspeita de que podem ser ampliadas para visitantes de outros blogs.

Dessa forma, se comparados aos blogueiros/autores, é visível que os laços dos visitantes e leitores em relação aos blogs são mais “descompromissados” e instáveis, mostram-se, por vezes, de forma mais flexível e aberta, mas isso não é suficiente para dizer que os comportamentos desses serviriam para exemplificar mais a lógica de um sujeito instável contemporâneo. O que pode ser invalidado através da verificação dos comportamentos deles fora do ciberespaço. Além de não termos, no momento, a

possibilidade de fazer uma análise profunda de fundo “psicológico”, social e cultural. Não é o caso. Por enquanto, visualiza-se que há uma diferença de “grau” entre tais visitantes. Ou seja, os freqüentes participantes tentam “limitar” suas identidades e traçam perfis “estáveis” naquele ambiente. Sendo assim, esses poderiam ser enquadrados dentro da mesma lógica dos blogueiros. Ou seja, esses tipos de visitantes demonstrariam em tal ambiente a mesma busca de estabilidade “moderna” do blogueiro.

Verificadas essas questões, os blogs podem ser encarados como objetos de estudo que servem para exemplificar uma das formas de se pensar, as identidades dos sujeitos atuais (híbridos e paradoxais, que não têm nada de “puros”, porém, não estão tão fragmentados e perdidos no presente). Além de essas ferramentas nos permitirem pensar o nosso contexto como um todo que se relaciona a uma sociedade atual dividida entre os valores agregados aos termos: “moderno” e “pós-moderno”.

### **Cap. 3 – A Política, Os Blogs e a Opinião Pública**

O político “pode estar em qualquer âmbito, já que não tem lugar próprio”, de acordo com SODRÉ (2006, p. 154), ao explicar a linha argumentativa de Schmitt. Este pensador entende a essência do político através de uma dicotomia, existente no par “amigo/inimigo”. A política, seguindo essa idéia, pode ser encontrada em qualquer parte que haja a distinção entre esses dois termos. Dessa forma, tal definição trata o mundo como um “nós”, “uma pluralidade de semelhantes, à qual se pode evidentemente contrapor uma pluralidade diferente, um “Outro” opositivo – nosso mundo contra o mundo do outro” (p. 153). O antagonismo entre um Estado e outro seria um exemplo.

SODRÉ (2006) explica que Schmitt não se vê como belicista por sua formulação do político e embora a guerra seja o meio político mais extremo, essa não constitui o sentido do político e sim este dá sentido à guerra. Uma “oposição de natureza, digamos religiosa, pode provocar uma guerra, apenas se elevada à condição política” (p. 154). Assim, implica-se apenas que “a possibilidade real de luta deveria estar sempre presente quando se fala de política” (p. 153). A “redução do conceito de inimigo ao de concorrente é uma conseqüência do dilema liberal entre espírito (ética) e economia, uma vez que, no domínio do econômico, não há inimigos, mas apenas concorrentes”<sup>93</sup> (SODRÉ, 2006, p. 153). Com o domínio do econômico atualmente, cabe-nos pensar de que “política” falamos hoje. Além de que tipo de imprensa envolve-se nesse processo contribuindo para formar uma “opinião pública” que também merece ser investigada.

SODRÉ (2006) salienta que, na reflexão de Schmitt, “importante mesmo é o sentimento ou a experiência de diferenciação entre amigo e inimigo (entre um Estado e outro), sem a qual deixaria de existir vida política” (p. 156). Tal possibilidade ocorreria se uma espécie de “Estado Mundial” abarcasse todo o planeta, acabando com a pluralidade dos Estados, e, deste modo, com as diferenças entre amigos e inimigos. Assim, “Schmitt parece antecipar premonitoriamente a ideologia da globalização contemporânea, que aventa a hipótese de uma unidade mundial à base de economia e tecnologias de comunicação” (p. 156). SODRÉ (2006) explica que a lógica de legitimação desse discurso não é adequada à diversidade dos espaços culturais e que há também o “esquecimento” da continuidade das guerras de Estado. Tal ideologia traz consigo a regência total da cultura, sociedade e política pelo capital, como lei total de organização do mundo.

No quadro da ideia de impregnação do capital e “flexibilização de fronteiras” visualiza-se uma crise do Estado moderno, com o abalo de categorias políticas clássicas e da sociedade civil<sup>94</sup>. Além da transformação do espaço público. Este realiza “modernamente, a mediação dos interesses particulares da sociedade civil (...) visando principalmente a preservar as garantias dos direitos individuais frente ao poder de

---

<sup>93</sup>Sodré diz: “neste ponto Schmitt tem um *insight* particularmente agudo: “[...] e num mundo totalmente moralizado e eticizado talvez apenas restem adversários de discussão”. Não se pode deixar de ver antecipada nesta observa o a realidade da política no espaço da m dia contemporânea, ou então a base das predica es da  tica argumentativa na teoria do agir comunicativo de Jurgen Habermas” (p. 153).

<sup>94</sup>MORAES (2008) explica que “a sociedade civil   o conjunto das institui es responsáveis pela elabora o e difusão de ideologias, compreendendo o sistema escolar, a Igreja, os partidos políticos, as organiza es profissionais, os sindicatos, os meios de comunica o, as institui es de caráter científico e artístico, etc”. O teórico cita Gramsci, este entende “sociedade civil como espaço político por excelência, lugar de forte disputa de sentidos”.

Estado” (p. 158). Como a imprensa tem um papel fundamental como mediadora desse espaço<sup>95</sup> e vinculando-se isso a um declínio da política moderna e liberal atualmente, além do fracasso de algumas ideologias anticapitalistas que traziam esperanças sociais, teóricos acreditam que o espaço público é colonizado “pela imagem, em especial a imagem espetacularizada” (p. 160), presente nos meios de comunicação e nas novas tecnologias. Assim, acredita-se que a vida política e social, é contaminada pela imagem.

Unido a esse pensamento, GÓMEZ (2006) explica que na explosão das mediações<sup>96</sup>, a mediação tecnológica adquire uma importância talvez desmedida, ao mesmo tempo em que outras mediações, próprias das diversas instituições sociais, por exemplo, quase desaparecem, “ou se entrincheiram em fundamentalismos de onde procuram ter alguma oportunidade de incidência no intercâmbio societário em seu conjunto” (p. 89). Nesse sentido, existem “as utopias ciberculturais: a esperança na internet, na realidade virtual, na redenção do sofrimento individual e social pelas alegadas recompensas do conhecimento arquivístico e da comunicação ilimitada”, conforme afirma SODRÉ (2006, p. 160). O mesmo relata que ao contrário do que elas “pregam, porém – todas em busca de legitimação por uma suposta universalidade democrática da imagem tecnologicamente expandida -, o campo das imagens no universo contemporâneo da *Realpolitik* institui de fato uma deriva de paradoxos (...)” (p. 160 -161). *Realpolitik* o autor define como a política efetivamente existente no âmbito do poder do Estado. Desses paradoxos, o teórico sintetiza um que diz ser o principal: “a *polis* universal, sonhada pelos pensadores clássicos da política e impossibilitada pela realidade dos Estados nacionais, já chegou, mas apenas em sua forma tecnologicamente virtual, logo na forma da mais absoluta inanição do agir político” (p. 161).

Em tal conjuntura de ampliação do espaço público, embora seja preciso analisar de que forma se dá essa ampliação, aparece como meio importante a Internet que, segundo BORGES (2007), tem três características técnicas que, em conjunto, a distingue de outros meios massivos de comunicação:

velocidade de transmissão da informação; capacidade de armazenamento de conteúdos e interatividade no processo comunicativo (PRIMO e

---

<sup>95</sup>Cabe ressaltar que afirmar isso não é aceitar que a imprensa define o espaço público. “Em outras palavras, este não é um puro espaço de comunicação, e sim uma potência de conversão ou de transformação do individual em comum, o que não deixa de comportar zonas de sombras ou de opacidades não necessariamente comunicativas” (Cf. SODRÉ, 2006, p. 158).

<sup>96</sup>O autor entende que as mediações são processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais, nesse sentido entram as mediações institucionais. Sendo assim, o conceito de mediações não é entendido como propriedade exclusiva dos meios.

CASSOL, 2002). Analisando as interações proporcionadas pelos meios de comunicação, John Thompson diferenciou três tipos: a face-a-face, a mediada e a quase-interação mediada (THOMPSON, 1995:79). Para o autor, a interação tem como base o diálogo, mediado ou não por meios tecnológicos. Sendo assim, as novas tecnologias de comunicação, sobretudo a Internet, permitiriam um grau de interação diferente de todas essas três. No ciberespaço estabelecido pela Internet, existe a possibilidade do sentido todos-todos, alterando os papéis clássicos do modelo emissor-receptor, que tenderiam a se (con)fundir à medida da intensidade da exploração desses potenciais da rede. (p. 01).

A partir dessa proposição, mesmo que caibam ressalvas, sobretudo a análise de como se daria na verdade esse sentido “todos-todos”, o autor afirma que “a Internet emerge como ferramenta inovadora capaz de promover a multiplicação de fluxos comunicacionais que permitem a difusão da informação e do conhecimento”. (p.01). Porém, complementa o autor, “o que alguns teóricos esperavam ser um processo de democratização global da comunicação, em pouco menos de cinco anos deu lugar a um conflito entre grupos libertários e conglomerados econômicos” (p. 01), com a entrada do mercado como elemento importante nos destinos da rede. O autor explica:

os entusiastas da Internet, que “a entendiam como um novo meio, capaz de impulsionar uma esfera pública alternativa ao controle das grandes corporações e governos, passaram a dividir espaço com teóricos que acusam tendências de um modelo concentrado (VAZ, 2004). Por essa ótica, antes de se consolidar como meio participativo, servindo ao interesse público, a Internet caminharia para se tornar apenas mais um meio de transmissão, conduzido pelos interesses econômicos de grandes empresas provedoras de informação. (p. 01)

Um dos meios de comunicação da Internet, difundidos como representantes dessa suposta democratização da comunicação e desse tipo de esfera pública alternativa, são os blogs, analisados na nossa pesquisa. PENA (2006) afirma que “portais, websites e blogs descentralizam a informação. Estes últimos, pela facilidade de acesso, vêm formando o que os medalhões do jornalismo americano chamam pejorativamente de jornalistas de pijama”. (p.177). A alegação é que o grande número de blogs inviabiliza a verificação de suas informações, tornando-os, assim, pouco confiáveis. No entanto, o autor conta que os blogueiros já conseguiram questionar os gigantes da mídia americana. O exemplo que ele cita é o escândalo conhecido como *Rathergate*, quando o famoso apresentador Dan Rather lançou informações inverídicas acerca do presidente Bush no conhecido programa *60 minutes* em setembro de 2004.

Os blogueiros, mesmo com a antipatia a tal presidente em alta, enviaram várias mensagens apontando erros de autenticidade nos quatro “documentos apresentados pela

emissora para provar como o então tenente da reserva George W. Bush havia conseguido escapar da Guerra do Vietnã graças a pressões familiares” (p. 177). O apresentador, por conta do escândalo, demitiu-se da função que exercia há três décadas (âncora do principal telejornal daquele país, o *CBS News*). Dessa forma, os blogs atuaram como vigilantes da grande mídia. O autor ressalta que essa é apenas uma das potencialidades apontadas pelos teóricos da cibercultura.

O fato é que atualmente o cenário é múltiplo e ao lado de mediações clássicas institucionais, ainda que enfraquecidas, existe “a emergência de um complexo ecossistema comunicativo”<sup>97</sup>. A imprensa, importante constituinte da opinião pública, atua através de tradicionais meios (jornais, rádio, televisão) e com outros novos, como os blogs. Estes são usados pelos jornalistas e por grandes empresas de comunicação, como ferramentas para difundir a informação. Cabe-nos investigar, portanto, quais são as possíveis mudanças e manutenções comunicacionais relativas a esse tipo de jornalismo digital, feito por meio de blogs, pelos quais nos concentramos nos blogs de jornalistas que escrevem acerca da política. Como BORGES (2007) ratifica

a diversidade de iniciativas que utilizam a Internet como ferramenta de comunicação política encontra no fenômeno dos weblogs (ou simplesmente blogs) um dos casos mais ricos para pesquisas acadêmicas. Exemplo mais contundente do potencial interativo aberto pela mudança para um modelo de comunicação multidirecional, os blogs jornalísticos multiplicaram os canais disponíveis para a informação, passando a se constituir como meios de comunicação relevantes para a provisão de conteúdos não somente para a opinião pública, mas também para a própria classe jornalística. Por se localizarem na ambígua divisa entre o formal e o informal, entre o profissional e o pessoal e entre o objetivo e o subjetivo, os blogs passam a confundir os papéis tradicionais desempenhados por provedores e consumidores de notícias, instituindo novas práticas discursivas e novas relações sociais com os meios de comunicação. (p. 02).

Nesse sentido, como se dão são essas “novas práticas discursivas e novas relações sociais com os meios de comunicação”? Lidamos com uma ferramenta nova, os blogs – e talvez baseados apenas na ferramenta, discursos disseminam esperanças de uma comunicação diferente, livre, libertadora - mas que, como já demonstrado em capítulos anteriores, não nasceram com os objetivos que denunciam hoje. Esses objetos são apropriados por uma imprensa (blogs jornalísticos) que é atuante dentro desse contexto: categorias clássicas do Estado passam a dividir o espaço cultural, político,

---

<sup>97</sup>GÓMEZ (2006) explica tal termo: “o que eu penso é que todos os meios, velhos e novos, assim com as diversas tecnologias videoeletrônicas e digitais que os tornam possíveis, coexistem, conformando ou não convergências em sentido estrito, porém constituindo ecossistemas comunicativos”. (p. 84).

social, econômico com mediações de características midiáticas, daí a prevalência da imagem e do espetáculo, convergentes com a lógica da globalização e do capital.

Dessa forma, ao nos referirmos aos blogs jornalísticos, especialmente os de temática política, quais são de fato as possíveis diferenças desses em relação aos outros meios comunicacionais<sup>98</sup>? De que forma esse tipo de jornalismo digital se relaciona com tais meios? Com o espaço de comunicação dividido entre as tradicionais formas de veicular informação e as novas, como os blogs, que tipo de opinião pública forma-se e qual é o seu valor político dentro da sociedade? SODRÉ (2006), por exemplo, acredita que “as tecnologias de comunicação ampliam o espaço público, mas apenas de modo técnico ou retórico” (p. 161). Para analisarmos os questionamentos apresentados, relembremos a história dos blogs, os seus recursos, gêneros e as suas apropriações pelos sujeitos, a partir do que foi apresentado no primeiro capítulo, na parte 1.2. Feito isso, entre essas apropriações, sabemos que cabe a que o jornalismo político fez dessa ferramenta e aquela que os políticos fizeram. Dessa forma, nossa proposta é explorarmos os blogs jornalísticos e os blogs de políticos.

## **Metodologia**

PRIMO (2008), ao realizar o método para tipificação de blogs, o aplicou ao estudo empírico de 50 blogs. Tais veículos foram selecionados por meio de um ranking “dos 100 blogs mais populares no Brasil, coletados e publicados pelo blogueiro Edney Silva<sup>99</sup>. Esta seleção levou em conta o ranking<sup>100</sup> atribuído pelo serviço Technorati<sup>101</sup>, um mecanismo de busca especializado em blogs” (p.12-13), durante a noite de 19/08/2007. O autor afirma ainda que “Silva utilizou o ranking brasileiro Blogblogs<sup>102</sup> como critério de desempate para blogs com a mesma pontuação”. (p.13). Para a pesquisa empírica de PRIMO (2008), então, foram selecionados os primeiros 50 blogs

---

<sup>98</sup>Com tal pergunta, queremos analisar se esses blogs pelo menos se aproximam da possibilidade de constituírem, segundo MORAES (2008) explica, “pontos de resistência aos discursos hegemônicos que abrem horizontes de enfrentamento de pontos de vista. Tanto no âmbito físico quanto no virtual, veículos alternativos repõem, mesmo que com raio de abrangência muito inferior à dos meios massivos, a circulação social de conteúdos críticos e contra-hegemônicos”. Também frisamos que essa uma das perguntas principais de nosso trabalho. Tal pergunta começou a ter sua resposta delineada nos capítulos anteriores e será explorada neste, a partir de nossos estudos de casos com 4 blogs.

<sup>99</sup> <http://www.interney.net/?p=9759413>

<sup>100</sup> A autoridade no Technorati corresponde ao número de links que um blog recebeu nos últimos 6 meses. Quanto maior o valor, mais alta sua autoridade. O ranking do Technorati baseia-se nesse índice. O blog com o maior valor de autoridade é considerado o primeiro lugar no Technorati Rank. (<http://support.technorati.com/faq/topic/71>).

<sup>101</sup> <http://www.technorati.com>

<sup>102</sup> <http://blogblogs.com.br/>

desta lista. No entanto, o autor substituiu 9 blogs pelas posições 51, 52, 53, etc, por razões, como problemas de acesso ou pelos endereços tratarem de um agrupamento de diversos blogs (os chamados “condomínio de blogs”). Entre os blogs do gênero profissional reflexivo, a pesquisa citou como os mais populares os seguintes:

Kibe Loco; Pensar Enlouquece, Pense Nisso; Contraditorium; Templates para Blogger; Blog do Cardoso; Reinaldo Azevedo; Diário de um PM<sup>103</sup>; Jozias de Souza; BR Point; Techbits; Revolução Etc<sup>104</sup>; PortalCab<sup>105</sup>; Blog do Juca; Tarja Preta<sup>106</sup>; Blog do Tas; Novo-MUNDO<sup>107</sup>; Efetividade.net; Bernabauer.com; Verdade Absoluta; Liberal, Libertário, Libertino; Bruno Torres ponto net; (p. 14).

Também utilizamos tal metodologia neste capítulo, pois os blogs em questão continuam “na ativa” e mantendo popularidade, pode-se verificar isso através do alto número de comentários (costumam passar de 100) em cada post dos blogs. Mas, além de popularidade, aproveitamos dois blogs jornalísticos para estudo. Estes são importantes por tratarem de política, um assunto que, se não interessa a todos os cidadãos, pelo menos influencia a vida de cada um desses. Sendo assim, utilizamos o blog de Reinaldo Azevedo<sup>108</sup>, hospedado dentro do domínio da revista *Veja Online*, e já explorado no segundo capítulo, e o blog de Josias de Souza<sup>109</sup>, da *Folha Online*. Outro blog que merece ser lembrado aqui é o blog de Ricardo Noblat<sup>110</sup> que costuma ser apontado, na mídia e em *rankings*, como o blog jornalístico mais visitado, mas, considerando a categorização de PRIMO (2008), esse blog está dentro da categoria “organizacional reflexivo”<sup>111</sup>, pois é confeccionado atualmente por uma pequena equipe e não apenas pelo jornalista. Entre os “blogs que vem fazendo a diferença”, no sentido

---

<sup>103</sup> Este blog ganhou notoriedade em virtude do sucesso do filme “Tropa de Elite”, que gerou interesse pela temática. O “Diário de um PM” foi classificado como reflexivo, pois o autor não trata de sua própria atuação como policial militar.

<sup>104</sup> A descrição encontrada no site informa que “O Revolução Etc é o site pessoal do Henrique C. Pereira”.

Contudo, tendo em vista o foco na rentabilidade do blog (existe uma seção específica para anunciantes), ele foi classificado como profissional.

<sup>105</sup> Conforme afirma o blogueiro em entrevista por e-mail, “No começo não existia planos em sobreviver do dinheiro que um dia ele pudesse render, mas agora otimizoo tudo para que assim seja. =)”.

<sup>106</sup> Tendo em vista que a participação dos colaboradores listados é muito baixa, o blog foi julgado como profissional. Ele não foi considerado pessoal em virtude das estratégias mercadológicas do blog, que inclusive veicula posts pagos.

<sup>107</sup> O próprio autor, Rafael Slonik, identifica-se no site como blogueiro profissional.

<sup>108</sup> <http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/>

<sup>109</sup> <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>

<sup>110</sup> <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>

<sup>111</sup> Conceito de blog organizacional reflexivo, segundo PRIMO (2007): “é através deste blog coletivo que uma organização manifesta suas opiniões sobre os temas de seu interesse. Uma organização ativista, por exemplo, pode usar o blog como manifesto online, fazendo críticas e defendendo propostas. Por outro lado, probloggers podem utilizar este gênero de blog para a análise crítica ou inclusive para a sátira de fatos de um segmento”. (p. 12).

de popularidade também, BORGES (2007) cita um em seu artigo: o do veterano jornalista Mino Carta<sup>112</sup>. Porém, verificamos que este blog foi “abandonado” por Mino no dia 04 de fevereiro de 2009. Para isso, o jornalista escreveu um *post* intitulado: “A Despedida”. Neste, ele coloca as suas razões, entre elas, o descontentamento com a política e com o jornalismo, e escreve “Donde tomo as seguintes decisões: despeço-me deste blog e, por ora, calo-me em Carta Capital”.

Acrescentamos em nosso trabalho, os blogs de políticos também, para tentar identificar as possíveis relações destes com a imprensa e com a “opinião pública”. Portanto, escolhemos, entre esses, dois, citados por BORGES (2007): o blog do ex-chefe da Casa Civil da Presidência José Dirceu<sup>113</sup> e do ex-governador do Rio Anthony Garotinho<sup>114</sup>. São blogs de políticos conhecidos nacionalmente e que, considerando o período atual, de “pré-eleições”, com maior “agitação política”, coligações, lançamentos de propostas e candidatos, supomos que mais olhares se voltam para esses domínios.

Apesar do nosso contato com esses quatro blogs ser mais antigo e de já termos pesquisado os mesmos durante datas diversos<sup>115</sup>, agora ilustramos nossa análise com postagens referentes a uma semana de dezembro de 2009 (14/12/2009 a 20/12/2009) em cada blog. Esta seleção rendeu 76 postagens do Blog de Reinaldo Azevedo (com 5876 comentários<sup>116</sup>, ao todo); 65 postagens do Blog de Josias de Souza (com 2553 comentários); 47 postagens do Blog de Antony Garotinho (com 330 comentários); 45 postagens do Blog de José Dirceu (com 415 comentários). Essas constituem o total de 233 postagens e 9174 comentários. O penúltimo blog citado não apresentou postagem no dia 19 de dezembro de 2009, já o último não apresentou nos dias 19 e 20 de dezembro de 2009. Os outros postaram normalmente. Cada blog apresenta ao longo do nosso trabalho um quadro descritivo com o número de postagens em cada dia da semana escolhida, assim como os títulos das mesmas e, junto com esses, a verificação

---

<sup>112</sup> Antes neste endereço: <http://blogdomino.blig.ig.com.br>. Porém, seu último endereço é: <http://www.blogdomino.com.br/>.

<sup>113</sup> <http://www.zedirceu.com.br/>

<sup>114</sup> <http://www.blogdogarotinho.com.br/>

<sup>115</sup> Algumas vezes fizemos esse contato apenas como um “visitante comum” de modo descompromissado, em busca de notícias e pontos de vista, e não como um “pesquisador” que faz coleta de dados, apesar da primeira forma também ajudar a compreender melhor os objetos em questão (os quatro blogs). Outras vezes, como demonstrado no segundo capítulo, partimos para uma análise, como pesquisador, e fixamos postagens com datas específicas.

<sup>116</sup> A quantidade de comentários dos quatro blogs foi colhida depois de um mês, em janeiro de 2010. Essa quantidade pode ter sofrido alguma variação, porém, acreditamos que pequena, pois os leitores vão comentando nos momentos em que as postagens dos blogueiros aparecem. Dificilmente comentam em algo que já virou “arquivo”.

se, com os textos, postou-se ou não algum tipo de ilustração, figura ou foto. Há títulos que possuem o sinal \* que indica se o post foi o que recebeu mais comentários no dia. Com tal metodologia, partimos para a análise.

### 3.1. Blogs Jornalísticos

Em primeiro lugar, vale nos referirmos ao que já foi dito no primeiro capítulo, quando analisamos as características e conteúdos da atual imprensa. De modo breve, podemos lembrar aqui que tal imprensa possui uma lógica de produção em que estratégias de mercado substituem o espaço das causas públicas. Nesse sentido, jornais são mercadorias e buscam o lucro. Pode-se dizer que isso se aplica aos jornais encontrados nos novos meios tecnológicos também (jornalismo digital, por exemplo). No primeiro capítulo, também demonstramos, a partir do livro “Os elementos do jornalismo”, a análise que KOVACH e ROSENSTIEL (2004) fazem do jornalismo e de seus princípios perante o fato de que essa atividade profissional está cada vez mais baseada no mercado. Verificamos a preocupação desses teóricos com o rumo do jornalismo, além de detectarmos que as apreciações deles podem ser estendidas para o Brasil, já que aqui também encontramos oligarquias da imprensa até na Internet. Dessa forma, podemos concluir que tal perspectiva se aplica aos blogs jornalísticos.

Como já dito, os blogs/ferramentas não nasceram com os objetivos que alguns apresentam hoje. Mas, são justamente esses blogs divergentes de sua “natureza” e convergentes com a lógica do lucro, enquadrados em endereços que pertencem a grandes empresas de comunicação, que figuram entre os mais conhecidos e visitados, considerando também a temática política<sup>117</sup>. Os blogs dos jornalistas Reinaldo Azevedo e Josias de Souza atuam dentro dos domínios da Veja Online e Folha Online respectivamente, isso já se vê pelos seus endereços. No primeiro, acima do escrito “Blog Reinaldo Azevedo”, aparece “imponente”, em fonte maior, o texto “Veja.com” e acima deste “Abril.com”<sup>118</sup>. No blog, há indicações como “Assine Abril.com” ou “Assine Veja”. Como enunciamos no segundo capítulo, tanto a partir de referências

---

<sup>117</sup> Ferrari (2008) cita: “Empresas tradicionais como as Organizações Globo, o grupo Estado (detentor do jornal *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da tarde*), o grupo Folha (do jornal *Folha de S. Paulo*) e a Editora Abril se mantêm como os maiores conglomerados de mídia do país, tanto em audiência quanto em receita com publicidade” (p. 27).

<sup>118</sup> O Grupo Abril é hoje um dos maiores e mais influentes grupos de comunicação da América Latina. Ao longo de sua história expandiu e diversificou suas operações, e hoje fornece conteúdo em multiplataformas.

mais nítidas a tal revista, como por meio da análise das postagens diárias, a postura do jornalista, seus ataques e defesas às figuras políticas do cenário atual, relacionam-se de forma harmônica com o pensamento dessa revista e desse grupo de comunicação.

**Figura 2**



**Blog Reinaldo Azevedo**

No segundo blog, a relação do jornalista Josias de Souza com a instituição já é nítida no título “Blogs da Folha”, além de referências como “FolhaOnline” ou “Livraria da Folha”. Mas, também a partir da tomada de posição política (aparentemente mais “neutra”, se comparada com a do primeiro blogueiro) que se aproxima com a da *Folha*. Para fornecermos um terceiro exemplo, outro blog jornalístico, também bem conhecido e que se liga a uma empresa de comunicação, é o blog do Noblat, abrigado no portal do jornal O Globo. O mais interessante de notar é que este blog é feito hoje por uma pequena equipe. Por isso, PRIMO (2008) o classifica dentro da categoria de blog organizacional reflexivo. Assim, tal blog toma a forma de um jornal confeccionado por uma equipe de profissionais que dividem funções para se chegar ao “resultado final do produto”: a notícia *on line*.

**Figura 3**



### Blog Josias de Souza

Considerando essas descrições iniciais, ao tentar responder a pergunta “quais são de fato as possíveis diferenças desses<sup>119</sup> em relação aos outros meios comunicacionais?” parece que identificamos só uma “migração” das empresas jornalísticas, em conjunto com as suas “credibilidades”<sup>120</sup>, para uma nova esfera tecnológica. Segundo MORAES (2008), explicando as idéias de Gramsci, este “não limita o papel dos veículos à esfera ideológica e chama a atenção para as determinações econômicas – financeiras das empresas jornalísticas, que as impelem a agregar o público leitor para assegurar rentabilidade e influência”. Para isso, entende-se que o jornalismo pode buscar novas esferas de atuação para permanecer no mercado, sem modificar seus essenciais modos de atuação<sup>121</sup>. No começo dos anos 30, afirma MORAES (2008), “o pensador italiano avaliava que a imprensa burguesa se movia em direção ao que pudesse agradar o gosto popular (...), de modo a atrair uma clientela continuada e permanente”. Ressalta o autor que “esses componentes socioeconômicos e ideológicos estão na base do que Gramsci

<sup>119</sup> Entendem-se blogs.

<sup>120</sup> Credibilidades que podem ser questionáveis. Podemos lembrar a preocupação com os caminhos do jornalismo, no livro *Os Elementos do Jornalismo*, dos teóricos Bill Kovach e Tom Rosenstiel.

<sup>121</sup> Assim, alguns blogs atualmente têm sido desenvolvidos por empresas de mídia para informar mais, apenas dar continuidade ao material divulgado na TV, revista, jornal ou rádio.

denomina de jornalismo integral”. Um jornalismo que não só procura satisfazer as necessidades de seu público, mas “pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área”. Assim, é possível visualizar todos os tipos de notícias enquadradas no jogo do mercado<sup>122</sup>.

A atividade jornalística enquadrada nesse jogo traz a preocupação com um princípio, apontado no primeiro capítulo, que é a independência jornalística. Tal diz que a primeira lealdade do jornalismo deve ser com os cidadãos e para isso o jornalista não deve encontrar obstáculos para obter e relatar uma informação, mesmo à custa dos interesses dos “patrões”. Conforme explicamos, o jornalista deve ter uma obrigação social que vai além desses interesses e ainda assim é essa obrigação que vai garantir o sucesso financeiro desses mesmos patrões. Também ressaltamos que essa independência não é apenas relativa aos patrões, mas que os jornalistas devem mantê-la de todos aqueles a quem cobrem. Assim, o ideal é independência de categorias econômicas, raça, religião e grupos diversos.

Se pensarmos de que forma funcionam os blogs jornalísticos analisados podemos lembrar a teoria do *gatekeeper* que privilegia a ação pessoal. Só se tornam notícias os acontecimentos que passam por um portão (*gate*) coordenado pelo porteiro selecionador (*gatekeeper*) que é o jornalista blogueiro. Se compararmos esses blogueiros com os jornalistas que trabalham através de outros meios, existe uma maior liberdade para os primeiros. No dia a dia, não há controles das instituições com as quais os blogueiros estão ligados, essas não definem os tamanhos dos textos e nem prazos para entregas dos conteúdos<sup>123</sup>, não há a figura do editor, do pauteiro, do fotógrafo, entre outros. O blogueiro faz os papéis desses integrantes. Como o próprio Reinaldo

---

<sup>122</sup>Com a ressalva dos “pontos de resistência” aos discursos hegemônicos que, segundo MORAES (2008), “abrem pontos de enfrentamentos de pontos de vista”. Veículos alternativos seriam exemplos.

<sup>123</sup>Os “materiais” apresentados pelos blogueiros agradam seus chefes, mas são os primeiros que fazem os seus horários de trabalhos, executados em seus domicílios e, no caso de Reinaldo Azevedo, seu trabalho é até auxiliado por ente familiar (sua esposa). Numa entrevista que este jornalista concedeu a Jô Soares, no programa de 23 de novembro de 2009, Azevedo descreve essa rotina:

- Jô: “Você tem um blog. Vamos colocar o blog, o famoso blog no telão”.

- Azev: “Tá paradinho agora. Minha mulher tá mandando os comentários lá.”

(...)

- Jô: “Leiam abaixo”.

- Azev: “É! Ali é o que eu produzi na madrugada. Isso tudo eu produzi na madrugada”.

- Jô: “Você vai dormir de manhã também, né?”

- Azev: “Eu vou dormir 6:30 da manhã, 7:00h”.

- Jô: “E acorda que horas? Não minta”.

- Azev: “Não minto não. 11h30, 12h. Eu durmo muito pouco. Eu durmo 4 horas e meia, 5 horas”.

Em ([http://www.youtube.com/results?search\\_query=reinaldo+azevedo&aq=f](http://www.youtube.com/results?search_query=reinaldo+azevedo&aq=f)).

Azevedo diz, “o que a internet me deu? A internet me deu muito mais liberdade”<sup>124</sup>. O jornalista faz daquele blog a sua casa e a administra seguindo os princípios que escolhe. Azevedo, ao explicar a relação dele com seus leitores deixa claro:

Agora, eu tenho que ter com eles uma relação de absoluta honestidade. Meu blog tem zero de populismo. Como eu não sou populista em política, como eu odeio populismo em qualquer setor da vida. Então, uma das características do meu blog é expulsar leitor. “Eu não quero você aqui, vagabundo, vai embora”. Por quê? Porque se ele acha que eu sou um canalha, se acha que eu sou um cretino, se ele acha que eu não posso ter a opinião que eu tenho, ele que vá procurar outro lugar, o blog é meu. Fui eu que fiz, é minha casa. E se ele ficar ali, bom vai ter que ficar seguindo as regras da casa. (Idem nota 21).

Essa passagem ilustra bem o domínio que o jornalista possui sobre a “sua casa” e a liberdade que ele tem para se referir ao blog que ele próprio fez. No entanto, resta-nos lembrar que tal casa está dentro de um “condomínio” e este não pertence ao jornalista. Mesmo que o blogueiro não possa ser comparado a um jornalista de um jornal escrito, porque o primeiro possui uma maior liberdade, o fato é que Azevedo e Josias de Souza, são contratados, possuem “casas” que estão sob domínios maiores: as instituições de comunicação que os contrataram. Ao mesmo tempo em que criam seus blogs, com textos e opiniões próprias, atuam com posturas ideológicas e políticas que devem agradar seus “patrões”. Estes confiam nos dois profissionais, por isso esses gozam de liberdade para trabalhar<sup>125</sup>. Se assim não fosse, não teriam recebido propostas de construírem e permanecerem com as “suas casas naqueles terrenos”. É uma lógica que se relaciona também ao que falamos sobre a questão dos autores. Estes fazem acordos, afiliações, afastamentos, “combates” (assim como os políticos) e constroem campos de coerências convergentes ou não.

---

<sup>124</sup> Em “Reinaldo Azevedo conta como fazer um blog de sucesso” - Palestra proferida como parte das atividades da 2ª Semana Web Abril em 24/11/2008. Na página: (<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>).

<sup>125</sup> Assim como os profissionais agradam seus patrões as propostas desses também agradam os primeiros. É um acordo. Azevedo diz: “Criei meu blog e botei o blog no ar. Como diz o Gerosa, ele foi muito bem logo de cara. Em um mês depois eu tinha a proposta pra vir pra Abril, uma pra ir pra Globo e outra pro Estadão. E na época eu estava escrevendo no Estadão e pro Globo e a idéia era ser exclusivo de um deles com o blog. A Abril entrou e a proposta pra vir pra Abril incluía um artigo mensal de duas páginas com características mais ou menos ensaísticas na Veja, evidentemente me interessava, então, eu negocie com os outros veículos. Vim pra Abril e estou aí há dois anos e pouco... E tenho feito o que eu chamo de jornalismo de opinião” (idem nota 124). Ainda podemos acrescentar que nessas propostas feitas pelas organizações, os dois jornalistas se submetem às regras que são comuns a quaisquer integrantes das instituições que os contrataram. No caso de Josias de Souza, por exemplo, as regras para postarem comentários no blog que ele atua são idênticas às regras de qualquer blog da Folha. Ou seja, o jornalista segue um padrão estabelecido pela organização onde ele trabalha.

Dessa forma, os jornalistas possuem liberdade, mas não se pode dizer que atuam como bem entendem. Agem com perspectivas compatíveis às de suas organizações. Como já sabemos, por meio do primeiro capítulo, a teoria do *gatekeeper* foi perdendo prestígio tendo em vista a ascensão de teorias ligadas à construção social da realidade. Apesar do mérito da teoria do *gatekeeper*, por reconhecer em que ponto do aparelho se fazia a ação do filtro das notícias de forma explícita, os estudos passaram a se concentrar nos contextos relativos à escolha do selecionador (jornalista), um desses é o da organização da redação. Assim, a teoria Organizacional privilegia a importância da organização profissional da redação para se chegar à notícia (produto). Então, o contexto “profissional-organizativo-burocrático” exerce influência decisiva nas escolhas do jornalista. Este fica socializado com a política editorial da organização, se conforma com esta, e suas crenças individuais se enfraquecem. Os teóricos explicam as várias causas que fazem isso acontecer: a autoridade institucional ou as aspirações de mobilidade profissional dentro da empresa são exemplos.

Conforme ressaltamos, demonstra-se certo determinismo nessa teoria e para amenizar isso existem os “pontos de fuga” (amparados no sentimento de autonomia profissional dos jornalistas) que os fazem fugir desse controle social da empresa. No caso dos blogs analisados, não prevalece esse determinismo que dá uma maior importância às organizações em detrimento dos pensamentos individuais dos profissionais. Esses são expostos com liberdade, mas a teoria organizacional é útil para compreendermos que, ao mesmo tempo, essas crenças revelam-se próximas das linhas editoriais das instituições.

Nesse acordo entre empresas e jornalistas resta-nos saber de que forma podemos enxergar alguns princípios jornalísticos, como independência jornalística. Vale indagar se os jornalistas e as suas opiniões, em conjunto com as políticas editoriais das empresas, atuam exemplificando essa independência, por exemplo. Conforme KOVACH e ROSENSTIEL (2004) explicam, neutralidade e imparcialidade, ligados a esse princípio, não devem, na verdade, ser perseguidos pelos profissionais. Assim, no caso dos blogueiros que fazem “jornalismo de opinião”, as credibilidades desses devem se ancorar na precisão, na verificação e num interesse público maior que qualquer outro interesse para que não esbarrem na “propaganda ideológica”. O conteúdo dos blogs jornalísticos pode nos trazer algumas reflexões sobre essas questões.

### **3.1.2. Conteúdo e Forma dos Blogs Jornalísticos**

Conforme explicamos em metodologia, confeccionamos dois quadros com os títulos dos posts, emitidos de 14/12/2009 a 20/12/2009, dos dois blogs jornalísticos. A análise destes posts nos ajuda a formar conceitos sobre o que “falam as notícias”, além das formas em que são feitas (quais recursos utilizam e como essas são estruturadas), e quais tipos de opiniões políticas os jornalistas dispõem para os leitores (se independentes ou não, por exemplo). Assim, o Blog de Reinaldo Azevedo gerou 76 postagens no total (com 5876 comentários, ao todo) e o de Josias de Souza, 65 postagens (com 2553 comentários, ao todo) volume menor que o primeiro<sup>126</sup>. Os posts com seus títulos estão nas tabelas abaixo:

**Tabela 2**

<b>Blog Reinaldo Azevedo</b>
<b>14/12/09</b> - O Chile e o Brasil; Virou Religião. Não é mais Ciência; De homens, Arruda e Cavalos; Os 400 da Paulista e os 14 da casa da Noca (com duas fotos)*; Uma alma terrorista; Os Pauteiros do PT; As imagens dos leitores que não invento, mas que me inventam; Qüiproquó suspende negociação da cúpula do clima; O de sempre; Frei Betto no “Granma.cu”(com foto); Há mais gelo no Ártico. Que bom! (com tabela). <b>(11 postagens; 1041 comentários).</b>
<b>15/12/09</b> - A vanguarda do atraso (com foto); Monty Python em Copenhague (com vídeo); Sozinho...; Se eu fosse pré - candidato; O grande pateta; Pelo visto, temperatura também cai na Antártica; Mais uma vez, os conservadores salvarão o mundo; As mocréias e mocréios do Apocalipse; Cuidado com a Boca que você beija, leitor; Eu num intendi u qui ela falô (vídeo)*; Aquecimento local (vídeo); Um homem sem ambições e Avril, a Tartaruga; Com a China, não tem papo. E ditador comuna não liga para a malucada das ruas...; São Paulo e Califórnia em Copenhague; Em Copenhague, Dilma desautoriza Minc e diz que Brasil nunca pleiteou recursos para adaptação a mudanças climáticas; Cintura dura. <b>(16 postagens; 1158 comentários).</b>
<b>16/12/09</b> - Ciro dá barraco porque descobre que o PT não o queria para casar; O Senado diz sim a Chávez: brincando com o louco e com o perigo (com 3 mapas)*; Ainda a Venezuela: quanto custa um Senador entender um “princípio”?; O Lixo fedorento produzido por José Dirceu; Kassab e Serra provocam outro temporal em SP; Todos os Senadores que se juntaram a Hugo Chávez; Ahmadinejad discorda de Zé Carço e testa míssil que pode chegar a Israel; A hora do nojo – o petista Mercadante e os outros 34 apóiam um governo que prende uma juíza só porque ela segue a lei; Reviravolta: Lula, é sim, obrigado a entregar Battisti à Itália (com foto); Perdeu, Terrorista! Perdeu, Tarso Genro! Ganhou, Estado de Direito! Ganham, leitores do Blog! <b>(10 postagens; 1109 comentários).</b>
<b>17/12/09</b> - Eles não desistem da tentativa de censurar o Jornalismo; A minha musa e o Marat dos alagados; As falsas Imagens do Aquecimento Global (com 2 Vídeos); A luta de Chapeuzinho Vermelho contra o Lobo Mau. Ou: de Demofóbicos e Demofílicos; Cabeça de bacalhau, enterro de anão e chargista que não é de esquerda (charge)*; Em Copenhague, Lula cobra os ricos; Os ricos e o óbvio; Aécio desiste de concorrer à Presidência; A decisão de Aécio e dois cenários para assustar petistas; A carta de Aécio; Carta não fecha as portas para Vice de Serra e toca num aspecto essencial; Comentários; As análises de não-sei-quem; Lá vai a minha musa meter o pé na enchente; Em nota, Serra reforça chamado à União, presente em carta de Aécio. <b>(15 postagens; 955 comentários).</b>

<sup>126</sup> Lembramos que o sinal \* encontrado em alguns títulos significa o post que recebeu mais comentários.

<p><b>18/12/09</b> - As razões de Aécio e o futuro; De tontos e Vigaristas – Hoje e em 2005. Ou: É Gramsci, Idiota! Pesquisa e os dados da lógica; A Folha on line é editada por José Dirceu?; A imprensa põe a corda a volta do próprio pescoço*; No teatro. <b>(5 postagens; 586 comentários).</b></p>
<p><b>19/12/09</b> - Veja 5 – O estranho marxismo de Caio Prado (com uma foto antiga); Veja 4 – O modelo é o Granma de Fidel (com foto); Veja 3 – A hora de Serra; Veja 2 – Delúbio, o mensaleiro, e os negócios (com foto); Veja 1: MST: o mais odiado do Brasil (com foto e gráfico); O fiasco da igreja dos Santos do aquecimento global dos últimos dias; Datafolha terá segundo turno desta vez?; Na Folha de domingo, Datafolha; cenário de agosto não se repete (com tabelas); No Vox Populi, Programa no PT não faz Dilma crescer; sem Ciro, Serra venceria a disputa no primeiro turno (com tabelas)*; Mais tarde. <b>(10 postagens; 521 comentários).</b></p>
<p><b>20/12/09</b> - Petralhas e seu ódio amoroso; Só 20% das mulheres votariam em Dilma (com tabela); Melhor marca de Dilma se dá entre os de maior renda (com tabela); Dilma: no Sudeste e no Sul, situação complicada; no Nordeste, ligeira vantagem (com tabela); Datafolha ainda testou nome de Aécio como candidato tucano (com 2 tabelas); Fala o analista isento: “Serra está muito na frente! Vamos dizer que isso é péssimo para ele”; Datafolha: Sem Ciro, Serra vence no 1º turno; no 2º, tucano bate Dilma por 49% a 34%. E o erro de leitura da Folha (com 4 tabelas); Não! Eu não os deixarei em paz!*; Vou passear antes que a Musa da enchente faça a dança da chuva. <b>(9 postagens; 506 comentários).</b></p>

**Tabela 3**

<b>Blog Josias de Souza</b>
<p><b>14/12/09</b> - #°ç£!@#%&amp;*~}[^%!(Charge); As manchetes desta segunda (com foto padrão); À espera de manifestação de Lula, PMDB congela PT (com 4 fotos e vídeo); Senado adia cortes para 2010 e deve dar um reajuste (com foto); PF quer agora apalpar as contas bancárias de Arruda (com foto)*; Geddel abre ‘guerrilha eletrônica’ contra PT na Bahia (com 2 fotos); Protógenes é convidado para compor equipe da Copa (com foto). <b>(7 postagens; 300 comentários).</b></p>
<p><b>15/12/09</b> - Crítico da imprensa, Lula exalta ‘liberdade de imprensa’ (com vídeo e foto); Falei, mas quem não fala?!?! (Charge); As manchetes desta terça (com foto padrão); Sob ‘sítio’, Arruda antecipa os salários dos servidores (com foto); Hélio Costa mantém negociação paralela com Aécio (com foto); Jucá lê nesta terça relatório final da CPI da Petrobras (com foto)*; PV abre guichê virtual para receber doações via web (com vídeo); Vice de Santa Catarina é denunciado por ‘corrupção’ (com foto); Lula, Temer e os contornos do trololô da ‘lista triplice’ (com foto); Senado aprova Venezuela no Mercosul: 35 votos a 27 (com charge de Chávez). <b>(13 postagens; 385 comentários).</b></p>
<p><b>16/12/09</b> - Uni, duni, tê, Salamê, mingüê...(Charge); As manchetes desta quarta (com foto padrão); Chile torna-se o 2º país da América Latina na OCDE (com foto); PMDB leva mais dois nomes a agências reguladoras (com ilustração); Elio Gaspari: ‘A censura chegou ao próprio Supremo’ (com ilustração); Panetonegate: Câmara adia impeachment para 2010 (com ilustração); MPF acusa 11 por ‘desvios’ R\$ 45 mi em Congonhas (com ilustração); Tratado como ‘rico’ em Copenhague, o Brasil reclama (com foto)*; Acordo salarial afasta risco de apagão aéreo no Natal (com foto). <b>(9 postagens; 328 comentários).</b></p>
<p><b>17/12/09</b> - Battisti: STF muda acórdão e limita a decisão de Lula (com foto); Efeito Chávez! (charge); As manchetes desta quinta (com foto padrão); Senado veta nome de Sarney na Agência das Águas (com foto); Despenca o nº de processos que dão entrada no STF (com foto); Patrus oficializa o pedido de prévias contra Pimentel (com foto); Lula em Copenhague: ‘A conferência não é um jogo’ (com vídeo); Aécio desiste e abre caminho para candidatura Serra (com foto e vídeo); Em privado, Serra diz que vai atrair Aécio para a vice (com foto); PT: saída de Aécio era previsível e não muda quadro (com foto); Cesar Maia: hipótese de Serra não disputar ‘existe’ (com foto); Em nota, Serra enaltece o ‘desprendimento’ de Aécio (com foto)*. <b>(12 postagens; 362 comentários).</b></p>
<p><b>18/12/09</b> - Solidariedade animal! (charge); As manchetes desta sexta; 26 obras podem ficar</p>

sem verbas, seis delas do PAC (com foto); MPF espera obter quebra de sigilo de Arruda nesta 6ª (com foto); Para Aécio, opção por Serra facilita estratégia de Lula (com foto)\*; Gilmar: ‘Nós evitamos a instalação do Estado policial’ (com ilustração); Filho de Sarney retira ação que censurou o ‘Estadão’(com foto); Juiz do DF condena Waldomiro Diniz por improbidade (com foto); Panetonegate: STJ manda GDF detalhar pagamentos (com foto);

**(9 postagens; 426 comentários).**

**19/12/09** - Profeta da tribo de Lulevi! (charge); As manchetes deste sábado (com foto padrão); PT quer que Dilma ponha ‘pé na estrada’ já em janeiro (com foto); Em vez de conter gases-estufa, a cúpula fez fumaça (com vídeo); FHC: Há ‘sentimento nacional’ por chapa Serra-Aécio (com ilustração)\*; Se o mundo fosse água mineral, seria do tipo gasoso (com vídeo); Câmara gasta R\$ 40 mi em reforma de apartamentos (com foto); Datafolha: Dilma sobe seis pontos e Serra estaciona (com foto);

**(8 postagens; 555 comentários).**

**20/12/09** - Vodú! (charge); As manchetes deste domingo (com foto padrão); PMDB já condiciona aliança à ‘performance’ de Dilma (com foto)\*; PF recolhe dinheiro marcado com assessor de Arruda (com foto); Durval afirma que entregou dinheiro a Paulo Octávio (com foto); Convenção do PMDB-BA vira palco de ataques ao PT (com foto e vídeo); Chávez: aviões da Colômbia ‘espionam’ a Venezuela (com foto). **(7 postagens; 197 comentários).**

Os dois blogs possuem temas, na maioria, ligados à política nacional. Citam os protagonistas atuais desta (presidente, senadores, candidatos às eleições e, como sempre, políticos envolvidos com corrupção), discorrem sobre a atuação dos nossos políticos no cenário nacional e no exterior ou sobre qualquer ligação da política nacional com a estrangeira. As pautas presentes nos blogs jornalísticos analisados não se diferenciam muito entre si. No dia 14 de dezembro, um título do post do blog de Reinaldo Azevedo é “De homens, Arruda e Cavalos”. Já no blog de Josias de Souza, no mesmo dia, é “PF quer agora apalpar as contas bancárias de Arruda”. Embora com angulações diferentes, os dois tratam do mesmo assunto: o “escândalo Arruda/Panetone” e seus desdobramentos. No dia 15 de dezembro, o blog de Josias noticia “Senado aprova Venezuela no Mercosul: 35 votos a 27” e, apesar do atraso de um dia depois, em 16 de dezembro, aparece no blog de Azevedo “O Senado diz sim a Chávez: brincando com o louco e com o perigo”. O dia 17 de dezembro ilustra bem essa equivalência entre as pautas porque nessa data Reinaldo Azevedo publica 6 posts sobre a desistência do governador de Minas, Aécio Neves, de concorrer à presidência, e as conseqüências que esse fato traz. Josias de Souza faz o mesmo caminho ao publicar 5 posts sobre tal tema. Nos dias 19 e 20, Azevedo concentra sua atenção para as disputas dos candidatos à presidência, Dilma Rousseff e José Serra, com inclusão de pesquisas de alguns institutos. Josias, nesse período, também posta sobre tal assunto, embora menos.

Esse parentesco entre os tópicos, escolhidos pelos jornalistas, muitas vezes possível de se enxergar apenas pelos títulos das notícias, acontece entre os dois blogs analisados, mas teóricos apontam que é permanente entre os vários veículos. Os “furos

jornalísticos” podem acontecer nos blogs, sobretudo porque são ferramentas da internet que não passam por processos demorados de editoração, como no caso dos jornais impressos, mas o que queremos apontar é uma semelhança entre as pautas, mesmo que uns veículos demorem mais, outros menos para apresentá-las.

No primeiro capítulo falamos sobre essa semelhança de pautas entre os veículos de comunicação e citamos que os visuais dos jornais, no geral, também são parecidos. Os blogs desses jornalistas obedecem a esse último aspecto. Basta olharmos as suas páginas na internet: textos se misturam com variadas cores, publicidades, imagens e, como é o caso de estarem na internet, vídeos e links. Como afirma LAGE (2008), o “projeto das páginas considera a tela mais como um palco do que como uma página. Utiliza fotos, infografias e vídeos em formato pequeno, para reduzir o tempo de processamento do acesso pelo usuário” (p. 45). O ciberespaço traz esses atrativos, e veículos, como jornais impressos, usam os recursos que podem para atrair leitores. Quando abrimos alguns jornais, além de “notícias”, o que há é uma poluição visual, a mesma espalhada pelos cartazes, *outdoors*, folhetos encontrados nas ruas.

Tendo em vista a ideia da notícia como produto e a corrida pelo lucro entre os vários meios, a imagem se consolidou, embora a palavra e o texto tenham seus valores. SODRÉ (2006) nos fornece um exemplo para entender o “império da imagem”, em conjunto com o espetáculo e a velocidade da informação. O autor afirma que o fenômeno da curta passagem de Jânio Quadros pela presidência da República brasileira (sete meses em 1961) é marcado por sua excentricidade e por sua enigmática renúncia. Durante a campanha,

Jânio havia conseguido popularizar a União Democrática Nacional (UDN) (...) com a vassoura como símbolo de seu projeto moralizador. Nos cartazes e nos comícios, o candidato e sua vassoura impunham-se como imagem de honestidade no trato da coisa pública. Eleito presidente da república, ele permaneceu encerrado em seu próprio reflexo, na prática uma caricatura da bandeira da luta udenista. A hipótese de um jornalista que acompanhou de perto os acontecimentos é que Jânio, naquele tempo “pré-televisivo”- entenda-se: em que a tevê não detinha o mesmo poder de hoje -, “talvez buscasse mais do que tudo a imagem”. Especula: “suas pequenas extravagâncias, se feitas hoje, iriam diluir-se na enxurrada de cores, gestos, berros, monólogos, músicas e sons desconexos que a televisão leva aos lares e escritórios, ou à rua: jamais representariam o que representaram nem teriam o impacto que tiveram naquele 1961, em que os discursos e as idéias políticas ainda construam sonhos ou derrubavam muralhas”<sup>127</sup>. (p. 162).

---

<sup>127</sup> Tavares, Flávio. O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder. Record, 2004, p. 191.

O autor explica que o jornalista quer dizer com isso que Jânio Quadros seria, em si mesmo, televisivo, “como se vestisse em curiosa antecipação de muitos anos, a programação extravagante e grotesca que hoje caracteriza horários privilegiados da maioria das emissoras de tevê” (p. 163). Seguindo as idéias do autor, poderíamos estender essa caracterização a outros meios. SODRÉ (2006) afirma que a hipótese do jornalista é de que se Jânio fosse hoje “reproduzido em tempo real pela televisão, poderia diluir-se na banalidade de imagens semelhantes” (p. 163). O teórico entende que neste exemplo “pré-globalista” e “pré-televisivo”, o homem político “ainda se apresenta como um “ator” que acena para a massa cheia de potencial agregativo” (p.163). Mas, na contemporaneidade, as “massas perdem densidade física em favor da dispersão e do anonimato das audiências midiáticas e em que a consciência política dá lugar a uma consciência técnica *na* política” (p. 163). Assim, o primado dos meios sobre os fins e a “midiatização da experiência sobre a originalidade dos conteúdos, esvazia o político de sua força constituinte e transforma a representação em pura performance” (p. 163).

Hoje, se torna uma constante a utilização do apelo visual e das imagens, muitas vezes repetitivas, nos vários meios comunicativos, ainda mais tendo em vista a entrada de novas formas que lançam a informação: o jornalismo digital, por exemplo. Levando em conta uma proposta ideal para este tipo de jornalismo, FERRARI (2008) afirma que os jornalistas on-line necessitam pensar em elementos diferentes, nos vários recursos usados para complementar uma notícia. Esses complementos aparecem nos blogs jornalísticos analisados e, em alguns posts, não são “acessórios”, fazem os papéis dos principais componentes (são os textos que acompanham as imagens). Dessa forma, a “imagem fala”, carrega o principal conteúdo e é capaz de abrir, para os leitores, campos de conceituações variáveis<sup>128</sup>, embora possa existir um “senso comum”, já formado, sobre determinada imagem ou as ideias referentes a essa pelo menos se aproximam. Tal aproximação, além daquela feita a partir do material escrito pelo dono do domínio, acontece nos blogs analisados (é possível ver pelos comentários dos visitantes), até porque esses lugares representam comunidades virtuais e alguns integrantes podem apresentar conceitos próximos sobre certos assuntos.

---

<sup>128</sup>No livro “Linguagem jornalística”, Lage (2008) explica que os sistemas analógicos (fotografias, ilustrações, charges, cartoons, imagens em infográficos) “fixam e comentam momentos e por isso são unidades semânticas autônomas de grande valor referencial. Sua sintaxe, no entanto, é relativamente pobre, e isso os torna passíveis de conceituação variável, ambíguos como a própria observação da realidade. Legendas, títulos e balões cumprem a função de reduzir a ambigüidade conceitual.” (p. 13).

Nas 76 postagens de Reinaldo Azevedo aparecem 38 tipos de “imagens” (ilustrações, tabelas ou fotos) e 5 vídeos. Azevedo faz menor uso desses recursos e não os distribui de modo uniforme em seus posts<sup>129</sup>, se comparado a Josias de Souza. Este, em 65 postagens, apresentou 61 tipos de “imagens” e 8 vídeos, além do fato de que, em cada post, o jornalista apresenta algum tipo de ilustração. Todo dia o leitor pode encontrar nesse blog uma charge também, modo em que o profissional pode ser irônico, de uma forma indireta que não utiliza textos.

Quanto ao sistema linguístico, ressaltamos que embora a economia de palavras seja algo recomendável e feito em alguns blogs<sup>130</sup> e na internet, no geral, o blog de Azevedo não possui essa preocupação<sup>131</sup>, pois seus textos raramente são enxutos. Apresenta, na maioria, postagens longas, em sua página de abertura, com poucos *links* que direcionam para outros domínios e podemos visualizar notícias com divisões, feitas por subtítulos (nesse sentido há semelhança com os textos dos impressos). Utiliza também destaques, grifa ao longo do texto, trechos (parágrafos inteiros) com diferentes cores. Há ainda situações em que um post pode ser visto como a continuação de outro, sendo que não precisam estar perto<sup>132</sup>. Assim, esse blog jornalístico posta muito, mas, no período analisado, o profissional não apresentou tanta variedade e sim repetiu alguns assuntos (sendo isso intencional ou não). Entre eles, o clima e suas ligações com as atuações políticas e as críticas sobre Dilma e o PT, questão que vamos nos ater depois.

Já o blog de Josias de Souza não chega a formar “miniposts”, mas apresenta as notícias com textos menos longos e com mais *links* (que permitem o aprofundamento das matérias a quem desejar) e todos os seus parágrafos possuem o padrão de ocuparem,

---

<sup>129</sup>Os dias 19 e 20 de dezembro rendem mais ilustrações (tabelas), por exemplo, pois as notícias se referem às pesquisas eleitorais e o jornalista teve a preocupação de evidenciar os números; já nos outros dias, raramente aparecem componentes visuais de variados tipos.

<sup>130</sup> Segundo Lage (2008), não há ainda uma estrutura padrão para textos na internet, mas no início do século XXI, a tendência dominante era a de produzir, na página de abertura, “textos em forma gráfica, mas parecidos com os que vão ser lidos na televisão: breves, coloquiais, diretos, enxutos” (p.79).

<sup>131</sup> Como Gerosa (2008) diz: O Reinaldo não tem muito de teoria da internet, essas teses da Web 2.0, pelo que eu sei, ele nunca leu nada disso, mas ele faz exatamente o que se recomenda nestes manuais, essas pessoas que estudam a área. (...). E ele faz aquilo também que os caras não recomendam, que é não fazer textos grandes, ou seja, essas regras fixas não servem basicamente pra muita coisa, é um conjunto de coisas que faz um blog ter sucesso, que é o tema que o Reinaldo vai falar (Em “Reinaldo Azevedo conta como fazer um blog de sucesso” - Palestra proferida como parte das atividades da 2ª Semana Web Abril em 24/11/2008). Na página: (<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>).

<sup>132</sup> Pela tabela, identificamos no dia 20 de dezembro, por exemplo: “Só 20% das mulheres votariam em Dilma”; “Melhor marca de Dilma, se dá entre os de maior renda”; “Dilma, no Sudeste e no Sul, situação complicada; no Nordeste, ligeira vantagem”. E podemos identificar outras repetições de assuntos que não estão necessariamente juntas. Em outro exemplo, o próprio jornalista indica que um post pode ser visto como continuação de outro, pois, em 15 de dezembro, depois do título do post “Cintura Dura”, ele escreve com letras vermelhas: “ler primeiro o post anterior”.

no máximo, duas linhas, o que deixa a leitura mais “leve”. Os posts não constituem subtítulos, pelo menos do tipo que visualizamos nos impressos (subtítulos acima dos textos), mas algumas postagens têm destaques para as primeiras palavras dos parágrafos que colocadas em negrito podem cumprir as funções de subtítulos<sup>133</sup>. Dessa forma:

“- **Missão cumprida:** Lula deixou claro para mais de um auxiliar que não pretende dar satisfações a Michel Temer sobre sua sugestão de que o PMDB apresente uma "lista tríplice" de candidatos à vice de Dilma Rousseff.” (retirado do post “Lula, Temer e os contornos do trololó da ‘lista triplíce’”, de 15 de dezembro de 2009). O jornalista também usa números em negrito na abertura de alguns parágrafos. Se comparado a Azevedo, Josias também fala de política, mas dentro desse campo, parece diversificar mais os assuntos. Não compõe tantas “suítes”<sup>134</sup>. Considerando esses aspectos, o jornalista está mais próximo do que teóricos pregam que é desejável na internet.

Outro aspecto que faz parte da estrutura das notícias, no geral, é o lead, a abertura de um texto jornalístico. Segundo o Manual de redação e estilo do “O Globo”, lead significa “guia” e “expressa exatamente a função das primeiras linhas do texto de jornal: guiar o leitor, atraí-lo, num processo bem próximo da sedução”. (p.23). Ainda de acordo com esse manual, “há muitos anos, quando o jornalismo começou a abandonar a sublitteratura, criaram-se normas destinadas a produzir leads simples e diretos” (p.23). Assim, determinou-se que as “primeiras palavras da notícia deveriam dizer quem fez o quê, como, onde, quando e por quê” (p.23). No manual explica-se que essa é uma boa fórmula, mas “seria limitação absurda torná-la receita obrigatória” (p.23)<sup>135</sup>. Dessa forma, o bom lead é aquele que faz o sujeito continuar a ler. “Exige-se que não haja fraude: o que o lead promete o resto da matéria precisa apresentar” (p. 23).

Ainda vale ressaltar que o lead se associa a um esquema clássico de organização do texto que é o de pirâmide invertida em que o início da matéria é alimentado com os fatos mais importantes (as respostas às seis perguntas do lead, por exemplo) e “o conteúdo dos parágrafos que se seguem vai decrescendo em importância” (p.26). Esses parágrafos podem ainda apresentar uma construção por blocos que é uma técnica que se

---

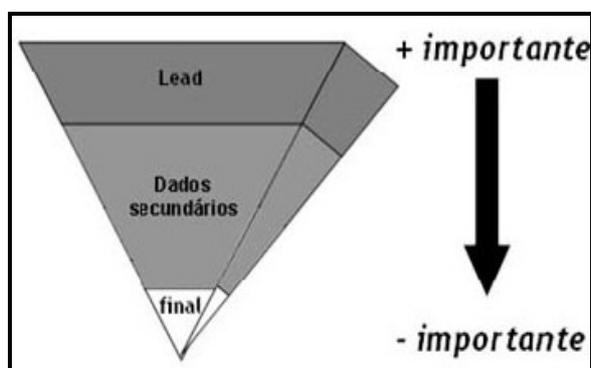
<sup>133</sup>Azevedo utiliza também esse recurso, só que raramente. É mais fácil encontrarmos subtítulos no estilo “clássico” (subtítulo com texto embaixo), além de destaques para o parágrafo inteiro e não apenas para as primeiras palavras deste.

<sup>134</sup> Continuações de matérias originais. Uma regra de ouro do Manual de redação e estilo do “O Globo” é que “a suíte deve recordar elementos da matéria original de forma a permitir a quem não leu a primeira entender a segunda. Mas sem excessos de detalhes que afugentem o leitor já a par do assunto”. (p. 27).

<sup>135</sup>Em reportagens ou *fait divers*, por exemplo, o lead direto, aquele que resume com brevidade um acontecimento, pode não ser desejável. Assim, prefere-se o lead retardado, o que não tem a preocupação de fornecer informação direta, mas sim despertar a imaginação do leitor para o assunto abordado.

associa à pirâmide invertida. Segundo GRADIN (2000), “construir um texto “por blocos” significa que cada parágrafo funciona na notícia como uma entidade logicamente autônoma”. Ou seja, os parágrafos formam blocos estanques, “sem ligação necessária, nem linguística nem semântica-informativa, com o parágrafo imediatamente anterior”. Os parágrafos se relacionam com o acontecimento que narram, este funciona como fio condutor, mas eles são autônomos em relação uns aos outros. Tanto a pirâmide invertida como a construção por blocos facilitam os “cortes” jornalísticos, geralmente feitos pelos editores. Nem sempre os jornais seguem esses padrões, pois como o manual do O Globo revela “em assunto de alguma complexidade a geometria se complica” (p. 26)<sup>136</sup>, no entanto, “é necessário conhecer as fórmulas, mas com a consciência de que existem para ajudar, não para escravizar o jornalista” (p. 26).

**Figura 4**



**Modelo da Pirâmide Invertida**

Em síntese, no manual, revela-se que, com ou sem pirâmides, o desejável é cativar os leitores, “assim como alguém que, ao contar uma história, consegue prender a atenção de um grupo de pessoas” (p.26). Os jornais não seguem regras tão fixas para todos os tipos de matérias, mas tentam captar a atenção do público, às vezes a partir das primeiras linhas da notícia ou com os títulos, subtítulos e diversas “chamadas”.

No livro, “Jornalismo digital”, FERRARI (2008) explicita que o conceito tradicional de jornalismo, o lead, não pode ser esquecido na Web, ao contrário, deve ganhar força. “Ao escrever *on-line*, é essencial dizer ao leitor de forma rápida qual é a notícia e por que ele deve continuar lendo aquele texto – daí a importância de recorrer a velha fórmula “quem fez o quê, quando, onde e por quê”. (p.49)<sup>137</sup>. Ao mesmo tempo,

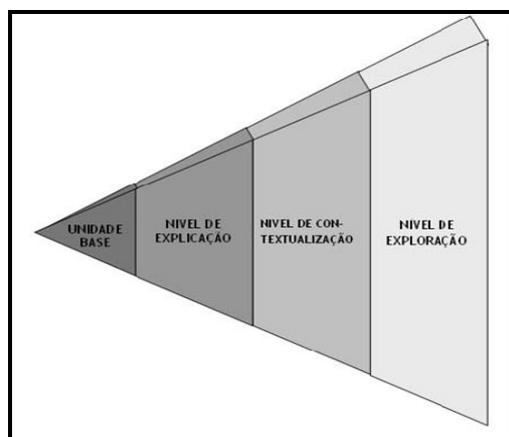
<sup>136</sup>Pirâmides se transformam em paralelepípedos (diversos subtemas em cima do outro) e há pirâmides truncadas (um tema é apresentado, depois outro e em seguida, os dois são desenvolvidos em sequência).

<sup>137</sup> Nessa referência, a autora não cita outro ingrediente o “como”, visto no manual do “O Globo”. Outras bibliografias ainda citam o “para quê”.

a autora revela que o empilhamento de informações é um dos grandes problemas dos sites noticiosos no Brasil. “Num esforço para parecer o mais atual possível, os veículos quebram as matérias e, frequentemente, colocam o último desdobramento de uma história no topo” (p.50) e como o leitor, como mostram as pesquisas, normalmente visita uma vez por dia um site noticioso, a autora complementa que a cobertura pode parecer pra ele um tanto enlouquecida.

Uma proposta para se fazer textos na Web é o da “pirâmide deitada” de CANAVILHAS (2005). Nesta, se mantém a ideia de pirâmide, com a diferença que é deitada. O modelo contempla quatro níveis para o tratamento e composição das informações jornalísticas que vão das mais básicas às mais aprofundadas e contextualizadas<sup>138</sup>. De acordo com o autor, essa arquitetura exige um novo tipo de jornalista, com um trabalho de grande percentagem documentalista e que seja capaz de expor o relato dos acontecimentos e os comentários em distintos suportes.

**Figura 5**



**Modelo da Pirâmide Deitada**

<sup>138</sup> De acordo com CANAVILHAS (2005) “propõe-se uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura: A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento. No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W’s. O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos” (p. 16). Este nível tem a ver com a quebra de limites físicos na Web que possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso sob os mais variados formatos multimídia.

No blog de Josias de Souza, encontram-se posts que nos seus primeiros parágrafos respondem às perguntas do lead (a maioria delas, pois por vezes é aceitável faltar um ou dois integrantes que podem ser respondidos em parágrafos posteriores). Eis um exemplo, onde já indicamos as respostas: - “Hugo Chávez (*quem*) foi à TV (*fez o quê; onde*) neste domingo (*quando*) para exercitar o seu papel predileto, o de fabricante de crises (*por quê ou para quê*)”<sup>139</sup>.

Nessa frase, percebe-se que está introduzida uma opinião do blogueiro (a de que Chaves é um “fabricador de crises”). Aliás, opiniões, ironias, usos de adjetivos para qualificar pessoas, são mais comuns nesse tipo de veículo do que em outros, como os impressos. Mas, esta opinião não anula o “para quê”, pois dela pode tirar-se a ideia de que o presidente foi a TV para falar algo (que será apresentado depois pelo jornalista num próximo parágrafo e servirá para sustentar a opinião antes apresentada). Outro exemplo, em que o lead está nos três primeiros parágrafos:

O Ministério Público (*quem*) de Santa Catarina (*onde*) denunciou (*fez o quê*) o vice-governador de Santa Catarina, Leonel Pavan (PSDB). (*quem*) A denúncia foi protocolada no Tribunal de Justiça catarinense, nesta terça (15) (*quando*), pelo procurador-geral de Justiça, Gercino Gomes Neto (foto). (*quem*). Pavan foi acusado de três crimes: corrupção passiva, advocacia administrativa e violação de sigilo funcional. (*por quê*)<sup>140</sup>.

Nesse exemplo, há de se considerar que Josias de Souza apresenta parágrafos sempre curtos, de no máximo duas linhas. Esses três poderiam ser um só para formar um lead mais próximo do “clássico”. Nem sempre todas as perguntas são respondidas logo no início (isso acontece em qualquer jornal), mas também não ficam para o final. Às vezes, o jornalista faz jogos de palavras, usa de artifícios para atrair o leitor e lança o fato mais atual depois, que, no exemplo a seguir, é o novo cargo oferecido à Protógenes:

Se contradição fosse um valor monetário, o governo estaria nadando em dinheiro. Tome-se o caso de Protógenes Queiroz. Um pedaço do governo - PF e Ministério da Justiça - odeia o delegado. Outro naco -Ministério dos Esportes -não pode viver sem ele. A PF suspendeu Protógenes de suas funções. Torturo-o com processos disciplinares. E sonha com o dia em que o colocará no olho da rua. Súbito, o ministro Orlando Silva (Esporte) decidiu oferecer um cargo ao delegado: assessor da equipe que cuidará da segurança na Copa de 2014”<sup>141</sup>.

---

<sup>139</sup>Essa é a primeira frase do post “Chávez: aviões da Colômbia ‘espionam’ a Venezuela”, de 20 de dezembro.

<sup>140</sup> Do post “Vice de Santa Catarina é denunciado por ‘corrupção’”, de 15 de dezembro.

<sup>141</sup> Do post “Protógenes é convidado para compor equipe da Copa”, de 14 de dezembro.

É mais difícil identificar o “lead clássico” nos posts de Reinaldo Azevedo, isso porque ele apresenta uma grande carga de comentários aderidos às notícias. Além disso, algumas postagens não constituem “notícias”, aquelas que conhecemos como algo que carrega novidade. Na verdade, os posts são mais próximos do que conhecemos como “suítes”. Nessas, o jornalista costuma incluir suas percepções (para isso utiliza muito a primeira pessoa: “eu”) e inclui elementos da sua vida pessoal que, por vezes, podem parecer mais interessantes aos leitores do que quaisquer outros temas que integram as matérias. Os casos abaixo mostram o que falamos:

Ex 1: Ainda que eu não pertencesse à religião do aquecimento global e caso fosse o Serra, faria rigorosamente o que ele está fazendo. Porque, nesse caso, eu seria um pré-candidato à Presidência, entendem? E, hoje em dia, um político que dissesse algumas verdades sobre esta seita, especialmente influente entre jornalistas, estaria perdido<sup>142</sup>.

Ex 2: Como todo mundo, já disse, tenho grandes ambições. Reforma a humanidade todos os dias ao acordar. Depois, vou modulando as minhas expectativas à realidade. Ao deitar, sou um verdadeiro estóico, sabendo que devo aceitar o que Júpiter decidir, entendem?<sup>143</sup>

Fora os raros posts que apresentam aproximações com o lead, este aparece nos “clippings” (matérias retiradas de outros veículos) que o jornalista faz<sup>144</sup>. Ele comenta os clippings, em outros posts, e avisa ao leitor que fará isso. Assim:

Da Agência Brasil. Comentário no post seguinte:  
Brasília - Durante discurso na 15ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a defender hoje (17) a preservação do Protocolo de Quioto e cobrou que países ricos assumam compromissos para um acordo em Copenhague (Dinamarca)<sup>145</sup>.

Como salientamos, os jornais, no geral, reconhecem a importância das formas clássicas e as usam, até porque essas podem ajudar a agilizar o processo de edição: cortes poderiam ser feitos rapidamente nos últimos parágrafos, naquelas matérias que apresentam a pirâmide invertida, por exemplo. Mas, esses mesmos veículos não aplicam regras fixas para qualquer tipo de matéria, pois as maneiras que os textos são dispostos dependem dos acontecimentos ou dos gêneros jornalísticos empregados (notícias,

---

<sup>142</sup> Primeiro parágrafo do post “Se eu fosse pré-candidato”, do dia 15 de dezembro.

<sup>143</sup> Primeiro parágrafo do post “Um homem sem ambições e Avril, a tartaruga”, do dia 15 de dezembro. O quarto parágrafo desse mesmo post nos ajuda a visualizar mais “pessoalidade”: “Estou de bermuda e camiseta porque sou um homem teimoso. Terminado o Jornal Nacional - Sônia Bridi tem me deixado tão inquieto -, vou tomar banho, botar uma roupa quentinha e me preparar para mais uma noite fria. Talvez até tome um conhaque”.

<sup>144</sup> Todos os clippings são cópias de outros veículos, mas os títulos desses são dados pelo jornalista.

<sup>145</sup> Do post “Em Copenhague, Lula cobra os ricos”, de 17 de dezembro.

reportagens, artigos, crônicas, colunas). Essa flexibilidade é encontrada nos blogs analisados também. Na estruturação de textos, é possível identificar tanto semelhanças com os outros veículos (leads e aproximações com pirâmides invertidas sobrevivem em alguns posts e imagens se consolidam em todos os âmbitos), como diferenças. Essas estariam ligadas às condições da internet que podem proporcionar textos, de certo modo, “infinitos”, livres dos cortes por falta de espaço e ainda passíveis de aplicações de recursos multimídias. Existem postagens que se aproximam do modelo “pirâmide deitada”, mas não se pode dizer que cumprem fielmente essa proposta e nem que estamos diante de “novos tipos de jornalistas”, já preparados para lidar com a internet. Em síntese, não há formatos consolidados nesse âmbito, eles ainda são testados e os profissionais apresentam “misturas” entre formas clássicas e novas<sup>146</sup>. No caso dos blogs se faz textos mais “individualistas” também, próximos das personalidades dos blogueiros, item que pretendemos explorar como um diferencial em certa medida.

Com essas observações estamos tentando responder as possíveis diferenças entre os blogs jornalísticos analisados e os outros veículos de comunicação ou de que forma podemos relacionar os primeiros com esses últimos. Assim, além do fato de pertencimento as empresas jornalísticas, seguimentos das políticas editoriais dessas, a questão da semelhança de pautas, as imagens (que percorrem ambientes tradicionais, mas têm a possibilidade de se ampliar na internet) e os formatos das matérias (nem totalmente tradicionais, nem “novas”), nos blogs jornalísticos há a “performance dos blogueiros”. Esses veículos, apesar de seguirem a linha editorial das empresas com as quais estão vinculados, sendo esse acordo firmado formalmente ou não, apresentam uma forte carga de opiniões e subjetividades, seja dos donos dos domínios ou dos participantes. Os blogueiros fazem um tipo de “jornalismo pessoal”, vinculado à personalidade do redator.

Reinaldo Azevedo e Josias de Souza demonstram, de certo modo, uma “identidade profissional fixa”<sup>147</sup> naquele ambiente. Embora os traços pessoais do primeiro pareçam bem mais evidentes. Com isso, não estamos crendo que os autores de textos dos outros veículos não emitem opiniões e subjetividades, até porque tais meios possuem gêneros caracterizados por traços opinativos, um deles é o columnismo, e

---

<sup>146</sup> O próprio Reinaldo Azevedo demonstra ao mesmo tempo tentar se familiarizar com propostas próprias da Internet, mas, ao mesmo tempo, carregar a tradição dos veículos impressos para o seu blog. Seus textos não são tão breves e enxutos, na primeira página, e nem sempre fazem ligações ou abrem links diversos, por exemplo, para outros veículos.

<sup>147</sup> Como relatamos no segundo capítulo.

mesmo fora desses gêneros, se analisarmos, o texto jornalístico no geral tem esses traços. Mas, nos blogs da nossa pesquisa essa idéia não é “velada”, faz parte das propostas desses veículos, e é consolidada com o amparo constante dos leitores que, no dia a dia, entram e participam, muitas vezes, para saberem ou se contentarem com as opiniões dos blogueiros sobre fatos, e não com verificações diversas acerca desses. As palavras de Azevedo ilustram um pouco:

Sempre fazendo aquilo que o leitor espera que eu faça. O leitor quer - quer dizer eu estabeleci com o leitor a seguinte relação - ele quer a minha opinião sobre determinado assunto. Os meus posts, que eu libero os comentários, são aqueles em que eu opino com clareza e eu procuro sempre ter zero de ambigüidade nos meus posts, por mais que o assunto seja complexo, eu sempre parto do princípio de que eu tenho que fazer uma escolha<sup>148</sup>.

Os blogueiros são as “celebridades” desses ambientes. Na área de comentários dos blogs, apontada por alguns teóricos da cibercultura como uma nova forma de interação, os visitantes, demonstram grande interesse pela pessoa do blogueiro, seu perfil consolidado com o tempo. Prova disso se encontra constantemente no blog do jornalista Reinaldo Azevedo. Não são poucos os visitantes que tecem seus comentários apenas para elogiar o jornalista, alguns com o uso de adjetivos atribuídos a este, como “Meu Rei”, “Rei”, ou demonstram certa proximidade com o mediador, como se fossem “colegas”. E o blogueiro, de certo modo, “alimenta” essa “amizade”. O conteúdo de alguns posts é intercalado com mensagens pessoais. E essas “roubam a cena” em alguns casos. Nesses exemplos, o jornalista tem a preocupação de justificar suas ausências e fala sobre seu “lado pessoal”:

Ex 1: Sozinho...

Dona Reinalda está com as filhas nos preparativos do fim de ano. Estou sem ajuda nos comentários. A mediação vai demorar mais do que de hábito. (15 de dezembro de 2009).

Ex 2: No teatro

Tio Rei tem uma filha atriz. Pois é. Hoje, tem peça de teatro. Vou deixá-los por algum tempo. Na volta, cuidamos de salvar o mundo. Até lá. (18 de dezembro de 2009).

Ex 3: Mais tarde

Tio Rei tem um compromisso familiar — um casamento. Estou saindo. Os comentários que estão na fila ficam para a volta. Daqui a pouco, chega às bancas de São Paulo a Folha de domingo com a pesquisa Datafolha. E, aí, os números vão parar na rede. (...). (19 de dezembro de 2009).

---

<sup>148</sup> Em “Reinaldo Azevedo conta como fazer um blog de sucesso” - Palestra proferida como parte das atividades da 2ª Semana Web Abril em 24/11/2008. Na página: (<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>).

Em seguida, alguns comentários do post do primeiro exemplo que expressam a relação entre os participantes e o blogueiro:

Quaker disse:

dezembro 16, 2009 às 11:22 pm

Reinaldo:

Aproveito para desejar a você e a família azevedo, muita saúde, paz, alegria e proteção divina neste natal e ano novo. Muito obrigado, por ter nos ajudado a atravessar este ano, sem pisar na lama petralha. Obrigado, por nos dar ânimo para continuar.

Obrigado, por nos visitar todos os dias em nossas casas, e permitir a nossa visita em teu blog. Obrigado, por defender a democracia. Obrigado, por mostrar a canga e o capim aos petralhas e ao pedeuca. (...)

Stella Da Hermès disse:

dezembro 15, 2009 às 7:02 pm

Se um dia o posto de eliminadora de petralhas for abdicado por dona Reinalda, me ponho a disposição, mesmo que a distância e de GRAÇA, de ser a sucessora da primeira dama do blog!!!

Amapoula disse:

dezembro 15, 2009 às 5:05 pm

Reinaldo, eu adoro você... Pelo que você escreve não há o que comentar, você é simplesmente brilhante, mas o que mais me deixa maravilhada é o amor que você tem pela sua família e como você se dirige a ela. Lindo, lindo, lindo. Tenho inveja das suas mulheres, no bom sentido, claro! Bjs.

Para colaborar com essa aproximação, o jornalista faz uso nos seus posts do pronome pessoal “eu”, como já identificamos, conjugações verbais em primeira pessoa, pronomes possessivos, adjetivos, usos de linguagem fática (aquela que têm por finalidades estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação e onde o mais importante é estabelecer o contato) e narrativa conversacional (como as usadas em algumas colunas de jornal). Além, é claro de ter opiniões e preferências políticas que vão ao encontro de maior parte do seu público ou “grupo”. Se Azevedo não agrada com seus textos longos e sem muitos links, ele tenta “encantar” com outros quesitos. Por outro lado, Josias de Souza chega próximo, em alguns pontos, conforme demonstramos, da estruturação de textos desejada por alguns entusiastas da internet (seus textos menos longos e mais “pontuados” podem agilizar a leitura e deixá-la menos cansativa), o que pode atrair leitores. Ele dificilmente posta ideias relacionadas à sua vida pessoal, mas atribui adjetivos a fatos e indivíduos do cenário político, os qualifica, apresenta opiniões, porém de modo mais “sutil” que Azevedo. Este não esconde de ninguém, por exemplo, que não gosta de “petralhas” (petistas) e dificilmente abre uma exceção que possa considerar construtivo algum ato político desse grupo.

Como esses jornalistas são as celebridades dos blogs e por isso são acompanhados por certo público, este ao já “conhecer” os blogueiros e a forma que tais

estabelecem seus pontos de vista políticos, espera que os mediadores ajam sempre de “maneiras uniformes” que agradem tal público. A mudança de “tom” dos blogueiros é difícil de acontecer, mas caso exista, pode sofrer algum tipo de represália. No exemplo abaixo, Josias (frequentemente mais “contido”, se comparado a Azevedo) aparece mais irônico e aparenta que não gosta da figura Fernando Henrique Cardoso ou, para ser menos “forte”, não concorda com o que esse ex-presidente falou:

FHC: Há ‘sentimento nacional’ por chapa Serra-Aécio  
Velho defensor da chapa tucana “puro-sangue”, FHC exagerou no latim. Disse à repórter Julia Duailibi que a parceria Serra-Aécio tornou-se “sentimento nacional”.

É divertido ouvi-lo:

"O governador Aécio nega, mas não fechou a porta. Eu preciso conversar com ele porque não quero criar uma situação que dificulte..."

"..."Hoje, independentemente de qualquer pessoa ter dito qualquer coisa a esse respeito, toda mídia fala disso. Acho que há um sentimento nacional nessa direção".

É pena que Bussunda tenha morrido tão prematuramente. Vivo, reagiria a FHC: “Sentimento nacional? Fala sério!”(19 de dezembro de 2009).

Em seguida, alguns comentários a respeito desse post:

Com. 1: “[pisquilha] [marabá]

Josias, lamentável seu comentário, vc sabe quem reclama da "mídia", mas nesta aí fica impressão que vc está se deixando pautar pela PTralha...”.

Com. 2: “[Rot Echse Jäger] [Rio do Sul/SC]

Realmente, caro Josias, com todo o respeito que eu tenho pelo profissional Josias de Souza, inclusive no que se refere à honestidade intelectual e ao não alinhamento partidário, a ponto do seu ser o único blog de política em que posto meus comentários, também acho que você pisou na bola em relação ao que considero um desabafo honesto e pertinente do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Por favor, amigo, não nos dê a impressão que você também se sente coagido moralmente a beliscar no governo anterior e no ex-presidente, sempre que é necessário criticar o governo atual e o presidente falastrão que a maioria dos brasileiros já deseja ver pelas costas; a valer as constantes pesquisas de intenção de voto, que não deixam de apontar o governador de São Paulo de tala erguida, no dobro das intenções da emPACada... Tenho certeza, Josias, que por mais que você possa não gostar do ex-presidente FHC, você não tem nenhuma necessidade de apelar, como hoje apelou. Desculpe, mas é do coração”.

Com essas considerações, já podemos refletir de forma mais direta sobre a pergunta: “com o espaço de comunicação dividido entre as tradicionais formas de veicular informação e as novas, como os blogs, que tipo de opinião pública está sendo formada e qual é o seu valor político dentro da sociedade?”. Essa opinião relaciona-se com as ideias que os próprios jornalistas (considerados “formadores de opinião”) divulgam e com as formas em que estas são publicadas. No caso dos blogs, a

identificação de um “jornalismo pessoal”, o fato dos profissionais serem as “celebridades” dos ambientes em que trabalham, as relações entre público e jornalistas e outros itens já demonstrados, já nos ajudam a pensar quais são os tipos de mensagens que aparecem, mas devemos ressaltar outros fatores para termos uma maior visão sobre os tipos de opiniões políticas postadas pelos jornalistas (se vão ao encontro do princípio de independência jornalística ou não, por exemplo) e aquelas que o público reverbera.

Sendo assim, em afirmação de Azevedo que já citamos, este diz que faz escolhas claras, mas essas são baseadas em informações, dados, pesquisas e na sua experiência cultural. Suas opiniões nos parecem realmente abertas e também há dados (números e discursos de terceiros<sup>149</sup>, por exemplo) que ajudam em suas formulações. Além disso, não é nosso papel identificar se esse profissional carrega uma “verdade absoluta” acerca dos fatos, essa, como já salientamos, não existe, não é isso que se espera dos jornalistas, pois a “imprensa não é um espelho da sociedade”. No entanto, Azevedo, conhecido por “reacionário”, “direitista” e “conservador”<sup>150</sup>, demonstra e declara ter posições políticas definidas que não se modificam, uma delas é ser anti-PT, e que refletem permanentemente em suas matérias.

Também não é nossa função defender grupos políticos, mas a maioria que entrar no seu blog saberá que dificilmente encontrará ali qualquer informação que possa, pelo menos, de certo modo, beneficiar esse partido, mesmo quando este, ou integrantes destes, façam algo que seja útil para os cidadãos. Mas, ele não teria esse direito? Tem, lhe é dado pela instituição em que ele trabalha (muitas vezes apontada também como “direitista”) e ele não esconde suas opções pessoais, portanto, pelo menos, parece ser sincero com seus leitores. No entanto, conforme demonstramos com os autores KOVACH e ROSENSTIEL (2004), a “verdade jornalística”, aquela que a sociedade merece, se sustenta numa base (a exatidão), é composta de coerência e sentido (que podem até ser encontrados nos textos desse profissional), retira qualquer dado auto-promocional, é feita dentro de um contexto social. Neste, cidadãos dependem de relatos precisos e confiáveis e a busca desse tipo de verdade deve depender de uma conversação, um debate. Fator essencial para uma sociedade, de fato, mais democrática.

---

<sup>149</sup>A utilização do discurso de terceiros lembra-nos a Teoria dos definidores primários, a utilização de fontes que podem complementar e sustentar o que é falado na notícia.

<sup>150</sup> Numa entrevista que Reinaldo Azevedo deu no ao Jô Soares, no dia 23 de novembro de 2009, podemos encontrar essas denominações:

- Jô Soares: Sobre o livro (Editora Record) “Máximas de um país mínimo”... Esse livro reforçou o seu rótulo dados por alguns de reacionário?

- Azevedo: É reacionário, corretista, conservador... enfim (...).

Em ([http://www.youtube.com/results?search\\_query=reinaldo+azevedo&aq=f](http://www.youtube.com/results?search_query=reinaldo+azevedo&aq=f)).

Mas, como debater se o “outro” dificilmente tem um espaço? Ou, se quando este lhe é dado, sua voz soa “fraca” ou seu discurso se transfere para um campo que não propõe reflexões? Pois, como já ressaltamos, causas públicas perdem terreno para causas privadas, o que traz um deslocamento na idéia de opinião pública.

No blog de Azevedo, é grande a sua camada de apoio anti-PT, vista por meio dos comentários publicados. Como o jornalista diz, ele estabelece com os leitores uma relação de absoluta honestidade e como ele não é “populista” em política, uma das características do seu blog é expulsar leitor. “Eu não quero você aqui, vagabundo, vai embora”<sup>151</sup>. Caso esse leitor ultrapassasse alguns limites e além da sua opinião queira atingir de modo pessoal o jornalista, a atitude do blogueiro não é condenável, mas torna-se difícil enxergarmos uma “verdade jornalística” no seu blog, nos termos que antes mencionamos. Além dele não se aproximar do que conhecemos como independência jornalística, pois as formações de suas opiniões políticas parecem “dependentes” de lógicas pessoais que são anteriores a tais composições e que se impõem a essas. O jornalista diz:

Eu publico comentários de gente de esquerda? Publico desde que não venham com a presunção de que eu sou o mal e ele é o bem. Daí que eu digo: petralha aqui não entra. E eu fiz uma escolha. Quem quiser ter um site, cheio de petistas, defendendo o Lula, defendendo a marolinha, que faça o seu. O bom da Internet é que ela é realmente a democratização da opinião.<sup>152</sup>

O problema dessa constatação é que a democratização da opinião, para o jornalista, está ligada ao fato de cada sujeito poder fazer um site e fechar “um grupo” e não com o fato de existirem diferentes manifestações (debates) dentro de um mesmo grupo. Não há também a preocupação em se fazer tais debates nos blogs e a suspeita é que nem fora deles, pois nosso cenário está impregnado de causas que ofuscam causas públicas e apontem para um “bem comum”. No blog de Josias de Souza, o jornalista não se posiciona tão abertamente (quando isso acontece sofre algum tipo de represália, como demonstramos) como Azevedo e utiliza uma linguagem menos pessoal (por isso, chega a confundir leitores; uns acham que ele é a favor do PT e dos “companheiros”, outros acham o contrário<sup>153</sup>). No entanto, neste blog também não parece haver a

---

<sup>151</sup> Em “Reinaldo Azevedo conta como fazer um blog de sucesso” - Palestra proferida como parte das atividades da 2ª Semana Web Abril em 24/11/2008. Na página: (<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>).

<sup>152</sup> Idem 49.

<sup>153</sup> Na postagem “Lula em Copenhague”, de 17 de dezembro, por exemplo, aparece o comentário: “DUAILIBE] [São Luís-MA.]

preocupação do mediador e dos participantes com a formação de debates, importantes para se chegar as “verdades jornalísticas”, aquelas que vêm a utilidade do processo conversacional ou de entendimento que se desenvolve entre o público leitor e os jornalistas, ao longo do tempo, transpassando, assim, qualquer interesse privado, e que deixam que a comunidade reaja. Esses debates também são fundamentais para a formação de opiniões, de fato, públicas.

Dessa forma, os mediadores e os leitores dos dois blogs estão preocupados em opinar, isto é, emitir, muito mais do que em deliberar. O que nos permite compreender, por exemplo, a polarização político-ideológica que incentiva a estereotipagem dos leitores em grupos. Nos blogs analisados não é raro que os participantes concentrem suas atenções na bipartição Petismo/Tucanismo, ao invés de discutir o conteúdo de propostas diferentes. Há, então, a ênfase de posicionamentos e discursos partidários apaixonados nesses ambientes.

### **3.1.3. Jornalistas – “Novas” Autoridades do Cotidiano**

Como sabemos a rede discursiva dos participantes, encontrada na área de comentários dos blogs jornalísticos, é tecida a partir das postagens de conteúdo político. Ou seja, as postagens dos “interagentes” se iniciam usando os conteúdos dos blogueiros. As visões e opiniões desses contam como um ponto de origem. São estes conteúdos que irão pautar uma possível discussão. Salienta-se que esta é a condição ideal, tanto que os jornalistas procuram eliminar comentários que estão fora do contexto.

Essa constatação lembra-nos a Teoria do agendamento, explicada no primeiro capítulo. Mas, além de entendermos as postagens dos jornalistas como um “simples ponto de partida” para que os “debates” se iniciem, verifica-se que há influências diretas dos jornalistas e de seus conteúdos demonstrados nos blogs sobre os conteúdos postados

---

O Lula falou e disse, viu turma da Kombi? Vocês e o dono do blog são votos vencidos. Dilmei”. Já na postagem “Datafolha: Dilma sobe seis pontos e Serra estaciona”, de 20 de dezembro, um participante diz:  
“[marta de abreu] [blog do josias de sousa] [Pará]  
Caro Alexandre Campbell, entre no site da Veja, q/ é uma revista isenta, e de credibilidade, não existe manipulação das pesquisas, e não há nenhum petista na direção da Veja, e lá você encontrará todas as tabelas c/ os números, na coluna do Reinaldo Azevedo. O jornal Folha de S. Paulo, está sendo, comandado p/ PT a muito tempo”. Sobre essa afirmação, se tira que o jornalista também está sendo “comandado” pelo PT.

pelos participantes. Para enxergar isso podemos recorrer a “Espiral do Silêncio”, também já apresentada no nosso primeiro capítulo.

Tal teoria pode ser adaptada para os blogs da seguinte forma: tais objetos são apontados como ambientes de comunidades virtuais, dentro do imenso ciberespaço. Mas, blogs são comunidades regidas por regras e monitoramentos feitos a partir de autoridades que, no nosso caso, são os jornalistas. A partir do momento em que visitantes entram nesses ambientes e desejam participar do convívio em tais, eles estão, de certo modo, se submetendo a essas autoridades. Salienta-se que discordâncias de idéias dos participantes com os donos dos domínios acontecem, são permitidas e até postadas pelos segundos que fazem a mediação. Há até referências diretas contra as pessoas dos blogueiros. Mas, mesmo quando os participantes se referem desse modo direto aos jornalistas, verifica-se nos blogs analisados que dificilmente os mediadores respondem as provocações ou perguntas dos visitantes ou se envolvem nas discussões traçadas por eles. Isso reafirma a observação de ALDÉ, ESCOBAR E CHAGAS (2007) que analisaram blogs de política, ao longo dos anos de 2005 e 2006. Os autores dizem: “a atitude mais constante do jornalista é de não tomar parte nos debates e polêmicas suscitados em seu blog, geralmente lançadas e alimentadas pelos internautas.” (p.34).

Mas, há raros casos, como o demonstrado a seguir que, embora não faça parte do período que estipulamos para nossa análise, serve para confirmar essa autoridade sobre a qual falamos. No dia 14 de fevereiro de 2009, o blogueiro Reinaldo Azevedo responde da seguinte forma um comentário “mal criado”:

Um mata burro pra ele...

Pois é... Você, pelo visto, não distingue ironia de capim. Come os dois sem perceber a diferença. Qualquer pessoa dotada de tecla SAP entendeu que eu estava fazendo uma provocação. Mas você não. E ainda vem me dar lição de moral... Já ouviu falar de mata-burro? Pesquise a respeito. É uma pena que eu não consiga pôr um mata-burro virtual no blog. Talvez eu deva fechar o conteúdo e só liberá-lo para quem passar num teste de lógica ou provar que consegue entender aquela do papagaio... A esmagadora maioria dos meus leitores não encontraria qualquer dificuldade. Você quebraria as pernas. Poucos podem fazer isto que vou fazer: Vá procurar sua turma!

Nessa resposta o jornalista deixa ressaltada a sua autoridade sobre a “turma” que ele comanda. Em seguida, observa-se o seguinte comentário de um participante anônimo que apóia o jornalista: “Rei, Odeio quando vc fica respondendo esses comentários sem profundidade... O melhor remédio é ignorar... Vão sempre aparecer

idiotas”. Mas, nesse blog em especial, é esmagador o número de conteúdo que não diverge do jornalista sobre o divergente. Por outro lado, num blog ou no outro, as influências dos conceitos-base dos jornalistas acontecem, de algum modo, sobre as ideias dos participantes. Além disso, mais que um espaço de discussões de diferentes posições políticas, há formações nesses ambientes de “círculos quase fechados” para encontros de grupos semelhantes politicamente. Para se desenvolverem, esses partem primeiramente das figuras dos jornalistas e suas referências políticas, no caso.

Mas, quando falamos que esse tipo de influência acontece, não devemos esquecer outras influências que operam sobre os participantes para que suas opiniões transpareçam do modo que visualizamos nos blogs. Dessa forma, não podemos dizer que são os conteúdos das postagens dos jornalistas que determinam os conteúdos postados pelos participantes. Influenciar é diferente de determinar. Sendo assim, as postagens dos jornalistas, que carregam suas particularidades e subjetividades, fazem parte das diversas causas, pertencentes ou não a esses ambientes, que recaem sobre as argumentações dos participantes mostradas nos campos dos comentários. De qualquer forma, há certo “sufocamento” de um debate político que obedeça a uma rica gama de proposições, pontos de vista, etc.

No segundo capítulo, descrevemos os blogs jornalísticos como sendo tipos de “depósitos de memórias” que acompanham um movimento caracterizado pelo contexto de rapidez em que vivemos atualmente, cheio de novas propostas tecnológicas e, por conseguinte, de “sedução memorialística” que percorre diferentes âmbitos. Também citamos que esses depósitos sempre ocorreram de algum modo, através de vários meios. Elucidamos isso através do texto “A vida dos homens infames”, onde FOUCAULT (1992) cita o mecanismo do cristianismo que depois de um momento (compreendido em finais do século XVII) é excedido por outro que não é mais um mecanismo de “perdão” e sim de registro. Com este, tudo o que se diz passa a ser registrado por escrito e constitui dossiers e arquivos. Assim, múltiplas vozes passam a formar uma enorme massa documental e forma-se um tipo diferente de relações entre o poder, o discurso e o cotidiano. Hoje, entre essas vozes, está a voz jornalística que constitui certa autoridade sobre as demais e tem o poder de “transformar” e influenciar vidas, por meio de veículos diversos. Para entender essa capacidade de tal instância, vamos recorrer a uma analogia. Podemos fazê-la através das *lettres de cachet*, citadas por Foucault (1992), na obra a que nos referimos.

Como já explicamos, as *lettres de cachet*, eram basicamente documentos dirigidos ao rei, escritos por pessoas de baixa renda, na maioria, e que continham pedidos de prisão ou internamento para todos os indivíduos que tinham condutas indesejáveis, na visão dos que escreviam. Assim, “as ordens do rei” eram solicitadas contra alguém pelos seus próximos, “o pai e a mãe, um dos parentes, a sua família, os filhos ou filhas, os vizinhos, pároco, por vezes, ou algum notável” (p. 113), mas não eram concedidas se não viessem precedidas de um inquérito para saber se tais condutas mereciam internamentos, por exemplo. Dessa forma, cada um pode fazer uso “para os seus próprios fins e contra os outros, da enormidade do poder absoluto: uma espécie de disponibilização dos mecanismos de soberania” (p. 114). Cria-se um “jogo”, em que cada sujeito, se souber jogar, torna-se face ao outro, um monarca terrível.

A intervenção de um poder político sem limites nas relações cotidianas torna-se assim não apenas aceitável e familiar, mas também profundamente desejada, sem deixar de se transformar, por esse mesmo facto no tema de um medo generalizado. Nada há de surpreendente nesta tendência que, pouco a pouco, abriu as relações de pertença ou de dependência tradicionalmente ligadas à família a controles administrativos e políticos. (...). Aqueles que faziam uso das *lettres de cachet*, e os reis que as concedia, foram apanhados na armadilha da sua cumplicidade: os primeiros perderam cada vez mais o seu poder tradicional, em proveito de um poder administrativo; quanto ao segundo, ao imiscuir-se todos os dias em tantos ódios e intrigas, tornou-se odioso. (p. 116).

Com este dispositivo das *lettres de cachet* passa a existir uma infinidade de discursos que tratam da vida cotidiana, do insignificante, do banal e todas aquelas coisas relacionadas aos “dias sem glória”. Nasce uma “imensa possibilidade de discurso” (p.118) e é aí que, segundo o autor, tem a sua origem, pelo menos em parte, “um certo saber do quotidiano e, com ele, uma grelha de inteligibilidade que o Ocidente se encarregou de assentar sobre os nossos gestos, sobre as nossas maneiras de ser e de agir” (p.118). Mas, conforme o autor, para isso “foi preciso ao mesmo tempo a presença real e virtual do monarca”, o “banal não podia ser dito, escrito, descrito, observado, esquadrihado e qualificado, a não ser no interior de uma relação de poder dominada pela figura do rei, - pelo seu poder efectivo e pelo fantasma do seu poderio” (p. 118). Portanto, esses discursos tinham uma linguagem decorativa e cheia de súplicas, “cada uma destas historietas de todos os dias devia ser dita com a ênfase” (p.119) capaz de chamar a atenção do monarca. Segundo FOUCAULT (1992) existiam desproporções pois, pessoas de muita baixa condição, pouco ou não alfabetizadas, com uma “escriba

mais ou menos hábil”<sup>154</sup>, compunham as fórmulas que achavam necessárias para se dirigirem ao poderoso rei ou aos grandes, a fim de fazerem seus pedidos<sup>155</sup>.

Nesse sistema, a autoridade era o rei, ele tinha o poder de “transformar vidas” e os indivíduos lhe davam e concretizavam tal domínio através de cada súplica e pedido feito, com uma linguagem singular (um discurso empolado misturado com o “desastrado”). As falas e escritas do cotidiano atravessavam essa instância maior e necessitavam dela. Mas, hoje experimentamos outro tipo de poder, o “administrativo”, aquele que não é concentrado em uma figura e que passa por variadas “autoridades”, por exemplo. Como diz Foucault (1992), com “ares futuros” para o poder tradicional (aquele experimentado pelo rei),

o poder será constituído por uma rede fina, diferenciada, contínua, onde se disseminam as diversas instâncias da justiça, da política, da medicina, da psiquiatria. E o discurso que se irá formar então já não terá uma teatralidade artificial e inepta; desenvolver-se-á numa linguagem que terá a presunção da observação e da neutralidade. O banal será analisado de acordo com a grelha eficaz mas cinzenta da administração, do jornalismo e da ciência. (p. 122).

Preponderam agora, então, as “autoridades das mediações”. Todas aquelas vidas, com seus gestos e ações cotidianas, transparecem hoje, seguindo Foucault, como “processos”, atualidades de jornal. Este utiliza formulações e linguagens próprias para “deixar falar”, pelo menos em alguns instantes, esses personagens e fontes que costumam revelar seus elementos íntimos e seus sentimentos. Lembrando uma citação de CHAUI (2006), não se perguntam às pessoas, como entrevistados, “o que pensam ou o que julgam dos acontecimentos, mas o que sentem, o que acham, se lhes agrada ou desagrada” (p. 6). Assim, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada.

Nesse contexto, formadores de opinião, empregando a linguagem da observação, com a utilização de “personagens” dos mais diferentes âmbitos e atuando com o amparo de grandes oligopólios, são agora os “novos reis”. Jornalistas, no geral, não são

---

<sup>154</sup>Ao fazerem seus pedidos de internamentos ao rei, as pessoas utilizavam “frases solenes e descabidas”; “com a linguagem obrigatória e ritual entrelaçam-se as exasperações, as cóleras, as fúrias, as paixões, os rancores e as revoltas. Uma vibração e um ardor selvagens desapuram as regras deste discurso empolado e abrem caminho com as suas próprias maneiras de dizer”. (p. 120).

<sup>155</sup>Para complementar, “havia desproporção entre as coisas relatadas e maneira de as dizer; desproporção entre aqueles que se queixam e suplicam e os que sobre eles detêm todo o poder, desproporção entre a ordem minúscula dos problemas levantados e o gigantismo do poder a que se lança mão, desproporção entre a linguagem da cerimônia e do poder e a das exaltações e das impotências” (p. 121).

absolutos e poderosos como eram os imperadores, mas esses profissionais possuem também, de certo modo, o poder de “transformar vidas”, construir e destruir imagens.

### **3.2. Blogs de Políticos**

Segundo BORGES (2007), os blogs de políticos, por sua vez, surgem como uma novidade importante dentro da tentativa de influenciar a opinião pública, além da aposta de pautar a imprensa (sendo isto bem sucedido ou não). As observações do autor acerca dos blogs do ex-chefe da Casa Civil da Presidência José Dirceu e do ex-governador do Rio Antony Garotinho são as seguintes:

O blog de José Dirceu é um exemplo da mescla de formas de expressão na Internet, associando comentários pessoais com notas de caráter jornalístico, artigos e entrevistas sobre fatos políticos com o viés e as posições políticas do autor. Ele se declara um “espaço para a discussão do Brasil”. No blog há, ainda, a possibilidade de assinatura de uma newsletter, com notícias selecionadas pela equipe do político que chegam diretamente à caixa de correio eletrônico dos leitores cadastrados. O ex-governador do Rio, Anthony Garotinho é outro político que edita um blog, desde 19 de março de 2007. Como o de Dirceu, ele publica principalmente notícias e comentários opinativos sobre elas, além de contar com a participação atuante de leitores. (p. 10).

O autor explica que Garotinho e José Dirceu usam seus blogs como meios de comunicações “destinados estrategicamente a não deixá-los de fora dos holofotes, depois das sucessivas derrotas políticas e eleitorais do primeiro e da cassação do mandato do segundo” (p. 10). Assim, os blogs são como um espaço também para a defesa de suas carreiras. Garotinho, por exemplo, após novo golpe sofrido pela Justiça Eleitoral, no início de julho de 2007, “utilizou seu blog ativamente para defender-se das acusações de compra de votos, tornando-se referência para outros meios de comunicação que recorreram ao meio para obter sua versão para os fatos”. (p. 10). Essas passagens, além do fato de não serem blogs de pessoas comuns, aproxima-se da idéia de incluir, inicialmente, tais blogs dentro da categoria de “blogs profissionais reflexivos”, de PRIMO (2008), abordada no primeiro capítulo.

Mas, quando blogs de políticos são feitos, além desses, por equipes que recebem os “comandos” dos primeiros, esses blogs estão dentro da categoria de “organizacionais reflexivos”. Assim, o blog de José Dirceu, inicialmente mais simples ou “artesanal”, passa depois a exemplificar tal camada, pois hoje é feito pelo político e por uma equipe de contratados, além de voluntários. Para esta dissertação, fizemos uma entrevista com

o ex-chefe da Casa Civil, no dia 27 de novembro de 2009<sup>156</sup>, e ele nos explica a “evolução” do seu blog:

No começo, eu não acreditava muito que ia dar certo, porque era um trabalho muito artesanal, muito pesado. Eu fazia o blog todo dia de manhã cedo, alguns amigos e amigas me apoiavam e me apóiam até hoje como voluntários. Então, eu mandava basicamente para Maria Alice, pro Breno Altman, para Fátima Fonseca e a Lia Ribeiro que tem a empresa dela, o trabalho... Cada um tem seu trabalho. (...). Depois, num segundo momento, eu comecei a contratar um redator, um revisor que hoje é o Aristeu Moreira. (...). E a Tatiana Carlotti que faz, na verdade, um pouco de revisão, pesquisa, entrevista, grava as entrevistas, edita entrevistas, organiza informações, acompanha os comentários. Ela faz um trabalho de gestão.

Esse blog constituído por uma equipe se assemelha aos outros blogs atualmente que foram ganhando popularidade ou incentivos e se firmando como uma “organização”, como o famoso blog do jornalista Ricardo Noblat, dentro do domínio do *oglobo.com*. No blog de José Dirceu, ele diz que a quantidade do que ele escreve vai depender do dia. Ao colocar numa porcentagem, 50% ele escreve e 50%, o relator. “O dia que estou com tempo, eu escrevo mais. (...). Tem dia que sobrecarrega. Geralmente eu escrevo as principais matérias”, complementa o político<sup>157</sup>. A questão é que a existência de uma equipe para compor um blog, por vezes, torna-se componente essencial para a sobrevivência deste veículo, porque, sendo político ou não, o ato de blogar diariamente, compondo diferentes posts, é apontado por blogueiros como um trabalho cansativo para uma só pessoa<sup>158</sup>, por isso é preciso “gostar muito” e receber certo retorno. Já no blog do Garotinho, não há um “expediente” no blog e nem informações que sugerem que pessoas ajudam na construção deste. Caso haja participação de terceiros e se essa colaboração for muito baixa, o blog ainda pode ser julgado como profissional, conforme PRIMO (2008) dar a entender.

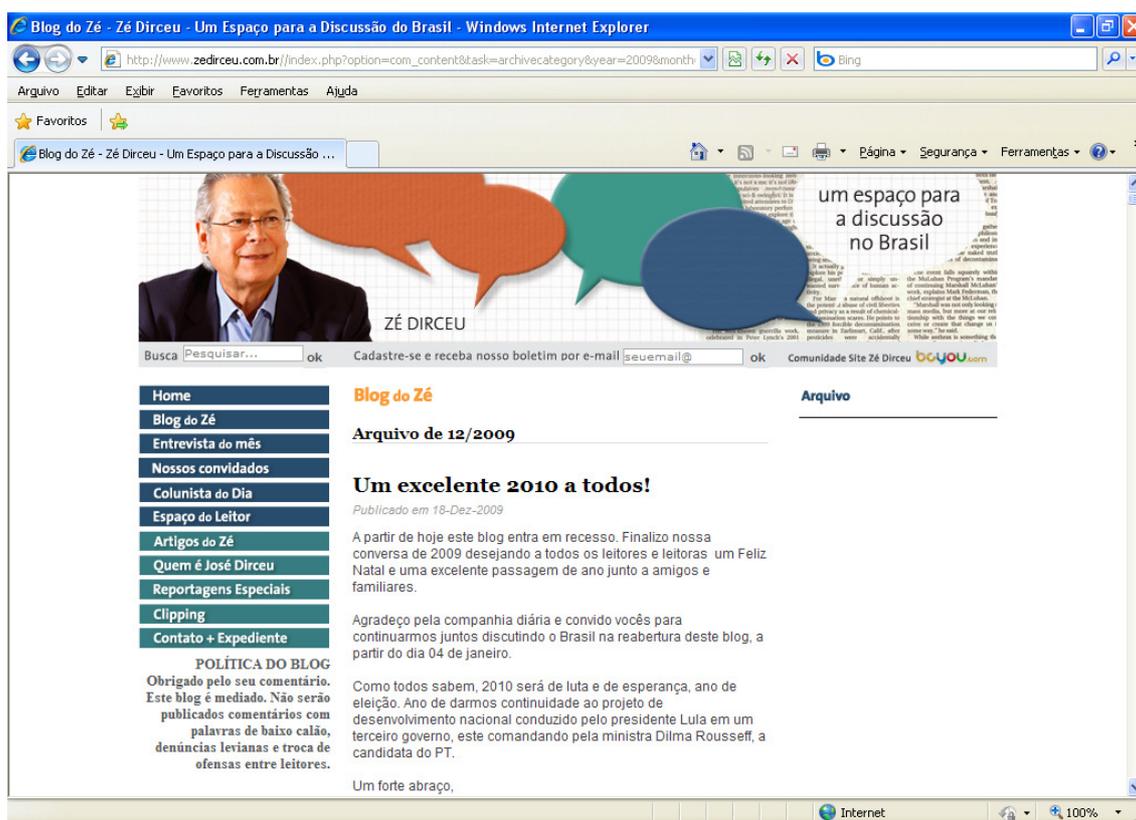
---

<sup>156</sup>Tal entrevista foi feita em 27/11/09 (sexta-feira) às 15h, no Hotel SOFITEL, Av. Atlântica, 4240, Copacabana. A entrevista completa consta como “anexo” do nosso trabalho.

<sup>157</sup> Para uma melhor explicação do modo como funcionam as divisões de tarefas neste blog sugerimos olhar os anexos.

<sup>158</sup> Conforme José Dirceu nos falou em entrevista: “Desistir do blog, não. Mas, têm dias que dá um desespero, porque lógico é um trabalho árduo. Precisa de muita disciplina. É cansativo, às vezes me sinto cansado. Mas, como eu tenho uma equipe, tanto de colaboradores voluntários, como profissionais, isso atenua muito. A dificuldade que você tem é de sustentar o blog. Eu tenho que lançar como despesa. Então pra mim essa é uma dificuldade. Mas, o custo benefício... O benefício que eu tenho fazendo o blog, a possibilidade que eu tenho de conversar, de dialogar, de ser lido, ouvido, por centenas de milhares de pessoas, formadores de opinião pública, pessoas que dirigem empresas, escrevem jornais, dirigem entidades, participam da vida política, amigos meus, pessoas que me acompanham, pessoas que querem saber a minha opinião, isso compensa”.

Figura 6



Blog do José Dirceu

Na figura dá pra se ver a estruturação do blog de José Dirceu: uma foto grande que identifica o político, seguida de seu respectivo nome, as divisões de alguns espaços numa coluna da esquerda, com a cor azul e verde (“Home”; “Blog do Zé”; “Reportagens Especiais”, “Clipping”, entre outros); e o local central onde há as postagens diárias. Essas não possuem parágrafos que seguem algum tamanho padrão de linhas e os textos nem sempre são acompanhados por imagens. Sobre esse último fator, Dirceu diz o seguinte: “eu gostaria de ter mais TV, mais áudio e som, mais imagem, mas também eu teria que dedicar mais tempo, teria que destinar recursos, e eu não posso, porque sou eu que sustento o blog”. Como se vê na figura, da apresentação do blog “um espaço para a discussão do Brasil”, apontada por Borges (2007), o blog passou para “um espaço para a discussão no Brasil”. Desde o surgimento até hoje, o blog sofreu outras mudanças.

No dia 25 de novembro de 2009, ele ganhou um novo layout, além da criação de um time de articulistas diários (que ficam na área “Colunista do Dia”). Hoje também conta com o “Espaço do leitor”, fora o campo central dedicado aos comentários. De acordo com José Dirceu, em tal espaço “quem escreve também precisa ‘ter o que falar’,

porque se não, não tem como publicar, então, eleva um pouco a qualidade, inclusive da forma do comentário”, este passa a ser uma colaboração para o blog. Sobre esse “Espaço do leitor”, complementa: “acho que vai dar mais contraditório do que hoje eu tenho”. No blog, há diferentes seções onde leitores, convidados e colunistas participam.

Agora, podemos visualizar na figura 7 o blog do outro político:

### **Figura 7**



### Blog de Antony Garotinho

O blog de Antony Garotinho também tem uma foto grande que o identifica e à direita desta há o nome do blog seguido de um “logotipo” (Garotinho). Na coluna da esquerda encontram-se: “Fórum de Idéias” (“Neste espaço específico você pode postar sugestões e dar sua contribuição visando, a elaboração de um projeto para o Estado do Rio de Janeiro”); “Destaques” (algumas matérias mais longas); o “Histórico” do blog (seção que não aparece na figura, mas vem logo abaixo dos “Destaques” e serve pra selecionar os arquivos de interesse); “Links” (fazem direcionamentos para outros blogs); “Publicações”; “Vídeos” (alguns vídeos sobre o governador do Rio, Sérgio Cabral, por exemplo, figura criticada por Garotinho).

Ao lado dessa coluna à esquerda, visualizamos a parte central, onde há as postagens diárias do político. Essas não possuem um padrão para o tamanho dos parágrafos, eles são distribuídos não uniformemente, assim como constatamos no primeiro blog político, e diferente do que verificamos, por exemplo, nos textos de Josias de Souza (todos os parágrafos ocupam, no máximo, duas linhas). Porém, o costume é que há um tipo de imagem acompanhando cada texto. Fora a área dos comentários nesse espaço central, os leitores freqüentam o local “Fórum de Idéias”, onde despejam suas

proposições para a política do Rio de Janeiro. Mas este blog não conta com várias seções em que pessoas (leitores, convidados e articulistas possam opinar), se comparado ao primeiro blog político analisado. Vale acrescentar que Antony Garotinho possui o diferencial, em relação ao blog de José Dirceu e ao de jornalistas, de costumar responder, dentro da área de comentários, algumas questões citadas por leitores<sup>159</sup>.

Para um aprofundamento da análise dos conteúdos das postagens diárias desses políticos, de que forma podemos relacionar tais blogs aos blogs jornalísticos e à imprensa, e do modo como funcionam as relações dos blogs políticos com os leitores, escolhemos o período de 14/12/2009 a 20/12/2009, o mesmo usado para os blogs jornalísticos. Embora, possamos fazer menções a outras datas ligadas ao conteúdo fora da área central dos blogs. Nas tabelas abaixo vale o mesmo esquema que fizemos para os blogs jornalísticos: há o número de postagens em cada dia da semana, os títulos das mesmas e, junto com esses, a verificação se, com os textos, postou-se ou não alguma ilustração, figura ou foto. Há também títulos que possuem o sinal \* que indica se o post foi o que recebeu mais comentários no dia. Conforme evidenciamos em metodologia, o blog de Antony Garotinho evidenciou 47 postagens (com 330 comentários) e o de José Dirceu, 45 postagens (com 415 comentários). O primeiro blog não apresentou postagem no dia 19 de dezembro, já o último não postou nos dias 19 e 20 de dezembro.

**Tabela 4**

<b>Blog do Garotinho</b>
<b>14/12/09</b> - Papo do blog – O subúrbio abandonado (com foto)*; O ano perdido (com foto); O PMDB bate o pé; Buona gente! (com foto); A inveja é... (com foto); Garotinho em Três Rios; Clima pesado na equipe de Paes (com colagem de jornal); Operação fora de ordem (com foto colagem de jornal); O apagão de Cabral (com foto de jornal); Entrevista ao Valor Econômico (com colagem)*; <b>(10 postagens; 38 comentários).</b>

<sup>159</sup> Alguns diálogos entre o político e os visitantes: 1) No post “Papo do blog – O subúrbio abandonado” (14/12/09), o visitante marco bittencourt - chutando a lata – bsb diz: “Imagino que já existam projetos para transformar esses prédios abandonados em escola ou hospitais. Ou não?” Resposta: “Não existe projeto para nada. São dezenas de fábricas que foram fechadas no final dos anos 80 e na década de 90. Até hoje nenhum prefeito fez nada para revitalizar a região. Hoje muitas construções foram ocupadas por moradores de rua ou invadidas por sem-teto”. 2) No post “Entrevista ao Valor Econômico” (15/12/2009), o visitante Eduardo Gomes - Rio diz: “Gostaria de entender a vereadora Clarisse, foi contra a taxa de iluminação pública cobrada no Rio, mais sua mãe e seu pai foi a favor da cobrança desta mesmo taxa em Campos!!!!!! Como exemplifica isto!!! E tem mais os campista que se prepare para o AUMENTO absurdo do IPTU para 2010, e coisa pra mais de 100% e só aguardar pra ver”.Resposta: “Clarissa não tem nada a ver com a taxa de Campos, que por sua vez foi criada por Alexandre Mocaiber. Quanto ao aumento de mais 100% no IPTU não sei de onde você tirou isso?”.

<p><b>15/12/09</b> - Papo do blog- A imprensa no Brasil (com foto); A turma do Leblon (com colagem de jornal); De olho no cofre (com foto); A conta do trem bala continua subindo (com foto); Por que Cabral não apareceu na cidade de Deus? (com foto); Ingratidão (com foto colagem); Síndrome do panetone (com foto); Cabral: gerando desemprego (com colagem de jornal); Ligações perigosas (com 2 fotos); Papai Noel no Palácio Guanabara (com foto) *. <b>(10 postagens; 52 comentários).</b></p>
<p><b>16/12/09</b> - Papo do blog – A reação do desespero (com foto)*; Choque de ordem: um grande negócio (com colagem de jornal); Surfista de gabinete (com foto); A avaliação de Sérgio Cabral (com colagem de jornal); Cabral: o tolerante (com colagem de jornal); Festa para Andrade na Câmara dos vereadores (com 3 fotos); Um fracasso na educação (com foto). <b>(7 postagens; 74 comentários).</b></p>
<p><b>17/12/09</b> - Papo do blog- A lenta agonia dos hospitais do estado (com colagem de jornal); O inimigo público nº 1 (com foto); Panetone no samba (com foto); SOS Tijuca (com ilustração-mapa); Deu na internet (com ilustração, colagem); Sai de baixo (com foto); Vai uma pizza de Arruda? (com ilustração); Mais um veto de Cabral é derrubado na ALERJ (com foto); Aécio abre caminho para Serra (com foto); Programa do PR na televisão*; <b>(10 postagens; 68 comentários).</b></p>
<p><b>18/12/09</b> - Papo do blog- Os jovens na política (com foto); O caos no Rio; Deu na internet (com colagem); A prisão de Girão (com colagem e vídeo); Presente de Natal (com charge); A reforma do Maracanã (com foto); Programa do PR (com vídeo)*; <b>(7 postagens; 68 comentários).</b></p>
<p><b>19/12/09</b> - Sem postagens no dia.</p>
<p><b>20/12/09</b> - Inconfidência Mineira; Paes desafia justiça e Ministério Público; Papo do blog: Cabral: um naufrago à deriva*. <b>(3 postagens; 30 comentários).</b></p>

**Tabela 5**

<b>Blog do José Dirceu</b>
<p><b>14/12/09</b> - No Chile, eleição sem novidades; SC vai empossar governador indiciado; Polêmica no PMDB esconde realidade; Escândalos empurram Serra para baixo (com foto); Aécio praticamente fora da disputa*; Mídia mistura regulamentação com censura; Confecom começa hoje sob boicote (com ilustração); Para Dilma, EUA decepciona na COP-15 (com foto); <b>(8 postagens; 63 comentários).</b></p>
<p><b>15/12/09</b> - Em Honduras, nada mudou; Governador continua a fazer marola; Crítica esquece passado com FHC; Aécio foge da comparação PT x PSDB (com ilustração); Brasil lidera ranking preservacionista; Presidenciais não sabem negociar (com foto)*; Sete bairros ainda alagados. Até quando?; Continua a novela do TCU; MPF-SC já está com processo contra Pavan; Confecom: queixas de Lula são procedentes (com foto). <b>(10 postagens; 80 comentários).</b></p>
<p><b>16/12/09</b> - Oposição quer Brasil de joelhos (com foto); Serra e "O Exterminador do Futuro"*; Não passarão; Sinal de luz na Confecom; Aplausos a Aneel por ressarcir consumidores; Venezuela: o papelão do PSDB e do DEM; A piada do dia (com foto); Guilhon quer volta da política externa de FHC; Pesquisa do IPEA radiografa SUS no país (com ilustração); <b>(9 postagens; 74 comentários).</b></p>
<p><b>17/12/09</b> - Constituinte para a reforma política; Boa e má notícia sobre o trabalho infantil (com ilustração); Uma grave denúncia de Dilma na COP 15; Novembro é mês recorde de emprego (com foto); Inaceitável pressão da Itália contra Lula*; Os juros precisam cair ainda mais; Apelos aos santos e às orações; O destino errante da São Paulo demo-tucana; Confecom segue a todo vapor. <b>(9 postagens; 48 comentários).</b></p>

<b>18/12/09</b> - "Há vários modelos de agricultura no Brasil"; Minas jamais perdoará Serra (com foto); Aécio fora, tucanato paulista feliz; Oportunistas, PSDB e PV tentaram faturar; COP-15 sem acordo, frustração de Lula (com foto); Medidas levarão mídia a acatar Constituição; Confecom, um saldo positivo; Os "10 mais" da oposição (com foto); Um excelente 2010 a todos! <b>(9 postagens; 150 comentários).</b>
---

<b>19/12/09</b> - Recesso
---------------------------

<b>20/12/09</b> - Recesso
---------------------------

Sendo assim, os dois blogs postam sobre política, mas José Dirceu centra-se em temas relacionados à “política nacional” e aos fatos e personagens desse âmbito, como o presidente Lula e os presidenciáveis Dilma e Serra. Já Garotinho, preocupa-se em postar, principalmente, sobre a política do Estado do Rio de Janeiro. Por isso, vamos encontrar constantemente neste blog referências criticando ações do governador do Estado, Sérgio Cabral, e do atual prefeito, Eduardo Paes, possíveis de serem vistas apenas pelos títulos que estão na tabela 3. Um leitor do blog, no espaço “Fórum de Idéias”, e não nos comentários, confirma esta avaliação:

Garotinho, gostei de poder participar. Acho que você deveria bater menos no Cabral, e publicar outros tipos de informação. Por exemplo, acho que você, que deve ter muita informação, poderia publicar algo sobre o quadro eleitoral do nosso estado. Quem são os candidatos ao senado, quais as chances de cada um, ou seja, uma análise do quadro político eleitoral. Quem são seus candidatos a Deputado? Também acho que você deveria falar um pouco sobre o que pode ser feito e o que pretende fazer se voltar ao Governo do Estado.(JosePaulozepaulorebela@gmail.com)<sup>160</sup>

Garotinho, do Partido da República (PR), é ex-governador do Rio, oponente político de Cabral, embora já o tenha apoiado<sup>161</sup>, e nos passa a ideia de se lançar como candidato futuro para ocupar esse posto novamente (para isso, em seu blog, ele conta com o incentivo de alguns leitores e possíveis “eleitores”). Já José Dirceu é um dos fundadores e “estrategistas” do PT, partido do atual presidente Lula. O ex-ministro da Casa Civil teve seu mandato cassado, pois foi acusado de estar envolvido no escândalo do “mensalão”, apesar de ele ressaltar que não há provas contra ele e que permanece na “situação de réu sem julgamento”<sup>162</sup>. Dirceu continua militante político e em 2010 foi

---

<sup>160</sup> Em 28/09/2009; 09:32:05.

<sup>161</sup> Ao ser indagado por um leitor sobre esse apoio, o político responde, em 30/09/2009, no espaço “Fórum de Idéias”, o seguinte: “Olha eu não posso me desculpar pelos desmandos de Cabral. Mas já pedi desculpas por ter recomendado às pessoas que votassem em Cabral. Agora, eu não esperava que ele fosse trair todo mundo”.

<sup>162</sup>Parte de sua defesa, encontrada na parte “Quem é José Dirceu” do blog, é a seguinte: “Mesmo sem provas, o procurador-geral da União incluiu-me na denúncia que apresentou ao Supremo Tribunal Federal contra 40 pessoas que ele considera envolvidas no episódio que ficou conhecido como “mensalão”. Não apenas me incluiu, entendeu que eu era o chefe do que ele denominou “organização criminosa”. Até hoje

aceito oficialmente como um dos membros do diretório nacional do PT (2010/2014). Sendo assim, os históricos e interesses de Garotinho e José Dirceu relacionam-se com os assuntos e direcionamentos de suas postagens nos blogs.

Através das postagens diárias, é possível ver uma posição política muito bem definida dos dois “blogueiros”, como já era de se esperar. José Dirceu, não se limita tanto a esse posicionamento, pois diversifica mais o “tom” das notícias, se comparado a Garotinho. Mas, Dirceu também faz críticas sobre oponentes políticos, algumas ações do PSDB e DEM, por exemplo. Além disso, fornece espaço para matérias que possuem práticas de figuras vinculadas ao PT. A suspeita é que isso se torne mais “marcante” em seu blog com a chegada das eleições 2010. Garotinho parece se preocupar mais em atingir seus adversários, pois diariamente critica atitudes do governador Cabral, seu oponente político direto, já que o primeiro almeja futuramente o mesmo cargo. Até em matérias que inicialmente nos dão a impressão de que o nome do governador não irá aparecer, este surge vinculado a um “assunto gancho”<sup>163</sup>. Garotinho, de certo modo, está mais próximo do “tom propagandístico”, já que costuma propagar suas ações e as do seu partido, as compara aos de seus oponentes e os critica. Em 17/12/2009, no post “Programa do PR na televisão”, ele dá um exemplo de suas preocupações:

Logo mais, às 20h30m será veiculado na televisão, o programa nacional do PR (Partido da República), que terá duração de 10 minutos. Quem não teve oportunidade de assistir as inserções, não perca hoje o programa do PR. Veja e depois faça o seu comentário, aqui no blog.

No blog de José Dirceu é nítido seu posicionamento, mas, visualizando suas postagens, nos parece que ele, em comparação a Garotinho, se afasta mais desse tom de propaganda, além desse embate tão direto com adversários e apresenta mais

---

essa denúncia não foi apreciada pelo STF, deixando-me na incômoda situação de réu sem julgamento”. (Cf. José Dirceu).

<sup>163</sup> Observemos, por exemplo, o seguinte post “Papo do blog – a imprensa no Brasil”, de 15/12/09: “Começou ontem em Brasília, a 1ª Conferência Nacional de Comunicação. Representantes da sociedade civil, dos meios de comunicação e do Poder Público estão representados para discutir o tema: “Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital”. Acho importante debater essa questão, mas não acredito que os resultados terão efeitos práticos na cobertura jornalística dos meios de comunicação. O presidente Lula declarou ontem, “que a imprensa no Brasil é livre, publica o que quer e não publica o que não quer”. Lula foi mais adiante: “O estado democrático só existe, se consolida e se fortalece com a imprensa livre.” Infelizmente muitos confundem liberdade de imprensa com imprensa livre. De fato, o Brasil venceu a censura imposta pelo regime militar. (...). Em compensação assistimos um fenômeno inverso. São os próprios meios de comunicação que recriaram a censura, de acordo com seus interesses publicitários e financeiros. Hoje, como disse o presidente da República, “a imprensa publica o que quer e não publica o que não quer”. Só que, o que delimita o que deve ou não ser veiculado, muitas vezes são interesses escusos, motivados por interesses monetários. Aqui no Rio, acompanhamos o caso mais ilustrativo dessa nova “censura”. O governador Sérgio Cabral despeja milhões todos os meses, para ser elogiado, não ser cobrado, nem questionado”.

“variedades”. Na entrevista que fizemos com José Dirceu, embora já sabendo que haja uma tendência de muitos políticos evitarem a palavra “propaganda” ou o fato de está-la fazendo, principalmente em períodos proibidos, o perguntamos de que forma ele analisa a ideia do seu blog se constituir como um meio de propaganda política. Ele respondeu:

Eu tenho posição política, agora propaganda política eu não faria isso, porque com propaganda política eu perderia acho que a metade dos meus leitores, porque os leitores não necessariamente concordam com tudo que eu escrevo ou são eleitores do PT ou filiados do PT. Muitos leitores vão pra saber a minha opinião ou o contraponto, porque muita gente busca essa informação, busca contraponto. (...). Pode ser que num momento emocional, num momento de grande embate você resvale num momento ou outro um tom propagandístico, mas eu também tento evitar. E também como eu tenho um conselho crítico, uma consciência crítica, eu me chamo atenção: não dá pra publicar isso porque tem um caráter de propaganda política.

Com propaganda ou não, nesses dois blogs de políticos analisados, se pensarmos nas ideias de BORGES (2007), fica nítido uma espécie de “contra peso”, no sentido de que tais blogs, dotados de perfil personalista, pretendem oferecer “o outro lado da notícia”. José Dirceu confirma esta hipótese e acrescenta que, como num momento lhe foi tirada a chance de “falar em público”, principalmente através da grande imprensa, como a rede Globo, o blog lhe pareceu útil. “A minha primeira idéia, o meu primeiro objetivo era abrir um diálogo pra que eu pudesse continuar me comunicando, porque a imprensa foi me censurando, na verdade”. A opinião dele não era exposta. Depois, evoluiu pra “debater, pra dar opinião, pra influenciar, pra fazer disputa política e depois virou um pouco uma referência, porque bem ou mal, o meu blog hoje é uma referência”.

Essa última função realmente é exercida pelos blogs políticos: eles servem de referências para os seus leitores mais fiéis e, de certo modo, também são para outros veículos. BORGES (2007) afirma que “os blogs de políticos se constituem, então, como uma ferramenta estratégica de interferência nas possibilidades de inserção pública”. (p. 13). Assim, tais blogs reagem à imprensa<sup>164</sup>, criticando-a ou simplesmente transmitindo o outro “lado da história”, dessa forma, cumprem o papel de “contrapeso”, mas também servem como pautas da mesma. Na internet, por exemplo, há vários sites noticiosos,

---

<sup>164</sup> Em entrevista, Dirceu, por exemplo, nos diz: “Eu tenho uma tendência a fazer realmente a crítica da imprensa porque quando eu vejo que uma questão ou um tema está completamente sendo deturpado ou há informação errada, equivocada, quando ela está sendo distorcida ou há um desrespeito ao próprio leitor do jornal, e os manuais não permitem aquilo, eu procuro chamar a atenção do ombudsman ou chamar a atenção da própria imprensa ou dos próprios leitores para gravidade do que está acontecendo. Porque às vezes passa uma semana e uma notícia está sendo escondida. Ou você lê uma manchete e ela não tem nada a ver com a matéria e a manchete dirige o leitor que só lê manchete para um entendimento que não é o entendimento da matéria. Ou matérias completamente mentirosas”.

como “Folha.com” ou “Globo.com”, além de outras páginas que fazem menções ao que José Dirceu ou Garotinho escrevem em seus blogs. Se não transcrevem algumas de suas palavras, as existências desses blogs, pelo menos, são citadas por outros veículos, o que não torna tais blogs “esquecíveis”. Reinaldo Azevedo (anti-PT), citou em seu blog, duas vezes o blog de José Dirceu, durante o período que analisamos. Em “O lixo fedorento escrito por José Dirceu” (16/12/2009), o jornalista argumenta:

(...) De resto, Dirceu conta com uma equipe, certamente paga com o que ele consegue amealhar como “consultor de empresa privada”, para produzir um site. O chato, para ele, é que ninguém lê aquela porcaria, a não ser a rede petista infiltrada na “mídia”, que, invariavelmente, se encarrega de reproduzir coisas que são escritas lá.

No post “A folha *on line* é editada por José Dirceu?” (18/12/09), Reinaldo Azevedo cita mais uma vez o blog de José Dirceu, além de apresentar a sua opinião de que a *Folha Online* seja pautada pelo PT e pelo que esse político diz em seu blog:

A homepage de agora, passados alguns minutos das 15h, da Folha Online é matéria que interessa à ciência. Toda ela está pautada pelo PT, de cabo a rabo — isto é, da voz oficial do “Planalto” (seja ela quem for) a José Dirceu. A Folha Online, aliás, tem como uma de suas missões, suponho, amplificar o que escreve José Dirceu em seu blog, que ninguém lê. Dia sim, dia não — ou dia também —, há ao menos um texto resumindo o que pensa o ex-ministro e deputado cassado sobre a política. Trata-se de um verdadeiro “Diário de Dirceu”. (...).

Existem outras menções mais antigas ao blog de José Dirceu, no blog de Azevedo. O interessante é que na maioria das postagens deste, é registrada a opinião de que “José Dirceu tem um blog que ninguém lê”. A repetição desse registro e das citações referentes à figura de Dirceu faz-nos pensar que, se poucos lêem pelo menos o blog do político, assim como ele mesmo, não é esquecido<sup>165</sup>. Ainda devemos destacar

---

<sup>165</sup> Outra postagem de Azevedo em que aparece a mesma opinião (“o blog que ninguém lê): “A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, mostrou-se ontem bastante chocada com tudo o que está acontecendo no Distrito Federal. Falta agora que José Dirceu, que tem um blog que ninguém lê, manifeste a sua indignação pra valer. “Mensalão? Que coisa horrível! Impeachment já!” É nessa hora que a sociedade precisa de heróis ímpolutos como Dirceu!” (Em “Dilma Já falou. Agora falta José Dirceu”, de 01 de dezembro de 2009). Para complementar, podemos citar outro post mais antigo, no blog do jornalista, que faz menção a José Dirceu: em “Uma resposta ao consultor José Dirceu”, de 18 de março de 2007, o jornalista defende a posição da revista *Veja*, já que Dirceu se sentiu ofendido com a mesma. Essa constante oposição de Azevedo à José Dirceu é antiga e reconhecida. No blog de Dirceu, em uma das “Entrevistas do Mês”, em 03 de junho de 2009, Dirceu entrevista o ator José de Abreu. Quando o primeiro pergunta “E politicamente, a gente avança?”, o ator responde: “Avança! Vou fazer campanha para a Dilma. A próxima eleição vai ser uma guerra. A vida é dura. Nunca o Brasil esteve tão dividido. Em blog a gente briga muito. Eu criei um personagem (um codinome) e às vezes, entro nos blogs. O meu personagem entra e começa com aquela história do paulista que reclama do trânsito: “esse Lula fica aí e agora qualquer pobre pode ter carro! Por isso que o trânsito não anda! (...). Vocês não tem idéia de como tem gente que vai na minha, ou melhor, na do personagem. (...). Os blogs são uma coisa impressionante.

que há uma troca de conteúdo entre os blogs políticos e outros veículos, ou seja, além dos últimos usarem como pautas os materiais dos primeiros, estes também carregam muitas notícias de outros veículos: fazem *clippings* e os posts possuem partes das matérias de outros meios ou essas por inteiro.

No blog de Antony Garotinho, há passagens que podem exemplificar isso: O “jornal EXTRA vem mostrando nos últimos dias, reportagens que mostram a nova forma de coação usada pela principal milícia da Zona Oeste, liderada pelo ex-PM, conhecido como Chico Bala.” (Do post “Ligações Perigosas”, de 15/12/09); “A edição de hoje de O DIA traz uma matéria, onde o governador Sérgio Cabral, segundo o jornal “abriu o verbo contra o desafeto Anthony Garotinho”. Isso aconteceu ontem durante uma inauguração, em Japeri” (do post “Papô do blog - A reação do desespero”, de 16/12/09). No blog de Dirceu surgem esses arranjos também, exemplo: “Deu na Folha de S. Paulo de hoje: PSDB, PPS e PMDB saíram "de fachada" do governo José Roberto Arruda (...)” (do post “A piada do dia”, de 16/12/2009).

Os blogs políticos servem como “contrapeso”, eles estabelecem relações com outros veículos, seja pautando-os ou usando os materiais desses e tais blogs fazem parte, assim, das apostas que tentam influenciar a “opinião pública”. Esta, na verdade, repousa como uma “entidade mítica”, segundo AUGRAS (1980). Para ela, o mais correto seria falar da formação de uma corrente de opinião, deixar de lado a opinião pública e “estudar as modalidades de aparecimento da opinião dinâmica” (p. 20)<sup>166</sup>. Guardando essa ressalva, os blogs políticos atuam, então, como autoridades, assim como os jornalistas, dispostas a controlarem a formação de tal “opinião pública”. Os políticos amplificam suas formas de atuação, através dessas novas ferramentas, e eles se consolidam como “líderes de opinião” de seus grupos<sup>167</sup>, porém sempre dispostos a influenciar grupos diversos.

---

Nós nunca tivemos uma imprensa tão raivosa e a campanha no ano que vem vai dividir muito o Brasil. Antes um cara para escrever uma carta no jornal era uma coisa... Hoje, para escrever e publicar na internet é muito mais rápido. E ainda dá para ser anônimo. Às vezes, você coloca uma defesa e vai levar cacetada. Acho que nem pode falar teu nome no blog do Reinaldo Azevedo”.

<sup>166</sup>Conforme a autora explica, a opinião dinâmica corresponderia “ao aparecimento, progressivo ou repentino, de uma tomada de posição perante o problema. É nesse nível que encontraríamos, portanto, a conscientização”. (p. 16).

<sup>167</sup> “A função fundamental do líder parece ser precisamente o de catalisador e transmissor: provoca reações do grupo, cataliza-as e transmite em retorno a informação para o grupo, provocando novas reações; e assim sucessivamente, num mecanismo em cadeia. Na formação da opinião, sua influência é particularmente importante. Há o perigo do líder transmitir uma informação tendenciosa, para provocar reações num sentido determinado (é o caso do demagogo). Embora a história forneça casos de manipulação de opinião em proveito de uma só pessoa, tal fenômeno só pode processar-se com o consentimento do grupo.” (Cf. Augras, 1980, p. 43).

Por fim, vale dizer que os políticos, em seus blogs, diferentemente dos jornalistas, compõem suas páginas com uma maior preocupação na “pluralidade de vozes”, fornecendo espaços inclusive para aqueles que não concordam com seus pontos de vista (porém, aqueles que, ao mesmo tempo, não dirigem ofensas diretas), além da maior preocupação com a “conversação” e troca de informações. Isso talvez justamente por serem “políticos”. José Dirceu divide seu blog em várias seções que sugerem temas diversificados e abrem, pelo menos, a possibilidade de uma maior impregnação de diferentes perspectivas políticas. Na área central de postagens diárias, aparecem comentários contrários as suas idéias, assim, nessa área, não ficamos no plano de apenas uma possibilidade no que tange aos referenciais políticos.

Já Garotinho, embora não apresente tantos espaços diferentes no blog (a novidade fica na parte “Fórum de Idéias”), também posta comentários contrários e tem o diferencial em relação aos outros blogs analisados de responder seus leitores, na área dos comentários. No blog dos dois políticos, a maioria dos que participam parecem apoiar José Dirceu ou Garotinho, nesse sentido, se aproximam da visão de uma polarização político-ideológica, mas nos dois blogs políticos aparenta existir uma “maior abertura” para “conversação” e uma flexibilização para opiniões diversas.

#### 4. Conclusão

Diante da expansão tecnológica e científica, da sensação de que o homem atual é alguém “sem fronteiras” e do impulso consumista que tenta seduzir cada indivíduo, através da mídia, é comum nos defrontarmos com o “novo”. Aparecem-nos como “novos” os objetos de consumo, as ferramentas de trabalho e sociabilidade e as maneiras de se viver. Assim, pessoas desejam ou compram, sem questionamentos, as “novidades” divulgadas. Não avaliam se de fato elas lhe serão úteis ou se ficarão em um canto esquecido, como no caso daqueles mil brinquedos que uma criança é capaz de ganhar, mas não brinca nem com a metade. Em alguns casos, talvez outros itens, nem tão “novos”, fossem mais essenciais para merecer dispêndios. Nessa corrente de “inovações”, tem destaque os meios vinculados à internet, pela rapidez, quebra de obstáculos físicos para difusão das mensagens e por uma “áurea” de esperança que os envolve: a suposição de representarem uma comunicação mais “democrática”, personalizada e interativa, em relação aos meios tradicionais.

Dentro de tal contexto comunicativo, abre-se, então, de certo modo, uma oposição entre um “mundo novo”, cheio de promessas, e um tradicional, visto como “ultrapassado” para alguns. O primeiro pode ser reconhecido como se fosse o resultado de uma “mágica”: novas ferramentas são capazes de transformar o campo da comunicação, estabelecendo diferentes tipos de informações e sociabilidade, e “ofuscando” ou transformando em minúsculas “sombrias” os agentes que operam tais meios, como se eles não transportassem para essa nova esfera suas atitudes e vontades. Suspeitando de tal “mágica”, investigamos justamente a relação estabelecida entre tais ações e ferramentas da internet. Para isso, escolhemos os blogs, um dos representantes dessa suposta revolução, e os unimos a agentes, de certo modo, antigos, os jornalistas. A interseção de tal junção nos fez chegar aos “blogs jornalísticos”. Avaliamos as transformações do jornalismo, através do uso desses “poderosos” meios.

Dessa forma, em primeiro lugar, nos afastamos de idéias generalistas que elegem os blogs como parte de uma “grande mudança” e que se referem a eles de uma única forma, como “os novos diários íntimos”, por exemplo. Compreendemos que é preciso ter cuidado com generalizações acerca de conceitos e de qualificações, ou seja, blogs são apenas ferramentas com diversas apropriações, por isso, surgem variados conceitos (ou gêneros, como demonstramos) que nem sempre nos colocam diante de mudanças, por mais sedutor que elas sejam. Longe de sermos “pessimistas”, porque confiamos que

elas podem acontecer; mas antes disso devemos ser atentos para não haver ilusão, o efeito de acharmos erradamente que estamos diante daquilo que desejamos. Com esse pressuposto do “acreditar, tentando ser atento”, fizemos esta pesquisa. Pois, não necessitamos nos fechar às ideias “novas”, mas não devemos nos alienar em relação a elas e sim avaliá-las; o que seria desejável não só como pesquisador, mas como consumidor, leitor, cidadão, já que a ilusão pode percorrer qualquer um desses “papéis”.

Esses pressupostos se consolidaram ao longo do nosso trabalho, pois ao avaliar nossos principais objetos de pesquisa, os blogs jornalísticos sobre política, nos aproximamos da hipótese de que não podemos falar de uma comunicação radicalmente nova, mas diferente, em alguns pontos, da tradicional. Para afirmar isso, consideramos os resultados estabelecidos na “troca” constituída entre agentes tradicionais e ferramentas, carregadas de “potenciais”. Esses resultados se delinearam a partir do primeiro capítulo, pois observamos que o campo jornalístico, no geral, é perpassado pela ideia da notícia como um “produto” e que isso se liga a uma crise de princípios, existente numa conjuntura em que poderosos conglomerados de mídia sobrevivem fora e dentro da internet. Evidenciamos a preocupação na consolidação desses princípios, como a independência jornalística, além da identificação de que não devemos nos ater em artifícios que exibem mera retórica, como parcialidade e equilíbrio, itens dificilmente testáveis, diferentemente da veracidade. Essas observações, incluindo as teorias jornalísticas, os gêneros, entre eles o colunismo, valeram, portanto, para a análise dos blogs jornalísticos, pertencentes a grandes empresas de comunicação.

Tendo em vista esses primeiros delineamentos, nossa intenção principal foi analisar os traços da identidade jornalística que atua nos blogs. Antes, porém, compreendemos que qualquer identidade deve ser pensada em conjunto com a memória, índice que constitui um sujeito. Percebemos, então, um contexto de ritmo “veloz” somado ao avanço tecnológico e aos discursos informáticos que caracterizam a memória como um arquivo de computador: algo que pode ser gravado, depositado e descartado. A fim de entendermos a identidade, de modo geral, além da assimilação desse tipo de memória, recorreremos a questões mais amplas, como o consumo (reconhecendo a fase do *turboconsumidor*) e a globalização, regulada com a prática consumista. Depois de percorrer esses itens, identificamos três conceitos de identidade: o de sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico; sujeito pós-moderno. Neste, a identidade, assim como acontece na ideia de “memória informática”, pode ganhar variados “registros” descartáveis. Na parte “memória e identidade nos blogs”, concluímos que a “explosão”

dos blogs como uma “febre”, mesmo que cada um tenha o seu objetivo, satisfaz esse movimento que concebe a memória como um arquivo e que avalia como “precioso” esse bem. Expomos que esses depósitos sempre existiram de alguma forma, mas elucidamos as crenças atuais que prevalecem sobre tal tema e de que forma os indivíduos correspondem a elas através de uma prática memorialista que deixa visível um conteúdo e não o restringe ao produtor. No entanto, para “quebrar” tais crenças, lembramos as ideias do filósofo Henri Bérghson.

Nesta mesma parte, depois de elucidar a identidade de modo geral, avaliamos as características da identidade jornalística nos blogs, através da página de Reinaldo Azevedo. Chegamos, então, a um tipo de memória e identidade específica, a “profissional”. Por meio dos textos que assinalam para um “todo coerente” que é ou que aparenta ser o autor Azevedo, concluímos que esta identidade se mostra bem definida e demarcada. Identificamos tal questão não como um ingrediente novo, próprio da internet, pois por meio de conceitos de Foucault, mostramos que tal “demarcação” da identidade se relaciona com o modo em que a nossa cultura foi “disciplinada” a reconhecer o que representa um autor. Avaliamos que esse “fechamento semântico” ou busca de tal identidade coerente pode acontecer em outros blogs, feitos cada um por uma só pessoa, aqueles “escritores” que fazem desses ambientes as suas “casas”. Nesse sentido, tais blogueiros, ao tentarem demarcar as fronteiras de suas identidades, com usos de históricos e memórias específicas, se afastam da idéia de uma fragmentação exacerbada do sujeito relativa a uma identidade pós-moderna.

Mas, ao mesmo tempo, não menosprezamos a internet e a visibilidade que esta traz, reconhecemos que nesses blogs, indivíduos e ideias querem “ser vistos”. Essa tentativa de definição da identidade se relaciona com o ideal de “ser alguém” (ganhar credibilidade) e não apenas “mais um”. A identidade desse tipo de blog, visto como “produto” à venda, exemplificou o fato de que há atualmente sujeitos “híbridos”, por suas tentativas de coerência e por seus fascínios à imagem e ao espetáculo, fatores não restritos à internet, mas potencializados por meio dessa. Quando exploramos os blogs jornalísticos, avaliamos os trabalhos que os jornalistas Reinaldo Azevedo e Josias de Souza desempenham, assim, não nos centramos mais nas formações de suas identidades ou “figuras jornalísticas”, mas registramos o quanto elas são essenciais para influenciar nas postagens de conteúdos políticos, sejam deles mesmos ou dos leitores.

Ao “mergulharmos” nos blogs jornalísticos, enfatizamos primeiro que os profissionais, embora façam parte de organizações midiáticas, possuem certa liberdade

para lançarem seus textos e opiniões na internet. Em seus trabalhos não acontecem interferências cotidianas próprias dos veículos tradicionais. Nesses novos ambientes, a “notícia” não percorre a figura do pauteiro, fotógrafo e editor até ganhar a sua versão final, talvez justamente pelo maior ritmo que a internet impõe e pelas propostas desses veículos de serem mais “pessoais”. Entendemos, portanto, essa maior liberdade e a concentração de funções em um único sujeito como elementos diferenciais desses blogs em relação aos meios tradicionais. A teoria do *gatekeeper* foi lembrada porque privilegia a ação pessoal, a ação do filtro, representado por esses jornalistas. Ao mesmo tempo, nos referimos à teoria Organizacional, pois Azevedo e Josias de Souza são contratados, suas “casas” estão sob os domínios de grandes instituições de comunicação, assim as posturas políticas desses profissionais são compatíveis com as de seus “patrões”, o que, nesse ponto, já os aproxima de um jornalismo tradicional.

Observamos a aproximação desse jornalismo feito nos blogs com o tradicional quando apontamos também a questão da semelhança de pautas. Os blogs tratam da política e entre eles os mesmos assuntos aparecem, além destes temas repetitivos também estarem nos jornais. Quanto à questão das imagens, visualizamos que elas são marcas tanto dos veículos tradicionais (até dos impressos que usam hoje os recursos que podem para “chamar a atenção” dos leitores, tendo em vista a chegada de concorrentes), como dos vinculados à internet, mesmo que elas têm possibilidades de se ampliarem nesse segundo ambiente. Guardadas as diferenças perante o uso das imagens entre um blog e outro, comprovamos essa ampliação das imagens na internet ao perceber que as páginas são comparáveis aos “palcos”. No formato das matérias jornalísticas, também identificamos diferenças entre o blog de Azevedo e de Josias de Souza, mas, no geral, não se pode afirmar que predomina na internet um formato “novo” consolidado.

Constatamos também nos blogs um “jornalismo pessoal” ligado à personalidade de cada redator. Apesar disso não constituir uma “novidade”, pois veículos tradicionais apresentam tal característica, por meio do colunismo, por exemplo, elucidamos que nos blogs o diferencial desse jornalismo pessoal, formatado apenas com opiniões, em alguns casos, está no fato dele ser consolidado com o amparo constante de alguns leitores. Como os blogueiros são as “celebridades” desses ambientes, o grupo fiel de cada blogueiro espera que ele aja sempre da mesma forma, com a mesma “identidade profissional”, comportamentos e preferências no modo de se posicionar politicamente (Azevedo declaradamente anti-PT e Josias de Souza, com um tom “neutro” que chega a confundir seus leitores). Caso isso não aconteça, há reações rápidas dos leitores, fáceis

de serem captadas. Estas são mais complicadas ou mais demoradas para serem percebidas quando as mensagens são feitas através de ferramentas menos dinâmicas. Constatamos ainda através do blog de Azevedo um afastamento do que reconhecemos como “independência jornalística”, pois as formações de suas mensagens políticas parecem mais dependentes de lógicas pessoais (convergentes com as institucionais) do que públicas; as primeiras lógicas se impõem aos seus textos opinativos. Mas, nos dois blogs jornalísticos, não há a preocupação com a promoção de debates que são imprescindíveis para obtermos “verdades jornalísticas”, aquelas que devem considerar o processo comunicativo entre jornalistas e cidadãos e que incitam reações diversas.

Na nossa análise vimos que os mediadores e os leitores estão mais preocupados em apenas opinar, enfatizar seus posicionamentos políticos, do que deliberar. Há uma bipartição apaixonada dos participantes caracterizada por “Petismo/ Tucanismo” que, de certo modo, rompe com a possibilidade de debate para se chegar a uma decisão política “saudável”. A maior preocupação nesses blogs é a de obter um tipo de reconhecimento individual advindo de uma habilidade retórica. Guardados os papéis desempenhados pelos blogs de políticos (entre eles, o de “contrapeso” e o de pautarem a imprensa), nesses blogs também identificamos uma polarização político-ideológica, pois José Dirceu, em seu blog, é apoiado pela maioria dos participantes e o mesmo acontece no blog de Antony Garotinho. Mas, nesses dois blogs, vale enfatizar uma conclusão: os políticos têm uma maior preocupação com a “pluralidade de vozes”, com disponibilizações de espaços que diversificam os temas e tendência à conversação, talvez por serem “políticos” e pela “diplomacia” ser uma palavra que os acompanha.

Tanto a comunicação dos jornalistas, feita nos blogs, como a dos políticos que utilizam essas ferramentas, não acontecem das maneiras que avaliamos simplesmente por serem próprias da internet e sim porque são efeitos de uma sociedade. Nesse sentido, não podemos avistar mudanças radicais nessa comunicação jornalística feita na rede. Pra falar de uma “comunicação democrática” e de uma opinião pública, quando teóricos chegam a acreditar até no fim desta, muito ainda precisa ser feito. É preciso enxergar o aspecto “macro” da questão. Por quê? Podemos falar em comunicação democrática quando, por exemplo, grande parte da população ainda está fora do processo de debate? Ou quando, mesmo dentro, não possui o conhecimento necessário para dialogar ou compreender o que acontece em sua volta? Acreditamos que não. Precisamos, primeiramente, é de uma ampla reforma das mentalidades e dos hábitos políticos. Para isso, o “ideal” é que qualquer interesse privado seja transpassado em prol

de um interesse público, evento que forma opiniões, de fato, públicas. São tais opiniões e atitudes que nos fazem caminhar para mudanças políticas, próximas do que reconhecemos como “democracia”, e não apenas as ferramentas que aparecem.

Meios em si não representam mudanças, podem representar ilusões. O que visualizamos, nos blogs, foi um “potencial de comunicação democrática”, mas que está “adormecido”. Para acordá-lo, precisamos despertar primeiro. Enquanto as “novas autoridades”, como as jornalísticas, continuarem a exercer seus papéis da mesma forma, com clássicos ou “novos” meios, pouca coisa irá mudar. Até porque o próprio cidadão parece acostumado a receber muita informação, porém com pouca propriedade. Isso parece um “vício geral” que não percorre apenas o âmbito comunicativo: “novos” objetos de consumo são propagados a cada instante, se não gostamos de um que compramos, nos acomodamos com ele, ainda mais se tal estiver “na moda”. Porque passado um período, outro “novo” chega, através de uma “mágica”, para nos aliviar e nos dar a sensação de que estamos seguindo um “ritmo”; e assim sucessivamente.

## 5. Referências Bibliográficas

- ALDÉ, Alessandra. CHAGAS, Viktor. ESCOBAR, Juliana. *A febre dos blogs de política*. Revista FAMECOS, Porto Alegre: n°33, p.29-40, 2007.
- AUGRAS, Monique. *Opinião pública: Teoria e pesquisa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980. p.11-78.
- BAUDRILLARD, J. *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*. Lisboa, Portugal: Ed Terramar, 1992.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 143 p.
- BORGES, Juliano. *Blogs de política, blogs de políticos e a influência na cobertura jornalística*. In: Fafich, 2007, Belo Horizonte. Anais 2007. Disponível em: <[www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt\\_ip-juliano.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_ip-juliano.pdf)>
- BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. A academia entre o local e o global. IN: MIRANDA, Wander Melo (org.). *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 345-356.
- CAMPBELL, Colin. “Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno”. IN: BARBOSA, Livia e CAMPBELL, Colin (orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006, pp. 47-64.
- CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Universidade da Beira Interior, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>
- CASTELLS, M. “Introdução” e “Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede”. IN: *O poder da Identidade*. Vol. 2 de *A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura*. SP, Paz e Terra, 1999, p. 17-92.
- CHAUI, Marilena. *Simulacro e Poder*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COUTINHO, Iluska. *O conceito de verdade e sua utilização no Jornalismo*. In: Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano 1 - n° 1 - (janeiro/junho de 2004). Disponível em: <[www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm](http://www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm)>
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- Jr. DIZARD. Wilson. O futuro em aberto. In: Jr. DIZARD. Wilson. *A Nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000. p. 254-278.
- EMERY, E; AULT, P, H; AGEE, W, K. Comunicação e veículos de comunicação de massa. IN: EMERY, E; AULT, P, H; AGEE, W, K. *Introdução à Comunicação de Massa*. São Paulo: Atlas, 1973. p. 20 – 89.
- ENNE, Ana; TAVARES; Cristiane. *Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica*. Rio de Janeiro. 2000. Disponível em:

<<http://www.castelobranco.br/sistema/novoenfoque/files/01/memoria2.doc>>

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete*. São Paulo: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, 2008. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_291.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_291.pdf)>

FERRAZ, Maria Cristina Franco. “Percepção, imagem e memória na modernidade: uma perspectiva filosófica”. São Paulo: *Revista Brasileira de Comunicação* (Intercom), volume XXVII, 2004. p. 60-78.

FOUCAULT, Michel. “Poder-Corpo”, In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979; p.145-152.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Vega, 3ª edição. 1992.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação Social e Mudança Tecnológica: Um cenário de múltiplos desordenamentos. *Sociedade Midiatizada*. Denis de Moraes(org); [traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel].- Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e Poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GRADIN, Anabela. *Manual de Jornalismo*. Universidade da Beira Interior, 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-2.html>>.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “Isso não é um filme? Ídolos do Brasil Contemporâneo”. *Revista Lugar Comum. Estudos de mídia, cultura e democracia*. Maio- agosto 2000, n° 11, Rio de Janeiro, NEPCOM –UFRJ. P. 45 -59.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KELLNER, Douglas. Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna. *A cultura da mídia*. São Paulo, EDUSC, 2001, p. 295-334.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do Jornalismo*. São Paulo: Geração editorial, 2004.

KURTZWEIL, Ray. *Ser humano versão 2.0*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 23/03/2003; p. 4-9.

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.

LEMOS, André. Condição Pós - Moderna e Cibercultura. In: LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2 ed. 2002. p.61-97.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

- LÉVY, Pierre. *A Emergência do Cyberspace e as Mutações Culturais*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1994. Disponível em: <<http://www1.portoweb.com.br/pierrelevy/aemergen.html>>.
- LIPOVETSKY, Gilles. “As três eras do capitalismo de consumo”. IN: *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 26-37.
- LIPOVETSKY, Gilles. “Rumo a um turboconsumidor”. IN: *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 98-127.
- MARSHALL, Leandro. O jornalismo pós – moderno. In: MARSHALL, Leandro. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003. p. 23- 61.
- MARX, K; ENGELS; F. MARX, K; ENGELS; F: *A História dos homens*. In: FERNANDES, F. *Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1983. p.183 -213.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo Fin-de-Siècle*. São Paulo: Página Aberta, 1993.
- MARTINS, Hermínio. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Edições Séclo XXI, 1996. p. 167-249.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.
- MAIA, Rousiley. “Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças”. IN: *Contracampo – revista da Pós-Graduação em Comunicação da UFF*. Niterói, UFF, n° 5, 2000, p.47-66.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORAES, Dênis de. *O Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra Livre, 1998. 287p.
- MORAES, Denis de. Imaginário social, hegemonia cultural e comunicação. *A batalha da mídia: a comunicação dos governos progressistas da América Latina e outros ensaios*. Porto Alegre: Sulina, 2008 (no prelo). Disponível em: <<http://docs.google.com?Doc?id=ddggdf4z35fmw59bxg>>
- NERCOLINI, Marildo José. *Entre o local, o nacional e o global: MPB e Rock Argentino agenciando identidades e culturas*. Grumo, Buenos Aires, Rio de Janeiro: 7 Letras. Editores: Diana I. Klinger... [et al.], n.6, vol.1, 2007, p. 96-103.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. Fora do Armário: a cibersocialidade em uma lista de discussão GLS. In: LEMOS. A. & PALACIOS, M (Orgs). *Janelas do Ciberespaço: comunicação e cultura*. Porto Alegre: Sulinas, 2001. p.80-104.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PENA, Felipe. A perna coxa da tecnologia: fantasias totalitárias dos naufragos da polissemia na cibercultura. In: *Dossiê, Mídia e Democracia*. CONTRACAMPO: Revista do Programa de Pós – Graduação em Comunicação. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 2003. p.141-154.

- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PRIMO, Alex. *Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. Anais, 2008. Disponível em: <[www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50\\_blogs.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf)>
- QUINDERÉ, Mário. *Reflexões sobre Jornalismo, Poder e Democracia: Afinal para que serve o Jornalista?* Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo, Santos/SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1456-1.pdf>>
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Warblogs: Os Blogs, a Guerra no Iraque e o Jornalismo Online*. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Anais 2003. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf)>
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A mídia e o lugar da História*. Revista *Lugar Comum. Estudos de mídia, cultura e democracia*. Maio- agosto 2000, n° 11, Rio de Janeiro, NEPCOM –UFRJ. p. 25-44.
- RIO DE JANEIRO. Editora O Globo. *Manual de redação e estilo: O Globo*. Rio de Janeiro, 1992. 171 p.
- ROCHA, Heitor Costa Lima da. *Habermas e a Teoria do Jornalismo: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação*. Estudos em Comunicação n° 4, 41-57, Pernambuco, novembro de 2008. Disponível em: <[http://www.labcom.ubi.pt/ec/04/html/04-Heitor\\_Rocha\\_Habermas\\_e\\_a\\_Teoria\\_do\\_Jornalismo.html](http://www.labcom.ubi.pt/ec/04/html/04-Heitor_Rocha_Habermas_e_a_Teoria_do_Jornalismo.html)>
- SIBILIA, Paula. “Cirurgiões plásticos: Da beleza como dom divino aos imperativos fáusticos”. In: VILLAVARDE CABRAL, Manuel; GARCIA, José Luis; JERÓNIMO, Helena Mateus (Orgs.). *Razão, Tempo e Tecnologia: Estudos em Homenagem a Hermínio Martins*. Lisboa: Ed. ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2006; p. 441-460.
- SIBILIA, Paula. “Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica”. In: *Olhares sobre a Cibercultura*. LEMOS, André e CUNHA, Paulo (Orgs). Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body\\_sibilia\\_](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_sibilia_)>
- SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. IN: SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 73-102.
- SILVEIRINHA, Maria João. *Novos Media, Velhas Questões*. UBI/LABCOM: 2007. Disponível em: <[www.labcom.ubi.pt/agoranet](http://www.labcom.ubi.pt/agoranet)>
- SODRÉ, Muniz. *A democracia cosmética. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 125 – 197.
- SOUZA, José Martins de. *A sedução do colonismo: Uma análise das colunas de Ancelmo Gois e Ricardo Boechat*. Trabalho apresentado ao NP-02, Jornalismo, do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Uerj/ RJ: 5 a 9 de setembro de 2005.
- SPAYLER, Juliano. *Reinado Azevedo conta como fazer um blog de sucesso*, 2008. Disponível em: <<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>>.

TEIXEIRA, Fabrício; Ribeiro, Igor. *Igual, mas diferente*. Revista Imprensa. Set, 2008. p 22-30.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: Uma análise das Noções de Objectividade dos Jornalistas. In: *Jornalismo: questões, teorias e “Estórias”*. Nelson Traquina (Org.). Lisboa: Vega Editora, 1999. p. 74-90.

VASCONCELOS, Isabela. *Ex-blogueiros contam por que deixaram suas páginas*. 28/01/2010. Disponível em: <[www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br)>

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994

Blog do Noblat. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>>

Blog do Josias de Souza. Disponível em: <<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>>

Blog de Reinaldo Azevedo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/>>

Blog do Mino Carta. Disponível em: <<http://www.blogdomino.com.br/>>

Blog do Zé Dirceu. Disponível em: <<http://www.zedirceu.com.br/>>

Blog do Garotinho. Disponível em: <http://www.blogdogarotinho.com.br/>>

## ANEXO A - Entrevista com José Dirceu de Oliveira.



Tema: “Blog do Zé Dirceu – Um espaço para a discussão no Brasil” ([www.zedirceu.com.br](http://www.zedirceu.com.br)).  
27/11/09 (sexta-feira) às 15h no Hotel SOFITEL. Av. Atlântica, 4240, Copacabana.

**Aline - Estrutura e Funcionamento do Blog – No Blog há os posts diários e áreas como “Entrevista do Mês”; “Artigos do Zé”, entre outras. Além da sua participação para a produção de conteúdo do blog, há a de uma equipe, com editor responsável, por exemplo. Fale um pouco sobre esse processo de produção, nos explicando o seu papel e o da equipe.**

**JD** - No começo, eu não acreditava muito que ia dar certo, porque era um trabalho muito artesanal, muito pesado. Eu fazia o blog todo dia de manhã cedo, alguns amigos e amigas me apoiavam e me apóiam até hoje como voluntários. Então, eu mandava basicamente para Maria Alice, pro Breno Altman, para Fátima Fonseca e a Lia Ribeiro que tem a empresa dela, o trabalho... Cada um tem seu trabalho. E ia fazendo o blog. Depois, num segundo momento, eu comecei a contratar um redator, um revisor que hoje é o Aristeu Moreira. Mas, já passaram três que por razões profissionais (não houve nenhum problema, ninguém se afastou por desentendimento) acabei mudando. E a Tatiana Carlotti que faz, na verdade, um pouco de revisão, pesquisa, entrevista, grava as entrevistas, edita entrevistas, organiza informações, acompanha os comentários. Ela faz um trabalho de gestão. Eu me dedico há três anos e meio, todos os dias, ao blog. Hoje acordei 06:30h, trabalhei no blog até às 08:00h, depois tive uma reunião das 08:00h às 10:30h, voltei pro blog, depois tive outra reunião às 11:30h, depois desci pra fazer academia, depois sai... Então, volto, olho... Durante o dia eu acompanho como todo mundo pelo “Black”. E têm os artigos. Eu mesmo escrevi os artigos durante quase dois anos. Agora, nesses últimos seis meses, eu tenho uma equipe. Eu organizo, mando sugestões. Com a base nos meus comentários no blog, artigos que eu escrevi e entrevistas que eu dou, você produz grande parte dos artigos. Alguns eu dou as idéias básicas, eles redigem. Então, hoje eu tenho uma equipe que faz o blog, que faz avaliação, faz crítica. Nós fazemos uma reunião semestral, pelo menos nesses três anos, assim longa, o dia inteiro. E ouve essa mudança, agora no design, no desenho dele. Eu gostaria de ter mais TV, mais áudio e som, mais imagem, mas também eu teria que dedicar mais tempo, teria que destinar recursos e eu não posso, porque sou eu que sustento o blog.

**Aline - As matérias que constam nos posts, naquela área “blog do Zé”, todas são escritas por você?**

**JD** - Não, conforme o dia. Vamos dizer que 2/3 dos dias praticamente todas são escritas por mim, depois reescritas, revisadas, reorganizadas, editadas, repaginadas pelo Aristeu. Mas, têm dias que não, têm dias que estou com compromissos... Então, eu recebo um resumo das informações e respondo para ele. Por exemplo, se ele me apresenta uma notícia em 3 parágrafos, eu digo para ele em 3 linhas qual é a minha opinião e ele redige. Pode redigir 8 linhas... Então, ele que criou. 2/3 eu faço mesmo. Por exemplo, ontem eu escrevi sobre licitação, outorga,

autorização para construção de aeroportos ou não. A concessão de aeroportos para iniciativa privada, ao invés da Infraero construir e administrar. Eu escrevi. Os dois posts são meus. Têm determinados assuntos que não tem necessidade, porque é assunto que está voltando. Então, eu diria que hoje 50% eu escrevo, 50% o relator escreve. **[É... você tocou no ponto, pois eu ia te pedir pra colocar numa porcentagem pra mim, então, está respondido]**. O dia que estou com tempo, eu escrevo mais. Como, na verdade, eu faço 4 atividades por dia. A minha, fora pessoal e familiar... Tem dia que sobrecarrega. Geralmente eu escrevo as principais matérias.

**Aline - “A política do Blog” - Quem faz a mediação de comentários e quais costumam não serem publicados, fora aqueles com “palavras de baixo calão, denúncias levianas e troca de ofensas entre leitores”?**

**JD** - A única restrição é o espaço. Não dá pra publicar todos os comentários. Mas, também os comentários, às vezes, são sobre o mesmo assunto, então pra atenuar você não publicar, você escolhe um, dois. Então, tirando essas restrições óbvias, não há nenhuma restrição. Inclusive pessoas que escrevem para criticar a minha denúncia no Supremo Tribunal Federal ou fazer críticas ao PT e ao governo nós publicamos. Nós não temos, assim, nós não temos uma restrição sobre o caráter e o conteúdo político. Mas só essa restrição. Ninguém publica determinado tipo de comentário até porque a lei não permite. Você pode, por exemplo, responder, se é contra terceiro você pode responder. Não há assim nenhuma... Até porque a credibilidade do meu blog é que até hoje, em três anos, só uma vez eu tive que fazer pedido de desculpas e uma mudança. E não fui eu que redigi, foi um redator que colocou duas informações equivocadas sobre um ex-deputado, onde ele morava e o que ele fazia profissionalmente e eu tive que fazer uma mudança no outro dia. Nunca houve... nunca tive que me retratar no blog. Eu tomo muito cuidado. No meu blog é muito difícil eu agredir, ofender alguém, nunca houve isso.

**Aline - Você, então, me respondeu. Eu ia te perguntar como que vc lida com comentários que possam criticar você ou não irem ao encontro das suas posições políticas. Então, não há essa restrição?**

**JD** - Não toda vez que alguém pede que seja publicado uma opinião contrária, nós publicamos. Toda vez que alguém manda e diz “eu quero que você publique”, eu publico. Pode ser artigo, inclusive, não precisa ser nem no comentário. Ou se a pessoa manda um pedido pra publicar como comentário, como post, não comentário, eu também publico.

**Aline - Inclusive tem agora o espaço do leitor...**

**JD** - Que vai mudar um pouco o caráter, acho que vai dar mais contraditório do que hoje eu tenho.

**Aline - “Novo Blog” – Esse novo blog inaugurado no dia 25 de novembro (quarta), com um novo layout, além de outras mudanças. Destacando a criação de um time de articulistas diários e o “Espaço do leitor”, o que os primeiros representam para o blog e nos esclareça como será feita a seleção dos materiais enviados pelos leitores? Tanto a responsabilidade, quem vai fazer esta seleção, e como será feita?**

**JD** - Veja bem, o blog, ele pode ser mais ou menos lido, se ele é capaz de além de posição, dar informações. Então, a busca de uma pluralidade de nomes e de colaboradores é porque haja não só mais pluralismo político e também mais diversidade de temas. Esse que foi o objetivo. Eu sempre quis priorizar algumas questões, como a questão da juventude e cidadania que nós tivemos espaço só pra questão da juventude. Mas agora nós estamos evoluindo para um blog que vai ajudar mais também em informação e mais em diversidade de temas, mais plural e vai ser um pouco educativo também, à medida que são colaboradores que tem muita... Na área, o

tema que eles tratam, são pessoas altamente qualificadas, tem experiência, além de serem pessoas com boa formação teórica, cultural, na área deles. São pessoas também que tem muita experiência na vida profissional, na vida acadêmica, então, esse é o objetivo. Como nós não temos uma rigidez... Lógico, o blog tem posição política, até porque eu tenho posição política, mas fora isso que seria hipocrisia eu falar que não tem, no blog dificilmente eu me oponho a alguma opinião publicada, a algum comentário publicado. Um ou dois casos, eu me lembro, que eu achei que foi inconveniente... Porque aí é uma questão... Se não as pessoas não lêem o meu blog... As pessoas lêem o blog à medida ou querem saber a minha opinião, mas também à medida que as pessoas se considerem realizadas e contempladas ao ler o blog que é um tempo precioso que todo mundo têm. Têm muitos blogs, muitas alternativas.

**Aline- Esse espaço do leitor... já acontecia esse envio de mensagens, as pessoas já enviavam e não tinha como agregar isso?**

**JD -** Sim, exatamente, não tinha um espaço pra eles, fora os comentários e o comentário hoje, depois do começo, quando começou a internet, os blogs, o comentário era uma coisa... Mas, hoje perdeu um pouco aquela novidade e viciou um pouco e tem muita baixaria e muita agressão. Então essa seção, ela passa a ser uma seção que quem escreve também precisa também ter o que falar, porque se não não tem como publicar, então eleva um pouco a qualidade, inclusive da forma do comentário, o comentário passa a ser uma colaboração.

**Aline - A função do Blog – O blog nasce a partir de que ideia? Você concorda, por exemplo, com o conceito de que o seu blog representa uma tentativa de influenciar a opinião pública, constituindo uma espécie de “contrapeso” que oferece o outro lado da notícia? Ou seja, aquilo que a grande imprensa não publicaria.**

**JD -** Sim, ele tem esse lado e tem esse objetivo, mas no começo eu queria conversar com milhares de pessoas que tinham me acompanhado durante quase quarenta anos, mais particularmente nos últimos dez anos, nos últimos dentro do PT até o Lula ser presidente. Desde 89, 2002. Ou a partir de 2003, 2005, no governo, ou nos meus mandatos de deputado estadual, federal... ou a minha geração. A minha primeira idéia, o meu primeiro objetivo era abrir um diálogo pra que eu pudesse continuar me comunicando, porque a imprensa foi me censurando, na verdade. Eu, por exemplo, nunca mais apareci em nenhum programa da rede Globo, nem que seja um tema, como por exemplo, assim, campanha das diretas ou Congresso da UNE, 68, Cuba ou eleições. Todas as outras televisões me convidam para fazer comentários, para dar uma entrevista, a Globo não. E como a Globo tem a metade da audiência do país, na pior das hipóteses... É um fato. E os jornais também que só me criticavam e me atacavam. A minha opinião geralmente não era exposta. O objetivo [do blog] era esse também. Depois evoluiu pra debater, pra dar opinião, pra influenciar, pra fazer disputa política e depois virou um pouco uma referência, porque bem ou mal, o meu blog hoje é uma referência, então, ele passou a fazer parte também do público que lê blog político, porque tem “blogs e blogs”. O blog de política tem certas características, ele atinge um público determinado, não é igual a um blog de humor que pode ter 500 mil pessoas, um blog de vendas, um blog de saúde, um blog de alimentação que tem outros objetivos. São vários importantes também. Pra mim foi muito importante fazer o blog e ter o blog porque eu passei a estudar mais, a pesquisar, porque eu não posso escrever sobre um assunto o que eu quero escrever, eu tenho que estudar, pesquisar, tenho que ter responsabilidade. E me disciplinou e espero que me permita depois escrever, escrever como um escritor no futuro. Que eu aprenda.

**Aline - Eu até perguntei essa coisa do contrapeso, porque eu não sei se você sabe têm alguns artigos na internet (depois eu posso até passar) que estudam especificamente o seu blog. Falam sobre o contrapeso, citam alguns blogs de políticos e o seu e outros blogs também são citados falando que apresentam esse outro lado da notícia.**

**JD-** Eu tenho uma tendência a fazer realmente a crítica da imprensa porque quando eu vejo que uma questão ou um tema está completamente sendo deturpado ou há informação errada, equivocada, quando ela está sendo distorcida ou há um desrespeito ao próprio leitor do jornal, e os manuais não permitem aquilo, eu procuro chamar a atenção do ombudsman ou chamar a atenção da própria imprensa ou dos próprios leitores para gravidade do que está acontecendo. Porque às vezes passa uma semana e uma notícia está sendo escondida. Ou vc lê uma manchete e ela não tem nada a ver com a matéria e a manchete dirige o leitor que só lê manchete para um entendimento que não é o entendimento da matéria. Ou matérias completamente mentirosas.

**Aline - A questão da Propaganda Política - Uma participante do seu blog (*Maria Ronilda de Oliveira em "Colunista do Dia: um time de peso"*) comentou "A internet é uma arma poderosa para derrubarmos a imprensa poderosa", o que elucida essa espécie de contrapeso. Além dessa característica, de que forma você analisa a ideia do seu blog se constituir como um meio de propaganda política. Há problema nessa ideia?**

**JD -** Não, veja bem, eu não posso transformar um blog... Eu tenho posição política, agora propaganda política eu não faria isso, porque com propaganda política eu perderia acho que a metade dos meus leitores, porque os leitores não necessariamente concordam com tudo que eu escrevo ou são eleitores do PT ou filiados do PT. Muitos leitores vão pra saber a minha opinião ou o contraponto, porque muita gente busca essa informação, busca contraponto. Fazer propaganda política... Eu defendo uma posição política, agora propaganda não, eu procuro não fazer. Pode ser que num momento emocional, num momento de grande embate você resvale num momento ou outro um tom propagandístico, mas eu também tento evitar. E também como eu tenho um conselho crítico, uma consciência crítica, eu me chamo atenção: não dá pra publicar isso porque tem um caráter de propaganda política. Porque, por exemplo, eu escrevi agora um artigo e um comentário sobre a visita do presidente do Irã Ahmadinejad ao Brasil e muitas pessoas que são qualificadas me mandaram emails cumprimentando. E essa semana mesmo o deputado Paulo Lustosa me ligou pra cumprimentar e agradecer... Como eu tenho os posts do PM 29 defendido, mostrados os problemas pra aprovação que é um projeto original do Jorge Bittar, no passado, ele e o Walter Pinheiro e outros deputados de outros partidos construíram. E também o ministro Juca Ferreira me ligou ontem para me falar do comentário que eu tinha feito da reação dele, o tom da imprensa com relação ao panfleto da frente parlamentar. A frente parlamentar o primeiro que assina é o Rodrigo Maia do PFL, então não é uma coisa a favor do governo, a favor do PT. É um projeto cultural que ele não podia ter feito com recursos do Ministério da Fazenda, ele teve aquela reação dele e eu escrevi defendendo porque ele de vez em quando precisa fazer isso mesmo com a imprensa, falar a verdade. Então, o blog tem essa credibilidade porque não tem esse tom de propaganda política.

**Aline - Jornalismo Político X Jornalismo Político Partidário - Há uma diferença entre se fazer jornalismo político e jornalismo político partidário. A crítica a este último continua válida quando se faz jornalismo político partidário de forma "transparente" em um blog, por exemplo?**

**JD -** Acho legítimo, os partidos têm sites, os partidos têm jornais, os partidos podem ter rádios. No Brasil, a legislação devia permitir qualquer entidade ter um meio de comunicação, desde que organizassem uma fundação, ONG, pra tanto. É porque se ela pode ser explorada por particulares com fins lucrativos e comerciais, por que nenhuma universidade pode ter, uma igreja pode ter através de instituições, por que um sindicato não pode ter, por que um partido não pode ter? Eu sou defensor. Agora evidentemente que o jornal partidário é um jornal partidário, já um jornal político é um jornal. Ele não pode se transformar num instrumento de um partido, se não ele perde o caráter que ele busca ter que é dialogar e ser lido por um público maior que o público partidário. Agora, sempre, a notícia num jornal expressa um ponto de vista político, expressa uma posição político partidária. Hoje em dia, no Brasil, os jornais são totalmente partidarizados. Não há praticamente, com raras exceções, comentaristas neutros. Não é a favor do PT ou do PCDB ou do governo ou do PSB. Os comentaristas em sua imensa

maioria são abertamente militantes da causa oposicionista ou do PSDB ou do DEM. É uma coisa assim... poucos países do mundo têm uma situação como o Brasil hoje.

**Aline - Então, no caso da Internet, alguns jornalistas se valem dessa questão do blog, assim: “no blog eu posso fazer de tudo”, você acha que assim a gente pode continuar a chamar de jornalismo? No caso, se é partidário, deixa de ser jornalismo mesmo que feito em um blog?**

**JD -** Não, é um jornalismo, pelo menos quando é transparente pro público. Você tem um jornal escrito “jornal do PT” ou “jornal do PSDB”, quem pega pra lê fala: esse jornal aqui é do PT, é a opinião do PT, é a notícia sobre a ótica do PT. Agora, tem gente que põe um jornal, diz que o jornal é neutro, objetivo e parcial e não é. O jornal tem uma posição política.

**Aline - É o ponto que eu queria...**

**JD -** Hoje os jornais brasileiros e as rádios têm posição. Lógico que os jornais publicam opiniões plurais, alguns não, como o Estado de São Paulo. Hoje tem os articulistas dele e não abre pra quem quiser responder ou publicar um artigo. A Folha tem, o Globo tem o JB também. Eu publicava um artigo por semana, passei a publicar por mês porque eles argumentaram corretamente que iam abrir pra mais articulistas, por isso que não dava pra publicar uma vez por semana e fizeram isso mesmo, foi muito bom. Então, eu acredito que hoje no nosso país... e a televisão principalmente. Basta ver como a rede Globo está cada vez mais radicalizada contra o governo.

**Aline - Então, se você puder resumir algumas características, que tipo de jornalismo, nos blogs, ou seja, tipos de blogs jornalísticos teriam credibilidade para você? Quais características?**

**JD -** Eu acho que os blogs têm credibilidade e os jornalistas quando eles primeiro são capazes de informar on line, porque isso é importante, informação instantânea, ou terem acesso a informações ainda não publicadas. É um grande trunfo. Segundo, quando tem opinião, é ter opinião. Eu posso concordar ou discordar, mas os blogs que tem opinião, eles são lidos. Eu dou dois exemplos, o Paulo Henrique Amorim e o Noblat. Eu posso nem concordar, mas eles são lidos porque tem opinião. Primeiro, eles tem “insight information”. Segundo eles tem opinião, têm posição e terceiro eles são perfeitos: tem diversidade, tem pluralidade, são bem feitos, são bem escritos, tratam de diferentes assuntos e tem acesso a diferentes correntes de opinião do país. Mesmo os blogs dos jornais, dos jornalistas, por exemplo, o Fernando Rodriguez. Eu posso concordar, discordar, mas ele faz uma pesquisa importante sobre determinados assuntos importantes, políticos, institucionais. Há uma memória no blog dele, você tem que consultá-lo. É um blog que merece respeito. Eu vejo que não é por ter uma posição A ou B, o importante é que quando você acessa o blog você tem interesse, isso que é importante.

**Aline - Tendo em vista as características da Internet, de que forma você enquadra em um grau de importância para o seu blog as características: velocidade de transmissão da informação, capacidade de armazenamento e interatividade no processo comunicativo?**

**JD -** Hoje em dia a velocidade é muito importante, todo mundo tem pouco tempo, todo mundo trabalha muito, o trânsito toma muito tempo. E também se você pode participar, o mais importante é você participar. As duas coisas são muito importantes. A terceira que você falou... **[seria a capacidade de armazenamento, os arquivos]** É muito importante, quanto mais capacidade de armazenamento, quanto mais memória... É porque como a pesquisa hoje é muito importante, vamos lembrar que a internet é o principal instrumento de pesquisa hoje, até porque como é online você não precisa se mover, você economiza um tempo fantástico hoje. Eu mesmo quando estou escrevendo, qualquer dúvida, eu apelo pro Google e está resolvido. Se eu esqueço o nome de alguém... Esses dias fiquei batendo cabeça sobre o Pessuti, que eu conheço, vice-

governador, esqueci que o nome dele é Orlando. Eu pus Pessuti lá, vice-governador do Paraná, apareceu Orlando. Então, a memória é muito importante.

**Aline - Existem dificuldades para manter o blog? Se sim, que tipo de dificuldade? Em alguma situação você pensou em desistir do blog?**

**JD** - Desistir do blog, não. Mas, têm dias que dá um desespero, porque lógico é um trabalho árduo. Precisa de muita disciplina. È cansativo, às vezes me sinto cansado. Mas, como eu tenho uma equipe, tanto de colaboradores voluntários, como profissionais, isso atenua muito. A dificuldade que você tem é de sustentar o blog. Eu tenho que lançar como despesa. Então pra mim essa é uma dificuldade. Mas, o custo benefício... O benefício que eu tenho fazendo o blog, a possibilidade que eu tenho de conversar, de dialogar, de ser lido, ouvido, por centenas de milhares de pessoas, formadores de opinião pública, pessoas que dirigem empresas, escrevem jornais, dirigem entidades, participam da vida política, amigos meus, pessoas que me acompanham, pessoas que querem saber a minha opinião, isso compensa. Então, na verdade, o blog, pra mim, é a coisa mais importante que eu faço, na verdade, esses anos e que me deu retorno, satisfação, me dá auto-estima, tudo, é o blog. Muito importante pra mim.

**Aline - A questão das Comunidades virtuais – Alguns blogs sobre política demonstram a polarização político – ideológica que incentiva a estereotipagem dos leitores em grupos. Estes não discutem o conteúdo de propostas diferentes. Pelo contrário, há ênfase de posicionamentos e discursos partidários apaixonados nesses ambientes. Os leitores, assim como os mediadores, estão preocupados em opinar, isto é, emitir, muito mais do que em deliberar. De que forma você analisa essa afirmação tendo em vista a experiência com o seu blog?**

**JD** - Isso é certa mania, é uma moda, isso passa, porque isso não tem como sobreviver. Lógico que é legítimo, as pessoas têm o direito de fazer, tem o direito de só combater ou só reafirmar, mas se você começar a observar mesmo essas comunidades estão evoluindo [**Não são tão fechadas...**] Elas não estão conseguindo... Isso foi em determinado momento, certo modismo, certa fase. Porque você pode ficar dando voltas, 200 pessoas de um lado, 100 de outro, isso não tem importância nenhuma, influência nenhuma, acho que as pessoas estão se dando conta disso também. E começam a discutir. Outra coisa é que essas comunidades elas são importantes, porque muitas vezes a mentira é tão grande que a pressão delas ou pra ser publicado algo que está sendo escondido ou pra desmascarar algo que não é fato acaba funcionando. A grande imprensa acaba recuando ou publicando a notícia ou fazendo a retificação ou dando espaço pro contraditório, então também eles têm um papel. Não podem desprezá-los totalmente ou simplesmente desconsiderar. Mas, acho que seria um pouco: “esgota-se em si mesmo”. É como se você pegasse qualquer partido político, qualquer comunidade religiosa, sempre têm grupos que funcionam assim. São mais ou menos voltados para si mesmos.

**Aline - Vamos supor que no seu blog forma-se uma comunidade. Com certeza, as pessoas têm uma afinidade, no caso uma afinidade política. A questão seria mais ou menos essa: combater uma comunidade pra que não fosse tão fechada, que agregasse outras pessoas também. Podem ter a mesma posição, mas muito mais pra discutir propostas diversas do que apenas pra opinar, querer manter...**

**JD** - É, mas têm comunidades que elas são especializadas também. Têm comunidades que discutem um problema científico, um fenômeno natural ou uma questão religiosa. É um pouco como na vida. Acho que não é muito diferente da vida, na vida em sociedade, na vida em comunidade, associativa. Como tem a torcida de um time só, como os Gaviões da Fiel, no caso de SP são os do Corinthians e aqui tem tanto a do Fluminense como do Flamengo, do Botafogo... Então, eu vejo legitimidade, não tenho preconceito, só que se esgota em si mesmo. Mas, dependendo, cumprem um papel.

**Aline - Proposta do Blog: “Um espaço para a discussão no Brasil”. Além da internet, através de um blog, qual seria um outro “espaço para a discussão no Brasil”? Você tem buscado meios que além da informação façam comunicação?**

**JD** - Eu viajo pelo país todos os anos. Esse ano eu fui mais de sessenta vezes aos Estados Brasileiros pra fazer palestras e debates e dar entrevistas pra rádios, televisões, jornais e participar de seminários, de conferências. Hoje mesmo eu vou participar aqui de uma reunião com empresários para falar da conjuntura do cenário de 2010 e o atual momento no Brasil. Eu, a semana passada, antes de viajar, eu passei num salão de festas na casa de um amigo, afiliado do PT, um empresário, que convidou um grupo de empresários, moradores, profissionais liberais, estudantes, tudo pra uma palestra, um bate-papo comigo. Um pouco de tudo.

**Aline - Eu acho que você me respondeu também me dando essa entrevista, já que você está fazendo comunicação...**

**JD** - Então... Eu escrevo também na imprensa. Eu escrevo para vários jornais do país de vários Estados e quero cada vez escrever mais. O ideal seria que eu publicasse livros também, mas aí depende da disciplina e eu dedicar um tempo pra escrever.

**Aline - E até do seu próprio blog...**

**JD** - Nós estamos tentando lançar um livro a partir daquilo que eu escrevi em artigos no blog. Eu dou opinião sobre 15 temas e publico 15 entrevistas sobre esses 15 temas que eu fiz no blog. Vamos ver se dá certo. Estamos quase concluindo, estamos fazendo a revisão do livro.

**Aline - Você quer acrescentar mais alguma coisa?**

**JD** - Não, obrigada. Eu agradeço e desejo boa sorte.

**Aline - Obrigada.**

**ANEXO B** - Transcrição de parte da palestra de Reinaldo Azevedo, proferida como parte das atividades da 2ª Semana Web Abril em 24/11/2008; “Reinaldo Azevedo conta como fazer um blog de sucesso”. Disponível em: <<http://www.naozero.com.br/palestra-reinaldo-azevedo>>

**Roberto Gerosa, editor executivo da *Veja.com*:**

“O Reinaldo não tem muito de teoria da internet, essas teses da Web 2.0, pelo que eu sei, ele nunca leu nada disso, mas ele faz exatamente o que se recomenda nestes manuais, essas pessoas que estudam a área. Ou seja, ele atualiza como ninguém, ele troca experiências com os leitores dele, aprova comentários com muita rapidez, ele deixa claro qual é a política de aprovação dos comentários, ninguém ali é enganado. Enfim, ele cria uma cumplicidade pessoal e do blog com os seus leitores, ele “avisa agora eu vou jantar”, “agora eu preciso parar”, “vou tratar de negócios”, vou numa noite de autógrafos”. Então todo mundo sabe o que está acontecendo com o Reinaldo e porque ele não está ali na hora pra quem está acostumado a ver as notas dele. Então, tem uma cumplicidade muito grande. E ele faz aquilo também que os caras não recomendam que é não fazer textos grandes, ou seja, essas regras fixas não servem basicamente pra muita coisa, é um conjunto de coisas que faz um blog ter sucesso, que é o tema que o Reinaldo vai falar”.

**Reinaldo Azevedo:**

“Eu não sei exatamente estabelecer uma teoria geral sobre como fazer um blog de sucesso, eu sei mais ou menos qual foi a história do meu blog. Quando eu digo mais ou menos, é porque a gente nunca sabe como ta sendo lido e como ta sendo recebido, do outro lado. (...). Eu comecei na internet, eu não era leitor de blogs, evidentemente usava a internet como ferramenta de trabalho. Eu me lembro lá na Folha em 92, a gente fazia cursos sobre a Internet, “o que será a Internet”, como ela será útil pro jornalismo e todos nós saíamos da redação mais ou menos bravos porque tinha um monte de coisa pra fazer, tinha um monte de gente enchendo o nosso saco, tinha a pressão do fechamento. E diziam assim, agora tem um seminário sobre a internet e lá íamos nós com a cara muito feia, muito amarrada, pra ver o seminário sobre a internet que a gente achava mais ou menos inútil. Evidentemente os que reclamavam naquela época, estávamos todos errados, como a gente vê hoje. De qualquer modo, eu não contava fazer internet, eu tinha antes do blog a revista Primeira Leitura, a revista fechou, em razão de desde falta de anúncio até porque eu tive alguns problemas de saúde, tive que tirar dois tumores do crânio, o que dizem até hoje “arrancaram o cérebro, esqueceram os tumores”, fizeram a operação inversa. Há controvérsias a respeito. Eu fechei a revista e estava desempregado. Esse é o fato. Eu tinha ido bastante fundo no chamado “jornalismo de opinião” que era o que eu fazia na Revista Primeira Leitura e no site Primeira Leitura e eu sabia que eu era um profissional mais ou menos, provavelmente, “carne de peçoço”. “Quem vai querer um cara que ficou com fama de duro nas críticas” (...). Aí eu não tinha muito o que fazer a não ser, como diz o Gonzaguinha, naquele que provavelmente é o verso mais infame da MPB, “botar a bunda na janela”. Tive que fazer isso. Criei meu blog e botei o blog no ar. Como diz o Gerosa, ele foi muito bem logo de cara. Em um mês depois eu tinha a proposta pra vir pra Abril, uma pra ir pra Globo e outra pro Estadão. E na época eu estava escrevendo no Estadão e pro Globo e a idéia era ser exclusivo de um deles com o blog. A Abril entrou e a proposta pra vir pra Abril incluía um artigo mensal de duas páginas com características mais ou menos ensaísticas na Veja, evidentemente me interessava, então, eu negocieei com os outros veículos. Vim pra Abril e estou aí há dois anos e pouco (...) E tenho feito o que eu chamo de jornalismo de opinião. O meu blog tem uma parte que é clipping de notícia que eu faço à noite. Então, do que eu li nos jornais, tais e tais coisas eu considero importantes, interessantes, mas evidentemente eu não coloco tudo, então, já há uma escolha, uma seleção pro clipping. E ao longo do dia, todos os dias, eu comento notícias do Brasil, do mundo, de veículos nacionais, veículos brasileiros. Sempre fazendo aquilo que o leitor espera que eu faça. O leitor quer - quer dizer eu estabeleci com o leitor a seguinte relação - ele quer a minha opinião sobre determinado assunto. Os meus posts, que eu libero os

comentários, são aqueles em que eu opino com clareza e eu procuro sempre ter zero de ambigüidade nos meus posts, por mais que o assunto seja complexo, eu sempre parto do princípio de que eu tenho que fazer uma escolha. Eu dou o exemplo das células tronco e embrionárias, eu sou contra a liberação... e eu fiz isso no meu blog, apanhei dos meus leitores, compreendo as razões porque apanhei. Agora, eu tenho que ter com eles uma relação de absoluta honestidade. Meu blog tem zero de populismo. Como eu não sou populista em política, como eu odeio populismo em qualquer setor da vida. Então, uma das características do meu blog é expulsar leitor. “Eu não quero você aqui, vagabundo, vai embora”. Por quê? Porque se ele acha que eu sou um canalha, se acha que eu sou um cretino, se ele acha que eu não posso ter a opinião que eu tenho, ele que vá procurar outro lugar, o blog é meu. Fui eu que fiz, é minha casa. E se ele ficar ali, bom vai ter que ficar segundo as regras da casa. Bom, pode divergir, pode divergir, pode me ofender, pode uma vez, eu ofendo também, depois vai embora. Eu não faço isso, porque assim eu terei mais leitores, eu faço isso porque eu acho que é isso que tem que ser feito, porque é o que eu faço pro papel também, né. Nunca ninguém terá a menor dúvida sobre o que eu penso. Eu fiz o livro “O país dos petralhas” a partir de posts do blog, textos do Globo e textos do Estadão. Graças a Deus, o livro foi muito bem, recebeu as melhores críticas das melhores pessoas e foi esculhambado por um professor lá da Universidade Federal de Santa Catarina... numa operação estranha, engraçado a Folha de São Paulo, depois de dois ou três textos que falavam bem do livro, a Folha não se conformava que falassem bem do livro, ela achou um falando mal e publicou no mesmo dia e inventou que o meu livro era polêmico (...). Infelizmente ou felizmente a gente faz escolhas, eu faço escolhas que são muito claras e os leitores vêm em busca das escolhas que eu faço. Agora, as escolhas, ela tem que ser uma escolha informada, tem que ser uma escolha baseada em dados, baseada em pesquisas, na história, na sua experiência cultural. Isso, se você quer estabelecer um diálogo. Agora, as pessoas podem ter também opiniões estúpidas, elas têm o direito de ter opiniões estúpidas. Pode bater à vontade porque eu também bato. É do jogo. Este jogo é o jogo da democracia. Claro que se exagera nisso ou naquilo e se eu me senti ofendido, existem os instrumentos legais para você tentar se defender e tentar reparar os seus direitos se eles tiverem sido agravados. Agora, debate franco, debate aberto. O Brasil e o mundo, de certo modo, mais aqui em particular, o politicamente correto significa um desastre, um desastre total pro pensamento brasileiro. Um desastre total pra imprensa brasileira. Debate-se pouco no país, debate-se com timidez... Boa parte da crítica brasileira não passa de parábolas, de perífrases elogiosas. Enfim, coloque o pensador e o pensamento no chão pra realmente divergir. Eu procuro fazer isso num blog diário, que fique claro. Eu não perdi a perspectiva de que eu to escrevendo um post, daí a pouco eu tenho outro post, no dia seguinte eu tenho mais posts. Enfim, é uma vida de operário do blog. Também não vou tirar onda de sofrido, porque é mentira, eu não sou. Eu faço as coisas com muito prazer. Eu nunca li e não lerei, porque eu tenho mais coisas pra fazer qualquer livro sobre teoria de blog. Eu não sou pesquisador dessa área. O que eu faço é, aí sim, conversar com meu leitor. Muitas vezes há textos de leitores que eu considero excelentes, exemplares, eu puxo pra homepage, eu respondo, eu aceito algumas provocações, outras não, eu dialogo, e procuro ter serenidade nos comentários, sem que seja chat porque meu blog não é um chat, não dá tempo pra fazer isso. A gente tinha até o mês passado meio milhão de comentários publicados. Atenção: comentários publicados, eu certamente recebi três vezes mais do que isso. Eu recebo por dia uma média de 2.800 comentários. Eu publico 1/3 por quê? 1/3 eu recebo de gente que pensa que está do meu lado e carrega e solta a mão e aí não dá pra publicar e 1/3 que eu chamo petralhas. Eu publico comentários de gente de esquerda? Publico desde que não venham com a presunção de que eu sou o mal e ele é o bem. Daí que eu digo: petralha aqui não entra. E eu fiz uma escolha. Quem quiser ter um site, cheio de petistas, defendendo o Lula, defendendo a marolinha que faça o seu. O bom da Internet é que ela é realmente a democratização da opinião. Eu vejo hoje muita gente desesperada com a internet. Eu acho ótimo. Você pode sentar lá. Você é uma matriz de irradiação de opinião. Aquela história dos meios de comunicação, aquilo tudo, toda aquela bobagem, discurso de jornalismo e toda aquela gente chata, pobre intelectualmente, feia, mal concebida, que não vai trabalhar em redação nunca, que morre de ódio da Veja, da Folha, do Estadão, de gente bem sucedida, toda essa coisa de paixão escrava, vagabunda, mal lida, mal pensada, rancorosa contra a imprensa, acabou... Nós chegamos ao ponto em que há

realmente uma democratização da opinião. É uma maravilha. Meu amigo senta a bunda na cadeira e faça as coisas e se você tiver o que dizer, vão saber que você existe. É uma beleza. Não precisa mais do editor X, do editor Y que me boicota, que me sabotam. Eu tenho tantas coisas... que é o que está cheio nas universidades, nos cursos de jornalismo, aquele bando de gênios de si mesmos, “não, eu se me entregar... ver a Veja... vocês não sabem o que eu faço”. Eu sei, você vai levar a Veja à falência, vagabundo, e vai desempregar todo mundo. Eu sei o que você vai fazer. E se tem o que dizer, diga! Eu acho que eu tenho o que dizer e digo e há milhares de pessoas que querem ouvir o que eu tenho a dizer, que querem ler o que eu tenho a dizer. Como foi a transição de uma pessoa que saiu da imprensa escrita com espaço, prazo definido e tudo mais pra uma experiência de blog que você definiu tamanho, você definiu momento (...). O que eu ganhei, eu ganhei em liberdade. Você escrevendo na Veja papel... não tem nada a ver com opinião, nem necessariamente vocabulário, existem procedimentos de texto que no papel não funcionam. Quando eu tava fazendo a seleção dos textos pro livro, eu deixei de lado textos que eu adorava, mas que só faziam sentido na internet ou porque eles faziam referências a textos que vieram antes ou que viriam depois, gracejos, coisas que na net funcionam, outra coisa você faz links, né. Evidentemente não funcionavam no papel. Então, o que a internet me deu? A internet me deu muito mais liberdade. (...).

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)